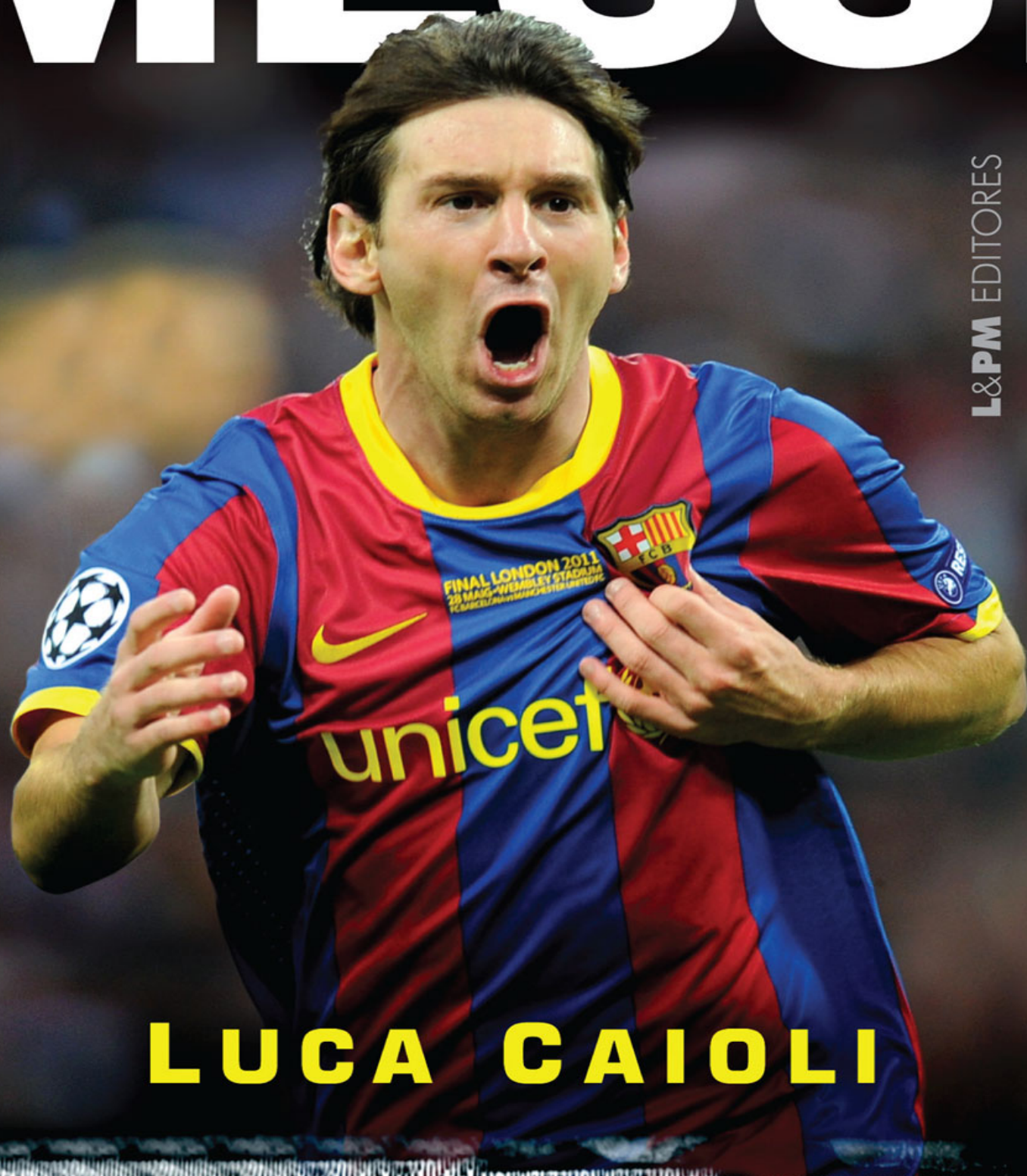


O GAROTO QUE VIROU LENDA

MESSI

L&PM EDITORES

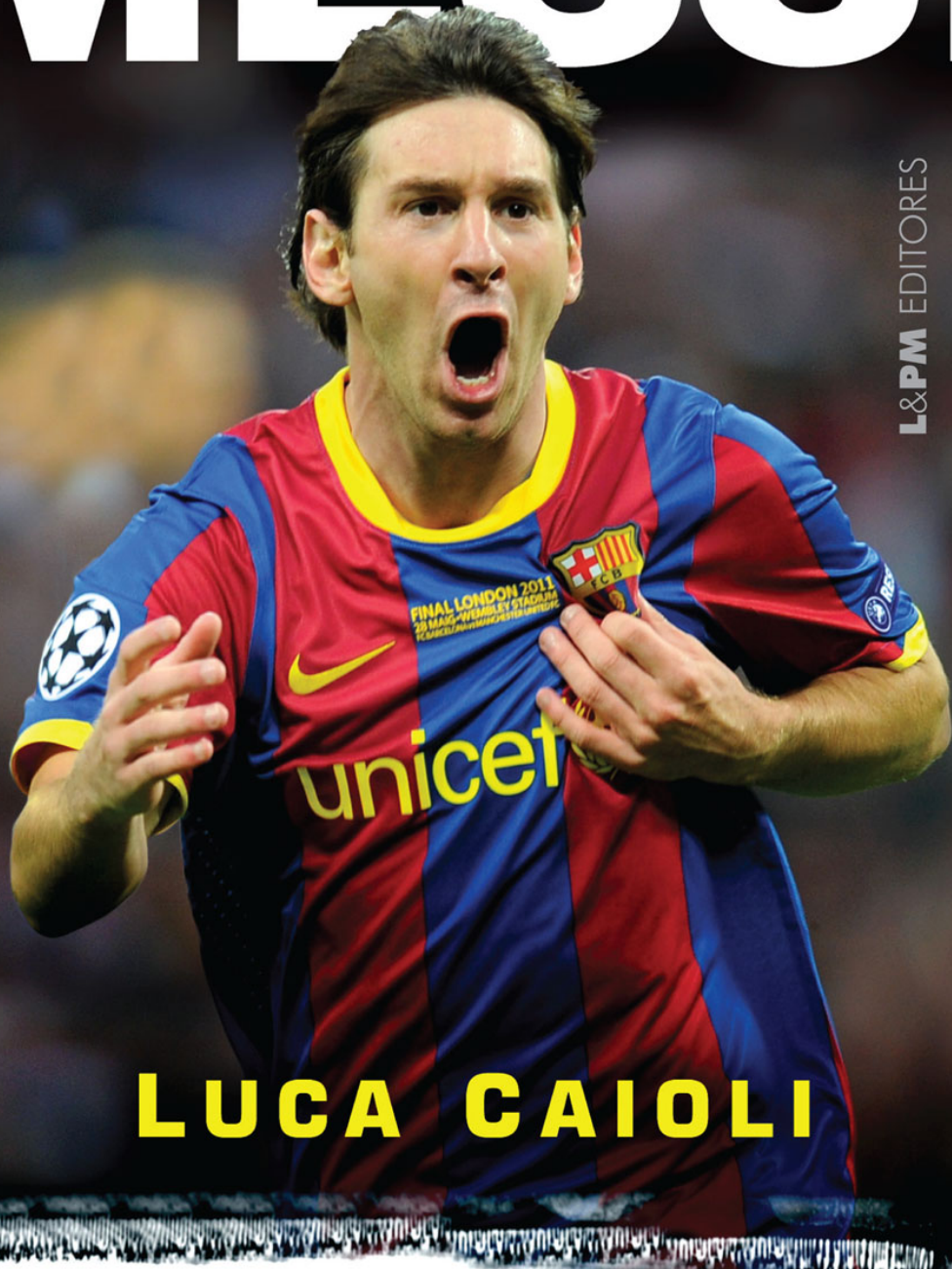


LUCA CAIOLI

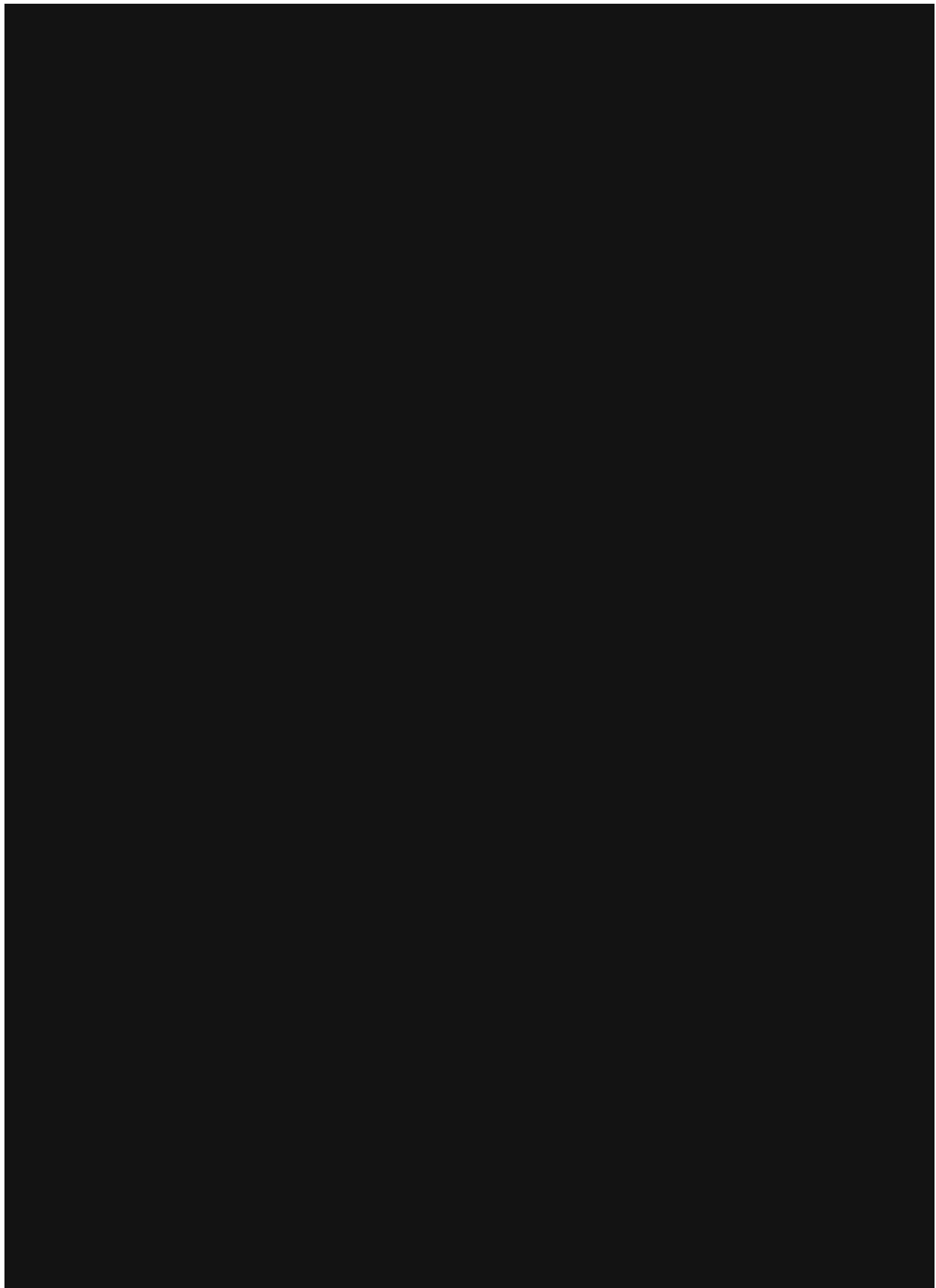
O GAROTO QUE VIROU LENDA

MESSI

L&PM EDITORES



LUCA CAIOLI



LUCA CAIOLI

MESSI

O GAROTO QUE VIROU LENDA

Tradução de MARCELO BARBÃO

L&PM EDITORES

Rosário

“**C**ompro coxão mole ou contrafilé. São cortes que já vi em Barcelona, mas não sei como os chamam por lá. Em cada bife coloco um pouco de sal, passo pelo ovo batido e pela farinha de rosca. Frito bem até ficarem douradinhos e coloco num prato no forno. Corto a cebola bem fininha e faço o refogado. Quando a cebola amoleceu, acrescento extrato de tomate, um pouco de água, sal, orégano e uma pitada de açúcar. Deixo no fogo por uns vinte minutos. Depois de feito o molho, coloco por cima de cada bife, cobrindo bem. Tiro da geladeira um cream cheese ou um pedaço de queijo e coloco com a colher ou corto fatias finas sobre os bifés. Deixo no forno até derreter o queijo. Só falta fritar as batatas que acompanham e a milanesa à napolitana está pronta para servir.”

Celia descreve, com a paixão e a experiência de uma boa cozinheira, o prato favorito de seu filho, Lionel Messi.

“Quando vou a Barcelona preciso preparar duas ou três vezes por semana. E os bifés, médios, ele come três, no mínimo. Eu brinco com ele e digo ‘é a minha milanesa à napolitana e o meu mate que fazem com que você marque tantos gols’.” Lionel tem gostos gastronômicos simples: bife à milanesa – só que sem presunto nem a cavalo (dois ovos fritos por cima) –, frango com molho de pimentão e cebola, tomate com orégano. Não gosta muito dos pratos elaborados, como os que cozinha o irmão dele, Rodrigo. Porém, já se sabe que Rodrigo é cozinheiro e seu sonho é abrir em algum momento um restaurante. É lógico que experimente e prove novas receitas, embora o irmão mais novo nem sempre aprecie. Guloso? “Sim, Leo adora chocolate e alfajores, quando vamos à Espanha precisamos levar muitas caixas para ele ter sempre uma boa reserva.” Reza a lenda que, na infância, quando um treinador prometeu um alfajor por gol marcado, ele conseguiu devorar oito numa partida só. Uma verdadeira loucura.

Diante de um café com leite no La Tienda, café na Avenida San Martín de Rosário, a mãe do número 10 do Barça fica feliz em

falar desse filho conhecido no mundo inteiro. Cabelo preto, um sorriso delicado e certos traços no rosto que lembram Leo (embora ela ria e diga que ele se parece em tudo com o pai), Celia María Cuccittini Oliveira de Messi tem uma voz suave. Enquanto fala, muitas vezes procura sua irmã Marcela com o olhar, sentada bem à frente dela. A mais nova da família Cuccittini também é mãe de jogadores de futebol: Maximiliano joga no Vitória, da Bahia; Emanuel joga no Olimpia, do Paraguai; e Bruno frequenta a escola de futebol Renato Cesarini, de onde saíram jogadores como Fernando Redondo e Santiago Solari. Marcela Cuccittini de Biancucchi é a madrinha de Leo e sua tia preferida. Quando volta a Rosário, é na casa dela que Leo se refugia. “Precisamos ir pegá-lo ou ligar para saber algo sobre ele, mas, claro, a minha irmã o mima”, diz Celia. “E logo chega Emanuel, eles são inseparáveis.” Quando pequenos nunca paravam de jogar bola. “Eram cinco meninos: os três meus, Matías, Rodrigo e Leo, e os dois da minha irmã, Maximiliano e Emanuel. Aos domingos, quando íamos na casa da minha mãe, antes do almoço, todos saíam para jogar na rua”, lembra Celia. Eram partidas disputadas, futebol, futetênis, e muitas vezes Leo voltava para casa chorando porque tinha perdido ou porque os mais velhos tinham passado a perna nele.

“Exato, outro dia Maxi estava me lembrando dessas partidas e dizia que, quando todos voltarem a se encontrar aqui em Rosário, tem vontade de jogar um Messi contra Biancucchi, para relembrar os velhos tempos”, acrescenta Marcela.

E as lembranças nos trazem à avó Celia: seus deliciosos manjares, a massa, as reuniões familiares aos domingos e a paixão pelo futebol. “Era ela que acompanhava os garotos nos treinos. Era ela que insistia para que deixassem o meu Lionel jogar embora não tivesse idade, mesmo sendo o menorzinho e pequenininho. Porque”, diz Celia, “sempre foi pequeno. Tinham medo de pisar nele, de machucá-lo, mas ela não, insistia: ‘Passem para o Lionel, passem para o menino, ele sim que faz gol’. Foi ela quem nos convenceu a comprar as chuteiras. É uma pena que hoje não possa vê-lo. Morreu quando Leo tinha dez anos, mas quem sabe se, lá de cima, onde

ela estiver, não está vendo no que ele se transformou e não está feliz por esse neto que tanto amava?”

Mas como Leo começou a jogar futebol, com quem aprendeu, de onde vem tanta habilidade, é genético? “Não sei, do pai dele, de seus irmãos, de seus primos. Na família, sempre gostamos de futebol. Eu também sou apaixonada. Meu ídolo? Maradona. Vivi com muita paixão sua carreira, seus gols. Era bárbaro o que ele fazia no campo. Quando o conheci, eu disse: ‘Espero que o meu filho um dia seja um bom jogador e que você possa treiná-lo’. E veja só...”

Uma pausa na narrativa: o celular, sobre a mesa, começa a tocar. Celia pede desculpas, se afasta e atende. Enquanto isso, Marcela volta ao pequeno Leo: “Era incrível, ele não tinha nem cinco anos e já brincava com a bola como ninguém. Gostava muito, não parava. Chutava cada uma contra o portão de casa, muitas vezes os vizinhos pediam para ele parar um pouco”.

Celia desliga o celular, senta e assente com a cabeça. “O pior castigo com o qual eu podia ameaçar Leo era: hoje você não vai ao treino. ‘Não, mãezinha, por favor, vou fazer tudo certinho, não se preocupe, eu juro... me deixa jogar.’ Suplicava e insistia até me convencer. Leo não era um menino teimoso nem preguiçoso, sempre foi um bom menino, caladinho e tímido, como ainda é hoje.”

É mesmo? “Sim, realmente. Ele não se dá conta da sua fama. Quando volta a Rosário quer vir passear por aqui, pela Avenida San Martín, com o primo Emanuel. Quando falamos para ele que isso não é possível, que aqui as pessoas do bairro ao vê-lo ficam eufóricas e não o deixariam dar nem dois passos, ele fica de mau humor. Não consegue entender, fica bravo. Em Barcelona, ele costuma ir à loja de departamentos El Corte Inglés de tênis e roupas esportivas. O Ronaldinho muitas vezes tirava sarro e perguntava se ele não estava louco, de sair assim para passear. Ele não tem consciência de quem é. Por isso, ser famoso, dar autógrafos ou tirar fotos com os fãs não o incomoda.”

Nas paredes do bar há camisetas de jogadores argentinos. Numa moldura de cristal está também a de Leo, com o número 30 do Barcelona. “Não sabem que sou a mãe dele, mesmo morando no

bairro”, comenta Celia, uma mulher que foge da fama, muito consciente dos riscos que traz a celebridade, e que tem claras as prioridades na sua vida e na de seus filhos. Porém, como se sente sendo a mãe de um craque? “Orgulhosa, muito orgulhosa. Abrir o jornal e ler, tanto aqui quanto na Espanha, uma matéria sobre ele e ver pendurada a camiseta com seu nome, ou as crianças que a usam... me dá muito orgulho. Da mesma forma, machuca escutar críticas sobre seu jogo ou notícias falsas sobre a vida dele. Mexe no mais profundo da alma e dói quando alguém liga e diz: viu isso, viu aquilo? Leo? Poucas vezes lê o que escrevem sobre ele. Se fica sabendo, não dá bola. Porém, isso não quer dizer que não tenha passado por períodos muito duros. Também teve seus baixos, quando se lesionou, ficou fora dos campos por meses, ou quando as coisas não saem como ele quer. Eu, nesses momentos, não penso duas vezes, pego as malas e vou para Barcelona, para ver o que está acontecendo, para estar perto dele, para cuidar dele o melhor que puder. Leo sempre foi um menino que guarda os problemas para si, porém, ao mesmo tempo, sempre foi muito maduro para sua idade. Lembro que, quando manifestamos a possibilidade de voltar para a Argentina, ele me disse: ‘Mãe, não se preocupe, eu fico, vão vocês, Deus vai nos ajudar’. Ele tem muita força de vontade.”

Ela volta a falar do sucesso, das pessoas que enlouquecem com a Pulga [Messi] nos quatro cantos do mundo. “O melhor de tudo é as pessoas gostarem dele”, diz Celia. “Gostam dele, eu acho, porque é simples, humilde, boa pessoa. Pensa sempre nos outros e se preocupa com que todos ao seu redor estejam bem: seus pais, irmãos, sobrinhos, primos. Sempre está pensando na família. É verdade, eu sou a mãe dele, e uma mãe, quando fala de seus filhos, a luz de seus olhos, só pode dizer coisas boas, mas Leo tem um coração enorme.”

Como a mãe vê o futuro do seu filho? “No futebol, desejo que faça história como Pelé, como Maradona, que chegue longe, muito longe. No entanto, como mãe, peço a Deus que ele seja feliz e desejo que tenha uma vida maravilhosa. Ele merece.”

Do outro lado da janela, o céu escureceu. O trânsito tornou-se mais caótico: ônibus, vans desengonçadas, carros que deixam uma nuvem de fumaça, uma carroça carregada de ferro-velho puxada por um cavalo e um monte de gente que se dirige em massa às lojas e aos pontos de ônibus. Celia precisa regressar, em casa María Sol está esperando. Marcela precisa pegar Bruno na escola de futebol. Chove e Celia insiste em acompanhar as visitas de volta ao Centro. Vai pegar o carro. Na porta, ainda umas últimas palavras com Marcela sobre os medos de uma mãe. As lesões, o dinheiro que pode subir à cabeça. “Por enquanto, os meus filhos, e Leo, não perderam a noção da realidade. Eu, a minha família e também a da minha irmã vivemos no mesmo bairro onde nascemos, na mesma casa de sempre, não mudamos de região, não quisemos deixar as nossas raízes, e os meninos continuam os mesmos. Espero que não mudem nunca. Que não aconteça com eles o que aconteceu com outros jogadores, que com a fama acabaram se perdendo.”

Um Volkswagen cinza para perto da calçada. Celia dirige rápido pelas ruas da região sul de Rosário. Passa na frente da escola onde Leo estudou e comenta: “Não era um bom aluno. Era meio preguiçoso”.

Vira à direita na frente do muro do Tiro Suízo, um clube poliesportivo fundado em 1889 por imigrantes do cantão de Ticino. Dois meninos não percebem o carro, estão muito ocupados com a bola nos pés, driblando.

“Assim era Lionel”, diz Celia.

Hospital Garibaldi

24 de junho de 1987

Uma construção de cor creme, com esse ar dos prédios do século XIX, ocupa um retângulo no número 1249 da Calle Visasoro. Trata-se do hospital italiano dedicado a Giuseppe Garibaldi, que também tem, em Rosário, a honra de possuir uma estátua na Plaza de Italia. É um personagem popular, o Herói dos Dois Mundos, porque durante seu exílio sul-americano lutou ao longo do rio Paraná, e, por estas terras, os “camisas vermelhas” deixaram marcas da sua passagem. Por exemplo, nos nomes dos hospitais que, em Rosário, assim como em Buenos Aires, foram fundados por exilados políticos, mazzinianos e garibaldianos, e suas sociedades de socorro mútuo. O complexo hospitalar rosariense foi inaugurado no dia 2 de outubro de 1892 para dar assistência à comunidade italiana, que, na época, representava mais de 70% dos imigrantes vindos do outro lado do oceano. Hoje tem uma das melhores maternidades da cidade. É aqui que começa, às seis horas de uma manhã de inverno, a história de Lionel Messi, terceiro filho da família Messi-Cuccittini.

Jorge, o pai, tem 29 anos e é chefe de seção na siderúrgica Acindar, em Villa Constitución, a 50 quilômetros de Rosário. Celia, de 27 anos, trabalha numa oficina de fabricação de bobinas magnéticas. Eles se conheceram ainda crianças no bairro de Las Heras, antes chamado Estado de Israel e, hoje, bairro de San Martín, na região sul da cidade, ruas de gente humilde e trabalhadora. Antonio, o pai de Celia, conserta geladeiras, ventiladores e outros eletrodomésticos. Celia, a mãe, trabalhou muitos anos como empregada doméstica. Eusebio, o pai de Jorge, ganha a vida na construção; a mãe, Rosa María, é diarista. Pouco

mais de cem metros separam suas casas. Suas famílias têm antepassados italianos e espanhóis, como muitas outras nestas terras. Messi é um sobrenome que vem de Recanati, na província de Macerata, cidade da região italiana das Marcas que viu nascer o poeta Giacomo Leopardi e o tenor Beniamino Gigli. Daí partiu, no fim do século XIX, num dos tantos navios que se dirigiam à América, Angelo Messi. Como outros milhões de imigrantes de terceira classe, em busca de uma vida melhor no Novo Mundo. Também os Cuccittini têm origem italiana por parte de pai. Famílias que, procedentes do pampa úmido, acabaram se instalando na cidade.

A 305 quilômetros de Buenos Aires, a cidade de Rosário, com quase um milhão de habitantes, é a mais populosa de Santa Fé e se estende às margens do rio Paraná. A Costanera acompanha o rio até a recém-construída Puente de Nuestra Señora Del Rosario, que cruza as águas e ilhas fluviais, conectando a cidade com Victoria. Desde sempre, o Paraná foi uma artéria importante no comércio fluvial: dele partem para todo o Mercosul muitos produtos agrícolas, a soja, por exemplo, que nos últimos tempos trouxe riqueza a esta região e transformou a malha urbana. Novos prédios, novos arranha-céus e chalés incríveis se levantam em frente a praias de areia finíssima transportada pelo rio. E, no entanto, Rosário continua sendo, por antonomásia, a cidade da bandeira. Grupos de alunos vestidos com o uniforme branco tiram fotos ao pé do monumento à bandeira, construído ao estilo da velha União Soviética e inaugurado em 1957 para lembrar o lugar onde, no dia 27 de fevereiro de 1812, o general Manuel Belgrano ordenou o içamento pela primeira vez da bandeira nacional.

Rosário é uma cidade de netos de imigrantes, de favelas e de chalés. Agora, deixemos as histórias sobre a emigração, a mistura de culturas, línguas e tradições, das que a Argentina está repleta, e voltemos a Jorge e Celia que, ainda crianças, apaixonaram-se e começaram a namorar.

No dia 17 de junho de 1978, se casam na Iglesia del Corazón de María. O país está imerso no Mundial. Tanto, que no dia seguinte, os recém-casados, de viagem de lua de mel para Bariloche, não perdem o jogo Argentina x Brasil, que é disputado

nada menos que em Rosário. O jogo acaba em empate, zero a zero. Oito dias depois, no estádio Monumental, do River Plate, em Buenos Aires, o time azul e branco, dirigido por César Luis Menotti, ganha a Copa do Mundo derrotando por 3 a 1 a Holanda. É uma loucura coletiva. Fillol, Olguín, Galván, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Ortiz, Bertoni, Luque e Kempes fazem as pessoas esquecerem o Processo de Reorganização Nacional, os opositores mortos (mais de trinta mil), os desaparecidos, as torturas e os horrores da feroz e sanguinária ditadura militar do general Jorge Rafael Videla, instaurada em 24 de março de 1976 com a destituição de Isabelita Perón.

Hoje, nas ruas de Buenos Aires, é possível ler a pichação “Imundomundial”, sob o desenho verde de um campo de futebol com a inscrição “1978”.

Dois anos depois, o regime de terror se mantém no país, mas a vida continua. Celia e Jorge são pais: no dia 9 de fevereiro de 1980, nasce Rodrigo Martín. E, num dos momentos mais escuros da história pátria, nasce o segundo filho, Matías Horacio, no dia 25 de junho de 1982. Faz onze dias que a guerra das Malvinas acabou. A Argentina, derrotada, conta seus mortos (649) e feridos (mais de mil); a esses acrescentam-se todos aqueles que jamais conseguirão se esquecer desses dois meses e meio “iluminados pelo fogo”. Jovens inexperientes e mal equipados, voluntários convencidos por um patriotismo barato a se alistarem para reconquistar o arquipélago das Falklands, ocupado pelos britânicos no longínquo ano de 1833. A operação Rosário – esse é o nome em código da invasão argentina comandada pelo general Leopoldo Galtieri no dia 2 de abril de 1982 – era a enésima manobra de distração realizada pela Junta Militar, com o objetivo de desviar a atenção do desastroso plano econômico lançado em 1980. Essas políticas tinham conduzido a uma inflação de 90%, à recessão em todos os campos da economia, ao aumento da dívida externa das empresas e do Estado, à desvalorização dos salários e ao empobrecimento progressivo da classe média, uma das características históricas do país em relação a outras nações latino-americanas. A guerra devia fazer com que todos esquecessem o drama que vivia o país e

submergir o povo numa onda patriótica, no entanto, Galtieri não tinha levado em conta Margaret Thatcher, a Dama de Ferro, nem o exército de Sua Majestade, a rainha Elizabeth II.

Em poucas semanas, as forças especiais britânicas liquidam o exército argentino, um desastre que, depois de um ano, levará à queda da Junta Militar e à festa da democracia. A restituição das Malvinas à Argentina continua sendo, entretanto, uma reivindicação aberta: em Rosário, no Parque da Bandeira, construíram um monumento aos “heróis que vivem nas Malvinas”, e na Constituição de 1994 está escrito que a restituição da soberania é um objetivo irrenunciável. No entanto, em 1983, o vencedor das eleições foi Raúl Alfonsín, um dos poucos políticos que tinha mantido distância dos militares, defendendo que a única finalidade da guerra era reforçar a ditadura.

Quatro anos depois, quando Celia fica grávida de seu terceiro filho, a situação ainda é dramática. Na Semana Santa de 1987, a Argentina se encontra à beira da guerra civil. Os “caras-pintadas”, jovens oficiais do exército capitaneados pelo coronel Aldo Rico, se levantam contra o governo: exigem o fim dos processos pelas violações dos direitos humanos cometidas durante o regime militar. A cúpula do exército não está disposta a obedecer ao presidente. As pessoas saem às ruas para defender a democracia. A Confederação Geral do Trabalho (CGT) declara greve geral. Em 30 de abril, Raúl Alfonsín fala à multidão reunida na Plaza de Mayo e diz: “A casa está em ordem, Feliz Páscoa”. Uma frase que passaria à história porque não há nada mais longe da realidade. O presidente, sem poder algum sobre as Forças Armadas, teve que negociar com os “caras-pintadas”, garantindo o fim dos julgamentos contra os militares. É a Lei de Obediência Devida: isenta de culpa os oficiais e suboficiais das atrocidades cometidas, considerando-os apenas responsáveis por terem obedecido ordens de seus superiores. Uma lei que entra em vigência no dia 23 de junho de 1987, no mesmo dia em que Celia é internada na maternidade do hospital Garibaldi. Os outros dois filhos, Rodrigo, de sete anos, e Matías, de cinco, ficam em casa com a avó; Jorge a acompanha. Depois de dois meninos, ela gostaria de ter uma menina, mas os

cromossomos dizem que se trata de outro menino. A gravidez corre bem, no entanto, nas últimas horas de gestação, as coisas se complicam. Norberto Odetto, o ginecologista, adverte um sofrimento fetal agudo e decide que é necessário induzir o parto para evitar sequelas no bebê. Jorge lembra ainda hoje o medo daqueles momentos, o pânico que sentiu quando o doutor disse que ia usar o fórceps e sua súplica para que fizesse tudo que fosse possível para evitar a utilização desse instrumento, que, como para muitos outros pais, era fonte de grande preocupação por causa das histórias ouvidas sobre malformações e danos para o bebê. No fim, não foi necessário usar o fórceps. Poucos minutos antes das seis da manhã nasce Lionel Andrés Messi, pesando 3 quilos e com 47 centímetros de comprimento. Vermelho como um pimentão e com uma orelha completamente dobrada por causa do esforço realizado para vir ao mundo. Anomalias que, como em tantos outros recém-nascidos, desaparecem em poucas horas. Depois do susto vem a felicidade, o bebê é um menino corado, com boa saúde.

Do lado de fora do hospital, no entanto, a situação é muito menos serena. Uma bomba explodiu na cidade e outra em Villa Constitución, onde Jorge trabalha. Em toda a Argentina o número de explosões chega a quinze. Não provocam vítimas, só danos materiais, são a reação à Lei de Obediência Devida. Mostram um país dividido, submetido pelo poder militar e imerso numa grave crise econômica. A Secretaria de Comércio Interior acaba de anunciar a entrada em vigência dos novos preços dos alimentos: o leite e os ovos sobem 9%, o açúcar e o trigo, 12%, o pão e o vinho, 10%, a erva-mate, 21%, a energia elétrica, 10% e o gás, 8%. Aumentos difíceis de digerir para qualquer família trabalhadora como a Messi-Cuccittini que, no entanto, pode contar com dois salários e, finalmente, com uma casa própria. Esta foi construída por Jorge com a ajuda do pai dele, Eusebio, durante os finais de semana num terreno de 300 metros quadrados, propriedade da família. Tem dois andares, é feita de tijolos e dispõe de um quintal nos fundos, onde as crianças podem brincar, sempre no bairro Las Heras. É para lá que vai Lionel no dia 26 de junho, quando mãe e filho recebem alta no hospital italiano.

Podemos vê-lo seis meses depois, no álbum familiar, bochechudo e sorridente, na cama dos pais, com uma calça azul e camiseta branca. Aos dez meses começa a correr atrás dos irmãos mais velhos. É quando acontece seu primeiro acidente. Sai de casa, talvez para ir brincar com as outras crianças na rua que ainda não está asfaltada e pela qual raramente passa algum carro. Aparece uma bicicleta e ele é atropelado. Ele chora desesperado, a família sai à rua correndo. Parece que não foi nada, só um susto. No entanto, à noite, não para de se queixar. Está com o braço esquerdo inchado. É levado para o hospital. Fratura do cúbito. Gesso. Em poucas semanas já está curado. Quando chega seu primeiro aniversário, os tios já querem convencê-lo, presenteando-o com uma camiseta, a escolher seu time: Newell's Old Boys. No entanto, ainda é muito cedo. Aos três anos, Leo prefere as figurinhas e umas esferas muito menores: as bolinhas de gude. Ganhava aos montes dos companheiros de jogos, e seu bolso estava sempre cheio. Na escolinha ou na escola sempre tinha tempo para jogar com algo redondo. No quarto aniversário, os pais compram uma bola branca com losangos vermelhos. Talvez seja nesse momento que comece a atração fatal. Até que um dia acaba surpreendendo todo mundo. Seu pai e seus irmãos estão jogando na rua e Leo, pela primeira vez, decide entrar no jogo. Em muitas outras ocasiões tinha preferido continuar arrebanhando bolinhas de gude; desta vez, não. “Ficamos paralisados vendo o que ele sabia fazer”, diz Jorge. “Ele nunca tinha jogado antes.”

O menor de todos

Uma tarde de verão em 1992

O campo do Grandoli está quase sem grama. Muita terra e só algumas manchas verdes perto da linha de fundo. As traves do gol estão em más condições, assim como a cerca e o prédio onde ficam os chuveiros e os vestiários. O bairro não está muito melhor: lava-rápidos improvisados em cada cruzamento da Avenida Gutiérrez, revendedores de pneus usados, cartazes que anunciam “compro metal”, ou seja, ferro-velho; há até um pedaço de papelão em que é anunciado um salão de beleza para cachorros. No fundo, torres de construção popular que parecem abandonadas, mas não estão, casinhas baixas que perderam o charme de antigamente, vegetação que cresce nas fendas do asfalto, lixo cozinhando ao sol, homens e velhos sem nada para fazer, garotos grandes demais em bicicletas muito pequenas. Aqui as pessoas mudaram, dizem os mais velhos, chegaram os delinquentes. À noite dá medo passear por estas ruas, acrescentam.

Às três da tarde não há ninguém circulando. O campo de futebol está deserto. As crianças das escolas vizinhas que vêm praticar esporte no Centro de Educación Física número 8 Abanderado Mariano Grandoli (voluntário da guerra de 1865 que deu a vida pela pátria) já foram embora, e os meninos que jogam bola antes das cinco ainda não chegaram. Só há um professor, com camiseta branca, bermuda azul e tênis esportivo. Ele é quem indica o caminho, escassos 150 metros até a casa do seu Aparicio, o primeiro treinador de Lionel Messi.

Abre a porta com as mãos molhadas, está preparando a comida para a esposa Claudia, que está cega. No entanto, convida o visitante a entrar e ficar à vontade. Quatro poltronas, um enorme

cachorro branco e certo cheiro de lugar fechado de uma pobre sala dominada por uma velha televisão. Salvador Ricardo Aparicio, quatro filhos, oito netos e quatro bisnetos, tem muitas rugas no rosto, uma sombra de bigode, o corpo torto como um arame, a voz e as mãos trêmulas. Trabalhou a vida toda na ferrovia. Na juventude, jogava com a 4 do Clube Fortín e, há mais de trinta anos, no campo de 7,50 metros por 40 do Grandoli, treina as categorias de base.

Já formou centenas e centenas de crianças, incluindo Rodrigo e Matías. O mais velho dos Messi era um centroavante veloz e potente; o segundo, jogava na defesa. A avó Celia os acompanhava todas as terças e quintas aos treinos. E, numa tarde de verão, com eles também foi Leo.

“Faltava um para completar a equipe do ano 1986. Eu o esperava com a camiseta na mão enquanto os outros faziam exercício. Porém, ele não chegava e ali tinha um menino batendo bola contra o alambrado. A cuca [a cabeça] trabalhava e eu dizia puxa... não sei se ele sabe jogar, mas... Então, fui falar com a avó, que era muito fã de futebol, e disse: ‘Empresta o menino’. Ela queria vê-lo em campo. Tinha me pedido muitas vezes que fizesse um teste com ele. Outras tantas vezes enumerava as qualidades do pequenino. A mãe ou a tia, não me lembro bem, não queria: ‘Ele é muito pequeno, os outros são grandões’. Para deixá-la tranquila, eu disse: ‘Coloco ele aqui, parado, e, se baterem nele, eu interrompo o jogo e o tiro’.”

Assim é como a história é contada pelo seu Aparicio; no entanto, os Messi-Cuccittini dão outra versão para os fatos: “Foi a dona Celia quem obrigou o Apa a colocá-lo quando faltava um para completar o time. O técnico não concordava porque era pequeno demais. Porém, a avó insistiu: ‘Coloque-o e verá como joga o menino’, disse. ‘Está bem’, respondeu o Apa, ‘só que vou colocá-lo perto da linha, assim, quando ele chorar, a senhora mesma vem tirá-lo’”.

Sobre como continua a história não há discrepâncias. Retomemos a narração do velho treinador: “Bem... dei a camiseta e o coloquei atrás. A primeira bola passou pela direita, olhou e... nada”.

Seu Apa, como é conhecido por aqui, levanta da poltrona e repete a expressão surpresa do pequeno Messi, depois senta novamente e explica: “É canhoto, por isso não a dominou.” Continua: “A segunda caiu na esquerda, pegou e driblou um e outro e outro mais. Eu gritava: ‘Chuta, chuta’. Tinha medo que alguém o machucasse, mas ele continuava e continuava. Não me lembro se fez o gol, nunca tinha visto algo assim. Eu disse: ‘Nunca mais vou tirar esse menino’. E nunca mais tirei”.

O seu Aparicio desaparece no outro quarto e volta com uma sacola de plástico. Procura entre as lembranças de toda uma vida. No final, encontra a foto que procurava. Um campo verde, um time de crianças com camiseta vermelha e, de pé, na frente de um Aparicio bem mais jovem, está o menor de todos: bermuda branca puxada até as axilas, a camiseta grande demais, o olhar muito sério e as pernas tortas. É Lionel, parece um passarinho, uma pulga, como costumava chamá-lo o irmão Rodrigo.

“Era de 1987 e jogava com os meninos nascidos em 1986. Era o menor em estatura e em idade, mas se destacava muito, e isso que batiam duro nele, porém era um jogador diferente, com condições sobrenaturais. Nasceu sabendo. Quando íamos jogar, as pessoas se amontoavam para vê-lo. Quando pegava a bola, detonava. Era terrível, ninguém conseguia pará-lo. Fazia 4 ou 5 gols por partida. Contra o Club de Amanecer fez um como aqueles da televisão. Lembro muito bem disso: driblou todos, até mesmo o goleiro. Como jogava? Como agora, livre. A única coisa que fiz foi colocá-lo num campo. Como era? Um menino sério, ficava sempre ao lado de sua avó, caladinho. Nunca reclamava. E, se alguém batia nele, algumas vezes chorava, mas levantava e continuava correndo. Por isso eu brigo com todo mundo para defendê-lo, quando dizem que é teimoso, que não é tudo isso, ou que é fominha [individualista].”

A esposa o chama do quarto, o seu Aparicio vai e volta com mais lembranças.

Como o vídeo que não consegue achar, com algumas jogadas do menino prodígio, “eu mostrava para as crianças para ensinar o que pode ser feito com a bola colada no pé”. Ou a primeira vez que

Leo voltou da Espanha e ele foi visitá-lo. “Quando me viram foi uma loucura. Fui de manhã e só voltei à uma da madrugada. Passamos o tempo todo conversando sobre como era o futebol lá na Espanha.” Ou também aquela vez em que o bairro organizou uma festa em homenagem a Lionel. Queriam entregar uma placa no estádio do Grandoli, mas no final Leo não pôde ir. Ligou tarde para dizer “obrigado, fica para a próxima”.

O velho mestre do futebol não guarda qualquer mágoa por isso, fala com muita ternura desse menino que treinava há alguns anos.

“Quando vi na tevê o primeiro gol que ele fez com a camiseta do Barcelona, chorei. A minha filha Genoveva, que estava no outro quarto, perguntou: ‘O que foi pai?’ ‘Nada’, falei, ‘é a emoção’.”

Aparicio tira da sacola de plástico outra pérola. Outra foto do menino loiro, pequeno, a camiseta muito grande, as pernas curtas demais: segura um troféu na mão, o primeiro que ganhou. É quase maior do que ele.

Leo ainda não tinha feito cinco anos. E no Grandoli já começara a experimentar o sabor do gol e do sucesso. No segundo ano, tem a sorte de seu pai se tornar seu treinador. Jorge aceita a oferta dos dirigentes do clube e assume a responsabilidade pelas crianças do ano 1987. Jogam a Afi, uma das tantas competições que são disputadas na cidade. E ganham tudo: “Mas tudo, tudo: campeonato, torneios, amistosos...”, lembra, mais com orgulho de pai do que de técnico, Jorge Messi.

Além do futebol, há o colégio. Leo estuda na Escuela número 66 General Las Heras, no número 4.800 da Calle Buenos Aires. É acompanhado pela mãe, Celia, ou pela tia Marcela ou por Silvia Arellano, vizinha e mãe da Cintia, a amiga inseparável. Vão andando, atravessam um descampado ou beiram os campos de futebol de terra do quartel do exército Batalhão de Comunicações 121. Em pouco mais de dez minutos chegam na porta.

Hoje, ao chegar à entrada, encontra-se a turma dos menores, absortos em desenhar. Dois deles estão usando a camiseta do Messi. No enorme pavilhão coberto, umas crianças com uniforme da escola jogam uma partida, concentradíssimas. Fizeram as traves,

tudo; o que não têm é uma bola. Jogam com uma bola feita de papel de embrulho e fita adesiva. Correm a um ritmo alucinante, sem se importar muito com a dureza do solo (piso de lajota cinza). Zigue-zagues, fintas, dribles. Entre os jogadores está Bruno Biancucchi, primo de Leo. Muito suado e vermelho pelo esforço, o cabelo preto como o carvão colado na testa, um brinco de linhas brancas e rosas, seus colegas logo o apontam como o melhor. A imprensa já dedicou a ele uma série de artigos destacando-o como o sucessor de Leo. Seus treinadores dizem que é bom driblando, que tem a mesma habilidade do primo. E, como ele, é tímido. Diz que tem inveja do primo pela arrancada e a capacidade de fazer gols. Bruno também é atacante e gostaria de vestir um dia a camiseta do Barça.

Ao redor deles se formou uma roda. Todos querem dar sua opinião sobre esse menino que há alguns anos frequentava a mesma escola. Para Pablo, de onze anos, não existe dúvida: “Ele tem tudo para ser o melhor do mundo. Melhor do que Maradona. O que mais gosto dele é sua velocidade, é incrível”. Algo preocupa Agustín, de nove anos, como a tantos outros conterrâneos seus: “Maradona começou no Argentino Juniors, Messi... no Barça”. Definitivamente, longe demais daqui. Até as meninas, as mais envergonhadas, acabam se unindo ao grupo. E aqui as opiniões se dividem. Há quem ache ele lindo, outras, baixinho demais.

É a hora do recreio e, sob a paineira, uma árvore centenária, os pequenos alunos se perseguem. Leo esquivava o enorme tronco correndo atrás de bolas de papel ou de plástico. Para ele, a lembrança mais bonita daqueles anos é precisamente a dos jogos com qualquer coisa que acabasse nos seus pés. Não gostava de estudar, admite sem problemas.

E Mónica Dómina, sua professora do primeiro ao terceiro ano, confirma: “Não, nos estudos Leo não se destacava. Porém, tinha um nível aceitável. No começo tinha dificuldades com a leitura, então, recomendei à mãe que o levasse para um fonoaudiólogo. Nas outras matérias, aos poucos, conseguiu melhorar. No entanto, acabou não tendo grandes resultados. Era um menino tranquilo, doce e muito tímido, um dos alunos mais tímidos que tive em toda a minha carreira de professora. Se você não perguntava algo para ele,

ficava calado na sua carteira, no fundo da sala. As crianças mais velhas disputavam a presença dele para jogar os torneios entre as escolas de Rosário. Era bom, claro, ganhava troféus e medalhas; no entanto, eu nunca ouvi ele se gabando por jogar bem ou fazer gols”.

O mesmo de sempre

Conversa com Cintia Arellano

Ela tem olhos azuis e brilhantes, um rosto fino e corpo esbelto. Cursa magistério para ensinar crianças com necessidades especiais. Mora em Pasaje Ibáñez, 510, numa casa modesta, onde acolhe a visita com amabilidade. Um cachorro preto mexe o rabo, avalia o recém-chegado, depois abandona a sala sem móveis e vai para o quintal que é contíguo ao da família Messi. Cintia é amiga de Leo desde sempre. “As nossas mães”, diz, “são irmãs de barriga.” Silvia Arellano ficou grávida mais ou menos ao mesmo tempo que Celia: “Uma acompanhava a outra”, explica, de pé. “Íamos juntas fazer compras, conversávamos sobre o futuro dos nossos filhos. No meu caso, era o primeiro. Nós éramos boas amigas.” Deixa um copo de água sobre a mesa e vai embora, para ceder a palavra à sua filha mais velha, que frequentou com Lionel o jardim de infância, a pré-escola e o primário, sempre indo e voltando juntos da escola. E depois também os aniversários, festas, jogos.

– *Como era Leo na infância?*

– Era a típica criança tímida que falava muito pouco. Destacava-se só quando jogava bola. Lembro que no pátio do colégio, na hora do recreio, os capitães, na hora de escolher o time, acabavam sempre discutindo porque todos queriam o Leo, porque fazia muitos gols. Com ele era certo que ganhariam. O futebol sempre foi sua paixão. Muitas vezes faltava às festas de aniversário para não perder um jogo ou um treino.

– *E na escola?*

– Ele era chamado de Piqui porque era o menor de todos. Não gostava nem de espanhol nem de matemática. Ia bem em educação física e em desenho.

– *Dizem que você o ajudava...*

– Sim, algumas vezes... Ele, nas provas, sentava atrás de mim e, se tinha alguma dúvida, me perguntava. Eu passava, escondido da professora, a régua e a borracha com as respostas. E à tarde sempre fazíamos a lição juntos.

– *Depois, no colégio, os caminhos se separaram, Leo foi para Barcelona...*

– Choramos todos naquela tarde de verão, quando ele e a família estavam de partida para a Espanha. Não podia acreditar que perdia o meu amigo do coração. Quando falávamos por telefone nos emocionávamos muito e parecia que para ele viver lá na Europa era duro. No entanto, quando voltou e conversamos, percebi que para ele era uma experiência muito importante, que o ajudou a amadurecer muito. Foi difícil para a família dele, tanto que Celia e María Sol voltaram. Ele se adaptou porque, como me contou, tinha garotos da sua idade que jogavam bola. E para ele isso era fundamental. Queria ser jogador de futebol e conseguiu.

Cintia levanta e volta com uma pasta cheia de fotos e recortes de jornal. Aparecem os dois, quando bebês: Leo com a chupeta e um babador azul; atrás dele, uma boneca enorme vestida de noiva; ao lado, de fraldas e com um rabo de cavalo, Cintia. E então, na pré-escola, no ano de 1992, na foto da classe, todos com uniforme azul. Fantasiados para o carnaval, ele com capacete e um bigode de mentirinha; ela maquiada com grandes óculos escuros e um vestido branco. A seguir muitas páginas de jornal: “O novo Maradona”, “Esperando o Messias”, “De que planeta você veio”, até chegar às manchetes de julho de 2005, a vitória no Mundial sub-20.

– Fui a organizadora da festa aqui no bairro. Fomos pedir dinheiro a todos os vizinhos para comprar papéis vermelhos, bombinhas e tinta. No chão escrevemos com letras brancas: “Leo, o orgulho nacional”, e na rua dele colocamos uma faixa que dizia: “Bem-vindo, campeão”. Era para ele chegar à uma da manhã. Todo o bairro estava esperando, era inverno, fazia um frio terrível e ele não chegava. Alguns se cansaram e foram embora. Nós continuamos esperando até as cinco da manhã, quando uma van

branca entrou buzinando na rua. Nesse momento, ligaram todas as luzes das câmeras de televisão. O pessoal começou a gritar, estourar bombinhas, tocar o tambor e gritar: “Lio está chegando, Lio está chegando”. Ele estava muito cansado. Não esperava ser acolhido assim, mas adorou.

Ainda mais recortes, cheios de críticas depois do jogo Argentina x Alemanha da Copa de 2006. Uma foto de Leo sozinho, sentado no banco de reservas.

– Disseram que era teimoso, que não se integrava com o grupo. Acabaram com ele. Mas não é assim. Só quem o conhece bem sabe o que ele sente. Leo, quando está mal, é um pouco autista, refugia-se, fecha-se em si mesmo. Comigo também era assim. Tinha que arrancar dele o que estava sentindo. No entanto, para mim, Leo é sobretudo um sorriso.

– E não mudou?

– Não, eu o vejo como sempre, tímido e calado. É o mesmo Leo com quem cresci. A única diferença é que antes, quando vinha para cá, pegava a bicicleta e ia andar pelo bairro; agora pega o carro porque as pessoas não o deixam em paz. Não dá para acreditar a loucura que provoca. O povo do bairro tira fotos, as meninas esperam na porta da casa dele para cumprimentá-lo. Os meninos querem ser como ele. Fico surpresa e não acredito quando escuto o que gritam na Espanha ou quando joga com a seleção. Por isso, quando alguém me pergunta por ele, muitas vezes prefiro não falar nada. Não quero que pensem que falo por interesse ou para aparecer. Não, para mim, Leo é o amigo de sempre.

E sorri.

Vermelho e preto

21 de março de 1994

Raúl: “Sempre estive rodeado de bons argentinos como Valdano, que me fez estreiar no Real Madrid, como Redondo ou os companheiros com quem compartilhei o vestiário. Tenho uma boa relação com todos. Espero poder ir logo para a Argentina e apreciar o futebol de lá. Quero ver um jogo do Boca ou do River...”

“Ou do Newell’s”, acrescenta, em voz baixa, Lionel Messi. A Pulga não perde nenhuma oportunidade para reafirmar sua paixão vermelha e preta. Até conversando com o ex-capitão do Real Madrid, hoje número 7 do Al-Sadd, durante um evento publicitário, acaba fazendo referência ao seu time do coração. Natural, o Newell’s é um amor de família. Jorge, seu pai, jogou nesse time dos treze anos até ter que prestar o serviço militar. Um meio-campista com visão de jogo, mais defensivo do que ofensivo, embora nunca tenha chegado a ser profissional. Rodrigo entrou na escola de futebol com sete anos, e Matías seguiu seus passos.

Leo chega vindo do Grandoli no começo de 1994. Os olheiros do clube o conhecem. Pediram aos irmãos que o levassem para comprovar se realmente era fora de série. De modo que o menor dos Messi acaba jogando oito partidas com outras tantas formações das categorias inferiores do clube durante quase um mês, à tarde e à noite. Uma prova intensiva na qual não decepciona. Os técnicos do Newell’s o consideram um fenômeno e propõem que entre na Escola de Futebol Malvinas, onde os menores são formados. Messi ainda não tinha sete anos. Os dirigentes do clube precisam falar com os pais; no entanto, levando em conta a paixão familiar pelo time, não há nenhum problema.

“O pai dele veio me ver e disse: ‘Vou levá-lo ao Newell’s’”, lembra Salvador Aparicio, o velho treinador do Grandoli. “O que eu ia dizer? Bem... vá em frente.”

Assim, no dia 21 de março de 1994, Lionel Andrés Messi, com a carteira de sócio 992312, passa a fazer parte do Club Atlético Newell’s Old Boys.

Newell’s e Rosario Central são os dois times que dividem as paixões de Rosário. O Club Atlético Rosario Central nasceu em 24 de dezembro de 1889 com o nome de Central Argentine Railway Athletic Club. Foi fundado por operários ingleses que trabalhavam na ferrovia. O primeiro presidente foi Colin Bolder. Mais tarde, com a fusão das companhias Ferrocarril Central Argentino e Buenos Aires Railway em 1903, o nome do clube muda: daí em diante será o Club Atlético Rosario Central. As cores, azul e amarelo. Grandes jogadores já vestiram essa camiseta: Mario Kempes, Luciano Figueroa, José Chamot, Cristian González, Roberto Abbondanzieri, Roberto Bonano, César Delgado, Daniel Díaz, Daniel Pedro Killer, Juan Antonio Pizzi, César Luis Menotti, para citar só alguns. Conta com dois torcedores ilustres. Ernesto “Che” Guevara, que nasceu em Rosário em 14 de junho de 1928 e teve seu primeiro lar num apartamento localizado na Calle Entre Ríos, 480. Um mural de Ricardo Carpani relembra esse fato a poucos quarteirões, na Plaza de la Cooperación da cidade. E o inesquecível Roberto “el Negro” Fontanarrosa, um dos grandes humoristas, desenhistas e escritores de futebol, entre muitas outras coisas, da Argentina, e que infelizmente faleceu em 2007.

O Newell’s nasce em 3 de novembro de 1903, pelas mãos de professores, alunos e ex-alunos do Colégio Comercial Anglicano Argentino que Isaac Newell, inglês nascido no condado de Kent, fundou em Rosário em 1884. Reza a lenda que foi ele quem introduziu no país latino-americano a primeira bola de couro e o regulamento oficial do *football*. Os estudantes do seu colégio, entre os quais seu filho Claudio, o criador do time, começaram a jogar bola e criaram o clube. Daí o nome Newell’s Old Boys, os velhos garotos do Newell, uma homenagem ao pai e à escola. As cores, o preto e o vermelho.

Uma das coisas das quais os torcedores ficam se gabando na frente dos “primos” do Rosario Central é ter visto Diego Armando Maradona vestindo a camiseta do clube, embora só durante cinco partidas oficiais e dois amistosos. Era o ano de 1993 e o Pibe de Oro voltava da Europa, onde tinha começado no Barcelona, para depois brilhar no Napoli e terminar no Sevilla, então dirigido por Carlos Bilardo. Além de Diego são muitos os nomes ilustres: de Gabriel Batistuta a Jorge Valdano, de Abel Balbo a Maxi Rodríguez, de Sergio Almirón a Mauricio Pochettino, de Juan Simón a Roberto Sensini, de Jorge Griffa a Walter Samuel, de Américo Gallego a “Tata” Martino. O apelido dos torcedores: os leprosos. Estranho, não é? Um apelido depreciativo que se torna um símbolo forte e reconhecido. Merece uma explicação. E é oferecida pelo site gloriosonewells.com.arg, dedicado aos mais de cem anos de história do time. “Segundo contaram os nossos avós, o que bate com o que reza a lenda: há muito tempo a comissão de damas de caridade do Hospital Carrasco tinha a intenção de organizar uma partida beneficente para combater a hanseníase, comumente conhecida como lepra. A partida devia ser disputada pelos dois maiores clubes da cidade de Rosário, razão pela qual foram feitos todos os acertos necessários para a realização do evento perante as autoridades de ambos os clubes. Desde o primeiro momento o convite foi aceito pelo Newell’s, embora tenha sido categoricamente rejeitado pelo Central, constituindo este fato histórico o primeiro recuo do azul e amarelo. Assim foi que o Central se tornou o canalha da cidade, e isso foi o primeiro motivo de chacota pelo vermelho e preto, que tiravam sarro de seu clássico rival. Os torcedores do Central só conseguiam argumentar que, se os do Newell’s tinham tanto interesse em realizar o jogo, devia ser porque eram leprosos, e foi assim que desde essa época os torcedores do Newell’s passaram a ser conhecidos como ‘os leprosos’ e seus rivais do Central como ‘os canalhas’. Ainda que a versão anterior tenha sido mais difundida ao longo dos anos e talvez seja a única e verdadeira versão dos fatos, cabe destacar que alguns velhos avós de Rosário defendem outra versão pela qual, segundo eles, os torcedores do Newell’s sempre foram conhecidos como ‘os leprosos’, até mesmo antes da fundação

do clube, quando não passava de um estabelecimento educacional da Rosário do começo do século XX. A questão, segundo essa versão, reside no fato de que naqueles anos não era comum nos bairros de Rosário que as casas estivessem separadas entre si por grandes muros, e as pessoas podiam falar com o vizinho apenas ficando na ponta do pé ou subindo num banquinho junto à parede. Por outro lado, naquela época a doença chamada lepra afetava grande parte da população, e Rosário não era uma exceção. Essa doença, que remonta a tempos bíblicos, sempre se caracterizou pelo fato de que quem dela padecia era afastado, ficava fora da vista e do contato com outras pessoas. Talvez tenha sido esse o fato que levava as pessoas, ao passarem perto do colégio de Isaac Newell e ver uma enorme muralha que parecia inexpugnável, a dizerem: ‘Sem dúvida, atrás dessa parede enorme devem se refugiar da vista de todos os doentes de lepra’. É assim que, segundo eles, os velhos garotos de Newell foram desde sempre ‘os leprosos’.”

Um apelido que também será associado a Lionel quando *La Capital* fizer uma entrevista com ele pela primeira vez. No entanto, ainda faltam seis anos, seis categorias de base e quase quinhentos gols antes que Messi tenha a honra de ser protagonista das reportagens locais.

Muros pintados de vermelho e preto descoloridos. “Força leprosa”, escrito sobre um punho fechado na cerca, trabalho da torcida organizada. Uma grade e acima o cartaz “Escola de Futebol Malvinas Newell’s Old Boys”. O campo está ruim, porém as crianças que estão jogando não se importam. Os técnicos do clube vieram realizar uns testes, e é preciso fazer tudo certo, tudo direitinho. Perto dos vestiários, uma cama de ferro enferrujada abandonada num canto. Do outro lado, na Avenida Vera Mújica, outros dois campos. E a mesma situação de abandono. Alguém comenta que o dinheiro procedente das contribuições dos sócios e dos ingressos, e sobretudo das vendas de tantos jogadores a clubes estrangeiros, não foi investido aqui, na escola de formação de novas gerações. Percebe-se isto a olho nu. Mesmo assim, a situação não era muito diferente quando Lionel disputou sua primeira temporada com a

camiseta vermelha e preta. Talvez na época houvesse mais entusiasmo, mais gente que trabalhava duro e menos política na diretoria. Melhor deixarmos isso de lado e falarmos desse ano que começou tão bem e que acabou com uma derrota de 3 a 0 para o Tiro Suízo. Os garotos perderam o título; no entanto, aprenderam com seus erros, visto que nas quatro temporadas seguintes sofreram uma só derrota, desta vez nas mãos de seus companheiros de treino do Newell's C. Graças a essa arrancada incontrolável, o time acabou conquistando um nome glorioso para o clube, a Máquina de 87. A maior satisfação para Leo: um golfinho, o troféu ganho no torneio internacional de Cantolao, em Lima, Peru, em 1996. Desse torneio participavam mais de 25 times procedentes de Argentina, Chile, Equador, Colômbia. No final foi o Newell's que acabou conseguindo o impossível. O pequeno Messi monopolizou a atenção da mídia, entre outras coisas, pelos seus malabarismos. Para se divertir durante os treinos e antes do jogo, dava toques na bola sem deixá-la cair no chão. Uma qualidade que até os maiores dirigentes do clube apreciaram, a ponto de logo ser chamado em várias ocasiões para distrair o público durante o intervalo das partidas do time principal. Anunciavam o menino Messi nos alto-falantes e ele descia pelas arquibancadas fazendo malabarismos e ficava no centro do campo, onde realizava seus truques de mágica com a bola. Um intervalo que muitos leprosos não esquecerão. É a primeira imagem que guardam daquele que um dia chegaria a ser Leo Messi.

“Era uma maravilha”, lembra na sua oficina mecânica, entre carros americanos antigos, Ernesto Vecchio, seu segundo treinador no Newell's. “Tinha sabedoria, tinha pique curto, matava a bola, jogava para seus companheiros, porém era capaz de driblar meio time rival. Uma vez, na quadra I de Malvinas, o goleiro jogou uma bola e ele passou pelo campo inteiro, de trave a trave, e acabou marcando um gol espetacular. Não precisava ensinar nada. O que se pode ensinar a um Maradona ou a um Pelé? A única coisa que um técnico pode fazer é corrigir uma que outra coisinha.”

Tantas lembranças desses dois anos, entre os nove e os onze, em que Vecchio treinou Leo. O torneio de Balcarce, por exemplo,

em que o Newell's 87 acabou com times como Boca, Independiente e San Lorenzo. Lautaro Formica, na defesa daquela formação, fala que eles não tinham nada para fazer porque “a bola não chegava nunca atrás. Lembro que Rodas e Messi destruíam. Depois que Messi pegava, os rivais chutavam do meio. Às vezes, para nós que estávamos no fundo, era uma chateação”.

Gustavo Ariel Rodas, apelidado de “Billy”, a outra estrela daquele time, é o contraponto de Leo. Ou seja, a prova de que talento natural não garante chegar ao ponto mais alto. Billy era um menino da categoria de 86, um meio-campista ofensivo com qualidades técnicas extraordinárias, também de Rosário, nascido no subúrbio. Aos catorze anos é suplente no time principal do Newell's e tem seu primeiro filho. Antes de fazer dezesseis, estreia na Primeira Divisão e todos preveem um futuro brilhante. Hoje, com dois filhos nos ombros, perdeu-se no nada. “Acontece com muitos jogadores que vêm das favelas, da pobreza”, explica Vecchio. “Com o futebol saem da miséria, porém, depois, se não tiverem sucesso, voltam à favela, caem no alcoolismo, na droga, no desespero. Definitivamente, a diferença é a educação. No caso de Leo, um pai e uma mãe que o acompanharam, que o ajudaram a se tornar quem ele é. Eu acredito muito no ambiente familiar como uma das razões do sucesso de um jogador.” Ernesto Vecchio ainda tem tempo para uma história, a mais saborosa: “Jogávamos contra o Torito, um clube da nossa Liga. Leo tinha estado doente e eu não queria deixá-lo jogar. Deixei-o sentado no banco. Faltavam poucos minutos para o final e íamos perdendo por 1 a 0, então parei na frente do Leo e falei: ‘Encara essa?’. A resposta foi sim. Preparou-se e, antes de entrar em campo, gritei: ‘Ganhe o jogo para mim!’. Assim foi: em cinco minutos, ele marcou dois gols e virou o placar”. Nada fora do comum visto que entre campeonato, torneios e amistosos, a Pulga marcava algo como cem gols por temporada.

A décima Liga, no ano 2000, é a última que Leo, na época com treze anos, disputa com a Máquina de 87 sob o comando de Adrián Coria. Ganham-na nos campos de Bella Vista, o lugar onde treina o time principal. E é então que, no dia 3 de setembro, justamente duas semanas antes de ir para Barcelona, *La Capital*

publica a primeira entrevista, de duas páginas, com “Lionel Andrés Messi, um leprosinho que promete”. A introdução é mais ou menos assim: “É um jogador da décima divisão e o principal do time. Como menino ele não é só uma das promessas da categoria de base leprosa, mas tem um futuro enorme porque, apesar de sua estatura, ele se vira para passar um, dois, driblar, fazer gols, mas, acima de tudo, diverte-se com a bola”.

E, a seguir, uma bateria de perguntas. Vejamos algumas:

“Um ídolo: dois, o meu pai e o meu padrinho, Claudio.

“Um jogador: dois, o meu irmão e o meu primo.

“Um time: Newell’s.

“Um hobby: ouvir música.

“Um livro: a Bíblia.

“Um filme: *Ninguém segura esse bebê*.

“Uma profissão: professor de educação física.

“Um objetivo: terminar o colégio.

“Uma meta: chegar à Primeira Divisão.

“Uma alegria: quando fomos campeões da décima.

“Uma tristeza: o falecimento da minha avó.

“Um sonho: jogar na Primeira Divisão pelo Newell’s.

“Uma lembrança: quando a minha avó me levou pela primeira vez para jogar futebol.

“Humildade: é o que um ser humano não deve perder nunca.

“O que representa Newell’s na sua vida?: tudo, é o máximo.”

Era um Gardel

Conversa com Adrián Coria

A tevê está ligada. Na tela, imagens do jogo do campeonato argentino. O computador, na mesa, está ligado. Adrián Coria, ex-jogador do Newell's e ex-técnico das categorias de base dos leprosos, está de férias. No entanto, levou trabalho para casa. Na época, era auxiliar de Gerardo "Tata" Martino, então técnico do Newell's e atual treinador do Barcelona, e sua missão é estudar os adversários do vermelho e preto. Mas sempre é um prazer lembrar um de seus ex-jogadores.

– *Comecemos com suas primeiras impressões quando o viu jogar.*

– Naquela época falava-se muito de Leandro Depetris, um menino loirinho que aos onze anos foi para o Milan. Todos falavam maravilhas dele. Eu não concordava. Sempre falava para um amigo: "O Leo vai ser dez vezes melhor do que o Depetris. Este, quando for adulto, será maior que o Maradona, e olha que eu adoro o Diego".

– *De onde vinha essa segurança ao prever esse grande futuro para um menino de doze anos?*

– Quando você o via, pensava: esse não vai conseguir jogar bola. É um anão, frágil demais, pequeno demais. Porém, imediatamente percebia que tinha nascido diferente, que era um fenômeno e que ia ser uma coisa impressionante. Por quê? Porque era explosivo, tinha um arranque que nunca vi num campo de futebol. É um Fórmula 1, uma Ferrari. Antecipava, driblava, era fatal num mano a mano. Dominava a bola, sempre no chão, sempre colada no pé. Deixava para trás todos os grandões que ainda não tinham um bom controle da motricidade e da coordenação.

Cabeceava com 1,20m de altura. Deslumbrava contra centrais de 1,80m. Fazia uma diferença terrível. E tinha temperamento, era competitivo, gostava de ganhar. Nunca o vi conformar-se com um resultado. Ele queria ganhar todos os jogos.

– *Em que posição jogava?*

– Atrás dos atacantes. Eu utilizava um 4-3-1-2, comigo Lionel jogava livre ou como o armador. Em um campo para onze jogadores, era impressionante ver como se desfazia dos adversários. Os outros queriam matá-lo, sabiam da sua habilidade e tentavam pará-lo. Um monte de chutes. Mas ele, nada... Não se queixava. Pelo contrário, parecia que as faltas o deixavam com mais vontade, quanto mais iam atrás ele, mais os encarava. Ia buscar a bola e, em duas passadas, já estava na frente do gol. Ganhava os jogos sozinho, tanto que as pessoas falavam para mim: “Você não dirige esse time quando Leo está.”

– *Um gol, um jogo para lembrar?*

– Fazia gols de todas as formas. Jogos? Com ele ganhávamos todos. Era um Gardel [um mito como o cantor de tango Carlos Gardel].

– *Ouvia os conselhos do treinador?*

– Sim, me respeitava. Obedecia. Nunca disse “eu jogo”, nunca disse “sou o melhor”. Os companheiros o adoravam. A única coisa... ele não gostava de fazer exercício. Ele adorava a bola. Por isso, um dia, eu o deixei fora do treino. Não sou nem monstro, nem sargento, porém, sempre gostei de seriedade. Estávamos brincando de bobinho e ele continuava jogando com a bola. Chamei uma, duas vezes, e ele fazia como se não ouvisse... No final, eu disse: “Passe a bola, vá se trocar e vá embora pra casa.” Dez minutos depois eu o vi com a bolsa nas costas colado na grade, olhando para o campo. Fiquei com pena dele e triste de vê-lo assim. “Foi embora sem me dar um beijo”, eu gritei. Voltou, me cumprimentou e eu o mandei para o vestiário para que voltasse ao treino. Era um menino tímido e de personalidade forte, porém, aquela foi a única vez que tive de chamar a atenção dele.

– *O que pensou quando ele foi para a Espanha?*

– Que o Newell's não apostou nele, não fez um esforço financeiro, não quis gastar dinheiro com um menino que tinha treze anos. Acho que não se deram conta do valor que tinham nas mãos.

– *E agora, como o vê?*

– Acho que na Europa, em termos futebolísticos, cresceu muito, mas ainda não chegou ao auge. E nos próximos anos, se não acontecer nada com ele, vai mostrar seu máximo.

– *A fama, a celebridade, o dinheiro, podem distraí-lo da bola?*

– Acho que a fama somou para ele, pois sabe usar a cabeça. E não mudou. Continua sendo o mesmo menino humilde. Encontrei com ele na Copa América. Nós estávamos acabando um treinamento. Eles começavam. Ele me viu. Deixou o aquecimento. Veio me cumprimentar e me deu sua camiseta de presente. Os meus jogadores ficaram alucinados e me perguntaram se podiam conhecê-lo, se havia possibilidade de pedir mais alguma camiseta. Isso é só um exemplo. Fazia tempo que não o via... porém, fiquei com a impressão de que continua sendo o mesmo menino que treinava em Bella Vista.

Baixa estatura

31 de janeiro de 1997

O doutor Diego Schwarzstein se lembra da data da primeira visita com exatidão: 31 de janeiro, o dia de seu aniversário. Foi quando conheceu Lionel. Tinha nove anos e meio, e seus pais, preocupados com o pouco crescimento de seu terceiro filho, decidiram levá-lo ao consultório da Clínica de Glândulas e Medicina Interna, no número 1.764 da Calle Córdoba, no centro de Rosário.

“Uma consulta para verificar se o crescimento estava normal, faço muitas dessas por dia”, lembra o médico. Leo não era uma estrela, não era um jogador conhecido, nem sequer um profissional, apenas jogava na categoria infantil do Newell’s. “Eu a vida toda fui torcedor dos leprosos (comprova isso um desenho de seu filho, sob o vidro da escrivaninha, no qual os rubro-negros de Rosário marcam um gol contra o Boca); isso também ajudou a estabelecer uma boa relação com o paciente. Falávamos de futebol, o único assunto que conseguia vencer a timidez do menino.”

Muitas visitas e mais de um ano de investigações, de exames complexos, de análises bioquímicas e de acompanhamento clínico. “Acontece que só os exames podem determinar se é um problema hormonal ou se, simplesmente, estamos perante o que costuma ser chamado de ‘amadurecimento lento’. Uma criança com um ritmo de crescimento diferente dos de sua idade, que se desenvolverá mais tarde.”

Para entender melhor, o doutor mostra as datas e as pausas de um histórico clínico, indicando os períodos normais, necessários nestes casos, para chegar a um diagnóstico: déficit de hormônio do crescimento.

A explicação: “As glândulas não estão fabricando o hormônio do crescimento”, ilustra Schwarzstein. “Para fazer uma comparação mais compreensível: é um caso similar ao dos diabéticos cujo pâncreas não produz insulina. No caso em questão, trata-se de uma substância necessária para o crescimento. A diferença é que os diabéticos representam 7% da população mundial, enquanto o caso de Messi não é muito frequente: um em vinte mil nascimentos, segundo as estatísticas. E, atenção, porque não é hereditário. Basta ver os irmãos do Leo, ou María Sol, a irmãzinha, que já é bem alta.” Como Leo recebeu a notícia sendo um menino de nove anos? “Eu me lembro”, diz o médico, “que teve uma relação muito sadia com a sua doença, superou sem conflito os exames, até mesmo os mais invasivos, assim como a terapia. A família ajudou muito nisto, uma família de primeira.”

Uma vez determinado o problema, o endocrinologista rosariense iniciou o tratamento com hormônio do crescimento. Uma injeção subcutânea diária durante três, quatro, cinco, seis anos, todos os dias, até o paciente alcançar seu desenvolvimento.

Como avalia o desenvolvimento dele? Como é possível saber o potencial de crescimento? Com um raio X da mão. O doutor mostra uma das diferentes etapas de desenvolvimento: 9-10-11, até os 18 anos. Destaca os espaços brancos entre um osso e outro, explica que quando desaparecem significa que o paciente alcançou seu desenvolvimento, que não vai crescer mais. Depois acrescenta: “Nada nos permite superar a genética, no entanto, se aparecem dificuldades, podemos ajudá-la. É preciso deixar claro que quem tem déficit real de hormônio do crescimento sofre disso pelo resto da vida. Por isso é necessário intervir.”

Realmente, no caso do Messi não se tratou de uma experiência, não foi, como alguém já escreveu, um rato de laboratório. O médico perde a paciência e diz, taxativo: “Nunca foi uma experiência. São muitos anos, mais de trinta que o hormônio do crescimento é utilizado nestes casos. Antes era extraído de cadáveres, mas existia o risco de encefalopatias. A partir da metade dos anos 80 ele é produzido graças à engenharia genética. Os efeitos colaterais não estão provados a longo prazo. Porém, não

tivemos problemas até agora nos casos como o do Messi, no qual é imprescindível substituir o que falta.”

Então, por que dá tanto medo falar do hormônio do crescimento, por que é um dos produtos mais utilizados no doping?

“O hormônio do crescimento, ministrado a um adulto sem o déficit, ou seja, a uma pessoa com nível de secreção normal, serve como anabolizante para aumentar a massa muscular e diminuir os tecidos gordurosos. Aumenta o rendimento físico”, explica o doutor. “No entanto, os riscos para a saúde são altíssimos: pode acontecer desde retenção de líquidos até hipotireoidismo, desde hiperglicemia até hipertensão intracraniana, e existe até o risco de tumores.”

Esclarecidos as suspeitas e os temores, fica um assunto sobre o qual, tanto na Argentina quanto na Espanha, muito foi escrito, geralmente bobagem: o custo do tratamento, 600 mil pesos por ano, o equivalente a mais de 12 mil euros. Uma quantia considerável que teria empurrado a família Messi a se mudar para a Espanha, já que o Barcelona foi o único clube que aceitou se responsabilizar pelos gastos.

“Sempre me chamou a atenção o que era publicado na mídia, a história que o pai levou o jogador porque aqui não pagavam o tratamento. Não é verdade que aqui não quiseram pagar. O convênio do pai assumiu o tratamento junto com a colaboração da Fundação Acindar. Não é verdade que tenham tido que ir embora do país por esse motivo. Porque aqui, se os pais têm convênios ou planos de saúde, o tratamento está aprovado pelo Programa Médico Obrigatório e, se não tiverem cobertura, desde 1991 existe a Comissão Nacional Assessora para Crianças com Déficit de Hormônio do Crescimento que o fornece de forma gratuita.”

Uma versão que contrasta com a da família Messi. Segundo Jorge, o pai, o seguro-saúde e o convênio da Acindar deixaram de pagar a totalidade do tratamento depois de dois anos. No primeiro momento, os responsáveis do Newell's, visto que o garoto prometia, aceitaram assumir uma parte (uma vacina sim, outra, não). Porém, aos poucos, os pagamentos começaram a atrasar. “Fomos reclamar tantas vezes que, no final, a minha esposa disse: ‘Eu não vou mais

pedir'. E assim foi", diz Jorge, que colocou mãos à obra para encontrar uma solução para o problema.

"O River tinha aberto uma filial em Rosário. Isso podia ser uma oportunidade para o menino e uma forma de pressionar o Newell's. Fomos para Buenos Aires fazer um teste, o Leo treinou em Belgrano e, no primeiro jogo, quando fizeram ele entrar em campo, perceberam que valia, que não era apenas um menino miudinho. 'Queremos ele conosco', disseram", lembra Jorge Messi, "com a condição de que vocês tragam os documentos, e se conseguirem a liberação do Newell's." Em poucas palavras, eles não queriam arrumar problemas com o Newell's. Então, nada foi feito. No Newell's ficaram sabendo e me pediram que não o levasse. Fizeram outras promessas. Depois veio o Barcelona..."

Mais ou menos esclarecido o assunto, há um fato sobre o qual os Messi e Schwarzstein concordam: "O déficit hormonal e sua cura não passam de história, a coisa verdadeiramente importante são os acertos do menino no futebol". E, aqui, levantando da cadeira e dando voltas ao redor da escrivaninha, o médico começa uma série de reflexões próprias de um apaixonado pelo futebol. Fala com veemência do arranque curto, do domínio da bola, da velocidade, "do limite do Leo, que ninguém sabe onde está, dos portenhos que têm inveja de um jogador que nunca pisou em Buenos Aires, porque, para ter sucesso, aqui obrigatoriamente é preciso jogar num dos grandes de Buenos Aires. Veja o Batistuta, era do Newell's, mas só ficou famoso na Argentina quando foi para o Boca".

Deixemos por um momento o futebol e vamos voltar um pouco no tempo. Parece uma história pouco importante o tratamento à base de hormônio do crescimento, no entanto, apareceu recentemente um artigo em *La Capital* intitulado "Pedem para seus filhos o medicamento que Messi usou". No texto se lê: "Desde que ficou conhecida a terapia que o jogador rosariense recebeu, o hormônio do crescimento se transformou para muitos na 'poção mágica' que faz crescer as crianças baixinhas. A baixa estatura é uma enorme preocupação para os pais, sobretudo quando as crianças começam o pré-primário e são comparadas com as outras. A comparação nunca é saudável porque, além disso, a curva normal

de crescimento é muito ampla. Na maioria dos casos, a baixa estatura se deve a condições genéticas, desnutrição nos dois primeiros anos de vida ou atrasos constitucionais do desenvolvimento ou do crescimento (para o qual não há uma terapia específica). Ainda assim, muitos pais exigem dos pediatras o mesmo tratamento do Leo Messi.”

“São as consequências negativas da divulgação pela mídia de uma terapia associada a um jogador famoso e da interpretação errada que fizeram disto os pais e a população em geral” reclama o doutor. “Nada disto teria acontecido se tudo tivesse permanecido no âmbito médico-paciente-pais. O meu dever é insistir em que este recurso médico não serve para nada a crianças que não apresentam déficit hormonal, sobretudo levando em conta o custo e o benefício. Porém, é imprescindível para aqueles que sofrem desse déficit, o problema que tinha Lionel. Por isso, começou o tratamento em 1998, com 1,27m e, depois de ter continuado com a terapia em Barcelona, hoje mede 1,69m. Sem o tratamento, não teria crescido como estava previsto geneticamente.”

Multinacional numa cidadezinha

Conversa com Mariano Bereznicki, jornalista de La Capital

— **O** que representa Leo Messi para Rosário?

– O melhor jogador que a cidade tem pelo mundo. A esperança argentina. É um ícone do futebol. Todos nós temos esperanças de que seja o sucessor de Diego.

– *Como era conhecido aqui?*

– Em Rosário não era conhecido. Ele jogava no *baby foot*. Aqui jogou até a décima. Não chegou a ser popular. Foi visto só por aqueles que duelaram com ele num campo. Alguns sabiam naquela época que Leo era já uma promessa a curto prazo e aqui está o erro dos clubes rosarienses: não se deram conta do que iam perder. A questão em aberto para Leo é essa, não ter jogado aqui. Ele torce pelo Newell's. Esperamos, cedo ou tarde, vê-lo em nossos campos. Agora podemos ver suas travessuras só pela televisão, com o Barça, ou em Buenos Aires, indo até o Monumental de Núñez ou onde a seleção jogar.

– *Quando o encontrou pela primeira vez?*

– No final de 2000. Leo estava voltando de Barcelona. Fiz uma entrevista com ele sem nenhum problema. Fomos até o monumento à bandeira para fazer algumas fotos. As pessoas não o conheciam. Era um menino como os outros. A minha impressão? Um menino muito submisso e de poucas palavras. No entanto, ele é assim, transforma-se quando entra em campo, muda totalmente com a bola no pé. No campo aparece o verdadeiro Lionel. É preciso sentar e aproveitar.

– *Cinco anos depois, tudo mudou...*

– Foi depois do Mundial sub-20 de 2005. Foi ali que estourou a Messimania. Foi um furor. A mídia invadiu a casa dele: jornais, redes de tevê e de rádio nacionais e internacionais. Todos queriam fazer uma entrevista, falar com ele. E também o pessoal do bairro. Não passava um dia sem que chegasse alguém para parabenizá-lo ou pedir um autógrafo. Por que esse furor? Porque a Argentina esperava fazia tempo por uma figura como ele. Falava-se de Riquelme, de Tévez, de Aimar... e chegou Messi. Todos ficamos surpresos com o que ele fez naquele Mundial. Demonstrou ser um jogador diferenciado, único. E se proclamou rei da Holanda.

– *E agora, quando vem a Rosário, como são as coisas?*

– Quando ele vem para cá é uma multinacional numa cidadezinha. Porque ele fez contratos com grandes empresas conhecidas no mundo todo, representa um capital. As empresas precisam se promover e o pessoal quer vê-lo. E, no entanto, ele se refugia com sua família, com seus amigos... Para voltar descansado e fortalecido às exigências do Barcelona. Rosário serve como um porto seguro.

– *Como é na realidade, do seu ponto de vista, este rosariense tão famoso?*

– Na intimidade só é conhecido pelos mais próximos. Porque com uma e também com muitas entrevistas não se chega a conhecê-lo. Não é fácil. Para mim ele é de uma humildade brutal. O sucesso não subiu à cabeça, não o mudou. É uma esfera sólida.

– *E em termos de futebol?*

– Eu acho que nasceu de uma forma que parecia fora de uso depois de Maradona.

– *Analisemos suas qualidades técnicas.*

– Solidário com o time, leal, ofensivo com a bola e tem uma dinâmica que poucos têm. Seu poder de aceleração é impressionante. E tudo isso o diferencia.

– *O futuro? Como o vê?*

– O futuro para Leo já chegou. Ele vem mostrando isso há anos em um futebol muito competitivo como o ibérico e o europeu. No entanto, ainda é muito jovem. Não explodiu na sua máxima expressão, embora tenha feito gols incomparáveis e comparáveis aos de Diego.

– *Ele é o novo Maradona?*

– É o verdadeiro Messi.

Do outro lado do oceano

17 de setembro de 2000

Arquero: portero [goleiro]

Colectivo: autobús, [ônibus]

Factura: bollo [pão doce]

Birome: bolígrafo [caneta]

Ojotas: chanclas de dedo [chinelo]

Departamento: piso [apartamento]

Pollera: falda [saia]

Redonda: esférico [bola]

Remera: camiseta

Sobretudo: abrigo[sobretudo]

Coger: melhor não usar esta palavra na Argentina^[1]

[Glossário de palavras em espanhol da Argentina e da Espanha.]

Dizem que na Espanha e na Argentina fala-se a mesma língua e, de fato, o idioma de ambos os países é o espanhol. Contudo, as diferenças são muitas, não só no significado de algumas palavras ou de certas expressões idiomáticas mais ou menos pitorescas; trata-se de maneiras diferentes de viver e, às vezes, de entender a vida. Quase todas as famílias argentinas têm algum antepassado espanhol ou italiano, no entanto, mais de um século depois que o bisavô partiu da Península Ibérica ou da bota, tornando-se um “gallego” ou um “tano” [italiano], as coisas tomaram rumos diversos. A história abriu uma fenda, criando culturas profundamente diferentes. Hoje, se o caminho for desfeito e alguém quiser voltar à pátria de origem, adaptar-se não é algo simples. Sempre é um desafio complicado, ainda mais se quem deve enfrentá-lo é um menino de apenas treze anos. É preciso muita força de vontade

para deixar para trás a infância, a própria cidade, a escola, os amigos, o time do coração, os campos de Malvinas e Bella Vista, uma parte da própria família. E, sobretudo, sem garantia alguma a respeito do futuro.

Leo Messi e seu pai, Jorge, partem de Rosário no dia 16 de setembro de 2000 com destino a Barcelona.

Vamos dar um passo para trás e ver por que pai e filho embarcam num voo transatlântico da Aerolíneas Argentinas, como tomaram a decisão de tentar a sorte em terras catalãs e o que esperavam da viagem.

Aos treze anos, Leo já é uma estrela do futebol juvenil. Os jornais dedicam páginas inteiras a ele, nas categorias de base fala-se dele e até mesmo em Buenos Aires o seu jogo foi valorizado muito positivamente pelo River Plate. Dois anos antes, Fabián Basualdo, ex-defensor do Newell's e do River, representou Leo por alguns meses, tentando administrar o melhor possível sua carreira até a família Messi perceber que não era necessário ter alguém do lado de um menino tão jovem. No entanto, em certo dia de 2000, se apresentam na Calle Estado de Israel, 525, Martín Montero e Fabián Soldini de Marka, sócios da empresa com sede em Rosário dedicada à compra e venda de jogadores. Gente de quem Jorge, o pai de Lionel, não quer falar, porque no desenrolar da história não ajudaram seu filho, ao contrário... Hoje, há tanto de um lado quanto do outro processos em vários tribunais. Disputas legais à parte, continuemos com a narrativa.

Montero e Soldini querem representar Lionel. Estão convencidos de que o menino pode ter um futuro brilhante em qualquer grande time da Itália ou da Espanha, da Inter ao Milan, do Real Madrid ao Barcelona. Asseguram ter contatos e amizades de peso. A família Messi não cede perante meros cantos de sereia. Enquanto o pequeno não conseguir fazer um teste na Europa, ninguém cuidará de seus negócios.

Não parecia algo impossível, existia o precedente de Leandro Depetris, o menino que fora para a Europa se formar nas categorias de base do Milan. A única coisa que precisariam verificar era se as amizades e os contatos eram uma invenção. Não eram: Montero e

Soldini ligam em agosto de 2000 para Barcelona, falam com um sócio deles, Horacio Gaggioli. Gaggioli, um rosariense residente na Ciudad Condal^[2] desde os anos 70, trabalha com Josep Maria Minguella, agente de jogadores de futebol, sócio número 2.292 do Barça, assessor de contratações do presidente da época, Joan Gaspart, e futuro candidato nas eleições que acabaram levando Joan Laporta à presidência do clube.

“Vi um vídeo caseiro do menino. Horacio, Martín e Fabián me garantiram que valia a pena se interessar por ele, então falei com o Barça e liguei para Charly [Rexach], que é muito meu amigo”, lembra hoje Minguella.

“Ele me falou de um menino muito bom... Algo parecido com Maradona. Acreditava se tratar de um garoto de dezoito ou dezenove anos; quando me falaram a idade fiquei surpreso”, acrescenta Carles Rexach, naquela época treinador do FC Barcelona. “Tinha que ser um superfenômeno para ficarmos interessados. Não era a política do clube apostar em crianças fora da Catalunha, imagine alguém completamente alheio à Comunidade Europeia. Me garantiram que não havia outro igual. Eu viajava bastante pela América do Sul, porém, decidimos trazê-lo para Barcelona para que treinasse durante algumas semanas. Assim, teríamos a possibilidade de que os técnicos das categorias de base o vissem com toda tranquilidade. Era a melhor solução, melhor que viesse para a Espanha com a família quando pudesse do que nós programarmos uma viagem para a Argentina. Podia surgir qualquer problema, que o menino ficasse doente ou que naquela semana não pudesse jogar... O nosso deslocamento teria sido inútil.”

Assim, em um domingo, 17 de setembro de 2000, Lionel chega à capital da Catalunha acompanhado pelo pai e Fabián Soldini. No aeroporto El Prat, espera Horacio Gaggioli, que os leva ao Hotel Plaza, na Plaza de Espanha, aos pés do Montjuïc, onde anos depois, no Estádio Olímpico, Leo vai estreiar na equipe principal. Das janelas do hotel se descortina a cidade: se as coisas forem bem, se no Barça existir lugar para ele, ela será seu novo lar. Haverá uma casa, dinheiro, um trabalho para o pai e, talvez, até um time para o irmão mais velho, Rodrigo.

Parece estranho que uma família inteira confie na sorte de um menino de treze anos. Celia e Jorge já antes de se casar pensavam em migrar. Para a Austrália. Queriam uma nova vida num novo mundo. Não estavam mal, porém, sabiam que não podiam chegar muito mais longe. A vida deles, na Argentina, não podia mudar para melhor. Procuravam uma nova oportunidade para seus filhos, e Leo em Barcelona poderia ter seu tratamento médico e jogar crescendo num grande clube, como merecia seu talento. No entanto, não foi uma decisão fácil. Os Messi questionaram-se muitas vezes se estavam fazendo a escolha certa ou se estavam errando. Antes de partir, reuniram a família ao redor da mesa e perguntaram a cada um o que queria fazer, deixando muito claro que, se um só decidisse não ir, ficariam todos em Rosário.

O teste está previsto para a segunda-feira, 18 de setembro, à tarde. Lionel fica com a boca aberta admirando as instalações esportivas. Pede para tirarem uma foto atrás de uma porta do Miniestadi, igual a tantos turistas que hoje visitam diariamente o Camp Nou. Depois, entra nos vestiários para se trocar e se une às formações de base nos campos dois e três. Durante uma semana treina e joga uma partida com as crianças de sua idade. Jorge, como costumava fazer nos campos de Rosário, observa em silêncio das arquibancadas. E Leo, para não desapontar o pai, marca cinco gols, e mais um que é anulado, numa única partida. O papai tinha prometido comprar um abrigo se ele conseguisse chegar aos seis. No final, teve que cumprir a promessa.

O garoto argentino, comentam todos os técnicos que o veem, joga muito. Porém, a decisão sobre seu futuro deve ser tomada por Rexach. No entanto, Charly está em outro canto do mundo. Em Sidney, Austrália, onde estão acontecendo os Jogos Olímpicos. Foi como observador, para acompanhar o torneio de futebol que vai ter uma final entre Espanha e Camarões, com os africanos ganhando nos pênaltis. Assim, pois, a estadia de Leo em Barcelona se prolonga até sua volta, prevista para o dia 2 de outubro. A questão está no ar e deve-se resolvê-la o quanto antes, então na terça-feira, 3 de outubro, às cinco da tarde, organiza-se no campo três do

Miniestadi uma partida entre juniores e juvenis do primeiro ano. Charly quer ver como ele se vira com garotos maiores.

“Vinha de um almoço e cheguei cinco minutos atrasado ao campo. Os dois times já estavam jogando”, conta Rexach. “Eu tinha que fazer um ‘u’ para chegar ao banco onde ficavam os técnicos. Demorei sete ou oito minutos para completar o percurso. Quando sentei no banco já tinha tomado a decisão. Falei para Quimet Rifé e Migueli: ‘Precisamos garanti-lo. Agora.’ O que vi? Um menino muito pequeno porém diferenciado, com uma desenvoltura incrível, hábil, rápido, muito técnico, que levava a bola a toda velocidade, capaz de driblar quem estivesse pela frente. Não era difícil perceber as qualidades que agora todos conhecemos, são mais notórias aos treze anos. Há jogadores que precisam de um time para mostrar seu melhor, ele não. Para quem me diz que fui o descobridor de Messi eu sempre respondo: se tivesse passado um marciano por lá, teria percebido que ele era muito especial.”

Está feito, o chefe deu o aval. Dois dias depois, Leo e seu pai estão num voo direto para Buenos Aires. Voltam para casa contentes. Charly Rexach, por meio de uma terceira pessoa (ainda hoje, Jorge não conhece Charly pessoalmente, embora concorde que seu filho só joga hoje no Barça graças à teimosia do técnico), prometeu que em breve voltaria a ligar para que viessem à Ciudad Condal formalizar um contrato.

A aventura no outro lado do mundo deu certo. No entanto, as coisas não são tão fáceis. Restam ainda muitas dificuldades a superar. Hoje, Rexach, o *Noi de Pedralbes* [em catalão no original: garoto de Pedralbes, um dos bairros mais chiques de Barcelona], uma das figuras emblemáticas do Barcelona, lembra-se perfeitamente dos obstáculos sentado diante de um café no bar do Hotel Princesa Sofía, a dois passos do Camp Nou.

“1: Ele era estrangeiro e as leis não permitem que um menino estrangeiro jogue em nenhuma categoria de base nacional. Um obstáculo considerável. 2: Ainda era um menino. Podia não chegar a ser um jogador do Barcelona em função da mentalidade, de uma lesão, ou da maturidade. O que faria? Começaria a chorar ao perceber que estava sozinho em Barcelona. 3: O que fazem os

pais? É preciso procurar emprego para eles se mudarem para a Espanha. 4: O menino tem um problema de crescimento, precisa de tratamento.” Rexach explica que considerou os prós e os contras e se convenceu de que, de qualquer forma, tinha que se arriscar “e garanti-lo, porque é muito bom”. No entanto, nem todos no clube estão tão certos e, quando chega o momento de tomar a decisão, surgem as dúvidas. Há quem ache que é pequeno e mirrado demais, quem afirme que se trata de um jogador de pebolim. Objeções às quais Charly responde pontualmente: “Traga todos os jogadores de pebolim que quero todos no meu time”. Até o presidente, Joan Gaspart, pediu explicações sobre o assunto, perguntando se valia a pena se responsabilizar pela família de um menino de apenas treze anos. E ele respondeu que sim, que era necessário arriscar. Enquanto isso, o tempo passa, outubro e novembro sem saber da tão esperada decisão. No dia 14 de dezembro, Minguella liga para Rexach. Encontram-se no restaurante da Real Sociedad de Tennis Pompeya, em Montjuïc. À mesa também está Horacio Gaggioli, que na época representava a família Messi. Ele é quem mais insiste: “Charly, até aqui chegamos. Ou se arrisca ou o menino vai para outro lugar...”, lembra Gaggioli, que acrescenta: “Não era um blefe... Já tínhamos começado a conversar com o Real Madrid”.

“Não acreditavam nem em mim, nem no Barcelona. Pediam um termo de compromisso por escrito ou davam por encerradas todas as negociações. Eu tinha certeza”, diz Rexach, “de que aquele menino não podia escapar, peguei um guardanapo de papel e escrevi algo do tipo que a entidade se comprometia a fechar com Leo Messi caso fossem cumpridas as condições acordadas. Assinei e entreguei.”

Um guardanapo de papel também assinado por Minguella e Gaggioli (uma relíquia ainda conservada com esmero), uma palavra de honra que, no entanto, não é suficiente. Antes de fazer as malas e embarcar para Barcelona, os Messi querem algumas garantias. Começando pelo valor da viagem e seguindo com casa e um trabalho para Jorge, que para acompanhar seu filho e toda a família deverá deixar seu emprego na Acindar. Charly Rexach trabalha duro

para resolver os problemas, no entanto, não é fácil: “No começo não se podia falar de um contrato. Era um menino que ia jogar no infantil, porém, era um registro que tínhamos que fazer e foi feito”.

No dia 8 de janeiro de 2001, em outro restaurante de Barcelona, o Via Veneto, chega-se a um acordo final. Joan Lacueva, ex-funcionário do Espanyol e na época diretor geral adjunto responsável pelo futebol de base, reúne-se com Rifé, coordenador das divisões de base e partidário de que, olhando para o futuro, o clube faça um esforço por Messi. E pede um relatório a Rexach que, animado, escreve simplesmente que Messi é *acollonant* [incrível]. Assim, duas cartas foram redigidas a Jorge Messi: uma de Charly, que confirma os acordos esportivos firmados com a família em Barcelona, e outra de Lacueva sobre os acordos financeiros. Nela, os detalhes do aluguel da casa, da escola e dos 7 milhões de pesetas que receberia o pai do jogador como remuneração por um cargo na categoria de base, uma forma como qualquer outra de pagar um salário ao menino que, de outro modo, só teria conseguido optar por uma bolsa de estudos.

Um documento que basta para convencer os Messi a fazer as malas. No dia 15 de fevereiro de 2001, em pleno verão argentino, inverno rigoroso em Barcelona, a família inteira desembarca no aeroporto catalão.

[1] Enquanto na Espanha o verbo “coger” significa “pegar”, “recolher”, na Argentina significa “ter relações sexuais”. (N.E.)

[2] Como também é conhecida a cidade de Barcelona. (N.E.)

Chicotada

*Conversa com Fernando “Chiche” Niembro,
comentarista da Fox TV*

– **F**alemos de Messi e de sua partida à Espanha.

– Não passou nem pisou em Buenos Aires. Ezeiza, o aeroporto internacional, de onde saiu para a Europa, não está na cidade. Foi embora como um menino com dificuldades de crescimento e, em Barcelona, estourou. Nós não tínhamos referências dele. Os espanhóis o surrupiaram de nós e depois ficamos sabendo de que lá tinha um menino canhoto que chutava muito bem. Aconteceu o que agora acontece com ainda mais frequência. Os grandes clubes europeus recrutam na América do Sul jogadores muito novos. Para comprá-los, não precisam ter jogado na Primeira Divisão ou sido campeões. Tiram das favelas do Brasil de helicóptero para levá-los às escolas de futebol. É um êxodo de jovens talentos que prejudica os nossos campeonatos.

– *Como avalia Messi agora?*

– Messi, por enquanto, é uma chicotada.

– *O que quer dizer?*

– Que é um jogador que desequilibra, que pode surpreender num jogo ou em uma única ação. Existem bons jogadores que em noventa minutos não conseguem fazer isso; ele, com apenas um drible, apenas um jogo de corpo, é capaz de entusiasmar o público e a crítica. No entanto, nós, argentinos, estamos mal-acostumados. Já tivemos grandes jogadores, completos, coordenados, que colocam seu talento a serviço do time; isto o Messi ainda precisa aprender.

– *O que ele precisa aprender?*

– Ele deve compreender que é parte de um todo, que precisa se desprender da bola, soltá-la mais rapidamente, dar o último passe e não ir sozinho contra todo o time. Porque às vezes dá a impressão de que ele quer a bola só para ele e não quer compartilhar. Tem tempo para aprender e precisa de um bom orientador e grandes companheiros.

– *Há outras coisas que ele deve aprender?*

– Deve desconfiar do marketing.

– *Em que sentido?*

– Não deve pensar nunca: se eu não fizer uma jogada genial, não vou vender relógios, refrigerantes, o que seja.

– *Mudando de assunto... Messi ou Maradona?*

– A comparação é inevitável porque Maradona ou Pelé são paradigmas do futebol, porém, é injusta. Será possível fazê-la no final da carreira de Messi. E não será nunca correta.

– *Por quê?*

– Porque um jogador de hoje tem mais dificuldades do que há vinte anos. O futebol é mais físico, mais rápido, há mais partidas e mais informações. Sabe-se tudo de todos, é difícil que haja surpresas e exceções. É um mundo mais complicado.

– *Sim, no entanto, há algumas semelhanças entre eles, não acha?*

– É claro. Eles compartilham algumas características, como a velocidade ou o drible curto, porém, o de Messi é unidirecional, enquanto Maradona não se sabia se era canhoto ou destro.

– *Messi superará Maradona?*

– Tomara que ele seja melhor do que Maradona. Seria bom para o futebol argentino, mas antes Messi precisa ser campeão do mundo.

– *Sigamos com o futuro, como será o de Messi?*

– Não se pode prever porque o mundo do futebol tem uma dinâmica acelerada. Anda em uma velocidade incrível. Tudo muda com rapidez e evolui freneticamente. Deixando para trás celebridades e times.

Licença provisória

6 de março de 2001

Na foto colada no primeiro crachá de jogador do Barcelona é possível vê-lo com uma cara gorducha, a franjinha de lado. E sorrindo. Um sorriso que não demora a desaparecer, porque as coisas para Leo, nos seus primeiros meses da nova vida em terras catalãs, não vão muito bem. É verdade que poucas semanas depois da sua chegada, no dia 6 de março, a Federação Catalã concede uma licença provisória e no dia seguinte ele consegue estreiar no campo do Amposta com a camiseta *blaugrana* [azul-grená] e o número 9 nas costas. Até marca um gol, no entanto... ele é um estrangeiro e não pode jogar em nenhuma competição nacional, por isso não pode ir ao Infantil A, que seria a sua categoria, deve se conformar com o Infantil B, que disputa a Liga territorial da Federação Catalã. Além disso, em março, os times já estão montados e treinados e, embora ele seja bom, é difícil, além de injusto, sacrificar um dos meninos que vem jogando desde o começo da temporada para deixar um lugar para Leo.

E tem outra coisa: o Newell's não está disposto a conceder a transferência necessária para que o Barcelona possa inscrevê-lo na Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF).

E isso não é tudo, há algo pior. No dia 21 de abril, um defensor do Tortosa bate nele com força: fratura do perônio esquerdo sem deslocamento. Para Leo, é a primeira lesão de sua carreira. A tala, depois o gesso, finalmente a reabilitação: não poderá jogar até dia 6 de junho.

Uma semana depois, recomeça. Outra lesão, desta vez descendo as escadas: distensão dos ligamentos do tornozelo esquerdo. Por sorte, esta é mais leve. Três semanas de molho.

No departamento médico, a única boa notícia vem das análises, dos testes, dos raios X e dos exames dos endocrinologistas e médicos do clube. Após estudar detalhadamente seu histórico e seus problemas de crescimento, decidem que é possível retirar aos poucos o tratamento com hormônio do crescimento. Um programa físico personalizado e uma alimentação controlada ajudarão o garoto a crescer com normalidade, embora ainda precise suportar injeções diárias por alguns anos.

De resto, a experiência no Barça começou decididamente com o pé esquerdo. Tanto que, no final da temporada, entre uma coisa e outra, Leo, fora as partidas de treinamento, disputou somente dois jogos oficiais e um torneio amistoso. Se a tudo isso acrescentarmos outros problemas que ele e sua família tiveram que enfrentar, o quadro estará quase completo.

Vejamos: depois de permanecer no Hotel Rally, os Messi se mudam para um apartamento na Avenida Carlos III; até aí, tudo bem. Acaba sendo mais complicado se adaptar à nova escola, aos novos programas de estudo. Leo está inscrito no colégio público Joan XXIII, no bairro de Les Corts, perto do Camp Nou. Continua sendo um menino sem muita vontade de estudar (não acabará o 4o ano do ensino médio, entre outras razões, por causa das obrigações profissionais, cada vez maiores), mas não cria nenhum tipo de problema a seus professores. Formal, educado, sempre em silêncio no seu canto.

Se ele consegue fingir que supera a situação, María Sol, a caçula da família, pelo contrário, não consegue se acostumar à nova realidade.

Nas férias de verão da Espanha, eles voltam a se encontrar em Rosário e a família faz um balanço e reavalia as decisões tomadas. Jorge e Celia (que tiveram que voltar um pouco antes por causa de uma cirurgia que a irmã dela fez) decidem que María Sol ficará na Argentina. Perguntam a Leo o que quer fazer, voltar a Barcelona ou retomar sua vida em Rosário? O garoto não tem dúvidas. Deixa claro que quer triunfar no Barça, que não é preciso se preocupar com ele. Assim, somente cinco meses depois de sua

chegada, a família se vê obrigada a dividir-se. De um lado do oceano, Celia e María Sol; do outro, Jorge e os homens da casa.

Uma situação ainda mais difícil do que o previsto para Leo, na época com catorze anos, que regressa a Barcelona no dia 20 de agosto. As férias acabaram, voltam as aulas e os treinos. A transferência da Associação de Futebol da Argentina não chega, portanto ele só pode jogar torneios e amistosos. Não tem alternativa a não ser se esforçar ao máximo nos treinos e colocar toda a energia e empenho possíveis nas partidas amistosas que joga. Uma atitude que os treinadores e companheiros do Cadete B reconhecem.

Por sorte, os ventos começam a mudar no final do ano e no começo de 2002. Em dezembro, o pai assina um segundo contrato por Leo, que substitui o assinado em maio e arruma um pouco as coisas. Pelo menos do ponto de vista financeiro, já que a situação da família, devido a atrasos nos pagamentos e a problemas burocráticos, não é muito boa. No decorrer de poucos anos serão seis os contratos que vincularão Leo ao FC Barcelona, sendo testemunha do incrível progresso futebolístico do jogador, mas também das mudanças de prioridade e dos conflitos internos do clube. Sobram os exemplos, do diretor que fica chateado por não ter sido informado sobre as negociações e joga o acordo no lixo até o que não entende como um menino pode custar tanto dinheiro ao clube. Finalmente, em fevereiro, chega a decisão da Comissão do Estatuto do Jogador da FIFA, que autoriza a Real Federação Espanhola de Futebol a tramitar o registro de Leo. No dia 17 de fevereiro de 2002, quase um ano depois de sua chegada à Ciudad Condal, Leo pode ser incluído no campeonato. Joga contra o Esplugues de Llobregat no campo de Can Vidalet. Messi só entra no segundo tempo, mas participa com três pérolas na goleada (1 x 14). Pouco mais de um mês depois, no dia 29 de março, o primeiro título de Leo com o Barça. Trata-se da Liga, ganha com muita antecedência graças à vitória de 0 x 6 no El Prat. Os maus tempos acabaram e o sucesso continua: o torneio de Thaygen, na Suíça, e, sobretudo, o Troféu Maestrelli em Pisa, Itália, de 27 de abril a 7 de maio. O Cadete B derrota a Inter, o Chievo, o Brescia, empata com

a Juventus e, na final, impõe-se ao Parma. Leo é escolhido o melhor jogador do torneio e começa a falar...

“No começo achávamos que era mudo”, conta Cesc Fàbregas, hoje de novo seu companheiro de time, após sua passagem pelo Arsenal. “Depois, graças ao PlayStation e a esses dias na Itália, descobrimos que sabia falar.”

“Até então, chegava ao vestiário”, lembra Víctor Vázquez, outro dos titulares do Cadete B, “sentava num canto, trocava de roupa e ia embora sem dizer uma palavra. Na Itália começou a se soltar.” Sobretudo com Víctor, que começa a chamá-lo de anão. Leo, para se vingar, responde em gíria argentina. Impossível de entender. Tito Vilanova, naquela época seu treinador, hoje ajudante de Pep Guardiola, também concorda que, no Troféu Maestrelli, Messi teve a oportunidade de passar um tempo junto a seus companheiros, de se tornar conhecido e de vencer sua timidez. “Porque no campo não era nada tímido” diz Vilanova. “Quando jogava, eu via o Maradona quando tinha a mesma idade.”

Messi não só consegue os elogios do treinador, mas também o respeito e a simpatia dos colegas. A temporada 2001-2002, que para dizer a verdade não tinha começado muito bem, termina de forma magnífica, dentro e fora de casa. Afinal, as vitórias contra o Real e o Espanyol nos torneios de Villarreal e San Gabriel acabam de colocar a cereja no alto do bolo.

Temporada 2002-2003, Cadete A: 30 jogos da Liga (o único membro da equipe que disputa todos), 36 gols na sua conta (5 a mais que Victor, o atacante). Consegue 3 *hat tricks* [3 gols na mesma partida], uma vez chega a 4 gols num mesmo jogo e 2 títulos conquistados (Liga da Divisão de Honra, Copa Catalunya). E isso sem contar troféus como o Memorial Ladislao Kubala ou os dos triangulares de verão.

Com os números fica fácil fazer uma síntese e um balanço da campanha que Leo tinha começado com quinze anos recém-feitos. Com 1,62m e 55 quilos, é o menor do time (Gerard Piqué, o mais alto, mede 1,91m) e por poucos meses não é o mais jovem (Ramon Massó Vallmajó fazia aniversário em outubro); no entanto, é uma peça fundamental nessa equipe de talentos dirigida por Álex García.

O único encontro onde não pode brilhar é no Campeonato da Espanha. Nem ele nem Frank Songó'o, filho de Jacques, ex-goleiro camaronês do Metz e do Deportivo de La Coruña, podem disputar (embora tenham comemorado a vitória junto com os outros), porque a norma prevê que só podem jogar esta competição atletas nascidos na Espanha ou com cidadania espanhola. Uma questão que, anos depois, voltará a trazer problemas e importantes preocupações.

A máscara de Puyol

Conversa com Álex García

O encontro é na pista de gelo do Camp Nou. É o horário dos semiprofissionais. Do outro lado das janelas de vidro que separam a cafeteria da instalação esportiva, exercícios difíceis e uma que outra pancada realmente pouco elegante. É um desses treinos que Álex García conhece bem, mesmo que em campos muito diferentes. Aos 43 anos, conta com um passado como zagueiro (estreou no Barça no dia 5 de dezembro de 1990 na equipe mais famosa de todas, o Dream Team, dirigido por Johan Cruyff), como treinador das categorias de base do Barça (onde dirigiu Messi durante uma temporada inteira) e treinador do Dínamo Tbilisi.

– *Voltemos ao campeonato 2002-2003.*

– Era o meu segundo ano como treinador da equipe Cadete A. Tinha um grupo de crianças com talento. Tinha Cesc Fàbregas, Piqué, Víctor Vázquez e Leo...

– *Como era?*

– Muito receptivo, sempre atento a tudo, caladinho, tímido, reservado, com muita classe. Era um jogador diferente, quando recebia a bola era imparável, tinha um drible fulminante. Ficava bravo no campo se não recebesse os passes, se não conseguisse fazer o que queria, no entanto, nunca reclamava por uma decisão do juiz ou por uma falta.

– *E como convivia com o grupo?*

– Bem, o grupo cuidava muito dele, era defendido porque o consideravam o irmãozinho menor e porque apanhava muito. Piqué e Víctor ficavam sempre ao seu lado. Todos sabiam que era

importante para o time, que Leo podia resolver uma partida a qualquer momento.

– *E com você nunca teve problemas?*

– Não, de verdade. Eu sabia que estava longe de sua terra, da sua família, que aqui morava com o pai. Imaginava a saudade, às vezes eu perguntava, porém, ele parecia não estar preocupado com nada. Guardava as coisas para si. Leo, aos quinze anos, já sabia o que queria, era consciente de que no Barça tinha uma oportunidade, sabia o significado da palavra sacrifício, o dele e o da sua família, e não queria perder a oportunidade que tinha aparecido. Futebolisticamente, a única coisa que o incomodava, não falava nada, no entanto percebia-se pela expressão dele, era jogar fora de posição. Eu o colocava em todas as posições do campo para que desenvolvesse todas as suas aptidões. Era quase uma obrigação para o juvenil. Assim, coloquei Leo de ponta, às vezes de centroavante ou colado nas laterais direita ou esquerda. Porém, ele não gostava disso. Depois de alguns minutos aparecia por dentro, fazia o centro como segundo-atacante. Ninguém conseguia pará-lo.

– *O que se pode ensinar a um menino assim?*

– Eu acho que ele nos trouxe o estilo da rua, do campinho, como dizem na Argentina, o drible, o jogo de corpo. Nós tentamos dar a ele o estilo ofensivo do nosso futebol, do Barça, segurar muito mais a bola, tocar o máximo possível, sair com dois ou três toques, levar a bola para o centro do campo e depois, da zona de perigo em diante, que apareça o talento de cada jogador.

– *A lembrança mais forte daquele ano...*

– Há muitas imagens de Leo que surgem na minha cabeça, no entanto, sem dúvida a história mais incrível é a da máscara.

– *Podemos escutá-la?*

– Era a última partida da Liga: Barça x Espanyol no Miniestadi. Um empate era suficiente para sermos campeões. Estávamos ganhando de 1 a 0 quando Leo, num pulo, se chocou com um defensor. Perdeu momentaneamente os sentidos e foi levado de

ambulância ao hospital. Foi diagnosticado com uma fratura na maçã do rosto. Duas semanas de repouso. Não podia jogar a Copa Catalunya que seria disputada justo duas semanas depois. A notícia deixou o time inteiro triste, eles acabavam de ganhar de 3 a 1 do Espanyol e de gritar “é campeão”. Bem... passa a primeira semana e, na segunda, os médicos do Barcelona dizem que Leo pode treinar se utilizar uma proteção. Dois meses antes, Carles Puyol, da equipe principal, tinha sofrido uma lesão parecida e preferira não passar pela sala de cirurgia e usar uma proteção no rosto. Fomos procurar a proteção para ver se o Messi podia utilizá-la. Os médicos autorizaram e permitiram que ele jogasse a final de 4 de maio com a proteção colocada no rosto.

– *E o que aconteceu na final?*

– Começa o jogo e depois de duas jogadas vejo que Leo levanta um pouco a máscara. Não estava conseguindo, não via. Aos dois minutos se aproxima do banco e grita: “Técnico, a máscara”, e joga ela para mim. “Leo, se não usar, eu vou ter que tirar você de campo”, digo, “posso me prejudicar e você...” “Não, professor, por favor, deixe eu ficar só mais um pouquinho”, diz. Em cinco minutos pega duas bolas e faz dois gols. No primeiro, começa no meio do campo e dribla o goleiro; no segundo, um cruzamento de Frank Songo’o que define estupendamente. No final da primeira etapa ganhávamos de 3 a 0 e eu disse: “O que você tinha que fazer pelo time, já fez, pode ficar no banco”.

– *Linda história mas, fale a verdade, imaginava que Leo chegaria tão longe?*

– Tão cedo, não. Estava convencido de que Messi tinha muito talento, que chegaria à equipe principal, porém, uma explosão assim, não. Foi tudo muito rápido. Por isso acho que, se não sofrer lesões graves, Leo marcará uma época.

Estreia

16 de novembro de 2003

Bonito, o Estádio do Dragão. O azul contrastando com o verde da grama, uma estrutura aberta que oferece a visão iluminada da cidade do Porto. A cobertura branca fecha o espaço e oferece a perspectiva do campo. Para 52 mil espectadores, obra de Manuel Salgado, foi construído para substituir o velho Das Antas e para abrigar a Eurocopa de 2004. Aqui se jogou a partida inaugural entre as seleções de Portugal e da Grécia. É o palco em que o FC Porto habitualmente joga, um lugar lindo e bem iluminado para a estreia com a equipe principal. Sobretudo se a data estabelecida for o domingo, 16 de novembro de 2003, o dia da inauguração do estádio. O público veio, curioso, ver o novo monumento futebolístico da cidade e sentir ao vivo sua magia, tentar adivinhar se vai trazer sorte às cores da casa e permanecer meia hora com o nariz apontado para o céu a fim de admirar como os fogos de artifício deixam tudo dourado.

Desta vez, a partida talvez seja o menos importante. Pouco futebol, poucas emoções, um encontro decididamente chato que, seguindo o roteiro e para a alegria do público, acaba com a vitória do Porto (2 a 0).

Aos 74 minutos entra Lionel Messi. É a terceira mudança do Barcelona, convidado a atuar de coadjuvante nesta festa portuguesa. Um Barcelona que se viu obrigado a recorrer a jogadores das categorias de base para conseguir reunir um time. Os titulares estão atuando por suas respectivas seleções, nos jogos da fase classificatória da Eurocopa ou em vários amistosos. De modo que foram convocados para a viagem a Portugal as jovens promessas: Jorquera, Óscar López, Oleguer, Márquez, Fernando

Navarro, Xavi, Ros, Santamaría, Gabri, Luis García, Luis Enrique, Expósito, Thiago, Jordi, Oriol Riera e Messi, que, no dia anterior, com o Juvenil A, fizera três gols no Granollers.

Leo entra para substituir Navarro; na camiseta, leva o número 14. Tem muita vontade de demonstrar o quanto vale. Tanta que, nos quinze minutos que permanece em campo, aparece: cria duas situações de gol. No final da partida, Frank Rijkaard comenta: “É um menino com muito talento e um futuro promissor”.

Leo tem 16 anos, 4 meses e 23 dias. Na história do FC Barcelona, só dois jogadores vestiram a camiseta do time principal mais jovens: Paulino Alcántara – que em 25 de fevereiro de 1912, com 15 anos, 4 meses e 18 dias, estreou contra o Català – e Haruna Babangida – o nigeriano que Louis Van Gaal levou em 1998 ao *stage* de pré-temporada na Holanda, fazendo-o jogar alguns minutos contra o AGOVV, aos 15 anos, 9 meses e 18 dias. Sem dúvida um bom sinal para o menino que tinha chegado da Argentina dois anos e meio antes.

De todo modo, a noite mágica no Porto é, por enquanto, um fato isolado, uma exceção. Messi deverá esperar ainda pela turnê asiática na Coreia do Sul, Japão e China, em julho de 2004, antes de voltar a vestir a camiseta da equipe principal.

Enquanto isso, no Futebol Clube Barcelona, mudaram muitas coisas. No dia 15 de junho de 2003, Joan Laporta ganha as eleições e se torna o novo presidente. Chega Frank Rijkaard para ocupar o banco do clube e, em 21 de julho, Ronaldinho é apresentado no Camp Nou, diante de 30 mil pessoas, como o novo messias.

Depois de um *annus horribilis* como foi a temporada 2002-2003 (eliminados nas quartas da Champions pela Juventus; eliminados da Copa do Rei pelo Novelda, da Segunda Divisão B; sextos na Liga Espanhola, a 22 pontos do Real, campeão; dois treinadores no banco, Van Gaal e Radomir Antic, e dois presidentes no comando, Joan Gaspart e, *ad interim*, Enric Reyna), os sócios esperam que as coisas melhorem, que se recupere o terreno perdido em relação aos históricos rivais. Querem uma mudança de rumo. E as mudanças chegam. Não só no time principal, mas também nas categorias de base. Rifé é destituído como responsável

pelo futebol de base e chega Josep Colomer que, por sua vez, escolhe Ángel Guillermo Hoyos como técnico do Juvenil B, faixa de 1987. Um argentino, um volante que jogou no Talleres de Córdoba, no Gimnasia y Esgrima de Mar Del Plata, no Boca Juniors, no Chacarita, no Everton (Chile), no Deportivo Tachira (Venezuela) e no Real Castilla. Entre Hoyos e Messi as coisas logo funcionam bem. Falam de futebol e, obviamente, da paixão de Leo pelo Newell's. Entendem-se depressa. A primeira impressão do novo treinador acontece em terras japonesas, onde o Juvenil B vai disputar, em agosto de 2003, o Campeonato Mundial Toyota International Youth Sub-17. “Ao chegar”, conta Hoyos, “fizemos um treino suave para tirar a viagem do corpo. Nada particularmente duro ou revelador. No entanto, depois dos primeiros cinco minutos eu estava alucinado. Óbvio, tinham me falado bem dele. Mas não achava que fosse tudo aquilo: Leo era fera.”

Uma ideia que se reforça no primeiro jogo contra o Feyenoord (Holanda) em Aichi. Nos primeiros quinze minutos, o Barça já perde por um gol. Leo pede a bola, dribla quatro defensores e o goleiro e dá o gol de presente a Songo'o. Hoyos não acredita no que seus olhos estão vendo: por um lado, surpreende-se pela generosidade do garoto, nada de individualismo como tantos outros meninos de sua idade – e não só de sua idade –, por outro, fica maravilhado com a classe.

No final, Leo é escolhido o melhor jogador do torneio. Um título que receberá novamente no XXIII Torneig de Futbol Formatiu Memorial Jaume Serra, em Sitges; na terceira edição do Memorial Salvador Rivas Miró, em Sant Vicenç de Montalt, e no Torneio dell'Amicizia, que se joga no final de agosto em San Giorgio della Richinvelda, na província de Pordenone, Itália. O Juvenil B derrota o Parma, uma seleção do Friuli –Venezia Giulia, a região anfitriã, o Hansa Rostock, o Eintrach Frankfurt, o Treviso e, na final, a Juventus por 4 a 0. São 35 gols no total para a formação catalã, porém, Leo não se perdoa por ter errado um pênalti. Embora na final se vingue acertando outro, o erro continua ali. Num primeiro momento, Hoyos tenta consolá-lo dizendo que aquele goleiro poderá contar a seus filhos e seus netos que um dia defendeu um

pênalti do melhor jogador do mundo; depois obriga-o a treinar diariamente cobrança de pênaltis, explicando que ao longo da temporada deverá cobrar uns cinco ou seis, e pode ser que algum deles seja decisivo. Talvez esteja em jogo o campeonato ou um torneio importante. Palavras que Leo lembrará quando, graças aos dois pênaltis convertidos, a Argentina faturar o Mundial sub-20.

No entanto, a dupla vencedora formada por Hoyos e Messi (uma só derrota, para o Real Madrid, no Memorial José Luis Ruiz Casado Sant) dura pouco. Só a pré-temporada. Os técnicos da categoria de base não têm dúvidas: essa categoria é pequena para Leo. Decidem subi-lo, junto com Gerard Piqué, ao Juvenil A.

Aqui começa a incrível ascensão do garoto que, numa só temporada, passa da B à A, do Barça C na Terceira Divisão, ao Barça B na Segunda Divisão B, sem esquecer a fugaz aparição com a equipe principal e suas reaparições nas categorias de base para dar uma mão a seus ex-companheiros. Vejamos em detalhe o rendimento e os momentos estelares que teve em cada um dos três times.

Juvenil A: chega na terceira rodada da Liga. Fica até o Natal, embora durante algumas semanas jogue ao mesmo tempo no Barça C, volta no fim de maio para a Copa do Rei. Disputa onze jogos do campeonato e marca dezoito gols, um deles, incrível de verdade. Acontece no torneio de Nerja, na final contra o Betis. Messi se encontra no centro do campo, vê que o goleiro se adiantou até o limite da área, decididamente longe, chuta com força, o disparo descreve uma parábola perfeita: gol e vitória.

Barça C: no final de novembro de 2003, as coisas vão mal para o time, nove pontos em catorze partidas. Chegam os reforços: Messi e Alfi do Juvenil A. Estreia com vitória no dia 29 de novembro contra o Europa. Os dois se entendem muito bem. No entanto, para ver o melhor deles é preciso esperar até 4 de janeiro de 2004. Jogam em Santa Coloma contra o Gramenet. Os *blaugranas* perdem por 2 a 1. Aos 87 minutos chega a vez de Leo. Cabeçada e perna esquerda, pim pam pum, dois gols num abrir e fechar de olhos (aos quais há que somar o gol do empate) e a Pulga dá a vitória ao seu time. Cinco gols em dez partidas, uma ajuda

determinante para tirar o time da zona de rebaixamento. Leo passa para a próxima: bom demais também para a Terceira, melhor testá-lo numa categoria superior, embora só tenha 16 anos.

Barça B: em 16 de março, primeiro jogo em casa contra o Mataró. Pere Gratacós, o treinador, admite que foi estabelecido para ele uma preparação específica: tinha que se enfrentar com meninos maiores do que ele, mais altos, mais fortes e com mais experiência. Mesmo assim, o técnico confessa sua surpresa pela facilidade com que o garoto mudava de time, de companheiros, de treinador, de esquemas, rendendo sempre o máximo. Joga cinco partidas: uma só vitória, a primeira, porém, Gratacós diz que foi se enturmando e acabou mostrando o que sabia fazer, adaptou-se à categoria e no jogo contra o Girona foi o melhor em campo.

E ele ainda volta à casa inicial, como em um jogo de tabuleiro: o Juvenil B. “Outro teria ficado bravo, mas ele não” diz Juan Carlos Pérez Rojo, seu treinador no Juvenil. “Quando os garotos do Juvenil B precisaram dele, aceitou sem problema.”

Isso acontece nos três últimos jogos da Liga 2003-2004. Três times podem conseguir o título: Espanyol, Barça e Premià de Mar. Em 15 de abril, duelo decisivo contra o Espanyol. Se eles conseguirem se impor, ficarão a um passo do título; os *culés*, por outro lado, não podem cometer sequer um erro se quiserem manter suas chances até o fim. Bem: Leo tira da manga um jogo magistral e, quando os adversários, perdendo de 2 a 1 no marcador, estão criando mais perigo, buscando desesperadamente o empate, responde com uma jogada das suas: gol e ponto final.

Duas semanas depois, o time está festejando: conquistaram o título. Os 36 gols em jogos oficiais, e os mais de cinquenta contando os amistosos, constituem um butim considerável, ao qual é preciso acrescentar o primeiro contrato profissional. A negociação não é fácil, as diferenças entre a direção do clube e Jorge Messi, que trata pessoalmente do assunto, são muitas, no entanto, chegam a um acordo. O Barça sabe que se Leo decidir abandonar a Ciudad Condal terá muitas outras opções. O Arsenal já levou, no meio da confusão que se seguiu à demissão de Joan Gaspart, Cesc Fàbregas. Não querem que a história se repita.

Prata da casa

Conversa com Cristina Cubero, jornalista do Mundo Deportivo

– **O** que representa Leo Messi para o Barça?

– Para o Barcelona e para o mundo é a esperança de um jogador parecido com Maradona. Um jogador que pode entrar na história do futebol entre os maiores: Pelé, Maradona, Cruyff.

– *É um jogador que responde aos valores do clube?*

– Sim, decididamente. Eu acho que Leo é um exemplo do que quer dizer “mais do que um clube”. A forma como o incorporam: tem um problema de crescimento, no entanto, fazem um esforço por ele. Há algo mais do que futebol. Outro elemento: o Barça sempre privilegiou jogadores talentosos, técnicos, e ele é tudo isso. Mais: Messi é um menino que cresceu nas divisões de base do Barça, entre nós. É um de nós, um prata da casa. Cresceu com a cultura *blaugrana*. E isto é muito apreciado pelos barcelonistas. Não esqueçamos que aqui existe a tradição de ver jogar os times juvenis. Muitos conheciam Leo das categorias de base e sabem como é difícil chegar à equipe principal. Mais uma razão para gostar dele.

– *Quando conheceu Messi?*

– Eu o conheço desde que tinha dezesseis anos. Segui toda a sua carreira no Barça e com a seleção argentina. Ainda lembro da primeira vez que o entrevistei... Era um menino tímido, mas me surpreendeu quando dizia que não gostava de ver futebol... ele gostava mesmo era de jogar. Ou aquela vez na Hungria, quando passou a noite toda chorando depois de ser expulso do seu primeiro jogo com a azul e branca.

– *Como mudou nestes anos?*

– Futebolisticamente, acho que sua mente despertou depois do gol contra o Getafe e o Espanyol. Agora não é o clone de Maradona, agora ele é Leo Messi. Com aqueles gols colocou em prática tudo que tinha arquivado: o sublime de Diego, as imagens vistas mil vezes. Demonstrou o que tinha que demonstrar. Fim. Agora pode se inventar como personagem. Já não é o menino que chora ou bate no chão como fez na final da Champions de Paris, quando não pegou a medalha: amadureceu. Se fica bravo, ele fala, demonstra publicamente, como quando dedicou seus gols a Ronaldinho. E mudou muito a dimensão social que tem. Acho que se deu conta do que representa, do que gera ao seu redor. No entanto, é bom que a fama não tenha subido à cabeça. Ele se comporta como sempre, apesar de não ter privacidade. Um exemplo? Há alguns meses, em Rosário, uma criança o para no sinal. Quer uma foto. O normal seria que Leo abaixasse a janela e que a criança fizesse a foto com o celular. Mas não é assim. Leo estaciona o carro, desce e tira a foto.

– *Mudou seu papel no vestiário?*

– Não é um capitão, e sim um líder esportivo, futebolístico, e ninguém discute isso. Seus companheiros sabem muito bem o que podem esperar dele, e todos dão o valor que ele tem.

Uma fita

29 de junho de 2004

Conta Hugo Tocalli: “Trouxeram para mim uma fita de um menino que estava jogando no Barcelona. Gostei muito do que fazia, porém... nesses casos sempre fico com medo de que a fita seja de algum representante do jogador. Além disso, o menino era jovem... Então falo para mim mesmo, puxa... não. Vou esperar um pouquinho. Vou jogar na Finlândia com o sub-17 e quando voltar me informo sobre esse jogador. Todos falam muito bem dele. Vou ver o Grondona”, Julio, o presidente da Associação de Futebol da Argentina, AFA, “e fica combinado que vou convocar o menino, organizando dois jogos amistosos com Paraguai e Uruguai.”

O menino era Leo Messi, um desconhecido do outro lado do Atlântico. E a famosa fita de vídeo que tinha recebido Tocalli (na época responsável pelo setor juvenil da Federação Argentina) chegara por meio de Claudio Vivas, assistente de Marcelo “el Loco” Bielsa, naquela época técnico da seleção argentina. Vivas, ex-jogador e ex-técnico do Newell’s, sentira curiosidade por um rosariense, ex-leproso como ele, que tinha conhecido anos antes na Escola de Futebol Malvinas e que agora estava causando sensação na Europa. Então, decidiu submeter à avaliação do técnico as jogadas do seu conterrâneo.

A coisa funciona e, dito e feito, organizam dois amistosos para vê-lo em ação. A primeira solicitação ao Barcelona vinda da Federação Argentina chega com um nome errado (Leonel Mecci) no começo de maio e é amavelmente rejeitada. O menino tem um compromisso pela Copa do Rei. No final de junho, a cessão é possível. A AFA tem pressa. Há três anos Lionel mora na Espanha, joga nas categorias de base do Barça, existe o risco de perdê-lo e

vê-lo usar a camiseta da *Furia Roja*. Uma possibilidade não tão remota, já que Ginés Menéndez, técnico da sub-16, tinha oferecido a Leo justo um ano antes, durante a Copa da Espanha disputada em Albacete, a possibilidade de jogar pela seleção espanhola. Recebeu um “não, obrigado” como resposta. Leo, apesar de morar na Península Ibérica, sente-se profundamente argentino. No entanto, quem sabe, talvez insistindo, o menino possa mudar de ideia. Assim, é melhor se antecipar à Federação Espanhola.

“Chegou uma segunda-feira para treinar com a sub-20” lembra Tocalli. “Era um menino muito tímido, não conhecia ninguém e ninguém o conhecia.” Enquanto seus companheiros de time já são famosos no torneio local – entre eles Pablo Zabaleta, Óscar Ustari, Ezequiel Garay –, ele não. Fica num canto do vestiário, no estádio do Argentino Juniors, quase sem dizer uma palavra. Quando chega o momento de treinar e tocar a bola, sua atitude muda. Já não é tão tímido como parecia. O técnico gosta: valoriza sua habilidade, a velocidade, mas não se impressiona muito.

Em 29 de junho, o jogo contra o Paraguai. Leo não é titular pela idade, por respeito ao grupo e porque não querem pressioná-lo muito. Até que no segundo tempo, aos 50 minutos, quando os argentinos já ganham por 3 a 0, Tocalli se aproxima dele. Coloca a mão no ombro e diz: “Vá até o profe (o preparador físico), que você vai entrar”. Surpreso e emocionado, a Pulga entra em campo pela primeira vez com a camiseta azul e branca. E demonstra o que vale: deixa para trás os adversários e marca um gol.

“Ficou claro nas jogadas que fez” diz Tocalli. “Se no treino era bom, no campo foi outra coisa.” O amistoso acaba em 8 a 0 e o menino impressiona os técnicos de verdade. Nessa mesma noite, Tocalli recebe uma ligação de seu amigo José Pekerman, seu predecessor no banco dos juvenis. “Ele me perguntou de onde tinha tirado aquele menino. Tinha achado fantástico. ‘No próximo jogo com o Uruguai ele vai ser titular, não?’, perguntou.” Mas não. Contra o Uruguai, em Colônia (Uruguai), ele não joga desde o começo. No entanto, quando entra, volta a surpreender. Tanto que, no dia seguinte, domingo, 4 de julho, o *Olé*, jornal esportivo de Buenos

Aires, escreve: “O garoto, Messi, é coisa séria. Fez dois gols, participou no quarto e foi a figura no 4 a 1 contra o Uruguai”.

Definitivamente, no duplo teste a que fora submetido, Leo passou. E como! Por isso, Tocalli não tem dúvida em incluí-lo na lista de vinte jogadores que participarão, em janeiro do ano seguinte, do Sul-Americano, válido para a qualificação para o Mundial sub-20.

Uma curiosidade: Messi, junto com Mauro Andrés Zanotti, que joga na Ternana (Itália), é o único “estrangeiro”; é, além disso, o menorzinho do grupo. Nasceu em 1987, os outros têm entre dezoito e vinte anos e uma ampla experiência em todos os níveis do campeonato argentino.

E chega o Sul-Americano. É disputado na Colômbia, em Armênia, Manizales e Pereira, cidades da cordilheira central, na chamada zona cafeeira, longe da capital, Bogotá. Joga-se na altitude: de 1.650 metros de Armênia até 2.500 de Manizales. E a adaptação, para os argentinos, não é nada fácil.

Em 12 de janeiro de 2005, no estádio Centenário de Armênia, a estreia é contra a Venezuela. Como de costume, Messi não é titular, começa no banco. Entra aos 15 minutos do segundo tempo no lugar de Ezequiel Lavezzi, hoje centroavante supertatuado do PSG. Resultado naquele momento: 1 a 0 para a azul e branca. Passados oito minutos chega o 2 a 0, marcado por Leo. O jogo termina com 3 a 0. A derrota da seleção venezuelana é inapelável, e a atuação do rosariense, ótima. A história se repete em Manizales, no estádio Palogrande, desta vez contra a Bolívia. No começo da segunda etapa, o técnico coloca o número 18 no lugar de Barrientos, para tentar dar mais poder ofensivo ao time. “E, aos cinco minutos, Messi demonstrou toda sua categoria”, escreve o *Época*, jornal argentino. “Partiu do meio do campo e seus rivais não conseguiram pará-lo, até ele mesmo definir com um chute cruzado. Uma excelente jogada que, com certeza, é candidata a ser coroada como a melhor de todo o campeonato Sul-Americano sub-20. E, aos doze minutos, novamente Messi anotou o 3 a 0.”

Dois dias mais tarde é a vez do Peru, e Messi, pela primeira vez, começa como titular. Isso vai acontecer só em três partidas; de

resto, Hugo Tocalli o lançará sempre no segundo tempo. Por quê? “Foi uma decisão minha” justifica-se Tocalli. “O menino não tinha o ritmo de um jogo inteiro, estava acostumado a jogar nos juvenis do Barça, não tinha a intensidade com que se jogava no Sul-Americano... eram partidas muito exigentes. Além disso, os adversários eram de 85, ele, de 87; dois anos de diferença significa muito naquela idade. Então, para não cansá-lo e para não dar tanta responsabilidade, decidi utilizá-lo com cuidado.”

Uma solução que dá bons resultados. Vejamos o último jogo: em 6 de fevereiro, em Manizales, Argentina x Brasil. Messi substitui Neri Cardoso aos 65 minutos; dez minutos mais tarde, aproveita um cruzamento de Barrientos e, com um remate raso no fundo da rede, fecha a vitória de 2 a 1 e anota seu primeiro gol contra os eternos rivais. Balanço final: Argentina se classifica para o Mundial da Holanda em terceiro lugar, atrás da Colômbia e do Brasil. Com cinco gols, Messi foi o segundo na artilharia, atrás do colombiano Hugo Rodallega, com onze, um menino de dezenove anos que não poupa esforços nem no campo nem na hora de criar polêmicas: “Sem dúvida alguma, sou melhor do que Messi”, declara. “Porém, existe uma diferença muito grande entre nós dois: ele joga no Barcelona e eu no Quindío.” Leo responde com humildade: “Não tenho nada a dizer, trabalho para ajudar a seleção”. E, na seleção dos onze melhores do Sul-Americano, a FIFA o inclui, merecidamente. Sucessos que se somam à conquista definitiva do treinador.

“Adorei”, confessa Tocalli. “Gostei da mudança de ritmo de zero a cem do nada, seu drible para se livrar do rival, a extrema rapidez com a bola sempre colada no pé. Demonstrou que apesar de sua altura fazia muitos gols, tinha uma canhota muito boa e batia bem na bola.”

Para Hugo Tocalli, no entanto, o jogo contra o Brasil foi o último à frente do sub-20. Pekerman, nomeado treinador da seleção principal, quer tê-lo ao seu lado como assistente *full time* visando ao Mundial na Alemanha. Quem toma as rédeas do grupo que em junho vai jogar na Holanda é Francisco “Pancho” Ferraro. Durante os quatro meses anteriores ao encontro europeu, Pancho faz mudanças. Entra, por exemplo, Kun Agüero, na época no clube

Independiente, e Fernando Gago, do Boca Juniors; saem Boselli e Zanotti. Na última hora José Sousa, do Estudiantes de La Plata, desiste, pois teve uma fratura na mão esquerda. Dessa forma, Ferraro tem de renunciar a trabalhar com o grupo completo, como fizeram seus predecessores. Os compromissos de muitos de seus jogadores, titulares em seus respectivos times argentinos, não permite. Messi se torna uma figura-chave do time: acaba de ganhar a Liga com o Barcelona e muitos esperam que na Holanda alcance sua consagração definitiva. O certo é que a Argentina é uma das seleções favoritas do torneio. Quer o quinto título da categoria. Ganhou três das últimas quatro edições (Qatar 1995, Malásia 1997 e Argentina 2001), todas sob a direção de Pekerman, sem esquecer a vitória de 1979 no Japão, com Diego Maradona como grande protagonista.

Sábado, 11 de junho: em Enschede, no estádio do FC Twente, contra os Estados Unidos. Surpresa! Messi não é titular, começa no banco e a azul e branca perde por 1 a 0.

Uma arrancada ruim de campeonato, no entanto, Leo tranquiliza a todos: “Estou bem e acredito estar em condições de poder jogar noventa minutos, no entanto, preciso respeitar as decisões do treinador”. Acrescenta: “o time deve se recuperar porque há bons jogadores. Temos tudo para nos classificar”. Tem toda a razão e demonstra isso em 14 de junho contra o Egito. Desta vez é titular. Marca o primeiro gol que abre a defesa africana e, depois, Zabaleta se ocupa de dar números finais ao marcador. Terceira partida muito complicada contra a Alemanha: em jogo, passar às oitavas. Os alemães têm um ponto a mais do que os argentinos, um empate é suficiente para se classificarem. No entanto, Messi faz a diferença. Arranca do meio de campo, se livra de seus adversários e finalmente dá um passe preciso, Oberman deixa passar a bola e Neri Cardoso marca o 1 a 0 e garante a vitória.

O caminho para a final se apresenta cheio de obstáculos: o primeiro, a Colômbia, a seleção ganhadora do Sul-Americano. Messi sofre com a ausência de companheiros que deem uma mão na circulação da bola; no entanto, aos 12 minutos da etapa

complementar consegue o empate. A entrada de Gago, Pablo Vitti e Emiliano Armenteros dá outro ânimo ao time e, aos 93 minutos, Julio Barroso consegue evitar a prorrogação. Nas quartas de final a Espanha de Iñaki Sáez espera por eles. Uma final antecipada, escrevem todos, porque os espanhóis são os atuais campeões da Europa e porque no Mundial sub-20 anterior chegaram à final, perdendo o título para o Brasil. Por falar de duelos, há uma grande expectativa para ver Messi e Cesc frente a frente, dois meninos de dezoito anos (Leo faz aniversário justo um dia antes do jogo), amigos em Barcelona, rivais em campo.

“Tive uma boa relação com Messi desde o primeiro dia que nos conhecemos na Masía. Passei três anos impressionantes ao seu lado, fazendo gols e trocando passes. Houve uma temporada incrível junto com ele, era o máximo jogar ao seu lado”, lembra “Wonderkid”, como era chamado pelos torcedores do Arsenal.

“Sou muito amigo do Cesc, que conheci nas categorias de base do Barça. É um jogador completo, impressionante, com muitas qualidades ofensivas e defensivas”, responde Messi. E garante que ele e os seus colegas sentem um grande respeito pela *Furia Roja* de Cesc e Llorente. O jogo, de fato, é extremamente equilibrado: 1 a 1 até os 70 minutos. Então, a Espanha perde a concentração e Leo cresce: primeiro dá de bandeja a Gustavo Oberman o gol da vantagem e dois minutos mais tarde, depois de uma das suas jogadas com direito a chapéu no adversário, marca 3 a 1, placar final.

“A Argentina mereceu, esteve melhor do que nós”, admite Sáenz. Sobre Lionel, comenta: “É talentoso, toma boas decisões, vê o goleiro e sabe o que fazer”.

Nas semifinais, chega o grande clássico Argentina x Brasil, dois tetracampeões da categoria. Com todo o peso dos duelos anteriores, como por exemplo em Qatar 95, com os gols de Leonardo Biagini e Francisco Guerrero que deram a vitória. A Argentina joga com uma braçadeira preta em sinal de luto: depois de duas semanas em coma por causa de um acidente de trânsito, acaba de morrer Emiliano Molina, goleiro do Independiente e da sub-17. Depois de oito minutos, a azul e branca já domina o

marcador graças a um petardo de Messi de fora da área que entra bem no ângulo, vencendo o espetacular voo do goleiro da Canarinho. No segundo tempo, Renato empata; porém, no apagar das luzes, Pablo Zabaleta, de novo ele, depois de mais uma jogada de Leo, pega uma rebatida da defesa brasileira e acerta o gol. E chega a final: 2 de julho, às oito da noite, no Galgenwaard Stadium de Utrecht. O adversário: Nigéria, que derrotou na semifinal o Marrocos. No dia anterior, a televisão holandesa premia Messi com um tamanco dourado, o troféu como melhor jogador do torneio. “Estou muito contente e agradeço este prêmio”, diz. “A verdade é que estou muito surpreso por tudo que está acontecendo comigo aqui.” E as surpresas continuam na final. Aos 38 minutos, Messi controla a bola no lado esquerdo, corre quarenta metros em zigue-zague e entra na área. Dele Adeleye percebe que não vai conseguir tirar a bola de Messi e o derruba. O juiz Tereje Hauge não hesita: pênalti. Leo bate, sem correr, delicadamente, com a esquerda, à direita de Vanzekin que se joga exatamente para o outro lado: 1 a 0. Aos 52 minutos, Chinedu Ogbuke marca o gol do empate para a Nigéria. Aos 73 minutos: Agüero é derrubado por Manday James enquanto ia em direção ao gol. Leo volta a se plantar na marca penal, dispara com precisão à esquerda do goleiro. Gooool: 2 a 1. A Argentina ganha seu quinto título sub-20. Leo Messi é o grande protagonista.

“O que dizer dele? Vale a pena resumir com a imagem de ontem à noite”, escreve no dia seguinte o *Clarín*, “com os troféus de melhor jogador, de goleador do campeonato, a medalha de campeão no peito e a bandeira azul e branca nos ombros.”

A bola é seu brinquedo

Conversa com Francisco “Pancho” Ferraro

Ar de intelectual no banco, voz serena e tranquila, Pancho, como é conhecido por todos no mundo do futebol, tem, entre seleções juvenis e clubes tanto da América do Sul quanto da Europa (incluindo da Espanha, onde ocupou o banco do Real Valladolid, que decidiu abrir mão de seus serviços em abril de 2001), um currículo invejável. No entanto, algumas das suas lembranças mais lindas continuam sendo daqueles dias de junho e começo de julho de 2005, quando levou a sub-20 azul e branca a seu quinto título mundial.

– É verdade, aquela vitória é para mim um orgulho pessoal e profissional, pelo que fizeram os meninos, por jogadores como Messi, Agüero e Gago, que ficaram conhecidos em nível mundial.

– *Lembra da primeira vez que viu Messi jogar?*

– Lembro, foi no Sul-Americano, em janeiro de 2005, tive a sorte de ficar quase quarenta dias com o time. José Pekerman tinha me chamado para que cuidasse da sub-20 e Hugo [Tocalli, o técnico] quis que estivesse do seu lado na Colômbia para ver como iam as coisas.

– *Qual foi a sua primeira impressão?*

– A de um menino cordial, pequeno, tímido. Era o mais novo de todos. Vinha da Europa e ainda não estava integrado ao grupo, e não suportava fisicamente o ritmo dos noventa minutos. Por isso, conversando com Hugo, só o colocávamos no segundo tempo, quando fazia a diferença.

– *Na primeira partida do Mundial sub-20 na Holanda, contra os Estados Unidos, ele também não começou jogando...*

– Não se sentia muito bem, por isso começou no banco. Porém, a partir do segundo jogo, contra o Egito, foi titular absoluto. Tinha vindo mais bem preparado física e mentalmente de Barcelona. Tinha estreado no time principal, estava mais forte e sabia jogar em uma partida de alto nível. Jogava de ponta, não como armador; da intermediária em diante criava situações de risco a qualquer momento. A sua presença no time fazia a diferença.

– *E como era a convivência com o grupo?*

– Era feliz, e mais feliz ainda no campo com a bola. Dividia o quarto com Agüero e não nos incomodava. Pelo contrário, os dois estavam contentes e tinham uma boa relação. Eram muito atenciosos com os companheiros, com a comissão. Muito respeitosos. Ao grupo, eles trouxeram seriedade e disciplina, eram muito humildes. Realmente eram mais dois, dentro desse plantel que estava cheio de gente honesta, de meninos respeitosos e bons profissionais.

– *O senhor diz que Messi parecia feliz no campo com a bola...*

– Sim, repito, Leo adora jogar e a bola é seu brinquedo preferido, gosta muito da bola e a domina como ninguém. É impressionante vê-lo no campo com a bola amarrada a seu pé esquerdo, ele a conduz a uma velocidade que dá vertigem e consegue perceber tudo que acontece a seu redor, lê a jogada e a antecipa. Isso é muito difícil, só os grandes conseguem fazer.

– *Como Maradona?*

– Diego foi único. É verdade que há algum tempo costumam comparar os dois. Eu só posso dizer que os dois foram tocados pela varinha mágica. Mas Messi não precisa ser comparado com ninguém, é um jogador diferente, genial, que sempre pode criar uma surpresa em cada jogada e é disso que as pessoas gostam.

– *O que significou para Messi aquele Mundial sub-20?*

– Foi sua explosão como jogador. Foi a possibilidade de ser conhecido no mundo todo. Antes de ir para a Holanda, poucas pessoas, na Argentina, conheciam seu talento; quando voltou era um ídolo. Melhor jogador, goleador do campeonato, seus dois gols na final... Já era ídolo, o jogador que uma nação inteira esperava.

– *E uma nação inteira esperava que jogasse o Mundial de 2006 contra a Alemanha. Mas Messi ficou no banco. O senhor esteve no Mundial com os garotos que serviram de sparring à seleção, conhece muito bem José Pekerman de longa data, o que aconteceu naquela última partida?*

– A lesão do Pato [Abbondanzieri] nos tirou uma das substituições que podíamos fazer e depois, naquele momento, José deve ter visto outro jogo, outro jogador, outro desenho tático. Mas não tenho dúvidas de que Pekerman foi um dos grandes técnicos dos juvenis. Quem poderia dirigir melhor um garoto de dezoito anos como Messi?

– *Deixemos de lado as polêmicas e vamos falar da evolução depois daquele Mundial.*

– Acho que Messi continua crescendo e por enquanto não tem limites. Cresce com seu perfil discreto de sempre. Não gosta de aparecer nos jornais, não faz coisas por fazer, quer jogar com tranquilidade. Protege-se entre seus familiares queridos, pai, mãe e irmãos que, como fizeram no Mundial da Holanda, estão sempre apoiando e cuidando dele.

Um amigo

Conversa com Pablo Zabaleta

Dele, Celia, a mãe de Leo, diz: “É uma excelente pessoa”. E está contente que seu filho seja amigo do capitão da sub-20 que ganhou o Mundial, ontem volante do RCD Espanyol e hoje no Manchester City. Cresceu em Arrecife e antes de ir para a Europa foi se aprimorando no San Lorenzo. E, embora só tenha 28 anos, todos já o consideram um veterano, quer dizer, alguém em quem se pode confiar.

– *Quando conheceu Leo?*

– Na sub-20, que foi para todos nós uma grande experiência e uma grande felicidade, com a vitória no Mundial da Holanda. Ali nasceu uma relação de amizade muito bonita. A gente saía também com o Kun [Agüero] e com Óscar [Ustari]. Era um grupo fantástico aquele...

– *O que tinha de especial?*

– Havia um bom ambiente e muita vontade de ganhar...

– *Mas não foi fácil para Leo se integrar.*

– Não, não acho... o problema era que ele não era conhecido. Quando era muito jovem, tinha ido para a Espanha e seguido outra trajetória. Na Argentina, os jogadores, desde muito cedo, chegam à Primeira Divisão e isso faz com que amadureçam mais rápido, faz com que ganhem o ritmo certo. Leo vinha de Barcelona, mas não demorou muito para se adaptar e na Holanda ele decolou. Com sua maneira de jogar começou a enlouquecer o mundo.

– *E depois daquele Mundial vieram outros momentos marcantes.*

– Em Budapeste, eu dividi o quarto com ele no dia de sua estreia com a seleção principal, embora não tenha sido uma boa partida para Leo. Um momento feliz que compartilhamos foi o ouro olímpico em Pequim.

– *E agora que você vive em Manchester, como é a relação com Lionel?*

– Conversamos bastante por telefone e a gente se encontra nas convocações da seleção. Antes, quando eu morava em Barcelona, a gente saía para comer churrasco em um restaurante argentino. Do que mais gostamos? De um bom *bife de chorizo*. Outras vezes nos encontrávamos à tarde para tomar mate e falar de futebol. Discutíamos sobre a seleção, sobre o campeonato argentino e o que estava acontecendo na Espanha.

– *Como é o Messi na visão de um amigo?*

– É um rapaz comum. Um garoto que costuma ficar em casa e que gosta muito de sua família. Acho que é ainda melhor como pessoa do que como jogador.

– *E como jogador?*

– Como jogador é uma joia rara. Tem o dom celestial de tratar muito bem a bola. Fico impressionado com sua capacidade de dominar a bola com tanta velocidade. É incrível o que ele é capaz de fazer, como se livra dos adversários, como a bola sempre parece grudada no seu pé. É capaz, e já demonstrou isso muitas vezes, de levar o time nas costas, de resolver uma partida. E depois não sente a pressão. Incrível. Leo é parecido com Maradona, embora Diego tenha sido único e compará-los seja uma loucura. Como amigo, fico muito feliz por estar dando tudo certo para ele.

– *Então, o que quis dizer com “melhor como pessoa do que como jogador”?*

– Dizia pela humildade de Leo. Não mudou nada desde que o conheci. Não ficou desnorteado com a fama, não perdeu a cabeça com tantos elogios. Continua sendo um grande amigo.

Novela

3 de outubro de 2005

No dia 26 de agosto começa a Liga Espanhola 2005-2006. A edição número 75 tem Robinho como novo protagonista, a pérola negra que se espera que brilhe junto com outros dois brasileiros: Ronaldinho e Ronaldo “Fenômeno”. Uma Liga marcada, como sempre, pelo eterno duelo Real Madrid x Barcelona. O atual campeão joga a primeira partida fora de casa, no estádio de Mendizorroza contra o Alavés. Messi não está em campo, nem sequer no banco. Estranho, pois o jovem argentino foi, há apenas dois dias, o indiscutível protagonista do Troféu Joan Gamper.

A explicação chega por meio de um comunicado oficial.

“O FC Barcelona decidiu não relacionar o jogador Leo Messi para a partida contra o Alavés por prudência, atendendo à lacuna legal pendente a ser resolvida no âmbito da regulamentação federativa sobre jogadores não comunitários.”

O que aconteceu? No dia 8 de julho, a Real Federação Espanhola de Futebol modificou os artigos do regulamento geral que trata dos jogadores “assimilados”, quer dizer, os jogadores não comunitários com idades entre dezessete e dezenove anos crescidos nas categorias de base de um clube espanhol. A modificação deveria permitir escalar na Liga o jovem jogador de fora da Comunidade Europeia mesmo superando o limite permitido de três estrangeiros por clube. Messi reúne todas as características exigidas pelo regulamento; portanto, embora os três postos para extracomunitários já estejam ocupados por Ronaldinho, Eto’o e Márquez, deveria poder jogar. Mas a nova normativa, criticada por alguns clubes, que a consideram uma medida *ad hoc* para o Barcelona e para Leo, deve ser aceita pela Liga de Futebol

Profissional e ratificada pelo Conselho Superior de Esportes. Assim, “atendendo à situação provisória, o jurídico do FC Barcelona aconselha que o jogador não seja relacionado”.

Uma situação difícil de entender já que na temporada anterior de 2004-2005, sem licença profissional nem nacionalidade comunitária, mas com o histórico de juvenil com registro do Barcelona B da Segunda Divisão, Leo jogou na Champions contra o Shakhtar Donetsk, além de sete partidas da Liga. Estreara em um sábado, 16 de outubro de 2004, em Montjuïc, no clássico catalão contra o RCD Espanyol. Dez minutos depois de entrar em campo, substituindo Deco, recebe a primeira bola de Belletti: alguma movimentação interessante, mas nada excepcional que mereça ser lembrado. De todas as formas, para Leo esta é uma noite inesquecível, torna-se realidade seu sonho de infância, quando declarava no jornal *La Capital* que seu objetivo era “chegar à Primeira Divisão”. Embora naquela época pensasse que conseguiria isso no Newell’s, seu time de coração.

Depois da estreia, também chega o primeiro gol na Liga. É 1o de maio, o marcador do Camp Nou indica três minutos para o término do confronto, o Barça se impõe por 1 a 0 em cima do Albacete. Frank Rijkaard substitui Samuel Eto’o, abrindo uma posição incomum para Messi: atacante central. O rapazinho, dezessete anos e dez meses, aproveita um passe de Ronaldinho e, com um toque de cobertura, supera Valbuena, o goleiro adversário. Felicidade em estado puro. Leo não sabe mais o que fazer e acaba gritando sua alegria sentado sobre os ombros de seu amigo Ronaldinho. É o jogador mais jovem da história do clube a marcar em uma partida da Liga (um recorde que será quebrado por Bojan Krkic no dia 20 de outubro de 2007, marcando contra o Villarreal).

Assim, as coisas com a equipe principal vão bem. No entanto, depois desse 1o de maio, o argentino não volta a disputar nenhuma outra partida oficial, nem sequer depois que o Barça conseguiu assegurar seu 17o título da Liga.

No início da temporada 2005-2006 também não joga a Supercopa da Espanha contra o Betis. Na ida acaba no banco, na volta nem sequer é relacionado. Definitivamente, mesmo antes do

comunicado oficial do clube há algo que não funciona e a diretoria sabe disso. Messi é um caso aberto. Chovem críticas contra o clube. Por que não se mexeram antes? Por que não o naturalizaram, já que um argentino pode optar pela dupla nacionalidade (espanhola-argentina) depois de dois anos de residência na Espanha?

Frente à possibilidade de que o garoto não possa disputar a Liga, surge inclusive a hipótese de emprestá-lo a outro clube com um posto de extracomunitário vago. Hipótese descartada imediatamente. E são cada vez maiores os rumores sobre o possível interesse de outros clubes europeus, por exemplo, a Inter. Massimo Moratti, o presidente do clube milanês, nunca escondeu seu interesse pelo jogador e inclusive chegou a realizar uma atraente proposta financeira a Jorge Messi, que, com estas cartas na mão, tenta pressionar o Barcelona para que resolva a questão.

Enquanto isso, em 31 de agosto (data em que termina o prazo regulamentar para a inscrição do quadro de jogadores), o FC Barcelona renova a licença de Messi como juvenil “assimilado” na filial da equipe da Segunda Divisão B. E em 16 de setembro torna pública a assinatura de um contrato profissional com o jogador. Duração: nove anos, até 2014. Os valores, segundo algumas versões, chegam a 3 milhões por temporada, e a cláusula de rescisão, a 150 milhões de euros.

Na verdade, o anúncio do contrato já fora feito em junho. “Uma semana depois de fazer dezoito anos, Leo Messi recebeu seu melhor presente. O diretor técnico, Txiki Begiristain, viajou à localidade holandesa de Utrecht acompanhado do pai do jogador para assinar seu novo contrato que o vincula até 2010”, é o que se pode ler em 30 de junho no site do Barça, enquanto o rapaz está disputando o Mundial sub-20.

As interpretações sobre esta diferença de datas são diversas: alguns sustentam que em junho Messi, já maior de idade, simplesmente aceitou o novo acordo; outros aventam a possibilidade de que, afinal, o contrato é modificado em setembro porque algumas cláusulas sobre os benefícios não satisfazem o pai do jogador; há quem acredite que a duração do contrato foi modificada, dos cinco anos normais aos nove finais, e também há

quem considere que o acordo de setembro não é mais do que uma declaração de intenções para que, no ano seguinte, seja assinado um contrato profissional normal. O fato é que a questão do contrato acrescentará novo material à novela, que no dia 20 de setembro é marcada por outro capítulo. A comissão da Liga de Futebol Profissional (LFP) decide, por maioria esmagadora, que não: a norma que trata dos jogadores “assimilados” proposta pela Federação e pela Associação de Futebolistas Espanhóis não entrará em vigor. Os mais fiéis à linha encabeçada pela presidência *blaugrana* falam de um complô contra o Barça, tramado pelos poderosos do futebol espanhol. O certo é que Messi não pode jogar na Liga. Pode jogar, por outro lado, a Champions. Sem problema algum. A União das Federações Europeias de Futebol (UEFA), depois de ter examinado a documentação enviada pelo Barça, disse que sim. Reconhece sua condição de “assimilado”. Nada fora do comum: Leo já disputou a principal competição continental na temporada anterior. E na primeira partida da Champions, enfrentando o Werder Bremen, o adversário mais perigoso do grupo C, o argentino brilha. Entra no segundo tempo. Sofre um pênalti que Ronaldinho cobra e coloca ponto final nas esperanças alemãs. Uma ótima atuação, tanto que na partida seguinte no Camp Nou, contra a Udinese, todos os prognósticos o colocam como titular. Entretanto, no dia anterior, 26 de setembro, chega a notícia que parece colocar um fim à questão. Lionel Andrés Messi Cuccittini comparece à uma da tarde, apresenta-se a Fernando Alberti Vecino, juiz encarregado do registro civil e manifesta “que não renuncia à nacionalidade argentina, que jura/promete fidelidade ao rei e obediência à Constituição e leis espanholas; que opta pela nacionalidade civil catalã; que solicita ser inscrito como espanhol no registro civil”.

Em poucas palavras: Leo conseguiu a nacionalidade, já é membro da Comunidade Europeia. O Barça apresenta a documentação à Federação. A resposta é imediata e positiva: “De acordo com a normativa vigente, [a Federação] reconhece ao referido jogador a possibilidade de ser escalado por seu clube, atendendo à sua condição de espanhol para todos os efeitos”.

Em 1o de outubro, sexta rodada da Liga, contra o Zaragoza, Leo poderá entrar em campo sem nenhum problema. Naquele sábado, será o público do Camp Nou que o invocará como salvador da pátria: o Barça está perdendo por 2 a 0; Leo entra no segundo tempo, não faz milagres, embora, no apagar das luzes, o time de Rijkaard consiga empatar. Bem está o que bem acaba, mas neste caso não é exatamente assim.

Dois dias depois, segunda-feira, 3 de outubro, o Deportivo de La Coruña, próximo rival dos azul-grená, envia uma carta à LFP, com cópia para o Comitê de Competição da RFEF, na qual faz um “pedido de reparação”, solicitando uma investigação do processo de naturalização do jogador do Barcelona. “A naturalização do jogador”, escreve o Deportivo, “foi obtida (e portanto concedida) fora do período hábil, que terminou em 31 de agosto passado e que não voltará a abrir até o próximo mês de dezembro.” O motivo principal do pedido “é o restabelecimento do princípio de igualdade na competição, que foi supostamente violado, embora também seja certo que com o andamento das investigações deverá se confirmar, se for procedente, a infração de escalação indevida”. O Alavés, que já ameaçara desencadear uma tempestade, ainda vai além: solicita à Liga Profissional que proíba Messi de jogar. A licença do jogador é, do ponto de vista deles, nula “de pleno direito ao considerar que sua tramitação supôs uma fraude da lei”. Por quê? Porque “o Barcelona não poderia ter tramitado a licença profissional de Messi até 31 de agosto, data em que terminou o prazo para tanto, porque então era estrangeiro”, explica Javier Tebas, assessor jurídico do Alavés e também vice-presidente da LFP. “Agora o naturalizaram espanhol e obtiveram sua licença como juvenil com o objetivo de resguardar a data de 31 de agosto e poder contar com o jogador apesar de ter terminado o prazo de novas inscrições.”

Definitivamente, Leo não pode ser comunitário antes de janeiro. Além disso, “com o contrato que assinou, como Messi pode jogar com o juvenil e, ao mesmo tempo, com a equipe principal?”, pergunta-se Tebas.

Joan Laporta perde as estribeiras e declara: “Temos a base legal adequada. Não sei o que mais querem que façamos. Tentamos

pela via administrativa e agora que ele tem passaporte espanhol continuam criando problemas. Não sei o que está por trás deste interesse tão grande em prejudicar a carreira do jogador. Estão criando uma teia de aranha para evitar que Messi possa jogar no Barça.”

O presidente contra-ataca e inclusive faz referências históricas: “Não quero pensar que agora, em uma época na qual os direitos e liberdades democráticas existem, voltem a produzir fatos que já aconteceram, como o caso Di Stéfano”.

Algumas notas para refrescar a memória: Alfredo Di Stéfano, “a *Saeta Rubia*” [flecha loira], chegou à Espanha vindo da Argentina em 1953 para jogar no Barcelona. Mas a intervenção de altas personalidades do regime franquista acabou transformando o assunto em uma questão nacional e invalidando a contratação. Inclusive o Conselho de Ministros tratou disso estabelecendo que, por causa da importância do jogador, não devia ser patrimônio exclusivo dos catalães e se chegou à “salomônica” proposta de que o jogador disputaria uma temporada com o Barça e outra com o Real. Uma solução que o clube catalão rejeitou, para sorte da equipe branca, que ficou com o jogador.

Mas o passado não se repete, os fantasmas de Laporta não voltarão. O certo é que o caso Messi acaba nas páginas de todos os jornais esportivos do país e provoca um escândalo na Argentina. Em 18 de outubro é tomada a primeira decisão do Comitê de Competição da RFEF, que estabelece que “Messi, depois de sua naturalização, pode continuar sendo escalado como espanhol”. Seguem as impugnações do Alavés e do Deportivo, recursos e contrarrecursos, sentenças e discussões encarniçadas, mas, enquanto isso, Leo continua jogando. Tirando o encontro com o Deportivo, no qual Rijkaard decide não escalá-lo porque volta de uma partida com sua seleção e porque o clube galego tinha ameaçado impugnar o confronto se o argentino fosse titular, o número 19 azul-grená continua seu trabalho na Liga. A questão continuará nos tribunais até o ano seguinte, mas no campo não se sente muito o peso desta discussão. De modo que a Pulga estreia no Santiago Bernabéu em 19 de novembro. É seu primeiro clássico.

Menos de um mês depois, 14 de dezembro, recebe no Camp Nou o Golden Boy, prêmio que o jornal esportivo de Turim, *Tuttosport*, concede cada ano ao melhor jogador *under 21*. Graças aos méritos conquistados no Mundial sub-20 da Holanda, Messi atropela seus adversários: o inglês Wayne Rooney deve conformar-se com 127 pontos, frente aos 225 do argentino. Outro reconhecimento que chega no momento certo: faltam menos de seis meses para o Mundial da Alemanha e todos esses prêmios transformam a Pulga em um objeto cada vez mais desejado por pequenos e grandes patrocinadores.

Do McDonald's à Pepsi, da Repsol YPF aos iogurtes La Sereníssima, das batatas fritas Lays aos sapatos Storkman, dos eletrodomésticos Garbarino a Mastercard, são tantos os que apostam no rosariense que ele acaba dividindo o palco com Maradona. São enquadrados enquanto autografam uma televisão: "Olhem os que autografam: são os melhores".

Lionel atira para todo lado. "Bola de couro, 30 pesos, bolinha de tênis, 12 pesos, 1 quilo de laranjas, 3 pesos", anuncia uma propaganda da Mastercard enquanto mostra as imagens do rapaz se divertindo com a bola, a bolinha de tênis e com uma laranja, para concluir finalmente: "Descobrir uma esperança depois de Diego, não tem preço."

Joga com meninos desolados para a Bubbalo, dança com a bola em ritmo de tango para a Pepsi. E isso não é nada comparado com as últimas campanhas, como a do Messias, que ascende aos céus para A-Style, marca italiana de capacetes e moda esportiva, ou a da vovozinha torcedora para o *spot* da Air Europa no final de 2007.

Mas não vale a pena perder tempo descrevendo imagens, melhor dar uma volta pelo Youtube para descobrir como a publicidade usou a imagem e a habilidade de malabarista de Messi para vender de tudo.

Que, no final de 2005 e início de 2006, Leo já é um troféu muito cobiçado no mercado publicitário, é algo indiscutível. Isso é demonstrado na guerra desencadeada entre a Nike, o colosso

norte-americano de materiais esportivos, e a Adidas, a marca alemã das três listras.

Ar fresco

Conversa com Fernando Solanas, diretor de marketing esportivo, Adidas Ibéria

— **É** verdade que Nike e Adidas, as gigantes de material esportivo, terminaram nos tribunais por Messi?

— É verdade, mas deixe-me contar a história do início. Foi em 2003 que tive o primeiro contato com Jorge, o pai de Lionel e também seu representante. Naquela época, Messi tinha um contrato com a Nike só para material esportivo: em troca do uso da sua imagem, a empresa fornecia chuteiras, roupa etc. Jorge me disse que estavam contentes com a empresa norte-americana, já que tinham apostado em Lionel dois anos antes, quando só tinha catorze e jogava nos cadetes do FC Barcelona. Não estavam pensando em mudar. Mas eu não quis perder o contato e no ano seguinte (terminava o contrato de material com a Nike) conversei outra vez com ele mostrando que teria boas margens se negociasse com a gente.

— *Desculpe interromper. Messi, em 2003, tinha só dezesseis anos e uma multinacional como a Adidas tentava “roubá-lo” da concorrência...*

— Nosso trabalho é estar de olho nas estrelas do futuro. Por isso, confiamos em especialistas do setor. Eu joguei futebol. Adoro esse esporte, tenho um bom olho para jogadores, mas para decidir nossos investimentos confio só na opinião dos treinadores, assistentes, olheiros, em uma palavra: “de quem trabalha ao lado dos jovens”. E todos, há cinco anos, diziam que Messi era a joia das categorias de base do Barça. Sua explosão já era prevista... Não podia demorar.

– *Bem, continuemos com a história...*

– Depois que acaba o contrato com a Nike, Jorge decide não assinar com ninguém. Continua recebendo material esportivo da Nike porque eles patrocinam o Barcelona, mas sobre seu filho quer esperar. Vejo-o jogando no Mundial sub-20, ano 2005, com equipamento Nike. Messi já é um jogador de primeira linha no Barcelona e na Holanda sua atuação é muito boa. Acho que, neste momento, na casa de Messi, começam a chegar também ofertas muito interessantes de outros clubes europeus, como a Juventus.

– *E, em termos de patrocinadores, o que acontece?*

– Dois dias antes de partir para a Holanda, Jorge assina uma carta de intenções com a Nike. Depois, as coisas ficam complicadas: os meses vão passando e continuam negociando, sem chegar a um acordo... até que nós decidimos intervir. Fazemos uma oferta interessante do ponto de vista financeiro e de imagem pensando no Mundial da Alemanha. E no mês de janeiro de 2006 assinamos um contrato.

– *Dizem que a Adidas ofereceu rendimentos anuais cinco vezes superiores aos da Nike... E se fala em mais de 1 milhão de dólares. Verdadeiro ou falso?*

– Os números são sempre confidenciais, não podemos revelar as condições do contrato.

– *Certo, vamos continuar com a história porque aqui começa a guerra de marcas entre Adidas e Nike. Por que quando Messi estreia sua Adidas Predator contra o Zaragoza na Copa do Rei e marca um gol, a Nike grita aos quatro ventos: “Messi tem um vínculo conosco e vamos fazer de tudo para que cumpra este acordo”?*

– Sim, a Nike levou o caso aos tribunais e o juiz determinou, cautelarmente, para não ferir os supostos direitos da empresa norte-americana, que Leo jogasse com material da Nike.

– *Mas no final vocês ganharam a batalha... não?*

– Eu não chamaria de batalha, mas sim o último julgamento que foi o que determinou que Messi não tinha nenhum vínculo com

a Nike. A partir de então, começamos a trabalhar com tranquilidade com Leo.

– *O que representa Leo no mundo do futebol e do marketing esportivo?*

– Leo é algo novo, é ar fresco, é o novo Maradona. No campo é como um desenho animado. Em uma palavra: “é um personagem muito atraente”.

– *Ninguém discute seu apelo em nível futebolístico, mas como personagem... é um rapaz simples e muito tímido... não?*

– É exatamente disso que as pessoas gostam, que seja alguém normal, um rapaz que adora estar com a família, com seus amigos, que joga PlayStation e não tem ideia da repercussão que gera. Sua simplicidade é sua grande vantagem. Muitas vezes, as estrelas do esporte parecem viver em um universo diferente, muito longe da gente. Leo, com sua timidez, é próximo a todos os fãs de futebol.

– *Vamos falar da campanha “Impossible is nothing”, que tem Messi entre seus protagonistas.*

– São histórias reais contadas pelos nossos símbolos. A ideia é transmitir ao consumidor que nada é impossível. E Leo neste caso conta a história da sua vida: um menino com onze anos que tinha o desenvolvimento físico de alguém de oito, o que não foi um obstáculo para chegar aonde chegou. Com trabalho, com perseverança, com vontade, nada é impossível. Leo é um exemplo perfeito.

– *O que Leo vende?*

– Autenticidade.

– *Onde vende?*

– Sua força está na América Latina, Espanha e Ásia, sobretudo no Japão.

– *Por que o Japão?*

– Porque Leo é pequeno. Parece uma besteira, mas não é. Os japoneses se identificam com um jogador pequeno e habilidoso com a bola.

O menino da partida

22 de fevereiro de 2006

Em Londres fazia frio. Um frio intenso. Em Stamford Bridge, começa a partida das oitavas de final da Champions League. O campo está com muito barro, o que gerou na imprensa uma infinidade de polêmicas. O ambiente, quente, muito quente e muito inglês. De um lado está o Chelsea, com um jogo racional, defensivo, vigoroso e impetuoso, a equipe mais contundente da Europa. Do outro, o Barça, com talento, magia, gosto pelo espetáculo. Um modelo futebolístico belo, mas com frequência considerado frágil, uma engrenagem que se rompe com facilidade. Ambos lideram seus respectivos campeonatos e, no final de 2005, fazem maravilhas. O novo ano, entretanto, não começou muito bem: o Chelsea, na Premier League, levou três gols no campo de Middlesbrough, e na FA Cup sofreu bastante para passar do modestíssimo Colchester; o Barça, sem Eto'o, que disputa a Copa da África, e com Xavi lesionado, foi eliminado da Copa do Rei pelo Zaragoza, e na Liga, sem Ronaldinho Gaúcho, perdeu duas partidas. Dura a derrota frente ao Valencia, que se aproxima da equipe na tabela, reduzindo a distância a seis pontos.

Deixando de lado as circunstâncias, a partida oferece uma infinidade de interesses. Os duelos entre o Bola de Ouro Ronaldinho e o Bola de Prata Frank Lampard; entre Eto'o e Drogba, primeiro e segundo nas votações de melhor jogador africano. Sem esquecer o desafio entre treinadores: de um lado, o histriônico José Mourinho, de outro, o tranquilo Rijkaard; também, sob este aspecto, dois modelos de treinador completamente opostos.

Além disso, há o eterno elemento da revanche, ou da vingança, que no futebol sempre funciona. Poucos esqueceram a

derrota e os três gols em dezenove minutos que os *blues* infligiram aos *blaugranas* em 8 de março de 2005 na partida de volta das oitavas de final da Champions. O Barça começava com uma vantagem relativa, os 2 a 1 conseguidos no Camp Nou, mas uma série de erros defensivos devido à falta de maturidade e de concentração, como disse Rijkaard, obrigou os *blaugranas* a perseguir, inutilmente, a vitória. Apesar das proezas de Ronaldinho e da quantidade de ocasiões perdidas, este Barça, que já se acreditava o novo *Dream Team*, teve que engolir um Mourinho entrando em campo e mandando beijos aos torcedores, além dos insultos, os empurrões e o começo de tumulto entre jogadores e seguranças em que se envolveu até o treinador holandês. A volta para casa é amarga, ruminando os erros cometidos e acusando o árbitro Pierluigi Collina (campanha feita pela imprensa espanhola) de não ter visto vários pênaltis e a falta de Carvalho sobre Valdés no 4 a 2 marcado por Terry. No geral, de ter favorecido o Chelsea.

Já se sabe que, nesses casos, o passado conta. Rende manchetes de página inteira nos jornais esportivos, dá a impressão de que se trata de uma espécie de série de televisão intitulada “A revanche”, acumula tensão sobre as costas dos jogadores, que às 20h45 entram em campo. As escalações são as anunciadas: no Chelsea não joga Drogba, substituído no ataque por Hernán Crespo, enquanto na zaga se confirma a presença de Asier del Horno e do ex-madridista Claude Makelele. No Barça, Thiago Motta acompanha Edmílson como pivô duplo. Andrés Iniesta, titular já há algum tempo, começa no banco. Leo Messi está com o número 30 na camiseta amarelo fosforescente. Quando entra em campo, para muitos parece ser somente um menino. Como consegue aguentar semelhante tensão, difícil até para os adultos? Parece que não sente a pressão. Inconsequência juvenil? Ou simplesmente não tem medo? A resposta chega aos 3 minutos: o primeiro disparo a gol é do argentino; Petr Cech agarra sem problemas. Não, definitivamente não tem medo. E volta a demonstrar nos minutos seguintes: é um ratinho que se enfia em todos os espaços disponíveis. Corre para cima e para baixo, rouba a bola, dá passes precisos, triangula com seus companheiros, cria a primeira oportunidade de gol e espalha o

pânico na defesa dos *blues*. Um pesadelo para Del Horno, que aos 31 minutos deixa marcada sua chuteira debaixo da meia da perna direita. Não recebe cartão, a Pulga não protesta. O jogo continua. Mas seis minutos depois acontece a jogada que termina com a expulsão do defensor basco e deixa o Chelsea em inferioridade numérica. O que aconteceu? Messi controla a bola na intermediária, resiste a uma entrada duríssima, luta ombro a ombro com Robben, que consegue ganhar a posição e tira a bola, mas o pequenino não cede. Tenta superá-lo por um lado e pelo outro no limite do campo. No final, com um arranque inesperado, toma a bola ao lado da bandeira de escanteio. Agora tem Robben pela frente, consegue ultrapassá-lo passando a bola entre as pernas, mas chega um trem azul que o atropela. “Vi que o defensor vinha forte, com má intenção, e pulei... Por isso não me pegou”, explicará o argentino. Messi cai no chão, assim como Del Horno. Ao redor deles se arma a confusão. Chegam todos, Robben e Gudjohnsen discutem com o bandeirinha. Deco e Ronaldinho se precipitam sobre Del Horno. Puyol quase troca socos com Robben. Motta e Edmílson tentam acalmar a situação. Terry discute com Terje Hauge, o árbitro norueguês; Ronaldinho diz algo no ouvido dele. Depois sai o cartão vermelho, Del Horno protesta, Motta aplaude. Makelele recrimina. Retomam a partida e Mourinho reorganiza a equipe. Substitui Joe Cole e entra Geremi como lateral direito, enquanto Ferreira passa a marcar Messi. Mas as coisas não mudam, nem as faltas nem os chutes recebidos assustam o rapaz, que não se afasta do centro do jogo, não tira a perna, não sofre a agonia exasperada dos *blues* e continua impávido com seu jogo. É ele que toma conta do lado direito do campo, que inventa e deixa na cara do gol Ronaldinho e Deco, que, no entanto, não conseguem aproveitar. O argentino está muito sozinho, a equipe não o acompanha, não consegue impor seu jogo. Enquanto isso, o Chelsea com um homem a menos é cada vez mais fiel à ordem dada por seu treinador antes da partida: “Vamos manter o 0 a 0”. Agora dispõem da desculpa perfeita para se fechar atrás e esperar o momento oportuno para dar o contragolpe. É um jogo que os *blues* dominam totalmente. Não é preciso esperar muito para perceber isso: aos 58 minutos, os ingleses, estimulados pela

entrada de Drogba no início do segundo tempo, conseguem marcar o gol da vantagem. Motta, na tentativa de cortar uma falta cobrada por Lampard, acaba mandando a bola para o fundo de seu próprio gol. Agora é preciso virar o marcador. Messi de novo tenta várias vezes, anima a equipe e ignora as vaias e os assobios que o público de Stamford Bridge dedica a cada uma de suas jogadas. Veloz, vertical, driblador, derruba a defesa, chuta, dá um passe mortal que ninguém consegue aproveitar. Do limite da área, manda uma bola delicada que sai raspando a trave à esquerda do gol do Chelsea. E depois fica parado, pasmo, com uma expressão irônica, pensando que poderia ter feito melhor. É o mais decidido e finalmente a equipe o acompanha. Terry, aos 70 minutos, devolve o favor ao Barça: em uma falta lançada por Ronaldinho, engana Cech e deixa tudo igual. O Barcelona começa a mostrar um bom futebol e a criar oportunidades. De novo Messi: dá um presente para Larsson, que tinha entrado no lugar de Motta. Três minutos depois, Terry se atira no interior da área sobre o argentino para impedir que controlasse a bola. Pênalti? O árbitro ignora a ação. Aos 79 minutos, Eto'o cabeceia para o meio da rede um grande cruzamento de Márquez. Conseguiram.

José Mourinho, invicto até o momento em Stamford Bridge, sofre, depois de 49 partidas (38 vitórias e 11 empates), sua primeira derrota. E não consegue aceitá-la. Ataca o árbitro e Leo: “Se estou decepcionado com a expulsão de Del Horno? Viram ou não a partida? De qualquer forma estou em apuros com as autoridades: escrevam vocês... Mas, o que podemos fazer? Pedir que retirem o cartão vermelho a Del Horno? Que suspendam Messi por fazer teatro? O resultado não vai mudar... Porque vamos falar a verdade: Messi fez teatro. A Catalunha é um país de cultura e sabem que é assim. Eu fui ao teatro muitas vezes e o de lá tem muita qualidade. E Messi aprendeu com os melhores...”

“Quem diz que Messi fez teatro, deve olhá-lo sem as meias”, sentencia Eto'o. “Bateram nele de todos os lados”, assegura Rijkaard. Leo se limita a falar: “Tenho uma ferida no joelho, outra na coxa e outra no pé. Tenho todo o corpo marcado, mas não dói porque ganhamos”. E acrescenta: “Foi uma partida impressionante”.

Isso todo mundo notou, começando por seus companheiros de equipe, que o abraçam ao sair do campo enquanto os torcedores que estavam no estádio gritam seu nome. No dia seguinte receberia todos os elogios. Fala-se de “consagração”, de “gênio”, de “virtuoso da bola”, do “tesouro do Barça”, do “nascimento de uma grande estrela”, do “melhor” e do “mais valioso”, do “virtuoso da partida”. Sua atuação, pelo contexto, pela idade e pelo descaramento, é comparada com a de Pelé no Mundial da Suécia de 1958, a de Maradona no Mundial sub-20 de 1979, a de Cruyff contra o Benfica em 1969 ou a de George Best. Chovem exaltações, é como se o rapaz tivesse superado a prova de maturidade com uma nota dez e, com ele, toda a equipe.

Em 7 de março, no Camp Nou, partida de volta. Aos 23 minutos: Leo Messi arranca, rouba a bola de Robben, mas de repente dá um pulo, coloca a mão no joelho esquerdo e cai no chão. “Em uma jogada com Gallas houve choque e notei uma pequena fisgada, mas decidi continuar”, dirá mais tarde. “Na jogada seguinte já percebi que não podia mais.”

Não há nenhum movimento brusco, nenhuma pancada, mas Leo está caído no gramado. Uma careta de dor, as mãos que ficam no cabelo e cobrem o rosto para afugentar o medo. O público se cala. Os companheiros olham para ele cabisbaixos. Ele, desconsolado, sai de campo. Rijkaard o abraça, emocionado. Um momento duríssimo para quem era aclamado pelos 90 mil espectadores do Camp Nou não como ator, mas como o marionetista que movera os fios da vitória em Stamford Bridge.

Ruptura muscular na parte alta do bíceps femoral da perna direita, um rasgo de quatro centímetros. Os médicos do Barcelona dizem que a recuperação durará entre quatro e seis semanas. Mas a sorte não acompanha Leo. Quando se cumprem os prazos previstos para seu regresso, surgem mais problemas na mesma região: volta a sentir a cicatriz. Tinha que jogar contra o Villarreal e não pode, devia estar na semifinal da Champions enfrentando o Milan e não está. No final serão 79 dias sem jogar. E uma final da Champions vista da arquibancada.

Falou-se e discutiu-se muito sobre a possibilidade de que estaria sendo preparado para a grande ocasião – Barça x Arsenal no Stade de France, em Paris –, que poderia disputar pelo menos alguns minutos. Entretanto Rijkaard, apesar de a lesão parecer curada, decide não correr riscos. No final, seus companheiros levantam a taça, a segunda na história do Barça. Leo, triste e solitário, não desce ao campo para retirar sua medalha.

Estética supersônica

Conversa com Santiago Segurola, jornalista do Marca

— “**O** futebol está contido no corpo de um pequeno jogador, um rapaz de dezoito anos que poderia passar despercebido em qualquer rua. Chama-se Leo Messi e temos todo o direito de pensar que estamos frente a um jogador excepcional, a aparição mais fulgurante dos últimos anos.” São as primeiras linhas de seu artigo no dia seguinte àquele Chelsea x Barcelona. Por que ficou tão impressionado com Lionel?

— Porque aquela atuação tinha todos os elementos que produzem fascinação e nos convidam a pensar como é estranho o futebol. Porque não parecia uma partida para um rapaz de dezoito anos que havia chegado ao auge há pouco tempo. Bem... na partida, antes de aparecer o Barça, apareceu Messi, foi surpreendente, hábil, rápido, inteligente e demonstrou grande coragem. Foi um menino que marcou a partida. Gerou estupor nas arquibancadas. Sua atuação foi uma das maiores que já vi na minha vida.

— *E jogadores, o senhor viu muitos?*

— Vi Maradona quando estava no ápice da carreira, vi Raúl estrear... mas nenhum dos que vi aparecer foi tão poderoso e tão valente.

— *A qualidade mais impactante?*

— A velocidade, sem dúvida. No futebol, hoje todos procuram a velocidade, mas a velocidade conduz ao atropelo. Messi me surpreende pela forma como sabe tomar tantas decisões a tanta velocidade sem cometer erros... Talvez não tenha a magia de um

Ronaldinho ou dos grandes brasileiros, talvez não tenha a visão ou o repertório de Maradona, mas ele tem uma estética supersônica.

– *Outros valores?*

– É o único jogador capaz de ganhar uma partida em qualquer parte do campo. Demonstrou isso contra o Zaragoza. Estava no meio do campo, de costas para o gol, e conseguiu marcar. Tem o giro mais extraordinário que já vi, mais elétrico que o de Maradona. Tem arrancada, tabela, chegada... É produto da nova escola global. Representa um modelo interessante: demonstra a cada momento sua argentinidade e, ao mesmo tempo, o fato de pertencer a uma cultura e a um estilo de jogo profundamente barcelonista. Ilustra o magnífico trabalho que o Barcelona fez com suas categorias de base depois da lei Bosman.

– *Quais foram as mudanças que aconteceram com Messi?*

– Não mudou, foi se tornando mais importante. Agora Messi é o líder futebolístico do Barça.

– *Pena que não seja também da seleção argentina...*

– Sim, é verdade, mas a azul e branco é um meio anárquico e hostil, nada favorável para a explosão da genialidade de Messi. Joga mal porque a seleção o obriga. E assim a Argentina duvida dele. São atribuídos defeitos a ele que não correspondem, fica sob suspeita porque não parece suficientemente argentino: formou-se na Espanha, nunca jogou em seu campeonato e sobretudo se atreve a questionar o mito Maradona.

– *Messi e Maradona, quem é o melhor?*

– Embora pareça uma heresia, convém aceitar que Messi é tão bom ou melhor que Maradona. Tem tudo que definiria um gênio.

– *Olhemos para a bola de cristal: e os próximos anos?*

– O que me preocupa é que Messi perca sua velocidade: o que acontecerá quando o tempo desgastar seu arranque e velocidade máxima? Não sei... Acontecerá o mesmo que com o Ronaldo, que se tornou um especialista de seis esforços por partida

e um arranque de 20 metros? Difícil prever e difícil dizer que efeito terão as leis de mercado. A publicidade muitas vezes confunde um jogador. Obriga-o a ser o melhor do mundo em cada jogada. E isto não pode acontecer.

– *Enfim... o verdadeiro perigo é o mercado e ficar muito arrogante?*

– Acho que os jogadores não estão preparados para a tensão extrema que gera o jornalismo, as críticas, o sucesso, a fama, a celebridade, as viagens, as exigências comerciais dos patrocinadores. São coisas que podem distrair, que podem acomodar o jogador em seu dia a dia de partida. Sim, os jogadores precisam saber que vão ser atropelados por um caminhão e que o golpe é muito duro. Muito mais do que os chutes de Asier del Horno em Stamford Bridge.

Difícil, muito difícil

Conversa com Asier del Horno

Defensor, data de nascimento: 19 de janeiro de 1981, em Barakaldo (Biscaia). Altura: 1,81m. Peso: 72 quilos. Estreia: 9 de setembro de 2000, Deportivo-Athletic de Bilbao 2 a 0. Carreira: 1999-2005, Athletic; 2005-2006, Chelsea; 2006-2007 Valencia; 2007-2008, Athletic; 2008-2010, Valencia; 2010, Real Valladolid; 2010-2012, Levante UD. Doze temporadas, 239 partidas disputadas, gols marcados: 20 (Liga), 1 (Premier League), 2 (Copa do Rei), 3 (UEFA). Dez vezes convocado para a seleção espanhola. Títulos: uma Premier League (2005-2006), uma Supercopa da Inglaterra (2005). Assim seu currículo resume sua história, mas o ex-lateral esquerdo do Chelsea tem muito mais coisas a contar.

– *O que aconteceu em Stamford Bridge, Chelsea x Barcelona, oitavas de final da Liga dos Campeões, temporada 2005-2006?*

– Era uma partida especial depois do que tinha acontecido no ano anterior. Havia um clima tenso. Todos percebiam. Nós, taticamente, estávamos bem posicionados. Mourinho tinha preparado o encontro de forma detalhada, tentando bloquear a iniciativa do Barça. No meio de campo havia gente como Makelele, Lampard e Essien, que cuidavam da defesa, mas Messi chegava. Ele me encarou duas ou três vezes e eu tentei pará-lo com meus recursos e com minha experiência.

– *Foram surpreendidos por Messi? Não esperavam ter um garoto assim pela frente?*

– Em cada partida sempre há um jogador, o que você menos espera, que faz você sofrer.

– *Aos 31 minutos, você acertou um chute que merecia cartão amarelo. O que o argentino tinha feito para você?*

– Nada, foi uma ação do jogo e não me lembro de que tenha sido tudo isso.

– *Messi é um desses atacantes que provocam a defesa?*

– Não, não provoca. Não diz nada. Existem provocações no futebol entre defesa e ataque, mas não é o caso dele.

– *E chegamos aos 36 minutos do primeiro tempo...*

– Messi tinha passado, ao lado da bandeira de escanteio, por Robben com uma caneta. Eu tentei pará-lo e entrei. Ele começou a se contorcer no chão e me expulsaram. Messi foi esperto, muito inteligente, parecia que tinha sido uma entrada impressionante e, na verdade, não tinha nada...

– *Então José Mourinho tinha razão ao declarar depois da partida: “Messi fez teatro e de qualidade”.*

– Lionel exagerou, sem dúvida.

– *Deixemos o passado, falemos das características de Messi vistas por um lateral esquerdo.*

– A chave de Messi é que conduz muito bem a bola, rápido e sempre perto do seu pé. Sua velocidade lhe dá tempo de mudar de trajetória, surpreendendo quem o estiver marcando naquele momento.

– *Como é possível pará-lo?*

– Complicado, difícil, muito difícil. Dada a situação em que se encontra, em estado de graça... Jogando de lado trocado, quando vai por dentro, é difícil pará-lo. Tem velocidade, habilidade... uff, é realmente um problema para qualquer defensor.

– *Soluções para aconselhar seus colegas...*

– Não saberia o que falar... só posso dizer que nós, defensores, temos que seguir nossa linha, ser agressivos, ter uma ponta de velocidade e guardar bem a área.

Nem um minuto

30 de junho de 2006

As grandes estrelas são outras. Ronaldinho, acima de todos: segundo a opinião de comentaristas e torcedores, será quem vai brilhar mais alto. Melhor jogador do Mundial, principal goleador, preveem muitos. Entre outras coisas porque o Brasil, segundo treinadores, jogadores, jornais e tevês de meio mundo, é o favorito para levar o título para casa. Apostar no brasileiro do Barça é fácil e lógico. Vem de uma temporada espetacular: Bola de Ouro, Liga e Champions. O único título que falta para coroar-se rei é seu segundo mundial. Vamos prosseguir com a lista: outro brasileiro, Ronaldo, de quem se espera a enésima ressurreição; depois David Beckham, a estrela pop do futebol, ou Zidane, frente ao último desafio de sua carreira. Segue o grupo formado por Figo, Ballack, Torres, Van Nistelrooy e Del Piero.

Quando se fala da Argentina, o nome é Juan Román Riquelme, 28 anos, nascido em Buenos Aires, meio de campo, que então joga no Villarreal e não tem nenhum Mundial em sua carreira, mas é homem de confiança do treinador José Pekerman. A azul e branca foi construída ao redor dele e o jogo da seleção depende muito de que Riquelme esteja em um bom dia. Jogador silencioso, carrega a responsabilidade da equipe. Deve dar solidez, inventar o jogo e a magia, mover-se entre linhas procurando o passe letal aos atacantes. E Messi? Bom... Messi entra na categoria das estrelas médias, ou melhor, das jovens promessas. Penduraram nele a etiqueta do novo Maradona, o Mundial deveria ser o palco no qual vai surpreender o mundo todo com apenas dezoito anos, depois de se consagrar no cenário internacional em Stamford Bridge.

Os torcedores o incluíram, junto com o português Cristiano Ronaldo e o equatoriano Luis Valencia, na lista dos seis candidatos (os outros três, designados pela FIFA, são Cesc Fàbregas, o suíço Tranquillo Barnetta e o alemão Thomas Podolski) favoritos à eleição de revelação do Mundial (nascido a partir de 1o de janeiro de 1985), que premiará quem se distinguir nos campos da Alemanha por seu estilo, carisma, jogo limpo e paixão pelo futebol. Os argentinos querem ver Messi como titular e apostam muito nele, desejam que se confirmem, com a camiseta da seleção nacional, as maravilhas que contam na Europa sobre o herdeiro de “Maramondo”. Desde os tempos do Pibe de Oro sonham com um jogador diferenciado, espetacular, mágico e que possam amar e venerar como fizeram e ainda fazem com Diego. Afinal, foi o próprio “Pelusa” [um dos apelidos de Maradona] que pediu, alguns meses antes, que dessem o número 10 a Messi, uma camiseta que a Federação Argentina tinha retirado em sua homenagem.

O certo é que Leo cresceu longe de sua pátria natal, mas nos últimos meses, para se recuperar da lesão sofrida contra o Chelsea, voltara a sua terra. Teve tempo para ser visto, entrevistado e para gravar anúncios *ad hoc* para o Mundial. Multinacionais e empresas argentinas apostaram nele para aproveitar o efeito Mundial. Sem falar da Adidas, a marca esportiva alemã: cobriu fachadas inteiras, de Roma a Buenos Aires, passando por Berlim, com banners gigantes com o rosto dele. Definitivamente, às vésperas do Mundial, pelo menos no campo publicitário, Messi ganha de goleada de seus companheiros de equipe. É sem dúvida o mais midiático dos jogadores da azul e branca. Mas muita publicidade gera inveja. Um problema a mais para que o rapaz seja aceito na seleção de Pekerman.

Um grupo ao qual chegou recentemente, graças ao sucesso do Mundial sub-20. Sua estreia com a seleção principal é no dia 17 de agosto de 2005. Um amistoso contra a Hungria em Budapeste, no estádio dedicado a Ferenc Puskás. Entra no lugar de Maxi López aos 65 minutos. E permanece no campo pouco mais de quarenta segundos. A segunda bola que toca, dribla Vanczák. O húngaro o agarra pela camiseta com o número 18, Messi levanta o braço,

empurra para trás. Bam! Um golpe em pleno rosto do defensor adversário. Markus Merk, o alemão, não tem dúvidas. Cotovelada. E, em meio à incredulidade dos argentinos, tira o cartão vermelho. Expulso em sua primeira aparição. Não é exatamente o que Leo tinha sonhado. Passará o resto da partida chorando. De nada servem as palavras de consolo do treinador e de seus companheiros de equipe, que julgam a decisão do árbitro exagerada.

Depois da azarada estreia, chegam outras partidas em que consegue cumprir seu desejo e entrar em sintonia com o grupo. Mas não é fácil. Messi, já se sabe, é tímido. Fala pouco com os companheiros e a comissão técnica. Não faltam histórias que mostram isso, como a do técnico que, durante uma concentração em Madri, para entrosar o grupo, reúne toda a equipe em um churrasco, o ritual de socialização por excelência para todo argentino. Leo não abre a boca nem para pedir uma linguiça. Um mutismo que impressiona e assusta os demais. E Messi não abandona seu silêncio nem sequer para cumprir as formalidades. Por exemplo: quando no Natal todos os jogadores argentinos, depois de passar as férias em suas casas, vão cumprimentar o treinador, Messi não se apresenta. E acontece com frequência de o pessoal da AFA (a Associação de Futebol da Argentina) ter problemas para localizá-lo.

O rapaz não respeita os códigos internos, tão importantes no futebol argentino, nem a hierarquia da equipe. Não é um rebelde, não é que se comporte mal, nem sequer faz de propósito, simplesmente ele é assim. Por exemplo, nos treinamentos que precedem sua estreia com a seleção principal, encontra-se frente a frente com Gabriel Heinze. Encara-o uma, duas, três, quatro vezes, ridicularizando-o. O defensor do Olympique de Marselha, com o orgulho ferido, está a ponto de explodir e de vingar a afronta. Pekerman precisa intervir para salvar as pernas do pequeno e a honra de um jogador. Uma cena que se repete com outros protagonistas em Nuremberg, lugar de concentração da Argentina em território alemão. Descarado, é o mínimo que se pode dizer do jovem jogador do Barcelona. Sem ignorar a questão dos códigos,

que afundam suas raízes na história, é preciso dizer que Messi é jovem, muito jovem. Maradona, para retomar o paralelo, aos dezoito anos, mesmo sendo uma figura emergente, sequer foi convocado por César Luis Menotti para o Mundial de 78. Messi está na Alemanha, mas é necessário lembrar que, desde os anos 30, nenhum jogador da azul e branca entrou em campo para disputar uma fase final com apenas dezoito anos. A lição que sempre repetiram os homens que se sentaram no banco com “disposição” pedagógica é que se deve proteger o máximo possível os talentos que acabam de explodir, que não se pode deixar cair sobre seus ombros o peso da derrota. Inclusive com o risco de sofrerem muito. E a história, nestes casos, pesa.

Como pesa também a lesão de 7 de março. Messi parece completamente recuperado, já jogou vários amistosos antes do Mundial, mas alguns no vestiário dizem que ainda sente dores musculares. Estado de ânimo: feliz por seu primeiro Mundial. Nas declarações da véspera reafirma o que todos dizem: os brasileiros, com seu amigo Ronaldinho à frente, são favoritos, mas também nós “temos um timaço. E na seleção há muitos grandes jogadores. Claro que vamos passo a passo, partida a partida. E também é verdade que teremos excelentes rivais e que todos os jogos serão muito complicados. Mas eu acho que a Argentina pode ganhar o Mundial”.

A azul e branco está no grupo C, definido, desde o princípio, como grupo da morte: Costa do Marfim, Sérvia e Montenegro e Holanda. Um desafio nada fácil, sobretudo com o peso do fracasso no Mundial da Coreia e do Japão.

Sábado, 10 de junho, em Hamburgo, às nove da noite, primeira partida, contra Costa do Marfim. Cinco dias antes, durante um treinamento, Messi sofreu uma contusão, portanto, é difícil que jogue. A ideia do treinador é colocá-lo aos poucos à medida que avance a competição, entre outras coisas porque não está convencido de que Leo esteja 100%. Tanto que declara: “Não podemos dar certeza de nada e criar expectativas. Em cada treinamento, vamos vendo como ele se supera, recupera sua forma. E cada vez está melhor. Estamos agradecidos pelo esforço que fez para estar conosco”. No banco. Deste observatório “privilegiado”,

Lionel vê como Crespo faz, com o habitual oportunismo, seu gol número trinta com a camiseta azul e branca. Vê como Riquelme, iluminado em um momento pela graça divina, olha para a arquibancada e manda a bola exatamente onde tinha que ir, a Conejo Saviola que, desmarcado, de primeira, não perdoa Tizie. Vê como “os elefantes brancos” lutam e tentam criar jogo sem conseguir – só no final, através do já habitual Drogba, furam a defesa argentina, comandada por um impecável Ayala. O resultado, 2 a 1. A azul e branco promete, mesmo sem ele. Diz Pekerman, comentando a partida: “O futebol para mim sempre é o mesmo. Tenho expectativas com este time fruto de análises, não só de desejos. Na estreia, tivemos um grande rendimento na parte defensiva parando jogadores muito perigosos da Costa do Marfim. Verdade, faltou volume. Mas o bom é que nunca perdemos a calma”. Não é preciso ler muito nas entrelinhas para perceber que está satisfeito com o que aconteceu, portanto, na segunda partida, contra Sérvia e Montenegro, seleção que ele teme (não confia na derrota dos sérvios frente à Holanda), não tem nenhuma intenção de mudar as cartas que colocou sobre a mesa, afora Lucho González no lugar de Esteban Cambiasso. Em poucas palavras: Messi, no estádio de Gelsenkirchen, dia 16 de junho, fica de novo no banco. Com a companhia de Carlos Tévez. Sessenta e cinco minutos para ver três gols e imaginar os que poderia marcar. Em seguida, podemos vê-lo de pé, de colete, aquecendo-se ao lado da linha lateral. O aquecimento promete. De novo no banco, seguindo os gestos e instruções do treinador e, finalmente, Hugo Tocalli, o assistente técnico, manda que coloque a camiseta azul com o número 19. Aos 74 minutos, estreia no Mundial. Entra substituindo Maxi Rodríguez; junto com ele também entra em campo Carlos Tévez, o outro baixinho.

Na torcida, Maradona levanta os braços aos céus, grita e exulta junto aos milhares de torcedores argentinos. Cantam: “Oleee-ole-ole-oleee, Me-ssiiii, Me-siiii!”. Alguém levanta um cartaz com o rosto da Pulga ao lado da Copa do Mundo. Embaixo, está escrito: “Este é o meu sonho”. Outros levantam um cartaz no qual se pode ler: “É argentino e é o Messias.” O pedido de uma menina que

segurava uma faixa: “José, deixe o Messi entrar (por favor)”, finalmente é atendido.

Até o momento, a azul e branco jogou bem, nada a reparar, mas quando entra a Pulga a música muda, o número 19 obriga a equipe já conformada com o resultado a despertar, obriga-a a voltar a correr, a acelerar cada vez mais. Passam a bola para ele, que sai disparado com o único objetivo de chegar até a meta adversária. Oferece espetáculo e dribles. Uma falta cobrada com rapidez e Leo avança como um foguete na parte esquerda da área, chega à linha de fundo, levanta a cabeça e faz a bola desfilhar diante do gol, perfeito para que Crespo, antecipando o defensor sérvio, estique o pé e aumente o marcador. Aos 87 minutos: Tévez, Crespo, de novo Tévez que, depois de ter marcado o quinto gol, se mostra generoso e lança a bola para o Ligeirinho Messi, que chega a toda velocidade pelo lado direito. Supera a defesa e, colocando-a entre a trave e a mão do goleiro, marca o sexto. Depois para e aponta com o dedo para quem lhe ofereceu o presente. Crespo vai abraçá-lo, delírio entre os torcedores.

Desta vez a estreia é esplêndida, embora como de costume o principal interessado minimize: “Não pensei na minha estreia. Pensei em ganhar a partida em que tinha vontade de jogar. Na verdade, ainda não caiu a ficha de que estou em um Mundial e que hoje realizei um sonho”. E agora? Agora Pekerman precisa se decidir, precisa resolver o dilema. “Seu país pede que o use agora. Que não espere até os 29 minutos do segundo tempo. E a imprensa que vê o que é bom e o que vende, também. E que imprensa e que país não fariam o mesmo, queridos amigos?”, escreve Pep Guardiola em *El País*. “Só ele [Pekerman] sabe o que fará com este gênio. Ninguém duvida de que Messi renderá em noventa minutos o mesmo que em quinze. Ontem foi aquela bala que qualquer mãe tem guardada no bolso, e bem guardada, para dar a seu filho quando não para de chorar. E que sempre funciona, embora sejam só quinze minutos.”

No final, a decisão não é tão difícil, a batata quente queima menos porque a última partida do grupo C contra a Holanda é amistosa. As duas equipes já estão classificadas para as oitavas; o

que está em jogo é o primeiro lugar do grupo. Pekerman pode matar dois coelhos com uma só cajadada: Tévez e Messi titulares, Saviola e Crespo fora para evitar um cartão amarelo que poderia significar perder a partida seguinte. Portanto, todos contentes e sobretudo os que querem ver de novo o pequeno gênio rosariense.

Esperando-o no dia 21 de junho no Waldstadion de Frankfurt, Johan Cruyff, Michel Platini, Franz Beckenbauer e, obviamente, Diego Armando Maradona, com sua inevitável camiseta azul e branca. Em uma palavra, o Olimpo do futebol mundial.

Leo é o último a descer do ônibus do time com o iPod nos ouvidos, o último a se fardar, depois de dar uma olhada no gramado e conversar com os companheiros da equipe que jogam na seleção laranja (Van Bronckhorst e Van Bommel), o último a começar o aquecimento. No momento de entrar em campo, respeita a ordem da fila. Nos pés, um par de chuteiras que a Adidas desenhou para o Mundial. Está escrito seu nome, está o sol da bandeira argentina, uma frase: a “Mão de Deus”, e uma data: 22 de junho de 1986. No dia seguinte faria vinte anos que Diego tinha marcado dois gols, um com a mão, outro com o pé, contra a Inglaterra no Mundial de 86.

Na torcida, grande expectativa. Que maravilhas Lionel mostrará desta vez? Se em quinze minutos fez estragos, quem sabe o que fará em noventa? E, no entanto, essa não é sua noite, sua presença no campo é invisível, ou quase. Na primeira etapa joga do lado direito, marcado em zona por Tim de Cler. Toca na bola em onze ocasiões, perde uma, dá sete passes bons. No segundo tempo muda para o lado esquerdo e é marcado por Kew Jaliens. Em 23 minutos toca três vezes na bola, somente uma jogada como manda o figurino. Aos 69 minutos Pekerman o substitui por Julio Cruz. Há realmente pouca coisa para se lembrar: um chute de esquerda inofensivo e alguns passes brilhantes; um em profundidade para Cambiasso interceptado com dificuldades por Van der Sar, um lançamento incrível para Maxi Rodríguez e uma linda tabela com Riquelme com um arremate que passa perto.

Era a partida mais esperada da primeira fase do Mundial, um confronto entre duas potências futebolísticas com muitos duelos históricos (como a final de 1978 na Argentina) que, no entanto,

decepciona. Alguns jornais insinuam com malícia que a opaca atuação do número 19 dará a Pekerman a desculpa perfeita para devolvê-lo ao banco. E foi assim.

Em 24 de junho, dia de seu aniversário de dezenove anos, volta a ser espectador durante 84 longos minutos. E desta vez a Argentina não funciona: o México, treinado pelo argentino Ricardo La Volpe, a coloca contra as cordas. Quando Messi entra substituindo Saviola, o resultado é 1 a 1. Começa o primeiro tempo da prorrogação. E aqui o menino do Barça muda o ritmo da equipe, dá a profundidade necessária e passa por seus pés a bola que acabará com o golaço de Maxi Rodríguez, que a domina no peito e, de voleio, solta uma esquerda que estufa a rede. A Argentina, mesmo com mais dificuldade do que se esperava, está nas quartas de final.

Em Berlim, dia 30 de junho, enfrenta a seleção anfitriã, Alemanha. Cento e vinte minutos de jogo, dos quais Leo Messi não disputa nenhum. É o mistério, a polêmica de um jogo que acaba com a eliminação da Argentina nas cobranças de pênaltis (4 a 2, depois de ter chegado ao final do tempo regulamentar com 1 a 1 no marcador).

Vamos voltar o filme da partida para tentar entender como aquele que devia ser a revelação da Copa do Mundo acabou por não disputar o encontro decisivo.

Pekerman escala Tévez como titular no lugar de Saviola, e depois coloca Lucho González. Dois bons jogadores, nada a objetar. Primeira mudança forçada aos 71 minutos: Pato Abbondazieri se machuca em um encontrão com as torres alemãs. É substituído por Leo Franco. Também sai Riquelme, “estava cansado”, dirá o técnico. Em seu lugar entra Cambiasso. O treinador busca o equilíbrio, ou melhor, tenta fazer uma retransa e segurar o resultado. A Argentina está ganhando por 1 a 0 graças a uma cabeçada de Ayala, mas deixou-se encurralar em seu próprio campo e recebe as estocadas dos alemães. Acontece a terceira e última modificação: Cruz, da Inter de Milão, substitui Crespo aos 79 minutos, bem um instante antes de Miroslav Klose marcar de cabeça o gol de empate. Para reverter a situação seriam necessários velocidade, habilidade e

inventividade, capacidades de que Cruz não dispõe e que Tévez já não tem por causa do cansaço acumulado ao longo da partida. Definitivamente, Messi fazia falta. Se tivesse entrado em campo, diz a *vox populi*, a Argentina teria decidido a partida antes de chegar aos pênaltis. Ele teria se encarregado de resolver a situação.

Por que Pekerman não o colocou? Por que preferiu Cruz? “Naquele momento, precisávamos de um atacante de área e Messi não o é”, diz na sala de imprensa, depois das lágrimas, depois da briga entre Oliver Bierhoff, Frings e Cruz, e antes de anunciar que seu ciclo terminou. “Sempre estivemos trabalhando com a substituição [do Messi], sabia que contávamos com ele”, explica o técnico. Uma afirmação reforçada por: “A Argentina podia ter tido outras alternativas, mas não conseguimos decolar”. Hoje Hugo Tocalli confirma essa versão: “Para impedir o jogo aéreo da Alemanha era importante colocar o Cruz. Ganhávamos por 1 a 0 uma partida que estávamos controlando bem, que tínhamos dominado, depois o azar da lesão de Abbondanzieri terminou com todos os nossos planos”. Mas suas explicações não convencem ninguém e sobre a questão aparecem várias hipóteses.

1) Erro. Pekerman simplesmente errou. Interpretou mal a partida, tomou uma decisão precipitada e fez a mudança quando não devia.

2) Mistério. A verdade está dentro da cabeça do treinador e será lembrada na história do futebol argentino como outro dos muitos segredos: a expulsão de Rattín na Inglaterra em 66, o doping de Maradona nos Estados Unidos em 94 ou o cartão vermelho de Ortega na França em 98.

3) Maus conselheiros. Pekerman deixou-se influenciar pelos pesos-pesados do vestiário, incomodados pelo excessivo protagonismo midiático de Messi. Em outras palavras: Messi diz que quer jogar e isto irrita os líderes da equipe, Juan Román Riquelme e o capitão Fabián Ayala, que deixam isso claro para ele e chamam sua atenção numa coletiva de imprensa. São eles que convencem o treinador a deixar o rosariense fora do time titular.

4) Códigos e valores. Pekerman não podia apagar tudo e ignorar códigos, valores e jogadores que tinham ganhado durante

anos o direito de estar no campo.

Nunca se saberá qual é a hipótese correta. Seja qual for, José Pekerman faz voto de silêncio e não volta a falar do assunto. Um ano mais tarde, em uma entrevista ao jornal esportivo *Marca*, quando lhe perguntam: “O que aconteceu com Messi? Houve certa polêmica com ele”, Pekerman responde: “Estou orgulhoso dele e fui eu que o convoquei à seleção sub-20 quando ninguém o conhecia. O problema que existe na Argentina é que temos tanta fé que, com um pouco de Messi, nos emocionamos. E todos esperavam que Messi fosse o grande Maradona deste Mundial. E ele só estava dando os primeiros passos em uma excelente equipe como era a Argentina. Espero que esta experiência sirva para seu futuro”.

E Leo Messi? Ele também guarda silêncio. Na noite de Berlim é um dos poucos que não se apresenta para as câmeras e microfones. Não é só a decepção por terem sido eliminados, como também a raiva pelo que dizem alguns meios de comunicação acerca de seu comportamento durante a cobrança de pênaltis. “Disseram coisas como que eu não me importava que tivéssemos ficado fora, e nada é mais distante que isso. Se alguém estivesse dentro do vestiário”, confessa em uma entrevista ao *Mundo Deportivo* cinco dias depois, “teria percebido o que eu sentia naquele momento.” Sobre o fato de que Pekerman lhe deu muito pouco espaço, não comenta muito: “Ele decidiu que seria assim... Ele escolheu isso porque funcionava. Havia jogadores como Saviola e Crespo que estavam jogando muito bem e é isso”.

É isso. É preciso virar a página.

Preconceito positivo

Conversa com Jorge Valdano

Quando perguntam como quer ser apresentado, ele responde: “ex-jogador de futebol”. Embora na vida, além de ter ganhado uma Copa do Mundo com a camiseta da Argentina, tenha feito muito mais coisas: treinador, técnico, diretor geral, escritor, comentarista. A palavra é, sem dúvida, uma de suas melhores armas; a metáfora, um recurso indispensável; a análise, um prazer.

– *Falemos de um jogador que, como você, começou no Newell's. Vamos começar pelo Mundial de 2006. Uma nação inteira o esperava e, ao contrário, na partida decisiva nem sequer pisou no campo. Por quê?*

– Pekerman é um homem que sabe reconhecer o talento e nunca quis escondê-lo. Podemos pensar em um problema que não conhecemos, provavelmente uma questão física. Talvez não estivesse em um momento de plenitude. Dito isso, sou dos que lamentaram que a Argentina caísse sem o Messi. Na última partida aconteceram muitas coisas: a lesão de Abbondazieri, o cansaço de Riquelme, o gol de vantagem da Argentina, todos elementos que penalizaram Messi. A partida parecia controlada. A Alemanha não chegava, mas é verdade que, no desespero deles para empatar, alguém como Messi poderia ter aproveitado a desordem do adversário para marcar outro gol. Mas tudo não passa de hipótese, prefiro deduzir que as reflexões de Pekerman vão mais longe do que as minhas porque ele tinha mais dados.

– *Sobre este assunto: se falou muito a respeito da juventude de Messi, sua maturidade, os códigos do futebol argentino, o vestiário...*

– Maradona jogou seu primeiro Mundial com 21 anos e não foi uma experiência feliz. Não estava totalmente pronto. Com Messi havia um preconceito positivo: pensávamos que, se tivesse jogado, teria resolvido a partida...

– *Já que apareceu o assunto, falemos de Messi e Maradona.*

– Maradona tinha mais variações em seu jogo. Diego podia ser finalizador, mas também estrategista. Messi é mais profundo. Com suas virtudes, velocidade física, mental e técnica, tem sempre a tentação de procurar o gol. Diego às vezes apertava o acelerador, Messi vive com o pé no acelerador. É um pecado de juventude. Precisa aprender, como dizia Menotti, a ser “mais um”. Não pode ser sempre Messi, porque, se alguém está sempre acendendo a bomba, o adversário vive constantemente com a guarda alta e é mais difícil surpreendê-lo. Semelhanças: com Leo acontece o mesmo que acontecia com Maradona, é uma individualidade de tanto peso que pode prescindir da equipe. Não é como Zidane ou Platini, que precisavam da equipe para mostrar sua inteligência coletiva. Messi precisa de seus companheiros para que passem a bola, depois a obra é mais pessoal. Diferenças: o condicionamento físico. Diego chegou ao Napoli com oito quilos a mais e continuava sendo determinante. O jogo de Messi exige capacidade de explosão, obriga-o a ter um condicionamento perfeito.

– *Como vê Messi hoje?*

– Amadureceu. Tem uma capacidade natural para se relacionar com os adversários. Dá a sensação de ser feliz com a bola nos pés. Não é condicionado pelo contexto. Nem sequer pela expectativa que gerou. E esta é uma característica dos grandes jogadores, que não têm medo de decisões. Nos pontos centrais da carreira, ali onde podemos medir o alcance de sua personalidade, nos deixou estupendas atuações. Estamos diante de um jogador de enorme personalidade que, marcado por três adversários, de costas para o gol, preso perto da bandeira de escanteio, pode criar perigo.

– *Seu futuro?*

– Gostaria que eu tivesse seu futuro... tem todas as condições de virar o maior jogador do século XXI. O século XX foi marcado por Pelé, Maradona, Cruyff, Di Stéfano. Esta década pode ser marcada por ele, junto com Cristiano Ronaldo. Está em uma situação perfeita. A natureza lhe deu todos os recursos possíveis. Agora, só deve administrar esse talento. Tem uma vantagem: olha a si mesmo de uma certa perspectiva. Além disso, Leo fora do campo não aparece nas manchetes, só com a bola nos pés. Outra diferença em comparação com Maradona. Diego tinha uma dupla personalidade: o jogador de um lado e o rebelde, o provocador do outro. Viveu sempre em cima de um vulcão.

“Il diavolo”

10 de março de 2007

Barcelona – Desta vez, o pesadelo de seu Fabio é um rapaz de dezenove anos, Leo Messi. Uma pulga argentina estraga sua festa. Capello nunca tinha ganhado no território azul-grená (nem com a Juventus, nem com a Roma, nem com o Real), estava conseguindo, contra todos os prognósticos. E então chegou o pequenino uma, duas vezes, para empatar de novo e, quando quase parecia que ia conseguir, aos 90 minutos tira da manga a jogada mais bonita, o arranque mais veloz, o tiro mais cruzado: 3 a 3. Capello e seus jogadores ficam parecendo uma criança de quem tiraram o doce da boca.

O que é indiscutível é que o clássico espanhol foi estranho, emocionante, cheio de reviravoltas e gols. Começa com os dois capitães, Puyol e Raúl, que tocam a grama e fazem o sinal da cruz. Precisam disso: o Barça tem de apagar, para os 98 mil espectadores do Camp Nou, a desclassificação da Champions, o Real joga por sua sobrevivência, sua última possibilidade de continuar lutando pela Liga. O roteiro prevê o controle da bola pelos blaugranas, os favoritos, espalhados pelo campo com um arriscadíssimo 3-4-3, um Real menos defensivo do que o habitual. Poucos apostam que os jogadores de Capello consigam ganhar do eterno rival. E, no entanto, aos 5 minutos, já passam à frente no marcador. Guti enfia para Higuaín na ponta esquerda. O jovem argentino manda para a área uma bola aparentemente desprezível, mas é Thuram que a transforma em letal. Com um corte malfeito que acaba nos pés de Van Nistelrooy. O holandês, de fora da área, acerta o disparo. Inútil voo de Puyol e Valdés. Gol: 1 a 0. O nervosismo, agora, está ao lado de Rijkaard. Só cinco minutos

e aparece Leo Messi. Xavi dá um passe em profundidade que deixa o argentino sozinho na frente de Casillas. Os merengues ficam parados. Empate.

Ambas as defesas cometem erros. Um dos mais nervosos no Barça é Oleguer: acabará expulso aos 45 minutos, depois de receber o segundo amarelo (por uma falta em Gago). Havia recebido o primeiro cartão aos 12 minutos, por agarrar Guti dentro da área. Pênalti e cartão amarelo. Van Nistelrooy não desperdiçara. Fabio Capello não acreditava no que estava vendo. Tudo bem que o presidente dissera que não seria demitido nem sequer com uma derrota, mas estar à frente no marcador é oxigênio puro.

Dura pouco. De novo o pesadelo Leo Messi, que pega um rebote de Casillas. Não é fácil, mas faz o gol. Debaixo do travessão. O mérito do empate, no entanto, se deve a Ronaldinho, que despertou por fim de sua letargia. Faz o que sabe fazer, desequilibra dois ou três adversários, faz uma tabela com Eto'o e fuzila Casillas, que consegue tirar na primeira vez, mas não pode fazer nada contra o chute à queima-roupa de Messi. Quatro gols em 27 minutos: um espetáculo que encanta o público espanhol. O Barça, liberado de seus medos, parece tomar conta da situação. A retaguarda merengue vacila, depois chega a expulsão e o segundo tempo com um homem a menos. Rijkaard tira Eto'o e coloca Sylvinho. Os blaugranas controlam a bola, mas o perigo é merengue. A vantagem está por um fio. Falta cobrada por Guti: pulam Sergio Ramos e Puyol. O defensor merengue toca com a nuca, a bola bate no travessão e entra. Vitória? Não! Chega Messi para salvar o Barça e manter o Real à distância. E Capello volta para seus problemas de sempre.

Corriere della Sera 11.03.07

*Sim, Capello... talvez tivesse se esquecido do que Messi era capaz de fazer. E, no entanto, foi precisamente ele quem, na final do Troféu Joan Gamper, dia 24 de agosto de 2005, tinha perguntado por esse *diavolo* (assim o definiu) que deixara louca a defesa da Juventus, provocara três cartões amarelos, dera um passe para o gol e criara perigo durante os noventa minutos. No final da partida, decidida nos pênaltis, a Juventus tinha levado para casa a copa*

graças a seis cobranças perfeitas. Mas Leo recebeu o prêmio de melhor jogador e virara a autêntica surpresa da partida. Brincando com Frank Rijkaard, Fabio Capello, que tinha reconhecido imediatamente o talento do rapaz, disse: “Bom... se na equipe vocês não têm um lugar de titular para ele, pode me dizer, que estamos dispostos a contratá-lo”.

Talvez Fabio Capello, às vésperas de 10 de março de 2007, pensasse que tudo ia sair bem, como na partida de ida, dia 22 de outubro de 2006 no Santiago Bernabéu: 2 a 0 para os merengues e todo mundo indo para casa em paz, com um Messi que tinha se esforçado durante pelo menos setenta minutos, com um repertório de chutaços de esquerda, passes desperdiçados por seus companheiros, penetrações na área. E tudo enquanto recebia uma série de contundentes entradas de Emerson no limite das regras. A tal ponto que, no final da partida, será diagnosticado com um entorse do ligamento lateral externo do tornozelo direito que o deixará de molho por uma semana.

Mas não tinha conseguido deixar sua marca.

Desta vez, a história é outra. Será que Messi tem algo contra Fabio, hoje treinador da seleção inglesa? De jeito nenhum. Será que jogar contra Capello dá sorte? Não é o caso. A questão é outra: “Jogar contra o Real Madrid”, diz Messi, “sempre é uma motivação especial para qualquer um”. Isso é verdade e fica demonstrado desde a primeira vez que pisou no Santiago Bernabéu em 19 de novembro de 2005.

Todos se lembram dessa partida pelo show de Ronaldinho Gaúcho (dois gols, um mais lindo que o outro, sem falar do resto), que foi aplaudido de pé pelo público madridista. Essa foi, sem dúvida, a imagem da partida. Inesquecível. Apareceu em todos os canais de televisão. Redatores e jornalistas até localizaram dois senhores, um com um bigodão negro, o outro com barba de alguns dias, que aplaudiam de pé. Queriam saber por que semelhante homenagem. Responderam: como não iam aplaudir um craque e sua magia, mesmo que fosse só por uma questão de espírito esportivo? Mas, além do Ronaldinho Gaúcho, os que estavam na torcida ficaram muito impressionados com a atuação de Leo.

Vamos folhear as anotações daquele dia: aos 3 minutos, Sergio Ramos se vê obrigado a derrubar a Pulga na frente da área. Aos 15, é Leo quem, depois de uma jogada esplêndida, serve Eto'o para que marque o primeiro gol. Aos 26 minutos, espetacular mudança de ritmo de Messi que deixa Roberto Carlos cravado. Aos 30, Messi perfura a defesa, mas Iker Casillas agarra o chute. O Barça está perto do segundo gol. Aos 40 minutos, zigue-zague de Ronaldinho, que cruza para Messi, mas a cabeçada passa longe do gol. Aos 47, Messi tenta de novo. De fora. Um defensor desvia a bola. Aos 55 minutos, Casillas diz "não" ao terceiro chute de Messi. Aos 69, Messi é substituído por Iniesta. Minutos e anotações para lembrar que, já na sua estreia no clássico, realizou uma estupenda partida; só faltou o gol para que fosse perfeita sua exibição de velocidade, geometria e passes letais. Mas a lembrança mais forte dessa partida é a coragem de um estreante, que não mostra respeito por nada e por ninguém, que não sente "medo de decisões", como mencionou seu compatriota Jorge Valdano, que tenta de todos os lados, que toma a iniciativa e assume suas responsabilidades apesar de estarem no gramado craques como um Ronaldinho inspirado e um Eto'o em sua melhor fase. Sensações que serão amplamente confirmadas, discutidas e reafirmadas. Pena que Messi perca a partida de volta por causa da lesão sofrida contra o Chelsea. A mesma lesão (só muda a perna) que sofrerá no dia 15 de dezembro de 2007 em Mestalla, cinco dias antes do clássico. Uma fisgada na perna esquerda, cabeça baixa, camiseta entre os dentes e fora. Adeus, clássico. Contra o Real, o Barça precisa abrir mão do jogador que marcou a diferença no começo da temporada. A ecografia confirma: ruptura na parte alta do bíceps femoral da coxa esquerda. Entre quatro e cinco semanas parado (reaparecerá 36 dias depois, em 20 de janeiro, contra o Racing de Santander).

Intervalo para a pergunta: por que Messi se machucava com tanta frequência, a ponto de alguns o chamarem de "estrela de vidro"? Fadiga muscular acumulada, uma lesão anterior mal recuperada, aquecimento inadequado, estresse psicológico, desequilíbrio de força entre grupos musculares, postura inapropriada durante a corrida, golpe direto, uma visível diferença de

tamanho entre ambas as pernas... são muitos os motivos que podem causar uma lesão. Além disso, a complexidade da estrutura muscular tibial posterior torna difícil encontrar as causas e isso dificulta a recuperação do jogador. No caso de Messi, alguns apontavam também suas particularidades físicas, sua estrutura muscular e óssea e seus problemas de crescimento, estimulado por hormônios. É difícil, de qualquer forma, estabelecer com exatidão. Inclusive para os médicos do Barcelona, frequentemente acusados pela imprensa como responsáveis por erros nos prognósticos sobre o tempo de recuperação. “Já me disseram”, explica Jorge Messi, “que sua massa muscular está composta por fibras explosivas como as de um velocista. Dão essa velocidade que o caracteriza, mas o risco de rupturas é considerável. De todo o modo, Leo tem plena consciência de que deve se cuidar muito.” Vamos encerrar o assunto das lesões e retomar o fio da história do clássico de 10 de março de 2007, embora seja necessário dizer que neste caso também há uma lesão no meio. Leo vem de nove semanas de parada obrigatória; desta vez não se trata de músculos, mas de um incidente de jogo. No dia 12 de novembro de 2006, na partida contra o Real Zaragoza, recebe uma pisada de Alberto Zapater, defensor adversário. Fratura no quinto metatarso do pé esquerdo. Deve passar por cirurgia. No procedimento colocam um parafuso para estabilizar a fratura e um enxerto de pele para acelerar a recuperação. Antes do clássico, jogou algumas boas partidas, “mas faltava o gol. Era o que estava faltando”, diz. Consegue marcar três gols, a primeira vez na Primeira Divisão (tinha até marcado mais gols em uma única partida, mas em jogos sem nenhuma importância), e, embora não consiga levar seu time à vitória, ajuda pelo menos para que o Barça se salve. “Porque perder para o Real”, diz, “é sempre ruim.” E isso não é tudo, o gol permite que Leo mande uma mensagem: “Força, Tio” (escreveu por baixo de sua camiseta) para seu padrinho, que acaba de perder o pai. Uma maneira de mostrar todo seu apoio em um momento difícil. E há outra dedicatória nesta noite mágica. Esta, feita de beijos ao escudo do Barça. Depois do terceiro gol, Messi corre e repete o gesto, porque “devo muito ao Barça pelo que fez por mim até hoje e

também às pessoas, pelo carinho que me dedicaram, sobretudo, nestes meses difíceis”. Três gols que mudam o curso de uma temporada negativa. A partir de 10 de março, Leo joga muito, não volta a desperdiçar oportunidades e não só marca gols, mas cria obras de arte.

“A bocca aperta”

Conversa com Gianluca Zambrotta

Duas temporadas juntos. Duas temporadas muito fracas e muito tristes para o Barça. E também para o defensor italiano, que chegou à Ciudad Condal depois de ter vencido com a *azzurra* a Copa do Mundo na Alemanha. Porém, no vestiário do Camp Nou e no campo, o hoje jogador do Chiasso, da Suíça, teve tempo para ver de perto e avaliar o atual número 10 azul-grená.

– *O que você acha de Leo Messi?*

– Acho que é um dos maiores talentos vistos nos últimos dez ou vinte anos. É indiscutível que, hoje, é um dos melhores jogadores do mundo, sobretudo se levarmos em conta que tem só 26 anos e ainda muito tempo para crescer.

– *Dez de março de 2007, Barça x Real Madrid, lembra-se?*

– Não estava em campo, mas a atuação de Messi me impressionou. Como a todos, suponho. Já em 2005, no Santiago Bernabéu, tinha mostrado grandes coisas, mas, naquele clássico, ele se superou. O mais surpreendente é que um garoto não sinta a pressão de jogar em uma equipe como o Barça, algo pouco comum e empatar uma partida várias vezes. E tudo isto em um encontro muito difícil, nervoso, tenso, muito disputado, como todos os clássicos, claro, embora a verdade seja que o de março de 2007 foi realmente duro. O que posso dizer? Que ele tem capacidades excepcionais e, sobretudo, uma maturidade e um senso de responsabilidade difíceis de encontrar em um jogador tão jovem.

– *E o gol contra o Getafe?*

– Neste, eu estava. Fiquei com a boca aberta. Como conseguiu fazer algo assim?, eu me perguntei. A mesma pergunta que se fizeram meus companheiros, o treinador e os espectadores do Camp Nou. Foi um gol incrível, de craque. O mais bonito que vi alguém marcar. Muito parecido com o de Maradona no Mundial de 86. Embora, visto do campo, o gol de Messi pareça ainda mais belo do que o de Diego.

– *Qual é o segredo de Leo?*

– Para ele, não há nenhuma diferença entre o Camp Nou e o campo de terra de sua cidade. São o mesmo. Não sente a pressão ou, pelo menos, não demonstra. O importante é que a bola esteja na sua frente. É como os grandes jogadores fora de série que conheci: quando veem uma bola voltam a ser crianças, emocionados com seu brinquedo preferido. Não querem soltá-la mais e nunca poderiam parar de jogar. Tente tirar a bola de Messi. Não é possível.

– *Por quê?*

– Porque tem um controle impressionante dela, sempre presa ao pé esquerdo, é rapidíssimo, move-se bem com ou sem a bola nos espaços pequenos, como Maradona. E escorrega como um sabão, deixando o marcador desorientado. Nunca se sabe para onde ele vai. Se para a direita, a esquerda ou se vai mandar pelo meio das suas pernas. Em algumas partidas, a equipe rival colocou até três jogadores em cima, mas no final ele sempre conseguiu fazer a diferença. É o tipo de jogador que, se estiver bem, faz com que o time ganhe a partida. Já demonstrou isso muitas vezes. Embora, honestamente, eu não esperasse uma sequência assim, um rendimento tão alto uma partida atrás da outra.

– *É individualista?*

– Conduzir a bola, driblar, são características de seu jogo, sempre quer a bola porque assim se diverte e diverte os outros. É como quando você vai jogar bola com os amigos e é o melhor, sempre quer a bola, precisa fazer sua apresentação e deixar todos boquiabertos. Não, não é um individualista. Cresceu e sabe o que significa jogar em equipe.

– *E nos treinamentos e no vestiário, quais são suas lembranças?*

– É um menino humilde, com muita vontade de trabalhar, sente que ainda não chegou ao seu limite. É um rapaz alegre, que brinca e conta piadas. É um desses jogadores que, no vestiário, contribuem para criar um bom clima, de companheirismo e amizade. Me parece ser um rapaz maduro e com a cabeça no lugar. Com uma grande personalidade.

Leo e Diego

18 de abril de 2007

“Recuperação para o Fútbol Club Barcelona.

Xavi...

Messi consegue passar por Paredes.

Dominando a bola, também passou por Nacho.

Messi chega até Alexis, continua com a bola.

Dentro da área... dribla.

A bola que vai sair pela linha de fundo...

Golaço de Messi!

Que golaço!

Deixou para trás quatro jogadores do Getafe e também o goleiro.

O arremate com a perna direita. Bem incomum para Messi!

Fiquem com este gol!

Aos 28 e meio de jogo do primeiro tempo.

Sem dúvida, pode ser o gol da temporada...

Impressionante. Todo mundo sorri e não sabe o que fazer diante desta demonstração de condução, de velocidade, de habilidade, de arranque e de definição. A verdade é que foi impressionante...

Não quero fazer comparações, mas me faz lembrar o gol de Diego Armando Maradona no Mundial de 86 contra a Inglaterra. Não são dois gols iguais. Não são os mesmos jogadores. Não queremos dizer que Messi seja Maradona, mas me fez lembrar esse gol.”

Esta é a crônica televisiva de Barcelona x Getafe, 18 de abril de 2007, do canal Digital+.

E esta é a voz de Víctor Hugo Morales na rádio Argentina no dia 22 de junho de 1986, Estádio Azteca, México, Argentina x

Inglaterra:

“...vai tocar para Diego.

Maradona está com a bola.

É marcado por dois, pisa na bola Maradona, arranca pela direita, o gênio do futebol mundial.

e passa pelo terceiro e vai tocar para Burruchaga...

Sempre Maradona!

Gênio! Gênio! Gênio! ta-ta-ta-ta-ta-ta e

Gooooooooo!... Gooooooooo!

Espetacular!

Viva o futebol!

Golaço!

Diego! Maradona!

Estou emocionado, me perdoem...

Maradona em uma arrancada memorável, na melhor jogada de todos os tempos... um cometa... de que planeta você veio? Para deixar no caminho tanto inglês, para que o país seja um punho apertado gritando pela Argentina... Argentina 2 x Inglaterra 0.

Diego! Diego! Diego Armando Maradona...

Graças a Deus pelo futebol, por Maradona, por estas lágrimas...

Por este Argentina 2 x Inglaterra 0.”

As camisas são diferentes. Assim como a importância das duas partidas: por um lado, a semifinal da Copa do Rei, por outro, as quartas de final de uma Copa do Mundo contra um adversário como a Inglaterra, que a Argentina enfrentava depois da guerra das Malvinas de 1982. Embora todos neguem, os motivos extracampo pesam, e muito... pelo menos no coração dos torcedores.

Os personagens são diferentes: Maradona, o cometa, tem 25 anos, é o Dez, o craque mundial. Messi, a Pulga, que quando o Pibe de Oro marcou aquele gol ainda não tinha nascido, é um rapazinho de dezenove anos que estreou como titular na Liga Espanhola e na azul e branca nem dois anos antes.

A emoção dos locutores é incomparável: as lágrimas, a façanha e a retórica sul-americana contra o rigor, pelo menos nesta ocasião, dos comentaristas espanhóis, mas... os dois gols são

realmente parecidos, um parece a cópia do outro. Então a primeira impressão é boa.

No dia seguinte, todo mundo vê a história se repetindo. No YouTube, o site mundial de exibição de vídeos, o gol deixa os internautas alvoroçados. É postado milhares de vezes e comparado com o de Maradona. Na rede abre-se uma discussão sobre qual dos dois gols é mais bonito. Cada um dá sua opinião, de especialista ou de torcedor, enquanto os meios de comunicação comparam, de todas as maneiras possíveis, as duas ações, exaltando a jogada de Leo.

São ouvidas e lidas muitas manchetes, opiniões e criações linguísticas para todos os gostos: desde “Messidona” a “o Pé de Deus”, até chegar a “Messi maravilha o mundo”. Não há rivalidade que valha: frente à evidência se rendem inclusive os jornais esportivos de Madri, geralmente reticentes a dedicar a capa aos eternos rivais do Barcelona. Desta vez, no entanto, não hesitam. O jornal *Marca* estampa na capa “20 anos, 10 meses e 26 dias depois, Messi repete o gol de Maradona”. E nas páginas internas retoma as palavras de Víctor Hugo Morales: “De que planeta você veio?”. Ninguém deixa de notar que se trata de um desses acontecimentos rarissimamente vistos em um campo de futebol.

Os 53.599 espectadores do Camp Nou, por exemplo, ficam de pé, agitam qualquer coisa suscetível de ser agitada, do jornal à programação, passando por um lenço ou um cachecol, para imitar uma bandeira. E os que não têm nada com a cor adequada respeitam igualmente o rito coletivo aplaudindo até as mãos doerem. Um tributo com tudo que merece.

Ou os que estão no campo, como Eto’o, Deco, Gudjohnsen. Os três colocam as mãos na cabeça. “Meu Deus, o que ele fez” é a melhor tradução da expressão incrédula deles. E não acaba por aí: nas declarações logo depois da partida, companheiros de time e adversários esbanjam elogios:

“Foi o mais lindo gol que vi na minha vida”, Deco.

“Ofuscou todo mundo”, Jorquera.

“Só espero não me ver na televisão daqui a trinta anos”, Paredes.

“Não há muitas palavras para definir esse gol. Do banco fiquei maravilhado”, Güiza.

Bernd Schuster, treinador do Getafe, não pensa o mesmo, mas todo mundo conhece o temperamento do alemão: “Devíamos tê-lo parado com um pontapé, mesmo que nos custasse um cartão. Não se pode ser tão nobre”.

O debate se inicia e no dia seguinte dá a volta ao mundo. Embora o futebol seja estética e magia, alguns se empenham em analisá-lo com números, cifras e estatísticas.

Pois aí vão: Leo demora 12 segundos, contra os 10,8 de Diego; percorre 60 metros contra os 62 no Azteca; 13 toques na bola e 12 do Pelusa; dribla 5 adversários contra os 6 ingleses que Maradona deixa no caminho. A sequência de fotos da jogada se sobrepõe, as imagens são analisadas uma a uma para comparar, para compreender. Como nos jogos infantis, as semelhanças são procuradas. *La Nación* de Buenos Aires ganha o prêmio indicando dez coincidências: do lugar onde parte a jogada até a comemoração (ambos correm para a bandeira de escanteio à direita do campo). Sites, tevês e jornais lançam suas pesquisas. A pergunta é mais ou menos a mesma: qual foi o gol mais bonito, o da Pulga ou o de Diego? De qual você gostou mais? Qual dos dois foi melhor? Cinquenta e cinco mil pessoas respondem à pesquisa do *Marca*: 60,62% escolhem o gol do rosariense, enquanto 39,38% preferem o de Pelusa. Mesmos resultados, embora com margens mais curtas na Cadena Ser: ganha Messi com 52% contra 48% de Diego. Absoluta maioria a favor do atacante do Barcelona no *Mundo Deportivo*: mais de 3/4 dos votos. Os argentinos do *Olé* premiam Maradona com 74,3% dos votos. Era previsível, porque esse gol está gravado na memória coletiva do país; não há casa em que não tenha entrado, pelo menos uma vez, uma fita de vídeo ou um DVD com aquela jogada. Na Argentina foi feito até um pocket com o gol do século. É um flip book, você vira as páginas e é como ver o vídeo do lance (atenção, a coleção Iconos Argentinos também inclui a “Mão de Deus”, os malabarismos com a bola de Maradona em Villa Fiorito ou o gol de Maxi Rodríguez contra o México; Leo Messi e sua maravilha ainda não fazem parte desta exclusiva seleção). E é

preciso acrescentar que Maradona, na Argentina, não é só um jogador de futebol, é um herói popular, uma lenda viva, uma fé (a Igreja maradoniana, paródia da religião que pratica o culto de Diego como deus supremo) e um ícone da história pátria, como José de San Martín, Carlos Gardel, Evita, Jorge Luis Borges ou Ernesto “Che” Guevara. É normal que os argentinos sejam reticentes em trocá-lo como uma figurinha de um simples jogador.

Definitivamente, essas pesquisas ilustram bem a profundidade das paixões dos dois lados do oceano. Além de qual dos dois gols é mais bonito, surge outra pergunta: a vontade de Messi ou, para citar as palavras de *La Nación*, “Messi quis imitar Maradona? Foi uma grande coincidência ou não?”.

O próprio protagonista vai esclarecer as dúvidas: “Talvez a jogada tenha sido parecida, eu a vi só uma vez na televisão”, declara Messi, “mas nunca pensei que podia ser a mesma ou o mesmo gol de Diego. Depois me disseram, mas naquele momento não pensava em nada, só na alegria de ter marcado um gol”.

E há mais. Quando pedem que descreva sua façanha, Leo responde: “Vi que havia um buraco e fui para frente, como sempre. Encarar os dois defensores e tentar chegar e definir a jogada. Os dois defensores estavam voltando e nenhum outro saía, então tentei procurar alguém para fazer a tabela e quando vi o buraco me enfiei. Por sorte, deu certo”.

Essa simplicidade, como se fosse algo normal (e no fundo é, se visto como parte de seu trabalho), lembra a de Maradona em 86, ou pelo menos se ficarmos com a lembrança de Jorge Valdano. “Diego garante que tentou me passar a bola várias vezes, mas que sempre encontrava um obstáculo, por isso mudava de ideia”, embora tenha certeza de que, na verdade, Diego “nunca esteve disposto a soltar aquela bola”. Valdano como possibilidade de passe de Maradona, Eto’o no caso de Messi. Os paralelos e semelhanças entre os dois gols são infinitos, incluindo a questão do pontapé invocado por Schuster e sustentado por algum outro defensor do Getafe. Escutem o que disse o “Negro” Enrique, presente na famosa partida no Azteca: “Dizem que os ingleses não deram um pontapé

nele. É porque não conseguiram! Quando percebiam, ele já tinha passado”.

A mesma verdade vale no caso de Messi. Vamos continuar ouvindo as histórias. Se foi precisamente Héctor Enrique quem, no Mundial do México, reivindicou sua contribuição ao gol e o passe prévio, aqui faz o mesmo Xavi: “Me disse”, revela Messi, “que em todos os grandes gols se fala muito do gol e que, no entanto, ele me deu o passe e ninguém fala nada”. Por outro lado, não há paralelo nenhum entre o que aconteceu depois, entre outras coisas porque as situações eram diferentes. Talvez não exista nenhuma relação entre as palavras dos dois protagonistas. Leo, depois da partida, diz que “não foi tudo isso” e sai tranquilamente para jantar com seu pai e seu amigo de sempre, Pablo Zabaleta. Pena que a pressão midiática o obrigue a mudar de restaurante. No de sempre há muita gente esperando por ele. No dia seguinte, no Camp Nou, em uma coletiva de imprensa lotada, Leo, recém-saído da ducha, com o cabelo ainda molhado, diz, diante dos microfones, que dormiu bem e que “sinceramente não parei para pensar no gol e no que significa”. Imune à insistência dos jornalistas, acrescenta que o gol não muda as coisas: “Não sinto nenhum tipo de pressão, vou continuar jogando e me divertindo como sempre fiz”. Há algo que, entretanto, ele não se esquece: a dedicatória, já feita no calor da comemoração e repetida ali: “Eu dedico o gol a Diego. Quero mandar toda minha força e meu carinho a ele, para que saia o quanto antes e se recupere, porque é o que toda a Argentina quer e todo torcedor de futebol”.

Diego Armando Maradona está no hospital. Durante a noite de 1º de abril deu entrada no setor de emergência. Uma nova recaída com o álcool causou uma hepatite tóxica aguda. Esteve a ponto de morrer, diz seu médico pessoal, Alfredo Cahe. Na Argentina, chegam inclusive a anunciar sua morte. Por sorte, isso não aconteceu e Maradona, no começo de maio, recebe alta na clínica neuropsiquiátrica Avril, onde se internara, por vontade própria, para realizar tratamento e superar sua dependência do álcool. A primeira coisa que faz ao sair é ir ao programa de tevê *ShowMatch* para dar sua versão dos fatos e atacar aqueles que querem enterrá-lo antes

do tempo. E durante a entrevista com seu amigo Marcelo Tinelli também encontra tempo para falar do gol de Messi. Escutemos o que diz o Dez: “Os que fizeram essa comparação têm vontade de exagerar. Exageraram, e muito. Meu gol foi mais lindo que o do Messi, só para começo de conversa. E, além disso, eu o marquei na frente de onze jogadores de uma seleção campeã do mundo, Inglaterra, e em um Mundial. Leo marcou contra o Getafe na Copa do Rei, na Espanha. Não é o mesmo”. O Pelusa reivindica seu gol e chama de exagerados todos aqueles que se atreveram a fazer comparações. Meses depois, em uma entrevista a *El Gráfico*, semanário esportivo de Buenos Aires, é ainda mais contundente: “O que foi que você sentiu ao ver pela primeira vez o gol do Messi no Getafe?”, perguntam. E ele, bravo, responde: “Não tem nada a ver com o meu”. “As circunstâncias não, mas as jogadas foram parecidas, Diego...”, insistem. “Não, não, não tem nada a ver. Desses gols, nos treinamentos, eu fiz milhões, só não estão gravados. Sim, vamos manter a seriedade nesta matéria, não me obrigue a falar coisas...”

Pena que a polêmica não acaba aqui.

É 9 de junho de 2007: Barcelona x Espanyol, 43 minutos do primeiro tempo.

Escutem a crônica de uma tevê argentina.

“...Messi agora.

Messi encara.

Messi quer vir para dentro com Eto’o.

Eto’o de costas entre quatro marcadores.

Eto’o abriu a bola.

Zambrotta...

Não alcançou Messi...

Com a mão, com a mão, como Diego.

Grito da mesma forma:

GOOOOOOL!

É Diego! Digam que não! Para mim é Diego. É o mesmo tipo...

Reencarnou, eu não acredito nisto, mas... reencarnou. Não podem ser tantas coincidências. Expliquem como podem acontecer outra vez duas coisas tão, mas tão, parecidas entre

dois homens... Messi ou Maradona vestido de Lionel Messi baixa, coloca o uniforme do Barcelona e empata a partida com a mão esquerda.”

E para os que ainda têm dúvidas, o comentário de Michael Robinson no canal Digital+: “Dois gols marcados à la Maradona na mesma temporada. Os dois contra a Inglaterra, um contra o Getafe, outra contra o Espanyol. Repetiu os dois”.

A Mão de Deus está servida. Com todas as semelhanças e polêmicas. Maradona, naquele 22 de junho de 1986, se antecipou à saída de Peter Shilton, quinze centímetros mais alto do que ele. Messi supera com seu salto Carlos Kameni, que ganha em dezenove centímetros. O árbitro tunisiano Alí Bennaceur, apesar dos protestos dos ingleses, concede o gol quando seu assistente corre para o centro do campo. Rodríguez Santiago, apesar da tecnologia disponível em 2007 e do desespero dos jogadores do Espanyol, também valida. Maradona demorou para admitir o que todos já sabiam, “que a Mão de Deus foi a mão de Diego! E que foi como bater a carteira dos ingleses também”. Messi, logo depois da partida, só lamenta que seu gol “não tenha servido para nada; só para somar um ponto” e não para ganhar a Liga. Comemorou “como algo normal e ficou alegre por ter empatado a partida”. Definitivamente, não se deve sentir vergonha de ter sido o mais esperto.

Diego e Lionel, Messi e Maradona, o herdeiro e o mestre. Ariel “el Tigre” Zárate, natural de Entre Ríos com 31 anos, revelação da música folclórica argentina, dedicou ao tema uma canção: “O Pé de Ouro chegou”. A letra é assim:

Un 24 de junio del 87,
a un año de Argentina Campeón
se encendió una estrella, una nueva ilusión
el Pie de Oro en Rosario nació.
Gambeta mágica, pequeño y gran jugador.
Siete años y en las inferiores del Newell's Old Boys.
A su problema aquí le dieron la espalda
y tuvo que emigrar hacia España,
y en Barcelona su segundo padre encontró

con sacrificio y amor, él se superó.

En el 2004 debutó en el Barça
y con la Sub 20, su sueño reveló
(¡El Pie de Oro llegó!)

(Refrão)

Dale Lionel.

El mundo está esperando la gambeta otra vez.
Queremos ver la magia, que traes en tus pies.

(Bis)

Grande corazón de león,
sale a la cancha, hay una esperanza.
La hinchada quiere gritar su gol
en un partido con la celeste y blanca,
te alentamos desde cada rincón,
en la selección despierta la ilusión,
te queremos ver con la Argentina ¡campeón!

(Refrão)

En el mundo entero, despierta pasión.

Te queremos ver, con la Argentina ¡campeón![\[1\]](#)

Agora Messi tem seu Rodrigo[\[2\]](#) como teve Maradona. Canções à parte, incontáveis vezes, muitas, se falou e escreveu sobre as semelhanças entre os dois inclusive antes desse abril de 2007. Desde sempre, Lionel foi comparado de uma ou de outra forma com Maradona. Os primeiros a mostrar as semelhanças foram seus treinadores do Newell's, de Enrique Domínguez a Ernesto Vecchio, passando por Adrián Coria. “Com a bola, eu o vi fazer coisas deslumbrantes, como Maradona fazia com sua idade”, afirmava Vecchio. Guillermo Hoyos, seu treinador no Juvenil B do Barcelona, segue essa mesma linha: “Messi é o mais próximo que vi de Diego. Em condução, em determinação. Leo sozinho mudou o resultado de um monte de partidas! É como Diego: batem, batem outra vez e continua mesmo se estiver no chão. É preciso matá-lo para conseguir pará-lo. Não tem problemas de desenvoltura. Vai levando a bola com o peito do pé e só precisa se preocupar com a velocidade. Ele já sente a bola e a leva diferente do resto”.

Desde então foram muitos que, em cada etapa do número 10 do Barça, falaram disso. Norberto Alonso, por exemplo, ex-número 10 do River Plate: “Há coisas que me fazem lembrar Maradona. Por exemplo, seu arranque explosivo. E a velocidade com que joga. Mas Diego tinha essa mudança de frente de trinta metros que falta a Messi”.

Arsène Wenger, treinador do Arsenal, não tem dúvidas: “Messi é como Maradona, mas com um turbo nos pés”. Jogadores do passado e do presente, Eto’o: “Messi é o Diego Armando Maradona do futuro”, ou Deco: “Me lembra muito Maradona. Às vezes escuto que deve ter cuidado com a fama para que não aconteça o mesmo que ocorreu com Diego. Mas Leo é diferente porque vive em um ambiente saudável que o ama e o protege”. Franz Beckenbauer: “Quando vemos como corre com a bola nos lembramos com razão de Diego Maradona em seus melhores tempos”. Alguns não negam as semelhanças, mas alertam o rosariense: “Entre Messi e Maradona”, afirma Héctor “el Negro” Enrique, campeão do mundo de 86 com a Argentina, “existem duas coisas em comum: o drible e a velocidade. Diego tinha esse drible e esse pique curto que matava e é difícil tirar a bola do Leo. Além disso, não chuta por chutar, mas busca a trave mais distante do gol e joga da direita para a esquerda como Diego. O ruim não é que o comparem com Maradona, o ruim é que Leo acredite ser Maradona”. Algo que também preocupa Gabriel Batistuta. O ex-centroavante da Fiorentina e maior goleador da azul e branca diz: “Leo não deve tentar imitar o Maradona, só precisa ser ele mesmo e dar o melhor de si. Porque de outra forma, embora chegue ao nível de Diego, só conseguirá ser o segundo Maradona”. São poucas as vozes discordantes, uma, embora seja quase normal levando em conta de que se trata de Maradona, é a de Pelé. O Rei está convencido de que “Messi é diferente. Maradona vinha de trás. Messi é um pouco mais veloz. Por outro lado, Diego era um jogador com mais armas”. Outra voz dissonante é a de César Luis Menotti, “el Flaco”, o treinador da Argentina campeã do mundo em 1978: “Não é o novo Maradona. Na Argentina, e em outros países também, cada vez que aparece um menino com boa técnica, que é habilidoso e tem decisão, todo

mundo afirma que é o sucessor de Diego. Messi é um bom jogador, canhoto, hábil, potente, joga no Barcelona e é argentino. Mas não é Maradona, é Messi”. Categórico, Walter Vargas, escritor, jornalista e psicólogo, em seu livro *Fútbol delivery*, sustenta: “Messi não é, nem será Maradona. Não alcançará essas alturas, afirmo, e até acho difícil que chegue perto”. Opiniões contrastantes. Mas há mais: o Comitê Olímpico Argentino até realiza um estudo, a cargo de Miguel Toderi, para comparar cientificamente os dois jogadores. Os resultados? Uma obviedade. Demonstaram que Messi e Maradona compartilham uma série de parâmetros fisiológicos: centro de gravidade baixo, massa muscular, altura, peso, trajetória e, claro, os dois são canhotos.

Nestes casos, é melhor deixar a ciência em paz e dar um passeio turístico por La Boca, Buenos Aires, nos arredores da Bombonera, para conversar com torcedores grandes e pequenos. Rodrigo: camiseta azul e amarela do Boca Juniors, não quer nem ouvir falar do assunto. Ele viu Maradona jogar e não aceita comparações. Cita os pontos fracos do rosariense, da cobrança de faltas à visão de jogo, e vangloria os dotes de Pelusa, perguntando ao interlocutor se lembra os primeiros gols do Dez com o Argentinos Juniors. Passamos para Luis, que, em sua loja do perfeito *bostero* (o torcedor do Boca), mostra uma foto de Maradona em ação com a inscrição: “Seus filhos e os filhos dos seus filhos perguntarão por ele”. Encontramos depois, caminhando pelas ruas, uns meninos jogando bola. Dois deles usam a camiseta do Barcelona com o nome do Messi nas costas. Julián, dez anos, o mais tagarela de todos, responde taxativo: “Torço para o Boca, mas gosto de Messi, gosto de como ele chuta”.

Não terão as preferências a ver com a idade? “Raúl González Tuñón no ‘El Poeta murió al amanecer’, um dos seus poemas mais lindos, escreve: ‘Algunos, los más viejos, lo negaron de entrada. Algunos, los más jóvenes, lo negaron después’.^[3] É o que acontece no mundo do futebol uma geração após a outra. E o mesmo acontece com Messi”, explica Horacio del Prado, comentarista da Rádio Nacional na Argentina. “Os velhos que hoje afirmam que Messi nunca alcançará o nível de Maradona esquecem o que

sempre se diz quando aparece um novo craque: não vai chegar ao mesmo nível. De Maradona já se disse que era gordinho, baixinho e que nunca chegaria a ser um campeão comparável aos grandes. Hugo Gatti, o grande goleiro, foi um dos que falou sem parar da gordura de Maradona e Diego fez quatro gols nele.”

Deixemos as opiniões e vejamos outras razões para esta persistente comparação. É simples: desde que Pelusa se aposentou em 1997, os argentinos – e não só eles – estão constantemente em busca de um sucessor. Não é estranho, acontece sempre que um grande jogador se aposenta. Primeiro, é preciso tempo para aceitar o desaparecimento do mito, depois é preciso tempo para encontrar alguém que nos faça lembrar dele, que nos faça reviver a magia perdida. Que nos faça voltar aos velhos tempos, porque a memória no futebol é algo fundamental, porque para vender é mais fácil pendurar no jovem a etiqueta de novo Pelé, de novo Maradona. Assim todos sabem do que se está falando. São frequentes os equívocos, a nomeação não funciona ou o candidato à sucessão não mantém as promessas realizadas. Como aconteceu, para falar só dos novos Maradonas, com Ariel Ortega, Pablo Aimar, Juan Román Riquelme ou com o “Apache” Tévez. Nenhum deles esteve à altura. É difícil suportar o peso da coroa. Ainda mais quando as coincidências, como no caso de Messi, são tantas: pequeno, canhoto, cresceu no Newell’s – por onde Maradona passou rapidamente –, amadureceu no Barça – primeiro clube europeu do “Maramondo” –, campeão do mundo sub-20, como Maradona, em 1979. Da mesma forma que Diego, estreou na seleção principal exatamente contra a Hungria. E ainda é mais difícil quando o próprio Maradona o convida a seu programa na tevê (*A Noite do 10*) e o aponta como seu herdeiro. “Leo está predestinado a ser um dos grandes. Muitos acreditam que já é, mas na minha opinião”, diz Maradona, “está apenas começando. Pode fazer muito mais do que já fez e, quando fizer, será seu momento.” Quando o *El Gráfico* pergunta, ele responde que claro que Leo é o melhor argentino do momento, mas à pergunta seguinte – “Leo poderá alcançá-lo?” – escapa com um “se for para o bem do futebol argentino, que ele me ultrapasse”. Apesar de todas as suas declarações e bênçãos, o

velho rei é reticente em ceder o cetro. Cabe ao pretendente demonstrar que o empunhará com honra.

[1] Um 24 de junho de 87, / a um ano da Argentina Campeã / se acendeu uma estrela, uma nova ilusão / o Pé de Ouro em Rosário nasceu.

Drible mágico, pequeno e grande jogador. / Sete anos nas inferiores do Newell's Old Boys. / Ao seu problema aqui lhe viraram as costas / e teve que emigrar para a Espanha, / e em Barcelona sua segunda casa encontrou / com sacrifício e amor, ele se superou.

Em 2004 estreou no Barça / e com a sub-20, seu sonho revelou / (O Pé de Ouro chegou!)

(Refrão) Vai Lionel. / O mundo está esperando o drible outra vez. / Queremos ver a magia, que traz em seus pés. (Bis)

Grande coração de leão, / entra em campo, há uma esperança. / A torcida quer gritar seu gol / em uma partida com a celeste e branca, / torcemos de cada região, / na seleção desperta a ilusão, / queremos vê-lo, com a Argentina, campeão!

No mundo inteiro, desperta paixão. / Queremos vê-lo, com a Argentina, campeão! (N.T.)

[2] Cantor argentino conhecido como "El Potro" (1973-2000), escreveu para Maradona a música "La mano de Dios". (N.E.)

[3] Alguns, os mais velhos, o negaram de saída. Alguns, os mais jovens, o negaram depois. (N.T.)

Um caminho pela frente

Conversa com Frank Rijkaard

Um cinzeiro, um maço de cigarro, uma lata de Pepsi e começa a falar. O ex-técnico do Barcelona está relaxado, não tem compromissos urgentes e fala com boa vontade do rapaz que fez estrear na equipe principal em 16 de outubro de 2003.

– *Você, com a camiseta do Milan, jogou partidas importantes contra Maradona e o Napoli, e durante cinco anos foi treinador de Messi. Em uma palavra, é a pessoa indicada para resolver a questão: Leo é o novo Diego?*

– De Maradona tenho muitas lembranças, aqueles encontros com o Napoli, no Campeonato Italiano, foram históricos; mas Diego, quando jogava na Itália, era um jogador já formado, tinha 26, 27 anos. Messi ainda é muito jovem, tem todo um caminho pela frente. Compreendo que muita gente compare Leo com Diego. Os dois são argentinos, os dois são baixinhos e têm grandes qualidades, mas as comparações são sempre complicadas. Maradona, naquele momento, representava o futebol. Ele foi e é o futebol, está claro. Leo é um jogador único, mas para relacioná-lo com Maradona teremos que esperar o final de sua carreira.

– *E o gol contra o Getafe?*

– Vi muito futebol, diversos grandes jogadores e muitíssimos gols... tenho que dizer que o gol de Leo contra o Getafe foi um dos mais espetaculares que já vi. Foi uma autêntica obra de arte. Lembro que quando acabou a jogada senti uma felicidade imensa por ele, pela equipe, pelo público; mas, sinceramente, não me surpreendeu tanto.

– *Por quê?*

– Porque eu o via todo dia treinando, jogando, sabia que fazia coisas divinas e era capaz de fazer coisas assim.

– *Então não foi surpresa a discussão sobre a semelhança com o gol de Maradona no Mundial do México de 1986?*

– Já imaginava isso. Porque é verdade que os gols se parecem muito, embora ache que Leo acelera ainda mais que Maradona. Na internet, enviaram milhares de imagens dos dois gols e vi pelo menos outros vinte gols assim.

– *Vamos voltar à estreia de Leo com a equipe principal.*

– Já nas categorias de base, Leo era talentoso, mas é preciso esperar para ter uma opinião formada. É preciso esperar porque a passagem à equipe principal é fundamental. É a prova da verdade. Bem, Leo surpreendeu a todos porque, em vez de encontrar dificuldades, melhorou muito suas qualidades jogando com grandes profissionais. No Gamper, contra a Juve, todos perceberam o valor do rapaz.

– *Quais são suas características, suas qualidades?*

– Não importa se joga em frente a 10 ou 100 mil espectadores, Leo é sempre o mesmo, tem a mesma segurança e a mesma vontade de ganhar. É o rapaz que diz: “Me passa a bola que quero jogar, quero inventar, quero demonstrar meu talento”. E quando recebe a bola é muito complicado pará-lo sem fazer uma falta. É muito rápido, tem um grande controle da bola, um toque lindo e um drible pouco visto no mundo do futebol. E, não podemos esquecer, é muito explosivo e também, embora não seja alto, muito forte. É possível ver isso nas divididas, não é fácil derrubá-lo.

– *O que mudou nele?*

– Quando estreou era uma pessoa equilibrada, tranquila, respeitadora e muito tímida. Com o tempo, e sem perder essas qualidades, mudou muito. Está mais seguro de si, tem consciência de ser um jogador importante do time. Todos o valorizam e ele percebe isso. Não mudou de atitude, mas não é o rapaz silencioso

de alguns anos atrás. É mais engraçado, gosta de brincar quando está com seus companheiros ou em um ambiente que conhece... Tenho que dizer que, desde o primeiro momento, a equipe se comportou bem com ele, o grupo o aceitou. Sylvinho, Deco, Ronaldinho o ajudaram, o aconselharam. Os grandes jogadores reconhecem sempre um jogador especial.

– *Que relação o senhor tinha com Leo?*

– Tenho muitíssimo carinho por ele. A princípio, por sua idade, achei que precisava da minha empatia e meu apoio. Nos últimos tempos vi que necessitava menos: conhece suas possibilidades, sabe como funciona o mundo do futebol. Assume responsabilidades e vai assumir muitas mais perante seus companheiros, perante o clube e os sócios. Já está maduro para isso porque se desenvolveu como pessoa e como jogador, viveu momentos muito lindos e momentos muito duros.

– *Como quando se machucou contra o Chelsea e o senhor o abraçou como se fosse um pai?*

– Para mim foi uma coisa natural. Senti seu sofrimento, sabia como era importante para ele jogar aquela partida. Machucar-se era algo insuportável. A única coisa que podia fazer era consolá-lo, dizer: “Não é nada, você logo vai ficar bem”. Foi um momento emocionante, muito bonito, embora não tenha sido nada agradável. Mas em uma trajetória você precisa aguentar estas coisas. São as que o fazem crescer, as que o motivam a continuar jogando, para chegar ao auge.

– *Um conselho ou o conselho mais importante que deu a Leo.*

– Concluir a jogada: chutar ou dar o último passe e não continuar driblando. Porque há mais riscos de perder a bola e de se machucar. Não se pode driblar durante noventa minutos nem se pode driblar, em cada partida, dez jogadores e o goleiro. Pode-se fazer isso uma vez por ano, não todos os domingos. É um conselho que dei há alguns anos e me parece que compreendeu. Em uma palavra, melhorou seu futebol e demonstrou mais maturidade. Era obrigatório fazer isso, porque Leo vê mais que os outros em campo.

Pode conseguir mais que os outros. O que não pode é se desgastar inutilmente, não dosar e não fazer a diferença.

Rijkaard acende outro cigarro e, à continuação, seguindo o fio de seus pensamentos, acrescenta:

– Há uma sensação que transmitia Maradona e também transmite Leo: o prazer de jogar. São duas pessoas que se divertem com a bola, que parecem sempre pedir a bola... e dizem “vamos jogar”.

É preciso provar

Conversa com Carlos Salvador Bilardo

É chamado de oráculo, professor, eminência parda, pai de uma corrente de pensamento futebolístico (o bilardismo, claro) ou, simplesmente, “el Narigón”. Todas elas são denominações que Bilardo ganhou ao longo de sua bem-sucedida carreira como jogador e treinador, tanto em seu país quanto no exterior. Sua filosofia é conhecida: “a única coisa importante é ganhar”, “do segundo, ninguém se lembra”, “uma final é questão de vida ou morte”. Hoje, o médico que se dedicou à bola, depois de uma experiência política como secretário de Esportes da província de Buenos Aires, voltou a seus amores: é o diretor-geral das seleções de futebol da Argentina. E, como sempre, diverte-se falando sobre futebol com sua habitual franqueza e ironia.

– *O senhor foi, possivelmente, o treinador que mais sintonia teve com Maradona. Colocou-o na seleção que em 86 ganhou o Mundial do México; na Itália em 90, quando a azul e branco chegou à final; no Sevilla; e esteve a seu lado no Mundial de 2010. Resumindo, o senhor conhece muito bem Diego e segue de perto a evolução de Messi. Assim, diga: Leo é o novo Diego?*

– Na Argentina, e não só aqui, quando um jogador estoura sempre surge a comparação com Maradona. Há muitos que ganharam o título de novo Maradona... o problema é que depois é preciso continuar provando estar ao nível dele. Diego, em sua época, demonstrou ser o melhor do mundo. Messi avança muito bem, vai pelo bom caminho, mas, se não ganhar uma Copa do Mundo sendo o líder da equipe, nunca chegará ao nível do Maradona. Como aconteceu com outros grandes jogadores que não

chegaram a se consagrar em um Mundial. Penso em Ruud Gullit, em Johan Cruyff ou em Michel Platini.

– *E Messi pode chegar a ganhar a Copa do Mundo?*

– Não sou um oráculo. Mas espero que assim seja pela Argentina.

– *Deixemos de lado o futuro e falemos do gol de Messi contra o Getafe e do gol de Maradona contra a Inglaterra, que o senhor viu do banco...*

– São dois gols parecidos, em situações diferentes: um em nível nacional e de quartas de final de um Mundial, o outro em nível de clube e de semifinais da Copa do Rei.

– *Certo... mas o que o surpreendeu?*

– Me surpreendeu que a Espanha estivesse convulsionada com Messi. Que não se falasse de outra coisa. E aqui também: a televisão não parou de transmitir várias vezes.

– *E do ponto de vista técnico?*

– Me surpreendeu que, da arrancada até a definição, Messi tenha mantido a mesma potência. Maradona mudou de ritmo e Messi vai sempre igual. Faz como todos os canhotos que jogam do lado inverso. Quando arrancam da direita para dentro ficam com todo o gol para definir.

– *Qual prefere entre os dois?*

– Fico com o gol de Maradona. Contra ele apareciam defensores o tempo todo, e os centrais se apresentavam progressivamente: Butcher primeiro e Fenwick depois. Messi percorre trinta metros e não aparece ninguém. Por isso toca mais a bola com a direita, sua perna ruim. Vai levando e sempre faz os cortes com a esquerda. Para os defensores é muito difícil pegá-lo porque vem saltando e vai muito rápido. Na final, os adversários o esperam em linha e para ele é mais fácil.

– *Messi e Maradona... vejamos suas qualidades.*

– Da intermediária para frente são dois jogadores que fazem a diferença, têm um drible curto, rapidez, é muito difícil tirar a bola deles e, além disso, chutam forte.

– *É possível compará-los em outros aspectos?*

– As comparações são uma constante no futebol. Quantas vezes se comparou Maradona com Pelé, com Platini ou com Cruyff para decidir quem era o melhor. Mas os tempos vão mudando, como na medicina. Os conhecimentos de um médico de hoje não são os mesmos de vinte anos atrás.

– *Algo mais?*

– De Diego posso dizer que é um homem que conhece futebol, de tática e de técnica.

Decepção

15 de julho de 2007

Tristeza e raiva. Tudo isto e muito mais ocupam os pensamentos e palavras de Messi em meados de junho. O motivo é simples: o Barcelona não ganhou os títulos que esperava ganhar. Dos oito possíveis, no final teve que se conformar com a Supercopa da Espanha, um resultado realmente escasso. Nada mais. E para alguém como a Pulga, que só pensa em ganhar, a coisa só pode andar mal. E pensar que “começamos bem. Depois fomos eliminados muito cedo da Liga dos Campeões. A seguir saímos da Copa do Rei quando pensávamos que tínhamos conseguido o mais difícil. Se você somar tudo, é muito triste”, explica em uma entrevista à *France Football*. Para não falar da Liga Espanhola, o golpe mais duro de digerir. Em fevereiro, parecia que os *blaugranas* tinham tudo garantido e que a perseguição do Real Madrid de Capello não era mais do que um sonho para manter vivo o campeonato e para ter algo a dizer aos meios de comunicação. No entanto, não foi assim: os pontos perdidos nos últimos minutos, sobretudo contra Betis e Espanyol, dão o título aos adversários. Por que não apostar na vitória do Mallorca, adversário do Real na última rodada, em 17 de junho no Bernabéu? Messi não vê problema nisso, se serve para ganhar. Porém, apesar das boas intenções e das esperanças do argentino, o milagre, que durante 65 minutos parece possível, no final não se torna realidade. Assim, também a última ocasião de salvar a temporada desaparece deixando só decepção. Definitivamente, nada saiu como se esperava e “o herói fica sem prêmio”, conforme o título do *El País*. Porque, de fato, em termos individuais foi uma temporada positiva para Messi, o argentino foi o protagonista indiscutível de muitas noites mágicas: foi ele quem,

com seus famosos três gols, frustrou por um momento as veleidades dos merengues. Depois chegou o “Pé de Maradona” e a “Mão de Deus II”, prodígios e astúcias que não serviram para nada. Os gols marcados e o prêmio de melhor jogador estrangeiro da Liga não são mais do que um pobre consolo.

Por sorte, o futebol não para. A seleção e a Copa América estão esperando por ele e, com elas, a possibilidade de se recuperar do golpe sofrido. Além da oportunidade de jogar um torneio importante como titular e não como figurante, como havia acontecido no Mundial da Alemanha.

Alfio “el Coco” Basile, o treinador que ocupou o posto de José Pekerman, conta com ele. Sabe que a Pulga pode contribuir muito com a seleção e tem um papel fundamental em seu projeto de equipe. Não quer repetir os erros de seu predecessor. Convoca-o para a excursão europeia, Berna e Barcelona, onde a Argentina enfrentará Suíça e Argélia, antes do campeonato continental que acontecerá na Venezuela, com todo mundo convencido de que Messi será o protagonista principal. Em uma pesquisa realizada no site oficial do torneio, Leo se impõe por uma ampla margem (33% dos votos) ao chileno Matías Fernández e ao venezuelano Juan Arango. Robinho, o brasileiro do Real Madrid, que no final será eleito o melhor jogador e conquistará, com seis gols, o título de artilheiro, fecha a lista com 8% dos votos.

Em Maracaibo, em 24 de junho, quatro dias antes da estreia da azul e branco contra os Estados Unidos, Messi faz vinte anos e a imprensa registra seu desejo óbvio: “Ganhar a Copa América e terminar como artilheiro”. A Argentina não ganha a competição desde 1993, portanto a pressão e as esperanças são enormes. São tantas as expectativas sobre Messi que, ao contrário do ocorrido na Alemanha, tanto o grupo quanto o treinador o paparicam. Coco Basile ainda coloca um tutor a seu lado: Juan Sebastián Verón, “la Brujita”. O ex-jogador do Boca Juniors, da Sampdoria, do Parma, da Inter, da Lazio, do Manchester United e do Chelsea, que reencontrou o sucesso em seu primeiro amor, o Estudiantes de la Plata, aconselha Messi dentro e fora do campo e o defende das acusações de ser um solitário soberbo. “Messi é retraído. Não se

junta para tomar mate. Prefere jogar PlayStation. Para mim, é como se fosse meu irmãozinho mais novo, de quem tenho que cuidar. É para colocá-lo no criado-mudo!”, explica no *El País*. E realmente é preciso cuidar de Messi porque na Venezuela começou a Messimania. É uma loucura, o rapaz não pode dar um passo sem ser rodeado por hordas de fãs, as camisetas com seu nome são vendidas como pão quente entre grandes e pequenos; no campo, mal toca na bola e já é ovacionado, mesmo quando erra. Se não joga como titular, como contra o Paraguai, depois de dez minutos as pessoas, chateadas, começam a gritar seu nome.

Um amor cego, que atinge o auge no estádio Lara de Barquisimeto. Messi caminha até o túnel que leva ao vestiário, distraído e cansado, quando chove, do céu, uma garota. Leo viu que a jovem estava a ponto de pular da arquibancada, levanta as mãos e grita, preocupado: “Pare, o que você está fazendo...”. A garota apaixonada não se contém e pula. Por sorte cai de pé. Militares e agentes de segurança se atiram sobre ela, mas antes de ser levada consegue abraçar e dar dois beijos em seu ídolo. Leo sai perplexo de verdade, como o árbitro Simon, que o segura pelo braço pedindo explicações, convencido de que se tratou de uma agressão.

“Foi incrível. Eu fiz sinais para que não se jogasse e terminou pulando da mesma forma. Juro que não sabia o que fazer”, confessou ao *Clarín*, “eram pelo menos quatro metros. Quase se mata e ainda por cima, coitada, a tiraram dali e nem viram se estava bem ou não.”

O fato acontece dia 8 de julho, quartas de final. A Argentina acaba de ganhar do Peru por 4 a 0 e Messi, aos 61 minutos, marcou o tão esperado gol. Nas partidas anteriores, contra os Estados Unidos, a Colômbia e o Paraguai não deixou sua marca, embora tenha sido decisivo para colocar em bom funcionamento e transformar a máquina azul e branca: na estreia contra os norteamericanos, ao servir de bandeja a bola do segundo gol para Crespo, ou durante os 25 minutos que joga no segundo tempo de Paraguai x Argentina (Basile quer preservá-lo para as quartas), uma partida chata à qual coloca um pouco de pimenta. Mas falta o gol, e marcá-lo contra a seleção andina tira um peso das costas. Na

semifinal, em Puerto Ordaz, contra o México, volta a mostrar suas qualidades. Inventava outra obra-prima. Os comentários: “Precisam fechar o estádio”. “Os gênios fazem isso”, diz Basile. “Fechamos o campo e vamos embora? Sim, para que mais? Por que temos que continuar depois de ter visto este golaço?” Os comentaristas de TyC Sports, rede de televisão argentina, têm a mesma opinião de Coco. E isso não é tudo. Carlitos Tévez: “O que Messi fez é admirável. Não teve muitas oportunidades claras de marcar, mas a primeira bola que pegou foi um golaço”. Mascherano: “Foi uma genialidade dessas com que acabamos nos acostumando. Já não me surpreende nada que vem dele. É extraordinário”. Cambiasso: “Foi um gol precioso”. Heinze: “Não há palavras para descrever o gol do Messi”. Definitivamente, um gol que acaba entrando para os melhores vídeos da Pulga Atômica semeados na rede.

Mas o que ele tirou da cartola desta vez? Vejamos a repetição da jogada. Aos 15 minutos do segundo tempo, Heinze, autor do gol da vantagem, manda para Cambiasso. O jogador da Inter, com dois defensores em cima dele, devolve para Gabriel, que do campo de defesa procura o lançamento; Tévez recebe fora da área, de costas para o gol. Controla com o peito, coloca a bola no chão, se vira e manda para Messi, que parte como uma flecha. Entra na área, levanta a cabeça, vê o goleiro e com extrema doçura dá uma cavadinha na bola. Uma parábola perfeita, um tapa por cobertura que supera Sánchez, um goleiro desesperado que salta para trás, esticando a mão, mas sem conseguir nem roçar a bola, que entra no gol. Leo observa o voo até a rede, depois corre até a bandeira de escanteio para celebrar o gol com os torcedores argentinos. Verón, seu mentor, é o primeiro a chegar, o rapaz o abraça enquanto, no banco, Coco levanta os braços para o céu, aplaude e ri feliz.

“Você achou que deviam fechar o estádio depois de sua obra-prima?” “Não, pare, pare com isso. Foi um lindo gol, nada mais. O importante é que serviu para que a Argentina chegasse à final.” Assim responde Messi no dia seguinte à pergunta de *La Nación*. Mas os repórteres insistem: “Acredita que foi o gol mais lindo de sua carreira?” “Pode ser, não sei, fiz vários que foram bonitos, como aquele contra o Getafe. A verdade é que quase nem o vi na tevê.

Todos dizem que foi muito lindo: eu vi o goleiro adiantado e dei uma cavadinha. Foi bonito, não?”

O Messi de sempre, inabalável em seu *low profile*. Embora reivindique seu direito a sonhar: ganhar do Brasil na final. Leo dissera desde o princípio que queria jogar contra a Canarinho, e seus desejos foram cumpridos. Quer se vingar dos 3 a 0 que tomaram em Wembley, em um amistoso em setembro do ano anterior. Toda a Argentina quer a revanche da Copa América 2004, disputada no Peru, onde a azul e branca foi derrotada nos pênaltis, e da Copa das Confederações de 2005 na Alemanha, quando o Brasil se impôs por 4 a 1. Resumindo, a revanche por todos os reveses sofridos nos últimos anos nas mãos dos vizinhos.

Seu amigo Ronaldinho não estará; melhor assim, diz Lionel. Kaká também não. Em todo caso, a seleção verde-amarelo, embora tenha perdido a partida inaugural para o México e só tenha conseguido vencer a semifinal contra o Uruguai nas cobranças de pênaltis, continua sendo um rival duríssimo. Além disso, as finais são outra história, nunca se pode confiar. Algo que acaba se revelando dolorosamente certo: Júlio Baptista – “a Besta” –, o capitão da azul e branca, Ayala, com um gol contra, e Dani Alves enterram com um contundente 3 a 0 as ilusões argentinas. Encurralam esse time elegante e de bom porte. Em Maracaibo, no estádio José Romero, a seleção simplesmente não aparece, não existe. E Messi? “Fez pouco para que a história fosse diferente”, sentencia o *Clarín*. “Leo, sem equilíbrio nem futebol, acabou cercado pela marcação brasileira e ficou preso em seu labirinto.” Mais do que os comentários ou as críticas, são reveladoras as imagens. Messi sentado na grama com o olhar perdido; Dady, o massagista, passando consoladoramente a mão em sua cabeça; Joseph Blatter, o presidente da FIFA, entregando-lhe a medalha, Messi, ao descer da tribuna, tirando-a do pescoço e a apertando com o punho. Foi eleito a revelação da Copa América. Mas de que serve isso... diante desta nova decepção, não há mais que raiva e tristeza.

O menino elétrico

Conversa com Alfio “El Coco” Basile

Sentado em sua mesa de sempre, ao fundo à esquerda, no restaurante La Raya de Buenos Aires, Coco fala com um grupo de amigos. Entre eles há ex-jogadores, jornalistas, velhos conhecidos. Uma confraternização habitual. De vez em quando, um vozeirão áspero, profundo e inconfundível do ex-treinador da Argentina se impõe sobre o murmúrio de fundo e o ruído de copos e garfos. Claudio Codina, o proprietário do restaurante, como um filho para Basile, interrompe gentilmente o encontro e acompanha a conversa sobre Messi. Com o cigarro entre os dedos, copo na mão, o ex-defensor do Bella Vista faz com que as palavras fluam de seus lábios como uma torrente.

– Gosto muito dele, de Leo, porque é um menino formidável. É humilde, não se acha importante, não acha que é uma estrela e a fama não subiu à sua cabeça. É boa pessoa. É o filho que todos os pais gostariam de ter, o namorado ou o marido para sua filha. Todos gostam dele e não só por ser um jogador diferenciado, mas por sua personalidade. A propósito, vou contar uma história...

– *Conte, conte... por favor.*

– Estávamos em Oslo, um campo pequeno cercado de grandes edifícios. Era um treinamento pelo fim de tarde, não havia ninguém ao redor. Mas aconteceu algo que não se espera em um país como a Noruega, onde se pensa que até os fãs de futebol são frios... De repente, se abriram e se iluminaram as janelas das casas e começamos a escutar gritos de todos os lados: “Messi! Messi! Messi!”.

– *E ele, o que disse?*

– Nada... ele fica com vergonha, no bom sentido da palavra, quando as pessoas gritam seu nome. Você vê como ele quase sofre quando os espectadores gritam seu nome. E as garotas... ficam doidas, vimos isso na Venezuela... Gostam tanto desta carinha que tem, pela timidez, pela humanidade que transparece... São qualidades que vêm de seus pais. Tem uma família incrível, que o protege muito. Sua mãe, quando a vi, me disse: “Cuide dele, Coco, cuide dele, por favor”.

– *E o senhor cuidou dele?*

– Claro. Tratei de ajudá-lo, tirar toda a pressão possível, como fazem no Barcelona. Eles também o protegem porque sabem o que contribui para a equipe. Mas Leo não se constrange pela pressão. Quando entra no campo não pensa no que há ao seu redor, pensa só em jogar bola. Gosta da redonda.

– *Já que estamos tratando do assunto, falemos de Messi jogador.*

– Eu o conheci quando tinha quinze anos e me pareceu muito bom, agora é um jogador estupendo. Tem velocidade, aceleração, drible, é capaz de inventar sempre algo novo, tem uma capacidade incrível e um talento imenso. É um menino elétrico. Sempre repito: Messi me emociona quando joga.

– *Algo que aconteceu na Copa América quando Leo marcou o gol contra o México e o senhor, nos microfones, declarou: “Precisam fechar o estádio. Os gênios fazem isso”.*

– Errei?

– *Não preciso responder... Continuemos com outro gênio, Maradona, que o senhor conhece bem e com quem teve seus altos e baixos. Podemos comparar Messi com o Dez, como fazem todos?*

– É preciso esperar para ver. Leo ainda não é Maradona. Começou agora. Falta trajetória. Joga parecido, mas não é possível compará-lo porque as pessoas vão querer que jogue agora como Maradona. Ele tem todas as condições para ser um dos grandes,

mas é preciso esperar, agora deve continuar o que está fazendo e continuar desfrutando da bola.

– *Messi, quando fala do senhor, repete sempre que desde o começo o senhor deixou que ele sempre jogasse, dando muita liberdade...*

– Da intermediária para frente, Messi precisa ter liberdade para todos os lados, liberdade de inventar, de jogar como sabe, de encarar, de driblar, de voar. Os grandes jogadores têm que voar.

Bronze e prata

17 de dezembro de 2007

Alguns números: 1 gol em 8 partidas em sua primeira temporada na equipe principal; 7 gols em 23 jogos na temporada 2005-2006; 15 gols em 31 partidas, entre Liga e Champions, na temporada 2006-2007; 8 gols em outros tantos duelos no começo da temporada 2007-2008; 21 gols em 22 partidas desde que marcou três contra o Real Madrid em março de 2007. Mas os números não fazem justiça ao progresso de Leo. Melhor dar uma olhada nas manchetes:

“Messi vale por dez”, *El País*, 20.9.07

“Messi é um messias”, *Marca*, 23.9.07

“Messi governa”, *El Mundo*, 23.9.07

“Com dois de Messi”, *El Periódico*, 27.9.07

“Messi vale sua entrada”, *La Vanguardia*, 30.9.07

“O rei da Liga é Messi”, *Marca*, 08.10.07

“A irresistível ascensão de Messi”, *Sport*, 09.10.07

“O mambo de Messi”, *Mundo Deportivo*, 09.10.07

“Messi começa a fazer o que Maradona fez antes”, *As*, 18.10.07

E não são só as manchetes em todas as páginas que celebram o momento de glória, o estado de graça, “a iluminação e a inspiração” do argentino “que transforma em ouro tudo que toca”. Também os comentários dos técnicos, dos adversários, dos especialistas em questões futebolísticas, espanhóis e argentinos, e os estudos explicam sua explosão. Fala-se de um “jogador sem limites” e se assinala que Messi, por sua mentalidade, é capaz de “correr riscos e ser protagonista”. Fala-se da elevadíssima frequência de sua corrida: 4,5 pernadas por segundo, que superam as 4,4 de Asafa Powell, o velocista jamaicano que em 9 de

setembro de 2007, em Rieti (Itália), bateu o recorde mundial dos 100 metros em 9,74 segundos. Discute-se sobre seu baixo centro de gravidade, que permite controlar e conduzir a bola com essa facilidade que o caracteriza. Surgem de todas as partes comparações com o Dez.

Em uma entrevista exclusiva para o *Marca*, Diego, o principal interessado, não o rebate; só esclarece que, “se Rijkaard colocar Messi no banco, Laporta o demite”. E Víctor Fernández, treinador do Zaragoza, depois da dura derrota de sua equipe no Camp Nou, chega a dizer em voz alta o que muitos pensam: “Possivelmente, Messi é o melhor do mundo”.

Como se sobre ele caísse uma forte tempestade de neve, os elogios dançam ao redor da cabeça de Leo desde setembro até novembro. E como falta pouco para as indicações para a Bola de Ouro da *France Football* e para o prêmio de Melhor Jogador do Mundo da FIFA, as esperanças, as declarações de voto se tornam insistentes. “Messi persegue Kaká”, escreve *La Vanguardia*. “Messi rumo à Bola de Ouro. Suas atuações e gols com o Barça e a Argentina o colocam entre os favoritos”, destaca o *Marca*. Uma campanha totalmente a favor da Pulga, embora todos tenham consciência de que Kaká é o favorito e, é provável, já esteja com uma mão no prestigioso troféu. Mas dá no mesmo, melhor insistir e dar impulso à candidatura do argentino. Enquanto isso, à espera do veredicto, Messi ganha o Bravo, prêmio que a revista esportiva italiana *Guerin Sportivo* concede ao melhor jogador *under 21* dos campeonatos europeus. Leo é o primeiro argentino a ganhá-lo e o terceiro barcelonista, depois de Guardiola e Ronaldo. A cerimônia ocorre no dia 25 de novembro. Uma semana depois, Ricardo Izecson dos Santos Leite, apelido “Kaká” (dado por seu irmão), levanta a Bola de Ouro. Messi fica em terceiro. Bronze com 255 votos. Fica atrás também do português Cristiano Ronaldo, com 22 votos de diferença, enquanto Kaká leva nada menos do que 444 indicações.

O brasileiro, membro da igreja Renascer e fervoroso evangélico, dá graças a Deus “pela sorte de poder dedicar-me a esta profissão”. Acredita que a vitória do Milan na Champions e seu

título de artilheiro na competição europeia são as razões que o fizeram prevalecer sobre seus adversários. Sobre Leo, diz: “Representa a habilidade e o controle da bola. É jovem e cheio de talento, gosto muito dele”. A diferença? Simplesmente, explica o *rossonero*, “Messi não ganhou nenhum título importante esta temporada, nem a Liga Espanhola nem a Liga dos Campeões, e penso que isso foi um ponto negativo para ele”.

A cena se repete quinze dias depois, no FIFA World Player Gala 2007. Só há uma pequena mudança, que deixa um dos protagonistas extremamente nervoso. Kaká é de novo ouro, com 1.047 votos, melhor jogador de 2007 segundo seus colegas; mas Leo sobe para prata (504 votos). Cristiano Ronaldo, com 426 votos, deve se conformar com o bronze.

Divertido o que acontece na sala. O apresentador anuncia o segundo prêmio para Messi e o terceiro para Cristiano Ronaldo. Os dois se levantam ao mesmo tempo da primeira fila da plateia para subir ao palco. Messi abotoa o paletó. É a primeira vez que usa paletó e, decididamente, parece pouco acostumado com semelhante roupa. Sobre o palco da Ópera de Zurique, Joseph Blatter, presidente da FIFA, e Pelé fazem as honras da casa. Cristiano Ronaldo é o primeiro a apertar as mãos. Saúda o Rei e, sem titubear, pega o troféu de prata de segundo classificado. Blatter tem que chamar sua atenção e insistir: “*Messi, is for Messi*”. O apresentador repete de novo o resultado da votação e pede que troquem o troféu. Momento embaraçoso que a apresentadora resolve com um “tentou, mas não deu certo”, dirigido a Cristiano Ronaldo.

Os dois mudam também de lugar para a foto e a cerimônia pode continuar seu curso.

“Blatter disse que esse era para mim; então, quando fui pegá-lo, acontece que era o outro para Cristiano e esse para mim”, comenta mais tarde Leo nos microfones. Quando perguntam como se sente, ele responde: “A verdade é que me sinto feliz, toda essas pessoas que votaram, que me deram este prêmio... Disse, antes de começar, que já era ótimo só o fato de estar entre os três, por isso

estou muito feliz. Era tudo novo para mim, eu olhava e admirava tudo.”

Leo Messi nem sequer devia estar ali. A lesão do sábado anterior em Mestalla colocara em risco sua participação na festa de gala. Depois, na última hora, os médicos permitem, assim que a delegação azul-grená parte para Zurique, encabeçada por Joan Laporta, que, em nome do FC Barcelona, recebe o Prêmio Fair Play da FIFA. Como acompanhantes de Leo vão Jorge e Rodrigo.

Em Barcelona, dois dias depois, o pai e o irmão encontram tempo para falar da viagem à Suíça, dos prêmios e de muitas outras coisas sobre esse campeão que conhecem tão bem. Decepção pelo ouro que escapou de suas mãos? “Só com o fato de ser o segundo e o terceiro do mundo aos vinte anos, Leo já é uma referência no futebol. Terá tempo, se continuar assim, para ser o primeiro”, diz Jorge, tomando um chá. “Diga a verdade, imaginava que seu filho ia chegar a este nível?” “Não, nunca imaginei que chegaria tão longe. Apostava em Rodrigo, que era um bom atacante. Cresceu no Newell’s, jogou no Central Córdoba, entrou como reserva na Primeira Divisão, teve um acidente de moto que o deixou parado um ano, fez um teste no Chile e depois eu o trouxe aqui para ver se encontrava um time na Espanha ou na Europa.”

“A diferença”, comenta Rodrigo, “é que Leo tem uma qualidade que eu não tinha: tem muita vontade, fez muitíssimos sacrifícios para chegar a ser o que é. Eu não tive tanta. Sou muito mais vagabundo.” Mas, quem passou para Leo a paixão pela bola? “Eu nunca fui destes jogadores frustrados que querem a todo custo que seus filhos sejam campeões. Nunca pretendi isso. Era minha sogra que levava Rodrigo e Leo para jogar, não eu”, afirma Jorge. “Sim, é verdade que eu o treinei durante um ano no Grandoli, mas não fui um professor para ele. Eu me divertia vendo suas jogadas.”

De onde vem, então, esta paixão? “Eu, quando jogava, amava o futebol”, diz Jorge. “Levantava e dormia pensando em futebol, pode ser que tenha transmitido isso a Leo.”

“Para meu irmão”, explica Rodrigo, “quando tinha cinco, seis anos não havia outro presente que pudesse deixá-lo mais feliz do que uma bola. Era louco por futebol como todos os meninos. Mas

ele soube ser fiel a esta paixão de criança e buscou seu sonho. Porque sua felicidade passava e passa pelo futebol.” E o que faz um pai que passou de operário a empresário do filho? “Tenho que defendê-lo das expectativas das pessoas interesseiras que podem prejudicá-lo, para benefício dele. Há pessoas que parecem de confiança e são más. Neste mundo, há muitas. Não é fácil, tive que aprender, errei e pouco a pouco fui ajustando o rumo.” Como são as relações pai-filho? “Boas, tirando a diferença de geração que cria uma barreira. Eu tento não ficar muito em cima dele, ele precisa disso. Prefiro que ao seu lado estejam os rapazes de sua geração, seus irmãos, seus amigos, como o primo Emanuel ou Lucas Scaglia, que jogou no Newell’s. Não quero que meu filho pense: ‘ele cuida de tudo’. Se precisa de um conselho, eu dou, se não... tento não me impor em nada. Digo coisas e vejo que muitas vezes ele aceita. Dinheiro? Contratos? Quase nunca falamos disso, falamos mais de futebol, daqui e dos times da Argentina, como uma conversa entre amigos.”

E com o irmão mais velho, como vão as coisas? “Estive ao lado de Leo nos primeiros anos aqui em Barcelona. Não foram fáceis, a gente ficava muito entediado”, explica Rodrigo. “Eram dias tristes, passávamos vendo filmes ou jogando Play. Depois, aos poucos, foi mudando a vida dele e a minha. Ele, de vez em quando, gosta de sair do campo e ir comer alguma coisa. E à noite? Não gosta muito de sair. Eu gostava, ele prefere sair para beber e conversar. Passa muito tempo com a gente. Cuida muito do Agustín, o mais velho dos meus filhos, e adora a menina. Também gosta muito das comidas que a Florencia, minha mulher, prepara, que compete com a minha mãe na milanesa de frango e nas empanadas.”

Pergunta para o chefe da família: todo esse dinheiro não muda um jogador e uma família? “Não temos muitos luxos. Leo aqui tem uma casa em Castelldefels: dois andares, quatro quartos, um jardim e uma piscininha. Vivemos da mesma maneira que antes, mas as pessoas nos veem e acham que mudamos; e, ao contrário, quem muda são elas. Olham para a gente de outra forma... há inveja por um rapaz que chegou até aqui. O dinheiro que Leo ganha,

guardamos para que amanhã ele e sua família não tenham nenhum problema.”

Última pergunta, obrigatória, sobre o futuro de seu filho: “Eu acho que vai ser bom. Vai continuar crescendo, vai ser muito melhor”. Melhor que Maradona? “Diego só houve um. Leo é diferente, são épocas diferentes, espero que se aproxime do Dez, pelos resultados que conseguiu.”

Pensamento corporal

Conversa com Roberto Perfumo, “El Mariscal”

Os garçons e clientes do La Biela o conhecem bem. Alguns se levantam para cumprimentá-lo e pedem seu parecer sobre os assuntos do momento. Depois de distribuídas opiniões a torto e a direito, “el Mariscal”, ex-zagueiro do River, Racing e Cruzeiro, um dos melhores defensores do futebol argentino, comentarista e psicólogo social, finalmente se senta para tomar um café. Nas paredes, fotos de campeões do automobilismo como Juan Manuel Fangio, Froilán González e Manuel Gálvez, que nos anos 50 e 60 eram habitués deste café, localizado em frente ao cemitério da Recoleta de Buenos Aires. Eram outros tempos. Hoje o assunto é futebol.

– *Qual é a sua opinião sobre Lionel Messi?*

– Tecnicamente falando é um dos poucos jogadores do mundo que conduz a bola sem olhar para ela, e isto permite que veja os adversários, os companheiros e passe sem pensar. Pode fazer isso porque olha o campo. É muito preciso à máxima velocidade. Tem magia para jogar, é criativo e cada vez que domina a bola, que encara o adversário, é uma experiência... todos esperam que aconteça algo. E acontece. Além disso, para mim, Messi tem pensamento corporal.

– *O que quer dizer?*

– É mente e corpo. Tudo ao mesmo tempo. Tem o mesmo dom que tinham Pelé, Maradona ou Di Stéfano. É a velocidade da ordem que vai do cérebro às pernas. Messi tem uma ideia e zás! já está realizada. Entende? Ver a posição do goleiro, chutar entre as traves se faz com intuição, não com o pensamento.

– *Já que citou Maradona, é óbvio perguntar pelas comparações que foram feitas e continuam...*

– O Brasil, depois da aposentadoria de Pelé, demorou 24 anos para ser outra vez campeão do mundo. Nós ainda vivemos o luto de Maradona. Todos esperamos que apareça o Salvador, o novo Messias, que nos leve outra vez ao auge. Messi pode se aproximar a este perfil, mas ainda falta, precisa desenvolver seus atributos, armar-se contra os adversários, falta chegar à maturidade futebolística.

– *Defeitos?*

– Ainda tem um pecado da juventude: não saber escolher sempre a melhor opção. Às vezes é preciso driblar, às vezes é preciso dar um passe, é inútil insistir em uma jogada quando ela não sai, melhor escolher a solução mais simples e mais eficaz. Ele se dará conta sozinho de que é a bola que precisa correr... são coisas que se aprendem com a experiência e com a idade.

– *Messi já é um personagem?*

– É um cara simples, muito humilde e muito admirado pelas crianças.

– *Por que isso acontece?*

– Pelo jeito, pela cara que tem. Ele me lembra um cuis [uma espécie de esquilo, um dos mamíferos mais conhecidos da Argentina]. É preciso acrescentar seu magnetismo natural com a bola entre os pés. Espero que não perca nunca esta paixão pela bola. Só assim será o melhor do mundo.

– *Já que insiste em sua previsão... falemos do futuro e, sobretudo, dos riscos.*

– O dinheiro, que isso não o amoleça. Com milhões de euros no banco custa mais correr, treinar, jogar com frio, com chuva, com neve. Espero que não se transforme em ícone da publicidade como Beckham; o risco é perder a paixão pelo jogo. Espero que não perca nunca este “amadorismo”, este gosto por estar em um campo pelo qual já desfilaram caras como Pelé e Maradona. Ser Messi não será

fácil, será uma dor de cabeça, com certeza. Em todo caso, agora ele ainda está subindo a encosta para chegar ao cume. O mais difícil será quando estiver lá em cima e tiver que manter o nível. Veja o Ronaldinho.

– *Ou seja...*

– Juan Manuel Fangio dizia: “Quando vem a queda, não há quem aguento”. Isto aconteceu com Ronaldinho. Quando as coisas começam a dar errado... você diz: não é nada, vou voltar ao meu nível. Mas não se cuida, não se concentra, começam a questioná-lo todo o santo dia, o ambiente não ajuda porque os amigos do campeão são os piores, porque a família é uma desgraça e você continua caindo sem conseguir frear. Não se dá conta e passa o tempo. Uma lição que Messi precisa se lembrar quando estiver no topo.

A longa caminhada até o ouro

22 de maio de 2008

“**E**stou animado porque é a seleção argentina. E eu sempre disse que quero estar com a minha seleção. São os Jogos Olímpicos... é uma oportunidade única que um jogador tem em sua carreira, se tiver, não é? Tenho a possibilidade de talvez ser lembrado e adoraria. Se terei problemas com o clube? Acho que não. Acho que o clube entende o que penso e... não vou ter problemas.”

Já passa da uma e meia de uma quinta-feira cinzenta. No hotel Hesperia Tower de Barcelona, muito perto do aeroporto de El Prat, há grande movimentação. É o primeiro dia de concentração da seleção argentina sub-23. O começo da aventura olímpica para os rapazes dirigidos por Sergio “el Checho” Batista. Vive-se um clima de reunião, de reencontro, entre jogadores, entre jogadores e técnicos, entre jogadores e jornalistas, parados faz algum tempo no hall do hotel para conseguir uma entrevista.

Depois de um primeiro treino puxado, seguem para o refeitório com camisetas brancas; após o almoço, a coletiva de imprensa no enorme auditório. Teoricamente, trata-se somente da apresentação de Catalunha x Argentina, partida amistosa que será disputada dois dias depois, sábado, 24 de maio, no Camp Nou. A publicidade vende o jogo como o desafio entre as duas estrelas jovens do Barça. De um lado, Lionel Messi; do outro, Bojan Krkic. Contudo, o jovem de dezessete anos de Linyola não estará em campo. Pere Gratacós, o técnico catalão, prefere não chamá-lo para evitar dores de cabeça, depois que Bojan, alegando cansaço, disse não a Luis Aragonés e à convocação para participar com a seleção espanhola da Eurocopa. Leo, por sua vez, vai jogar e se transforma no protagonista em frente a uma plateia cheia de jornalistas catalães e

argentinos. Checho está sentado ao seu lado e observa como os jornalistas o incomodam com perguntas sobre todos os detalhes da situação atual do Barça, o novo treinador, a possível partida de Ronaldinho e de Deco, dois companheiros de quem é bem próximo, até chegar à questão das Olimpíadas. O rosariense se expressa com sinceridade. Quer ir a Pequim. Não acha que vão cobrá-lo por não jogar a prévia da Champions com o Barça (dia 12 ou 13 de agosto, a partida de ida, e 26 ou 27, a de volta, contra um rival ainda desconhecido). Pelo contrário, sustenta que “o Barcelona não depende só de mim para ganhar partidas. Queremos formar uma equipe que tenha a aspiração de conquistar todos os títulos, se um dia faltar um jogador não acho que vá acontecer nada”. Está convencido de que tanto o clube quanto os torcedores *culés* compreenderão sua decisão.

Está enganado. E muito. Isso fica evidente no ato, ao se escutar os comentários na sala. Apesar de os jornalistas de Buenos Aires estarem satisfeitos com a posição tomada por Leo, contentes por ter anunciado seu sonho olímpico e reafirmado seu desejo de ganhar o ouro com a azul e branca, os repórteres catalães estão bravos. Vêm de duas temporadas ruins para o clube. Os títulos desapareceram, um depois do outro; a equipe que encantava o mundo desapareceu entre polêmicas e desentendimentos de vestiário; suas estrelas se apagaram, e de outras, como Ronaldinho, não se tem notícias há meses; Frank Rijkaard, o maestro que durante cinco anos dirigiu a orquestra, foi despedido; é anunciada a saída dos craques que levaram o clube azul-grená a faturar a Champions e a Liga; resumindo, o Barça, como clube e como equipe, está atravessando uma etapa crítica de muita instabilidade. Acaba sendo difícil, em um momento assim, digerir a decisão de Leo. “Mas como... o Barcelona joga a vida na prévia da Champions e ele não vai estar? Quem paga seu salário, o Barça ou a Argentina?” E vem à tona o possível contrato de 8 milhões de euros por temporada, que o rosariense deveria assinar. E ainda há mais: “Messi é o jogador-chave sobre o qual os azul-grenás querem reconstruir uma equipe ganhadora e ele diz *tchau* e vai para a

China. Caso se machuque, como aconteceu duas vezes no campeonato passado, quem vai pagar?”.

Tudo isto, e mais, se ouviu nos corredores do hotel Hesperia. Poucos conseguem aceitar que o futuro número 10 do Barça (todos apostam que herdará a camiseta de Ronaldinho), o jogador que fez tanta falta durante as longas semanas de infortúnio, os abandone assim.

No dia seguinte, nos jornais esportivos catalães, as manchetes sobre as declarações de Leo se multiplicam. Ainda assim, parecem entender a posição da Pulga. Em muitos deles, cumprindo com o dever jornalístico, é lembrado o regulamento. “No caso Messi não é possível uma negativa do Barça porque é menor de 23 anos”, escreve o *Sport*.

Nos escritórios do Camp Nou, fingem que não sabem de nada. Ninguém tem a intenção de perder Leo na prévia da Champions. Imediatamente começam a estudar as regras para ver se existe alguma brecha para não ceder o jogador à seleção argentina. Jorge Messi, o pai de Leo, que alguns dias depois se encontra com Txiki Begiristain, o secretário-técnico do Barça, declara: “Leo fará o que for obrigado a fazer, para não ser penalizado por nenhuma das partes”. Resumindo, a decisão de ir aos Jogos não depende somente de seu filho. Se o clube catalão encontrar alguma maneira de impedi-lo, Lionel deverá se resignar e dizer adeus ao sonho olímpico.

Entre a AFA e o Barcelona é só o começo de uma disputa que se prolongará por mais de dois meses. Enquanto isso, depois de ter jogado o amistoso contra a seleção catalã (será Pocho Lavezzi quem definirá a partida com um de seus habituais gols), Leo parte apressado para a Argentina. É esperado por Coco Basile e a seleção principal. O calendário inclui uma pré-temporada americana e duas partidas pelas Eliminatórias para o Mundial de 2010. Primeiro, uma importante vitória contra o México; depois, um empate sem gols contra os Estados Unidos no estádio do Giants, em Nova Jersey. E chegam as partidas que contam: no Monumental contra o Equador e no Mineirão, em Belo Horizonte, contra o Brasil. A azul e branca não brilha: dois empates suados.

Os compromissos com a seleção terminaram para o rosariense: é tempo de férias, de peças publicitárias, de encontros como o que teve com Ronaldinho em 28 de junho no Monumental de Maturín, na Venezuela, para a segunda edição da partida beneficente entre os amigos de Messi e os de Ronaldinho. Um 7 a 7 e o adeus de dois companheiros de equipe.

No dia 2 de julho, Sergio Batista comunica a lista dos dezoito jogadores da seleção olímpica. Leo Messi está nela. Poderia ser o fim da disputa. Também foi confirmado por Julio Grondona, presidente da AFA: “A Argentina contará com Messi de acordo com o que aponta a normativa da FIFA, que diz que nos Jogos Olímpicos ele tem que estar com sua seleção. Se não tiver Messi, não tenho equipe e, se ele não vier jogar conosco, abriria um precedente para outras equipes impedirem seus jogadores e também não queremos que isso aconteça. É lógico que jogue pela Argentina, já que ele é do Barcelona o ano inteiro. São poucas as competições que Messi pode jogar com sua seleção”.

Claro, não? Mas o Barcelona não tem nenhuma intenção de levantar a bandeira branca. “Estamos estudando a questão, temos mantido reuniões com a AFA e, no final, será feito o que determinar a normativa. Se nos amparar, Messi jogará a prévia da Champions”, sustenta Begiristain.

No dia 15 de julho, o Barcelona volta ao trabalho, com Pep Guardiola e sem Ronaldinho. O brasileiro só precisa passar nos exames médicos para vestir a camiseta do Milan. Uma transferência que permite sua participação nos Jogos Olímpicos. O Barça tinha recusado, já que Ronaldinho é um dos que estão fora da faixa de idade e a FIFA não obriga os clubes a cederem os jogadores maiores de 23 anos. Mas o clube de Berlusconi decide cedê-lo. “Que sorte a dele”, deve pensar Leo, que não sabe o que reserva seu destino. “O clube não fala com ele sobre o assunto, é uma negociação que acontece só entre o Barcelona e a AFA. E Leo”, conta Celia, sua mãe, “não fala, não pergunta. Só espera que digam alguma coisa.” Por ora vai a Saint Andrews, Escócia, onde o Barça inicia a pré-temporada. É dia 21 de julho. Dois dias depois, Leo deveria estar em Tóquio com a seleção olímpica: no dia 29 está

previsto um amistoso contra o Japão. Mas o Barça não concorda. Propôs à Federação Argentina ceder o jogador depois da pré-temporada nos Estados Unidos e da partida de ida da prévia da Champions. Obviamente, se o resultado for favorável e elástico. Messi perderia as primeiras três partidas da fase de grupos das Olimpíadas, mas poderia estar, se a Argentina se classificasse, nas quartas de final. Uma proposta que a AFA nem quer considerar. O máximo que podem aceitar é que Leo faça uma parte da pré-temporada com o Barça para juntar-se à seleção antes da partida de estreia. Não consideram a possibilidade de que Messi não vá aos Jogos. Pensam que o Barça não quer entrar em confronto com eles, com a FIFA e, sobretudo, com o jogador que sempre manifestou seu desejo de participar das Olimpíadas.

Em 23 de julho, Joseph Blatter dá sua contribuição à novela: “A liberação de jogadores menores de 23 anos sempre foi obrigatória para todos os clubes. Este mesmo princípio se aplica para Pequim 2008”, diz o presidente da FIFA, que acrescenta: “Obstruir a participação de jogadores menores de 23 anos na fase final do torneio poderia ser interpretado como um atentado ao espírito olímpico”. Mas ainda não se trata da última palavra, já que a Liga de Futebol Profissional (LFP) pode refutar esse argumento: “Não existe obrigação jurídica alguma para ceder jogadores. O torneio olímpico masculino de futebol não está incluído, ao contrário do feminino, no calendário internacional de partidas aprovadas pela FIFA para o período 2008-2014”.

No meio desta disputa, quem se prejudica é Lionel. Está nervoso, “um pouco estranho”, dizem os companheiros. Tanto é assim que, durante um treino em terras escocesas, depois de uma entrada forte, termina discutindo com Rafa Márquez. Pep Guardiola precisa intervir para acalmar os ânimos e pedir a um Leo mal-humorado que pare com aquilo de uma vez por todas. Um incidente menor, uma besteira, que no entanto afeta o novo técnico do Barça. Guardiola leva o rapaz para um canto, fala com ele, quer saber o que está acontecendo, por que o mau humor, por que não está contente. Não quer vê-lo assim. Quer que ele seja feliz jogando no Barça. Poucas palavras bastaram para que Leo confessasse. Diz,

com clareza, que quer ir para Pequim. Guardiola promete que fará tudo que for possível. E começa a tomar uma posição depois do primeiro amistoso contra o Hibernian (6 a 0 para o Barça com um grande gol da Pulga). “No final”, declara Guardiola, “o prejudicado desta história é Leo. Já se passaram duas ou três semanas, uns dizem uma coisa e outros dizem outra. Blatter teria que se sentar, ler a normativa e decidir: se fica conosco ou se vai aos Jogos.” Apesar dos pedidos, a decisão da FIFA demora outros seis dias. Nesse meio-tempo, acontece o segundo amistoso do Barça contra o Dundee United, com três gols de Messi, e também as palavras de Joan Laporta, o presidente *culé*, que reafirma a posição do clube, a solução de consenso oferecida à AFA, e anuncia que, no caso de um veredicto negativo da FIFA, o Barcelona “apelará à tutela jurisdicional do Tribunal Arbitral do Esporte (TAS) para que atenda nossas solicitações”.

Em suma, a disputa continua. Falta menos de uma semana para a estreia da Argentina nos Jogos e não se sabe se Leo poderá ir. Nos sites dos jornais argentinos e espanhóis se espalham as pesquisas: “Você acha que a seleção deve continuar esperando Messi?”, pergunta o *Clarín* a seus leitores. Evidentemente, cansados desta novela, respondem com um contundente não: 70% contra 29% dispostos a continuar esperando.

“O que deveria fazer o Barça com Messi? Deixar que participe dos Jogos Olímpicos ou exigir que jogue a prévia da Champions?” Responde, uns dias depois, do outro lado do oceano, *El País*. Cerca de 73% optam pela participação de Messi nos Jogos.

Na terça-feira, 30 de julho, chegam as primeiras palavras de Leo. Seu profundo silêncio gerou reações de todo tipo. Gabriel Batistuta, por exemplo, o defende: “Faz bem em não dizer nada porque depois dos Jogos vai voltar a jogar no Barcelona e na seleção”. Maradona, por outro lado, o ataca: “Ele tem que decidir sozinho. É uma oportunidade para se tornar mais homem. É uma grande oportunidade para crescer. De qualquer forma, o Barcelona vai esperá-lo. Por isso deram a camiseta número 10 para ele: porque o querem. Se deram, não foi porque Messi é um ator de cinema, mas porque é um fenômeno, um grande jogador”. A família

fica acuada, sem saber que caminho seguir. Isso é confirmado por Jorge Messi: “Aqui existe um conflito de interesses no qual colocam o jogador no meio. E estão usando meu filho como bucha de canhão. Não se pode gerar a um jogador de 21 anos este prejuízo que depois não se sabe como vai terminar. É uma loucura que o jogador tenha que tomar uma decisão. Não é possível que aqueles que dirigem o futebol não entrem num acordo. Nós não sabemos o que fazer”.

Finalmente, antes de viajar para Florença, onde a equipe disputa um amistoso contra os “violetas”, Leo diz o que pensa e o que se propõe a fazer: “Se a FIFA diz que não tenho que ir, não vou; se tiver que ir, vou, sem esperar o TAS, porque, se esperar o TAS, já será tarde para meus companheiros e para a comissão técnica da seleção”.

E a FIFA, poucas horas depois, diz que Messi deve ir aos Jogos Olímpicos. “O juiz único da Comissão do Estatuto do Jogador, Slim Aloulou (Túnis), resolveu que a liberação de jogadores menores de 23 anos para o Torneio Olímpico de Futebol masculino Pequim 2008 é obrigatória”, estabelece o comunicado que vem de Zurique.

A notícia é recebida com grande alívio no quartel-general da seleção argentina. “Por sorte se resolveu a nosso favor, depois de tantas idas e vindas”, confessa Sergio Batista.

Pep Guardiola, depois da partida com a Fiorentina (3 a 1 para o Barça), comenta: “Viveremos sem Messi. Apesar disso, tenho a sensação de que com ele somos um pouco mais fortes. Se no fim das contas não voltar, classificaremos a equipe para a Champions. E, quando voltar, nós o receberemos de braços abertos”.

Diferente foi a postura dos dirigentes azuis-grená, que não mudaram de opinião e apresentaram um recurso no TAS. Enquanto isso, em vez de partir para a pré-temporada americana, Leo embarcou para a China, com a promessa de voltar se o Tribunal Arbitral de Esportes decidisse a favor do Barça.

Em Xangai, onde chega em 1o de agosto, Leo parece recuperar a tranquilidade perdida. Ri, finalmente parece estar feliz durante os treinos. Divide o quarto, como já fizera no Mundial Sub-

20 de 2005, com Kun Agüero. Milhares de partidas de PlayStation, e cumbia a todo volume. Os dois se dão bem, estão relaxados, soltos e fazem o que querem. Checho suspira aliviado. A primeira vez que viu Leo foi no Barcelona no jogo contra a Catalunha. Foram poucos os treinos, inclusive com os companheiros, mas agora, por sorte, existe a possibilidade de formar o grupo. Faz tempo que Batista tem pensado em como posicioná-lo no campo: “Quero que Messi jogue mais no meio, não colado às pontas como faz no Barcelona. Que gere futebol, diante de Riquelme e atrás de Agüero”, explica. A Pulga, por outro lado, fala sobre seus sonhos à imprensa: “Para mim e para todos os jogadores seria maravilhoso levar o título. Viemos ganhar a medalha de ouro. Vamos avançar devagar e espero que consigamos”. Desmente que haja algum problema com Riquelme (pouco antes do jogo para a classificação mundial com o Brasil circularam versões de um desentendimento entre o número 10 da seleção e o rosariense). Sustenta, embora poucos acreditem, que sua relação com Juan Román sempre foi boa. Sobre a controvérsia que o manteve afastado da seleção, explica: “Batista me entendeu e meus companheiros também, eles não tiveram nenhum problema para me esperar. O que fiz foi o que tinha que fazer. Esperemos que esta situação não se repita mais”. Não será assim.

No dia 6 de agosto, véspera de Argentina x Costa do Marfim, primeira partida do grupo A, o TAS dá razão ao Barcelona. “O torneio olímpico não consta no calendário oficial da FIFA e não há uma decisão do Comitê Executivo da FIFA que estabeleça uma obrigação de colocar à disposição (das seleções) jogadores menores de 23 anos para este campeonato”, explica a resolução do Tribunal. No entanto, depois pede às partes que encontrem “uma solução razoável no que concerne aos jogadores que desejam representar seus países nos Jogos Olímpicos”. E como reagem as partes? Grondona foi o primeiro a se expressar: “Messi não sai daqui”. Sergio Batista afirma: “Amanhã vai entrar em campo”. E Leo? Não dá declarações sobre a sentença e parece que, mesmo disposto a voltar ao Barça, não tem intenções de fazê-lo.

“Me disse que quer ficar com a seleção e pede ao Barcelona que compreenda sua situação”, garante Checho. Begiristain não se

mostra compreensivo: “Temos a vontade, perante nossos torcedores, de que Lionel Messi esteja com o clube”, diz. Laporta, satisfeito pela vitória legal do Barcelona, ordena o retorno imediato do jogador. Mas antes, Guardiola, que desde os Jogos de Barcelona 92 sabe o que é ganhar o ouro olímpico, prefere falar com Leo. “Quero escutá-lo para tomar uma decisão, mas não posso”, diz, “transmitir uma coisa sem ter escutado o jogador.” Em seguida acontece a longa conversa telefônica internacional entre Nova York (onde o Barça fecha a pré-temporada americana contra o Red Bulls) e Xangai. Leo Messi pede a Guardiola que o ajude: quer ficar na China e participar dos Jogos. Pep promete encontrar uma solução. Dito e feito. Na reunião que aconteceu em uma suíte do hotel Saint Regis, na esquina da Quinta Avenida e a 53, convence Laporta e Begiristain. Messi fica em Pequim. Não sem aceitar algumas condições. A primeira: um seguro médico de responsabilidade da AFA se Messi se lesionar. A mesma cláusula que exigiram Schalke 04 e Werder Bremen por Rafinha e Diego, os dois brasileiros que estavam no meio de uma polêmica similar entre os clubes e a Confederação Brasileira. A segunda é um “compromisso pessoal com Julio Grondona de que o jogador ficará liberado de todas as partidas amistosas da temporada”. Guardiola é quem anuncia a Leo a decisão do Barcelona. Liga do avião poucos minutos antes de decolar de Nova York. “Você fica. Aproveite”, diz.

Em 7 de agosto, a delegação azul-grená está de volta a Barcelona. Begiristain e Guardiola fazem o anúncio oficial da solução do caso Messi. “Encontrava-se em uma situação difícil e ele mesmo tinha expressado a vontade de realizar a pré-temporada conosco. Mas”, explica o treinador, “quando chegou a Pequim, me pediu pessoalmente que o liberasse. Notei muita tensão emocional. Sofreu uma pressão brutal, e também sua família. Vi que se encontrava muito incomodado com a situação e não valia a pena trazê-lo se fosse estar com a cabeça em Pequim. Agora o melhor, depois de toda esta novela, é que jogue, aproveite, seja feliz, e volte contente. Os torcedores do Barça sabem que têm um jogador extraordinário e que quando voltar fará coisas maravilhosas. As pessoas entenderão.”

Meia hora antes, Messi entra em campo com o número 15 da seleção argentina para duelar com a Costa do Marfim. E mostra por que era tão importante sua presença nos Jogos Olímpicos. Ao finalizar o primeiro tempo, recebe um passe de quarenta metros de Riquelme, acelera e, quase da marca do pênalti, coloca a bola no gol com delicadeza. A cinco minutos do apito final, quando o resultado parece cravado em 1 a 1 (Cissé responde ao gol de Messi), a Pulga cobra rápido uma falta no limite da área com Juan Román e arremata. Com violência. O goleiro dos elefantes brancos não agarra e Lautaro Acosta, que tinha classificado a equipe para os Jogos, marca fácil o 2 a 1 definitivo.

A poucos segundos do final, Batista substitui Leo e dá a possibilidade de que o público chinês possa aplaudi-lo. Tinham feito isso durante toda a partida e, quando sua foto aparece na tela do estádio olímpico, sem importar que esteja tocando o hino nacional argentino, a arquibancada começa a gritar “Messi, Messi”. Na República Popular da China é um dos jogadores mais conhecidos. Vende bem de camisetas até Pepsi e as crianças querem ser como ele. Vamos esquecer por um momento sua popularidade, que durante as Olimpíadas cresce de maneira exponencial, a tal ponto que uma pesquisa da FIFA o coloca entre os esportistas mais conhecidos, enquanto ao fim da competição será escolhido pelos internautas de MyBestPlay como o atleta mais admirado dos Jogos junto com figuras como Michael Phelps, o rei da natação, ou Usain Bolt, o homem mais veloz do mundo. Vamos voltar ao momento após a partida. Além das opiniões futebolísticas que monopolizam a conversa, está também a feliz resolução do conflito. Desta vez cabe a Leo falar e agradecer a Guardiola. “Foi jogador e sabe como pensa um jogador nesses momentos”, diz, “sabia que eu estava em uma situação difícil e me apoiou desde que chegou ao Barcelona, desde o primeiro dia que falei com ele. Comportou-se de forma perfeita e a verdade é que estou muito agradecido.” Fechado definitivamente o capítulo, os pensamentos voam para o Brasil de seu amigo Ronaldinho, o outro grande favorito para obter o título. “Se chegarmos à final contra o Brasil, vai ser muito mais difícil porque está Ronaldinho. Sempre é lindo ganhar uma final e muito

mais contra o Brasil”, brinca a Pulga, mas antes tem pela frente a “Austrália, um rival duro, forte, de bom jogo aéreo e que vai fazer um duelo travado. Será muito difícil”.

De fato. A quinze minutos do final, o resultado no estádio olímpico de Xangai continua sendo 0 a 0. A Argentina, pelo menos no primeiro tempo, joga melhor que na partida de estreia, cria situações de gol, mas Federici, o goleiro dos Cangurus, é um gigante. Depois, em poucos segundos, tabela entre Riquelme e Messi, Román abre à esquerda para Di María, que cruza para a área e Pocho Lavezzi faz o gol. É o gol da vitória.

Do outro lado do mundo, dois dias depois, o Barcelona, mesmo sem Messi, também ganha: 4 a 0 contra o Wisla Cracovia na partida de ida da rodada preliminar da Champions League. Os temores *blaugranas* desaparecem. Mas voltemos à China. A azul e branco, com a passagem às quartas garantida, se transfere para a Vila Olímpica em Pequim. Nada de regalias de jogadores malcriados, mas muitos encontros. “Estávamos comendo”, conta Óscar Ustari, “e o vimos chegar, fazer fila para a comida e se sentar à sua mesa. ‘Oi, sou Kobe’ [Bryant], nos disse. Falou em espanhol, procurou Messi e conversou um pouco com ele. Aproveitamos para tirar fotos. Ao se despedir, fez o gesto de tirar o chapéu, olhou fixamente para Leo e disse: ‘Messi, você é o melhor.’ Ficamos petrificados. Também veio Rafa Nadal. Com Leo fica difícil passear, é parado a cada segundo.”

Mas não há só encontros com famosos de todo o mundo. Em Pequim também é preciso enfrentar a Sérvia.

Checho prefere que Messi descanse, preserva Riquelme e Agüero (com cartões) e dá lugar aos reservas. Sete mudanças, uma revolução que, no entanto, se revela vencedora. Dois a zero (gols de Lavezzi, de pênalti, e Buonanotte, de cobrança de falta); nove vitórias consecutivas nas Olimpíadas (superado o recorde que tinha o Uruguai há oitenta anos); o primeiro lugar do grupo. Os únicos prejudicados foram os 60 mil espectadores, que correram ao Estádio dos Trabalhadores em Pequim para poder ver Messi em ação. Durante o primeiro tempo invocam seu nome e, na reta final da partida, ao ver que a Pulga não vai entrar em campo, começam a

vaiar a seleção argentina. No final, o treinador se justifica: “Os chineses têm que entender que viemos aqui com um objetivo, o de ganhar a medalha de ouro. Hoje não foi só Messi que não jogou. Também não jogaram Riquelme, Agüero, nem Garay. Pensei no melhor para a Argentina. Se ficaram bravos, paciência. Peço desculpas”.

O próximo encontro, sempre no Estádio dos Trabalhadores em Pequim, ocorre em 16 de agosto contra a Holanda. Está Maradona na torcida para apoiar a seleção e Kun, o namorado de sua filha Gianina. Não há possibilidade de erro. Leo sabe disso e oferece um show. Assim descreve o *Clarín*: “Quantos desejos concederá esse gênio que aparece durante as partidas da seleção? Se na história original eram três, talvez a equipe de Batista comece a ficar pequena para o que necessita essa figura mágica que chegou de Barcelona e hoje outra vez brilhou, com um golaço e um passe incrível. Para solucionar uma história que ficara difícil e na qual a Holanda esteve muito perto de roubar o sonho de repetir o ouro olímpico”. Mas o que fez a Pulga desta vez? Resolveu uma partida extremamente complicada. Como? Driblando um defensor, deixando pelo caminho o goleiro com um jogo de corpo e mandando na rede uma bomba antes que um holandês desesperado tivesse tempo de intervir. Um a zero. Depois, aos catorze minutos do primeiro tempo da prorrogação, inventa a geometria perfeita para que Di María possa realizar o tiro forte, cruzado, por baixo, que sela o 2 a 1. E a Argentina, nas semifinais, se encontra com o Brasil.

O clássico por excelência, a final antecipada, a oportunidade perfeita para se vingar das últimas afrontas históricas (as derrotas nas finais da Copa América de 2004 no Peru, da Copa das Confederações de 2005 e também da Copa América de 2007, na Venezuela). A Argentina, atual campeã olímpica, contra o Brasil, que jamais ganhou o ouro; a partida que Leo sonhava, embora em um escalão mais acima. E, como se não fosse suficiente, existe o duelo entre Leo e Ronaldinho: os dois amigos, os dois ex-companheiros de equipe, o jovem talento contra o ex-Bola de Ouro, o presente contra o passado, a estrela de hoje contra o campeão que procura renascer das cinzas. A lista seria interminável. O debate sobre quem

é o maior está aberto. Cada um tem sua opinião. Até Kun se mete: “Lionel, hoje, é melhor que Ronaldinho. É o melhor jogador do mundo”.

O interessado evita o assunto, mas não recua frente à avalanche de perguntas: “Não sou de dar recados, mas, Ronaldinho, o ouro é para a Argentina! Meu sonho é o sonho de toda a seleção argentina. Ainda mais agora, por Ustari, por meu amigo (Óscar se lesionou na partida contra a Holanda e não pôde defender o gol azul e branco). Será duro”, diz, “ sempre é difícil contra a Canarinho. As duas equipes vêm de um desgaste grande na prorrogação de nossas partidas nas quartas de final. O Brasil tem um timaço, mas o nosso é muito bom. Jogamos pela mesma meta, para chegar à medalha de ouro, e a última final foram eles que venceram. Ainda tenho raiva pela final da Copa América. Agora é nossa vez...”. E de fato será a vez da Argentina, mas de uma maneira que ninguém teria imaginado. Anula, humilha e debocha do Brasil. Agüero, com dois gols, a participação no terceiro (ele sofreu um pênalti cobrado por Riquelme) e as comemorações simulando usar uma chupeta na boca (pelo filho de Gianina que vai nascer), põe em evidência a pobreza da equipe de Dunga e a decadência de Ronaldinho. “Hoje”, escreve *El País*, “o brasileiro é um jogador artificial, mais voltado para as caretas, as conversas sorridentes e outras piscadelas semelhantes que só servem para primeiros planos e os aplausos de um público tão inocente em questões futebolísticas como o chinês. Por mais que maquie sua decadência com tanta teatralidade, o futebol em si não garante uma cena, a menos que a bola esteja tão parada quanto ele: ainda consegue cobrar faltas”. Um retrato impiedoso do que foi o número um do mundo. Porém, ainda menos misericordiosa é a foto que no dia seguinte apareceu em todos os meios de comunicação do mundo: Ronaldinho, com a camiseta amarela número 10, a braçadeira de capitão, procura cabisbaixo o consolo nos braços do irmãozinho Messi. Lionel fica na ponta dos pés para consolar seu ídolo. Há tanto afeto nesta imagem, mas também tanta melancolia... Leo, sem impressionar, ganhou o duelo tão esperado. Está feliz. Ronaldinho só queria se esconder, desaparecer da face da Terra. “Estou triste, muito triste”,

dirá depois. Para ele, esta era a oportunidade de reaparecer no mundo. Fracassou. Leo, por outro lado, voa para o ouro.

No sábado, 23 de agosto, ao meio-dia (uma da manhã na Argentina), no Estádio Nacional apelidado de Ninho de Pássaro, começa a final do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos. Rival: Nigéria, como em Atlanta 96, como no Mundial sub-20 de 2005 na Holanda. Nas Olimpíadas norte-americanas, a Nigéria de Nwankwo Kanu levou o ouro para casa com 3 a 2 na final, considerada pela FIFA uma das dez partidas mais memoráveis em um século de futebol olímpico. A vingança argentina acontecera em 2005, na Holanda. E o protagonista, aquele que derrotou as Águias Verdes, foi Lionel: dois gols de pênalti. Quinze jogadores daquela final (entre eles Messi e Kun) se encontram no campo de Pequim. “Vamos ganhar, não tenho dúvidas. Dois a zero seria perfeito”, vaticina Diego Maradona. Não é tão fácil...

O calor é tão escaldante que, aos trinta minutos do primeiro tempo, o árbitro, o húngaro Victor Kassai, pede um tempo como no basquete para que as equipes possam se refrescar. Paralisação que se repete no segundo tempo. O campo está duro, seco, e as Águias Verdes não deixam espaço. Messi e Agüero estão isolados na frente. Suas corridas de anões com toques e dribles não impressionam os gigantes negros. Riquelme não está em um bom dia. Trabalham os meio-campistas Gago e “Jefecito” Mascherano. A partida é ruim, chata, entediante e cansativa. Até os 57 minutos: disputa entre um argentino e um africano, a bola quica para o meio do campo, Messi a recupera, gira, manda perfeita, em profundidade, para Ángel Di María. O ex-jogador do Rosario Central, hoje no Real Madrid, a revelação daqueles Jogos, corre livre pela esquerda. E, ao chegar ao limite da área, em frente a Vanzekin, que sai desesperado, se ilumina e levanta a bola suavemente com a canhota, fazendo-a viajar ligeira pelo ar pesado de Pequim. O goleiro nigeriano não pode fazer nada além de se levantar e, imóvel, na pequena área, observar, ao longe, a bola quicando dentro da rede. Uma obra-prima que vale o ouro. A Argentina volta a subir depois de quatro anos ao degrau mais alto do pódio. Messi, abraçado a Kun, festeja o sonho realizado. Venceu apesar de todas

as objeções legais, de todos aqueles que não queriam que vivesse aquele conto de fadas. E diz em voz alta: “Depois de tudo que foi falado e dito, valeu a pena vir”. E acrescenta: “Foi uma experiência inesquecível”.

O ano mais feliz

27 de maio de 2009

Entre a Lexington e a Quinta Avenida, Happy Cabby, um taxista paquistanês, presenteia o passageiro com sua filosofia de vida: “Para fazer os outros felizes, você deve ser feliz. Nisso consiste a felicidade”, diz virando-se para o banco traseiro e tocando na própria cabeça com o dedo indicador. “Sim, tudo depende de você para que as pessoas e o mundo sejam felizes.” Talvez Leo também tenha sentido a boa-nova anunciada entre o rumor de Midtown; o que é certo é que seu ano mais feliz começou precisamente em Nova York, na esquina da Quinta Avenida e da 53, na suíte do hotel Saint Regis, quando Pep Guardiola convenceu Laporta e Begiristain de que Messi devia ficar em Pequim. Uma autorização para participar dos Jogos Olímpicos que foi, sem dúvida, o maior estímulo para o argentino e fez nascer uma relação especial entre a Pulga e o treinador azul-grená.

“Ali, em Pequim, com a medalha de ouro, começou tudo. Ficou mais feliz do que nunca”, diz Jorge, seu pai. “Se era o que Pep queria, conseguiu.” “Não sei... eu o vi muito contente. Acho que conseguimos”, admite Guardiola. Sim, o jovem técnico tinha consciência de que a chave para que a Pulga pudesse deixar os barcelonistas felizes era que antes ele próprio estivesse feliz. E conseguiu. Confirma Txiki Begiristain, diretor esportivo do Barça: “Se ao vê-lo ele brincar, é porque está contente, se fingir que não o vê e olhar para o outro lado, é porque tem algum problema. Leo passou o ano brincando ao me ver e ao ver qualquer outro com quem cruzou”. Mesma opinião dos companheiros. “Só estando feliz e satisfeito se pode jogar futebol como ele”, diz Xavi. “Estava feliz”, acrescenta o capitão Puyol. “Mas também o vi bravo. Não tem ideia

como fica quando não ganha!” Mas isto não aconteceu na temporada 2008-2009, já que com o Barça ganhou tudo: Liga, Copa do Rei e Champions, a primeira tríplice coroa de uma equipe espanhola e uma façanha que só seis clubes europeus conseguiram. Além disso: a Supercopa espanhola e a Supercopa europeia. Leo marcou mais gols do que nunca em sua vida como profissional. Vinte e três na Liga, o quarto artilheiro atrás de Diego Forlán, Samuel Eto’o e David Villa. Sem esquecer do gol 5 mil na história do clube catalão na Liga, que Leo marca no dia 1o de fevereiro de 2009 em Santander contra o Racing. Seu segundo gol da partida que dá a vitória aos *culés*. Continuemos: seis gols na Copa do Rei, o título de goleador do torneio com apenas 452 minutos jogados (média de um gol a cada 75 minutos), dois na Supercopa espanhola. E nove gols na Champions, principal goleador da maior competição europeia de clubes. Em 51 partidas, ao contrário dos anos anteriores, não se lesionou nenhuma vez com gravidade. A tudo isto é preciso acrescentar os prêmios individuais. Os treinadores espanhóis o escolheram o melhor estrangeiro da Liga à frente de Diego Forlán, Dani Alves e Frédéric Kanouté, e segundo os dezesseis treinadores dos clubes que chegaram às oitavas de final da Champions foi o melhor jogador e o melhor atacante do torneio continental, superando Cristiano Ronaldo. Sem dúvida o rendimento da equipe (espetacular) o ajudou a conseguir esses troféus, mas Messi, desde que colocou a número 10, deu um passo à frente, assumiu seu papel no vestiário e no campo, deu tudo e ainda por cima com simplicidade. “Desde que o conheci, com 14 anos”, declarava Gerard Piqué, o defensor azul-grená, “sempre foi igual. Nunca acreditou ser o melhor, mas sempre soube que todos o consideravam o melhor.”

No Fórum Grimaldi de Montecarlo, Leo, elegante com seu terno escuro, gravata de mesmo tom e camisa branca, depois de ter recebido o reconhecimento como melhor jogador da Champions em sua edição 2008-2009, comenta: “Foi um ano impressionante. Eu me diverti muito”. E, a quem pergunta qual foi o momento mais mágico, responde: “Foram tantos momentos lindos que escolher um seria impossível”.

Como o campeão não consegue escolher entre tanta felicidade, nós vamos tentar.

27 de maio de 2009, Estádio Olímpico de Roma. Final da Champions League: Barcelona x Manchester United

Embora Messi já tenha uma Liga dos Campeões da Europa em seu armário, nunca a sentiu como sua. Porque na noite de 17 de maio de 2006, no gramado do Stade de France, em Paris, ele não estava. A Pulga não teve permissão dos médicos para jogar, apesar de ter repetido, várias vezes, que estava bem, que sua lesão na coxa não doía mais. Viu a final, contra o Arsenal de Thierry Henry, da arquibancada. E no momento da alegria, dos abraços, da festa, se trancou no vestiário com raiva. Foram seus amigos Deco e Ronaldinho que o tiraram dali e o fizeram ver que a vitória também era dele. Sem grande sucesso porque, para ele, é preciso jogar para se sentir campeão.

Desta vez é diferente. Leo sabe disso e sente. Contribuiu de maneira determinante para levar o Barcelona a Roma. Com oito gols, que fazem dele o principal goleador do torneio, à frente de Henry, com cinco, e Berbatov, Rooney e Cristiano Ronaldo, com quatro. Messi, na fase de grupos, marcou cinco. Dois contra o Shakhtar Donetsk, na Ucrânia, para vencer uma partida em que começou a ascensão da equipe *blaugrana* e outros dois contra o Basel, um na Suíça, na goleada fora de casa do Barcelona (0-5), e outro no Camp Nou. Por último, um no Sporting de Lisboa. Os portugueses sofreram com sua capacidade de matador na derrota por 5 a 2 que tomaram em sua casa. Nas eliminatórias, Lionel anota mais três gols, todos para seu público no Camp Nou: um contra o Lyon, nas oitavas de final, e dois contra o Bayern de Munique, na partida que, sem dúvida, foi a sua maior exibição de toda a temporada. Contra o Chelsea, nas semifinais, a Pulga passa em branco. O herói azul-grená foi Andrés Iniesta com seu disparo celestial aos 93 minutos; mas quem tocou, na meia-lua, para o pé direito do número 8 azul-grená foi Leo Messi. Enfim... o número 10 do Barça conquistou o direito de ser protagonista trabalhando noite e dia. A final coloca frente a frente o campeão da Liga Espanhola e

o ganhador da Premier League 2008-2009. Dois grupos cheios de grandes jogadores. Vale a pena lembrar as formações. Barcelona: Valdés, Puyol, Touré Yaya, Piqué, Sylvinho, Busquets, Xavi, Iniesta, Messi, Henry, Eto'o. Manchester United: Van der Sar, O'Shea, Vidic, Ferdinand, Evra, Park, Anderson, Carrick, Rooney, Giggs, Cristiano Ronaldo.

Uma final entre Sir Alex Ferguson, com sua infinita experiência, e Pep Guardiola, a revelação da temporada. É a partida sonhada pela Europa, a melhor possível entre as duas equipes que oferecem o espetáculo mais bonito do continente. E é, como proclama Leo, “a partida mais importante da minha carreira”. Diz isso pouco antes de pegar o avião para Roma. Trata-se da primeira vez que viaja à Cidade Eterna, nunca tinha ido, não gosta de fazer turismo. Vai à capital italiana só para ganhar. Embora diga que “os atuais campeões são eles, portanto, se em um jogo como este há um favorito, o que não costuma acontecer, os favoritos são eles”.

Os meios de comunicação vendem a partida como o grande duelo entre Cristiano Ronaldo e Leo Messi. Mostram as estatísticas de um e do outro na Liga dos Campeões e afirmam que em Roma é disputada a Bola de Ouro. É a possibilidade para que a Pulga leve vantagem sobre o rival que, em 2 de dezembro de 2008, assumiu a ponta com 165 pontos na eleição da Bola de Ouro da *France Football* e confirmou seu primeiro lugar, em 12 de janeiro de 2009, ganhando o FIFA World Player of the Year. No entanto, o interessado não vê assim: “Seria reduzir e desrespeitar as duas grandes equipes, as que melhor jogam futebol neste momento. Duas equipes que têm muitos outros jogadores que podem ser decisivos”. Em poucas palavras, nenhuma disputa pessoal com Cristiano para ver quem é o melhor. “Com certeza ele pensa como eu; o importante é para a equipe. Só uma coisa é certa: quem ganhar em Roma será proclamada a melhor equipe da Europa.”

Verdade, mas os dois sabem que têm os olhos de meio mundo em cima de si. Cristiano Ronaldo, querendo mostrar que ainda é o número um, apesar de uma temporada não muito brilhante, começa a partida elétrico. Primeiro minuto: cobrança de falta de uns 32 metros. Com cinco passos para atrás, como de

costume, o português se equilibra sobre a perna esquerda e dispara. Uma bomba. A bola gira, bate no peito de Víctor Valdés, que não consegue retê-la. Piqué, desesperado, se antecipa ao coreano Park Ji-Sun, cedendo. Cristiano coloca as mãos na cabeça. Antes que Messi toque na bola, o número 7, com camiseta branca, oferece um show: três conclusões e um cartão amarelo para Piqué, que tentou pará-lo com uma obstrução. O melhor do Manchester sai das chuteiras de Cristiano. Já Lionel demora para entrar na partida. Jorge, seu pai, também percebe isso: “Vi Leo fora do jogo durante um bom tempo e só quando fizemos o gol é que comecei a vê-lo na partida”. Realmente, a Pulga só aparece nove minutos depois de Eto’o abrir o marcador para o Barcelona. Parte da direita, procura o meio e de trinta metros solta uma pancada: alto, por muito pouco. Messi joga de falso atacante central para tirar os zagueiros ingleses de sua posição. Um fato, como dirá Ferguson, “que nos surpreendeu e dificultou muito a marcação em cima dele”. Sim, porque cada vez que o argentino tem a bola entre os pés cria problemas para a zaga inglesa. O Barça começa a mandar no jogo e o rosariense, embora não esteja em sua melhor noite e poucas vezes consiga entrar na área das camisetas brancas, funciona cada vez melhor. Patrice Evra, o lateral-esquerdo francês do Manchester, o homem que em abril de 2008, semifinal da Champions (0 a 0 na ida, 1 a 0 na volta), estivera no duelo vencido pelos “Diabos Vermelhos”, já havia advertido: “Messi tem mais ‘fome’ e é mais jogador do que no ano passado”. Tem razão: Leo acerta 84% dos passes. Os toques se aproximam da perfeição, tanto que um veterano como Ryan Giggs diz: “Quando vejo como ele move a bola, fico com cara de bobo”. Aos 70 minutos, a Pulga sobe ao paraíso romano. O menor (1,69m, vale a pena lembrar) se transforma no maior.

A jogada: Xavi recupera a bola depois de uma curta rebatida da defesa inglesa, se aproxima da área, levanta a cabeça e manda para a área. Suave e preciso. Messi, de costas para os defensores, voa alto, muito alto e, de cabeça, manda a bola para a trave contrária à qual está o goleiro. É o 2 a 0.

A explicação: “Quando Xavi pegou a bola, fui me posicionando porque imaginei que ia mandá-la para lá: vi Van der Sar, que estava um pouco adiantado, e a mandei por cima”.

A foto: Messi suspenso no ar, imóvel, alto, muito alto, esticado para trás. A bola, em sua parábola, parece voar sobre o travessão. Na frente, Van der Sar, de amarelo, olha com a boca aberta, aterrorizado. Perto, muito perto, ainda que fora de foco, Rio Ferdinand, vinte centímetros mais alto do que o argentino, que no entanto nada pôde fazer para evitar aquele voo.

O precedente: Muita gente apostava em um gol do 10 do Barça na final. As casas de aposta ofereciam cotas muito baixas. Mas poucos teriam imaginado um gol de cabeça. Até agora Messi só marcara dois. Pep Guardiola, que antes da final tinha motivado seus jogadores com um clipe de *Gladiador* (o filme de Ridley Scott com Russell Crowe), fora o único a profetizar. Em 1o de fevereiro de 2009, em uma coletiva de imprensa no dia da partida contra o Racing, em Santander, quando perguntaram se para ser o melhor jogador do mundo não faltava a Messi o cabeceio, o treinador respondeu assim: “Aconselho que não duvidem dele, porque qualquer dia fará um golaço de cabeça para calá-los.”

A curiosidade: “Não vi o gol do meu filho – reconhecerá Jorge Messi na torcida com sua mulher Celia, com todos os irmãos de Leo e respectivas famílias –, nesse momento abaixei a cabeça porque estava nervoso. Depois vi na televisão e a verdade é que nunca o vi pular tão alto antes. Mas quando tirou as chuteiras?” Porque seu filho, assim que desceu à grama, antes de desaparecer sob os abraços de seus companheiros, dá a volta com sua nova chuteira azul, uma homenagem à Argentina. Enquanto os 20 mil *culés* presentes no Estádio Olímpico gritam seu nome. No final da partida, o primeiro que abraça é Guardiola – o homem que o tratou com muito carinho. E o outro protagonista? Cristiano Ronaldo? Termina a partida impotente, irritado, discute com Rooney e recebe um cartão amarelo por uma falta boba sobre Puyol. Depois, chateado e já vestido, dirá: “Não era uma partida entre Messi e mim, mas sua equipe foi melhor do que a minha e ele também porque marcou”.

O vencido rende homenagem ao vencedor. Desta vez, sim, Leo sente que a taça é sua. Beija, abraça, cultua, leva para passear pelo campo e festeja até as três da manhã com seus companheiros, amigos e família. “Sinto-me o homem mais feliz do mundo. Estou sonhando acordado, é o feito mais importante da minha vida. Dedico a minha família e à Argentina. Este time merece pelo grande trabalho de todo o ano”, declara Messi. Um trabalho e um futebol maravilhoso, lindo, que todos os meios de comunicação do mundo exaltam. Ainda assim, a foto da capa e as grandes manchetes são para a Pulga. “Messi, rei da Europa”, marca o *Corriere dello Sport*, jornal esportivo italiano; “Super-Messi”, diz a *Gazzetta dello Sport*; “Messi com Barcelona no topo do mundo” é a manchete de *La Nación* de Buenos Aires. Já o *Olé*, o jornal esportivo portenho, acima de uma foto de Leo com a copa, sentencia: “Não peçam que cabeceie”. “*Marvellous Messi is too much for United*” é a manchete de capa do *The Times* de Londres, que abre sua edição com a mesma foto do *El País*. Um Messi sorridente com os indicadores levantados e uma manchete sem discussão: “Messi é o melhor”. Ninguém mais discute isso.

2 de maio de 2009, estádio Santiago Bernabéu, Madri. 34a rodada da Liga Espanhola: Real Madrid-Barcelona

Não há cor, não há jogo, nem margem. Dois mundos incomparáveis. Duas maneiras diferentes de entender o futebol mas, quando finalmente se encontram frente a frente, não existe classificação que valha, não há séries de resultados positivos que contem. A realidade se torna cruel e numérica sobre a grama do Santiago Bernabéu: seis gols tomados contra dois feitos. Algo nunca visto. A maior humilhação na história merengue. Nunca o time azul-grená marcara seis gols no Bernabéu; o resultado que mais se aproxima da goleada de 5 a 0 de 1974, na casa do rival, quando no Barça jogava um tal Johan Cruyff. E pensar que antes desta quente noite madrilena Juande Ramos, o treinador dos merengues e seus rapazes pensavam que podiam ganhar. Pensavam em diminuir a distância, ficar a um só ponto do Barcelona e cantar o grito de vitória nas últimas quatro rodadas da Liga. Motivos para otimismo, no

fundo, eles têm: desde que o Barça ganhou no Camp Nou em 13 de dezembro de 2008 (2 a 0, gols de Eto'o e obviamente de Leo), abrindo doze pontos, percorreram um longo caminho. Apesar da crise institucional do clube, levando à demissão do presidente Ramón Calderón, os merengues bateram recorde: 52 pontos sobre os 54 possíveis, dezoito vitórias consecutivas. Na Liga, ao contrário da Champions (foram eliminados nas oitavas de final pelo Liverpool de Rafa Benítez), ainda têm esperança. É verdade que este Barça e Messi, que no campeonato já marcou 21 gols, dão medo. Mas o técnico madridista, quando perguntado se pensam em copiar a tática de Guus Hiddink com o Chelsea (partida de ida das semifinais da Champions), assegura: "não tenho nenhum plano anti-Messi porque anulá-lo não garante nada. É preciso esperar que o Barcelona não esteja em seu melhor dia e fazer um bom trabalho coletivo". Um trabalho que parece dar frutos aos 13 minutos do primeiro tempo quando abrem o marcador com Pipita Higuaín. Mas é uma miragem. O Barça vive em outro planeta, porque os homens com a camiseta azul-grená emanam futebol por todos os poros. São a beleza do jogo em estado puro, a arte do toque elevada à enésima potência. Jogam com facilidade, os passes são tão precisos e fluidos como se a partida fosse de um treinamento. Irrisório para os merengues. A bola desliza pela grama verde de lado a lado, tique, toque, tique até encontrar alguém que a transforma em uma ideia, em uma magia ou simplesmente em uma situação de gol. Exemplo: Leo levanta ligeiro a bola, que supera a desesperada tentativa de Sergio Ramos e pousa com delicadeza sobre os pés de Henry, elegante e eficaz na definição diante de Casillas. Céus, o que seria do Real Madrid se não fosse o Santo Iker: os chutes chegam de todos os lados, são tantos que a gente perde a conta. Um autêntico pesadelo para o goleiro merengue. Os comandados de Guardiola desperdiçam oportunidades, por egoísmo, como Messi, que tem vontade de marcar no Real (em suas três visitas anteriores a Chamartín nunca conseguiu fazer um gol) e não vê o companheiro livre de marcação, ou por excesso de generosidade, como Iniesta e suas chuteiras amarelas, que depois de uma troca de passes com o argentino por todo o campo não finaliza a jogada e entrega de

presente para a Pulga, que arremata à queima-roupa. Parado por Casillas. Em todo caso, aos 45 minutos já são três gols. Depois de Henry e do capitão Puyol, fecha a conta parcial Leo, que finalmente consegue marcar na casa merengue. Xavi, o mago da noite, rouba a bola de Lass Diarra no meio do campo. Oferece a bola a Leo, que define com um disparo perto da trave. O Bernabéu emudece e o ritual de comer alguma coisa no intervalo é mais amargo. A partida recomeça, e os homens de Pep Guardiola parecem não ter compaixão com um adversário de tanto renome. O segundo colocado na Liga ressurgiu, momentaneamente, quando Sergio Ramos cabeceia uma cobrança de falta de Robben e desconta. Mas é questão de poucos minutos. Os jogadores do Barça dominam a partida como querem. E os gols chegam naturalmente. Porque Xavi, o Doutor, inventa assistências cada vez mais lindas. Porque Iniesta inventa um drible atrás do outro. Porque Henry se livra de Ramos e marca seu segundo gol. Porque Messi é um duende que aparece em qualquer parte do campo, onde menos o esperam. Nem mesmo Casillas, que fica estirado no chão, a bola estufando a rede. Fazem cinco e o garoto de Rosário pode correr para as câmeras com a camiseta azul-grená entre os dentes e mostrando outra branca com uma flor e uma frase na qual se lê: “Síndrome X Frágil”. Leo colabora há muito tempo com a associação catalã que ajuda as famílias que têm filhos afetados pela síndrome do cromossomo X frágil (SXF) ou Síndrome de Martin-Bell. Um transtorno genético de transmissão familiar que pode causar graves dificuldades: de problemas de aprendizagem até uma diminuição na capacidade intelectual. Afeta um de cada quatro mil meninos e uma de cada seis mil meninas, e uma em cada 250 mulheres é portadora sem ter manifestações evidentes. Não é a primeira vez que Messi ajuda esta associação. Em 2008 apadrinhou o livro *39 historias solidarias alrededor del deporte*, escrito por jornalistas catalães que doaram os lucros da venda. O gesto solidário e esta dedicatória do gol dá a volta ao mundo e apresenta a milhões de pessoas um problema genético ainda pouco estudado. Um exemplo de como uma bola na rede pode servir para algo mais do que um resultado futebolístico. Mas voltemos ao jogo, a uma partida que fica para a história porque

o Barça faz o que quer. Gerard Piqué é majestoso atrás, não erra uma e, na frente, consegue marcar o sexto gol, o da tristeza. A disputa da Liga terminou para o Real Madrid. Ninguém tirará o título do Barcelona, que voa a sete pontos de distância. Talvez ninguém pudesse tirá-lo mesmo com um resultado diferente. Mas esta partida serve para recordar o espetáculo oferecido por Leo Messi e os azul-grenás de Guardiola durante toda a temporada, tanto na Espanha quanto na Europa. E fecha uma etapa negra do Real: aos merengues só resta esperar as eleições, um novo presidente, ou melhor, um salvador (Florentino Pérez), que usando milhões reconstrói esta pobre equipe até agora campeã. Há mais: o então 6 a 2 tem também gosto de revanche. A última vez que o Barça visitou o Bernabéu, em 7 de maio de 2008, seus jogadores formaram um corredor na entrada do campo para homenagear o Real Madrid, recém-proclamado campeão da Liga. Foi uma partida mórbida. E terminou com um sonoro 4 a 1 para os donos da casa, uma dupla humilhação para os catalães. “Antes da partida”, declara Leo à *Gazzetta dello Sport*, “dizíamos para não pensar na ‘vingança’ pelo corredor do ano anterior, mas evidentemente dentro de nós havia ficado um espinho que nos incomodava. Mais pelo resultado e o modo como tínhamos perdido do que pelo corredor... Tiramos este espinho de forma brilhante.”

13 de maio de 2009, estádio de Mestalla, Valencia. Final da Copa do Rei: Athletic Club Bilbao x Barcelona.

“Messi é o rei” diz um cartaz amarelo na lateral onde está concentrada a torcida do Barcelona. Sem ofender o rei da Espanha, Juan Carlos I, que assiste à partida *in loco*, os *culés* têm razão. Porque Lionel, na primeira final desde que chegou à equipe principal azul-grená, se coroa majestade dentro do campo. Joga e faz jogar, marca e faz marcar. Nada a ver com o que fez Diego Armando Maradona 25 anos antes, em 5 de maio de 1984, na mesma final contra o Athletic. No último apito (a partida tinha terminado com a vitória dos Leones de Bilbao por 1 a 0, gol de Endika), Pelusa dá um chute em Sola e isso desencadeia uma impressionante batalha campal no Santiago Bernabéu. Uma briga em que se envolveram

quase todos os jogadores. Maradona, que jogava seu último jogo com a camiseta do Barça e estava fazendo as malas para ir ao Napoli, queria se vingar de Andoni Goikoetxea, o defensor do Athletic que nove meses antes quebrara sua perna. Resultado: um tumulto alucinante e três meses de suspensão para seis jogadores. O Pibe de Oro tinha então 24 anos; a Pulga ainda tem 21, mas parece mais maduro que Diego. Não dá nenhum sinal de nervosismo e é, junto com Xavi, o grande protagonista do show azul-grená. Participa em três dos quatro gols do Barcelona que acabam com os sonhos do Athletic de conquistar sua Copa número 24. Os adversários, que abriram o placar, resistem com orgulho até o segundo tempo, quando, no momento certo, aparece Messi. Leo manda um passe preciso para Eto'o, o camaronês dispara forte e bate cruzado, Gorka Iraizoz defende, a bola sobra. O número 10 do Barça com muitíssimo sangue-frio prepara o tiro e marca. É o gol da virada. O show da Pulga continua: passe perfeito para Bojan, que define como um veterano para anotar o terceiro; também no quarto Leo colabora, pois provoca a falta que Xavi transforma em um golaço. Depois o rosariense se dedica a dar uma assistência que permita a Eto'o marcar, um prêmio à abnegação deste durante toda a partida, não fosse por Gorka, que salva com o pé. O Barça ganha sua Copa número 25. Mestalla é uma festa e o nome mais gritado é o de Leo. O *Marca*, no dia seguinte, escreve: “Messi não costuma falhar neste tipo de compromisso e ontem voltou a demonstrar que é o mais decisivo da Liga Espanhola. Os títulos começam a surgir para este jogador que marcará, sem dúvida, uma época”.

**23 de agosto de 2009, estádio Camp Nou, Barcelona.
Partida de volta da Supercopa da Espanha: Barcelona x Athletic Club Bilbao**

Messi não jogou a partida de ida em San Mamés, mas, na de volta, uma semana depois, está no campo desde o primeiro minuto. Tem a companhia da incrível contratação azul-grená: Zlatan Ibrahimović, 45 milhões de euros mais o passe de Samuel Eto'o à Inter. O *Pep Team*, sem Leo, Ibrahimović e Iniesta lesionados, voltou de Bilbao com um 1 a 2 (gols de De Marcos, Xavi e Pedro) e meia

mão na taça. A verdade é que esta é uma final estranha já que o Barça, campeão da Liga e da Copa, teria que jogar contra si mesmo, mas a organização estipulou que deve enfrentar o vice-campeão da Copa do Rei, o Athletic de Bilbao. Dá na mesma porque, na verdade, diante de seu público, o Barça enfrenta o Barça; o Athletic, embora se empenhe e lute com nobreza, termina sendo uma mera presença testemunhal. Quem faz a diferença outra vez é a Pulga, que, como em outras ocasiões, vai esquentando devagar, mas quando arranca é letal. No passe como na definição. Começa desperdiçando um mano a mano com Iraizoz, o goleiro do Bilbao. Continua servindo o recém-chegado (Ibrahimović) em uma jogada brilhante pelo passe do argentino e pela matada de peito do sueco, que conclui disparando sobre o gol. Contribui com uma jogada sensacional que abre o placar. Xavi toca para Ibrahimović, o centroavante toca de primeira para Messi e o argentino corta o defensor com a esquerda, para tocar na bola com a direita na saída do goleiro. Um gol impossível e fantástico, de autêntico craque. É a vantagem que tanto demorava a chegar, porque o Barça, em toda a primeira etapa, esteve pouco preciso na hora de definir. Tinha faltado pontaria, mas chega Messi, que com seu golaço abre o baile e o fecha aos 67 minutos, da marca do pênalti. Depois de uma jogada confusa que termina com uma falta sobre Alves – assim interpreta o árbitro –, Leo coloca a bola e sem nenhuma dúvida dispara à direita de Gorka. *Les jeux sont faits*, mas, antes de levantarem a taça, graças às substituições, Bojan consegue deixar o seu gol. Quarto título consecutivo para o Barça. E não é tudo.

28 de agosto de 2009, estádio Luis II, Mônaco. Supercopa da Europa: Barcelona x Shakhtar Donetsk.

“Leo me deixou sozinho. A assistência era meio gol, eu só tive que empurrar para dentro”: são palavras de Pedro Eliezer Rodríguez Ledesma, mais conhecido como Pedro, 22 anos, das Ilhas Canárias, número 27 do Barcelona. O rapaz que chegou à Ciudad Condal com quinze anos e um dos oito que Pep Guardiola utiliza na interminável partida da Supercopa europeia. O eterno reserva que assinou seu primeiro contrato profissional com o Barça em 20 de agosto, o

atacante que ganhou a Champions disputando só um minuto de jogo sem nem sequer tocar na bola. Bem... Pedrito substitui aos 81 minutos Zlatan Ibrahimović e aos 10 do segundo tempo da prorrogação, depois de uma troca de passes com Messi, encontra o cantinho, a rede ao lado das traves de Pyatov para colocar a palavra “fim” a uma extenuante partida e dar ao Barça a quinta copa da temporada. Contudo, honestamente e com grande humildade, o pequeno reconhece que o mérito é de Messi. Não foi uma partida fácil. A estratégia desenhada por Mircea Lucescu, a velha raposa dos bancos, funciona. A defesa organizada pelo treinador romeno bloqueia os sucessivos ataques dos homens de Guardiola. É preciso esperar meia hora de jogo para ver a primeira conclusão entre os três paus. Leo, depois de uma cobrança de falta, toca rápido e, com muita astúcia, chuta, mas é parado em dois tempos pelo goleiro ucraniano. Entretanto, o número 10 do Barça e seus companheiros não se cansam de procurar uma brecha, sem se descuidar, porque os homens de Lucescu fazem do contra-ataque sua melhor arma.

E então de novo Leo Messi: falta da bola direta da entrada da área. A parábola é interceptada pela barreira. Leo e os azul-grenás protestam. Pedem pênalti. Um defensor, segundo eles, interceptou a bola com o cotovelo. Acaba o primeiro tempo e, no segundo, a coisa não muda. Sobre a grama do estádio Luis II, em péssimas condições, o resultado permanece no zero. Os nervos ficam à flor da pele, tanto que Leo, depois de uma entrada na área que acaba em uma confusão de adversários, empurra um defensor ucraniano e se enfrenta cabeça a cabeça com Darijo Srna. Uma discussão que termina em cartão.

Faltam cinco minutos para o final da prorrogação, faltam cinco minutos para os pênaltis quando Leo inventa o passe genial para Pedrito. É o chute número 21 do Barça e é o da vitória. O rapaz pega caindo pela direita e coloca o Barça a caminho da história. É o gol que permite ao *Pep Team* se igualar ao Barça das cinco copas, à magnífica equipe de Ramallets, Martín, Biosca, Seguer, Gonzalvo III, Bosch, Basora, César, Vila, Kubala e Manchón, e do treinador Ferdinand Daucik, que na temporada 1951-1952 ganhou a Liga, a

Copa del Generalísimo, a Copa Latina, a Copa Eva Duarte e a Copa Martini & Rossi. Uma equipe que está na memória coletiva do torcedor azul-grená. Embora, para dizer a verdade, aquele grupo, liderado por Ladislao Kubala, ganhou três títulos no campo e outros dois sem jogar. Porque não disputou a Copa Duarte (o que hoje seria a Supercopa espanhola), por ser campeão da Liga e da Copa del Generalísimo, e porque a Copa Martini & Rossi era dada à equipe que fizesse mais gols na Liga. O Barça de Leo, ao contrário, ganhou as cinco copas no campo. Só resta o Mundial de Clubes, em dezembro, para completar a obra e bater todos os recordes. Será o último episódio da incrível saga *blaugrana*.

Mas não só de troféus e de copas vive o homem... embora para Messi a bola seja muito importante. Acima de tudo está a família presente e talvez... futura. Neste sentido, Leo, neste ano incrível, teve altos e baixos. Esteve muito preocupado pela saúde de um familiar (por sorte, tudo se resolveu, foi um grande susto e nada mais), mas teve a sorte de viver quase dois meses com sua família. “Estavam todos aqui em Castelldefels, meus tios, meus primos e sempre é lindo quando a casa está cheia de familiares”, conta o rosariense. Há mais: Leo iniciou um relacionamento. Confessa em 25 de janeiro de 2009 em *Hat Trick*, um programa da TV3. Na frente das câmaras, um menino faz a pergunta mais difícil: “Você tem namorada?”. E Leo responde: “Tenho namorada e está na Argentina. A verdade é que estou bem e estou tranquilo”. Em 22 de fevereiro, um mês depois de sua entrevista na tevê, é possível vê-lo pelas ruas de Sitges abraçado a uma garota morena de cabelo comprido. Está aberta a temporada de caça da imprensa de fofocas para descobrir quem é a misteriosa namorada. A primeira oficial depois dos supostos casos que se atribuíram a ele na imprensa argentina: como, antes do Mundial 2006, com Macarena Lemos, uma modelo rosarina; com Nerina, uma menina de dezoito anos; ou com a sexy modelo argentina Luciana Salazar.

Antonella Rocuzzo tem dezenove anos e é de Rosário, torcedora do Newell's, estudante de Nutrição e não tem nada a ver com as fantasias da imprensa de fofocas. “Eu a conheço desde que tenho cinco anos, é a prima de meu melhor amigo (Lucas Scaglia),

rosarina como eu. Eu a vi crescer e ela me viu crescer. Nossas famílias se conhecem, por isso não tinha dúvidas”, conta Leo em maio ao *Clarín*, jornal de Buenos Aires. Diz que o relacionamento já tem um ano. Soube mantê-lo em segredo porque “sou discreto”. Acrescenta: “E se não tivéssemos ido a Sitges durante o carnaval, ainda ninguém saberia”. Mas a notícia já é oficial e os dois são fotografados de novo, em junho, em Buenos Aires, onde a Argentina disputa dois jogos das Eliminatórias para o Mundial sul-africano. Uma foto de família pelas ruas da cidade com Antonella abraçada a Celia, a mãe de Leo. Casamento à vista?

Não. “Por enquanto não me caso”, declara Lionel. Mas o romance continua. Esperaremos... Para que ambos possam mobiliar sua casa e não falte nada às gerações futuras, Leo, em 18 de setembro de 2009, renova seu contrato com o Barcelona. Ganhará mais de 10 milhões de euros por ano, mais do que qualquer outro jogador azul-grená, e sua cláusula de rescisão passa de 150 para 250 milhões de euros. Um novo acordo até 30 de junho de 2016, quando a Pulga terá 29 anos. O futuro está garantido. Falta só a cereja no bolo no ano mais feliz de sua vida: a Bola de Ouro e o título de melhor jogador do mundo. “Um sonho. O máximo em nível individual”, como ele diz em uma entrevista a *L'Équipe TV*. “Quem é seu favorito?”, perguntam. “Espero que este ano seja minha vez. Nos dois anos anteriores estive muito perto... dizem que a terceira é que vale.”

A terceira é a que vale

1, 19, 21 de dezembro de 2009

Sim, desta vez é dele. A terceira é a que vale. Depois da Bola de Bronze de 2007 e da de Prata de 2008, Lionel Andrés Messi ganha a Bola de Ouro da *France Football* de melhor jogador de 2009. E por goleada. Dos 480 pontos possíveis, Messi obtém 473, mais do que o dobro de Cristiano Ronaldo, segundo com 233; Xavi Hernández, com 173, completa o pódio. O 10 do Barça é escolhido o melhor por 90 dos 96 eleitores, 98,54% dos votos. Ninguém, nos 54 anos de história do prestigioso prêmio, conquistou de forma tão categórica, tão unânime. Só Michel Platini, que em 1984 recebeu com 98,46%, se aproxima. É um verdadeiro triunfo. A explicação do sucesso, segundo Denis Chaumier, diretor da redação da *France Football*, tem três razões:

“1. As jogadas de efeito de Messi, seus dribles, suas aceleradas, sua tentativa de desequilibrar, seu talento, seu espírito criativo, seu sentido de coletivo e alguns de seus gols deixaram uma marca profunda ao longo de todo o ano. Sua influência no jogo ainda não é total, mas o maravilhoso é que sua presença no gramado fica estampada com uma alegria e uma impertinência que se parecem às que propunha um tal... Maradona.

2. Não devemos esquecer, apesar de sua pouca idade, da permanência na lista de melhores da Bola de Ouro. É evidente que hoje o futebol se nega a consagrar um jogador sem consistência, mesmo que brilhe muito.

3. Campeão do torneio continental, do espanhol com o Barcelona, da Supercopa da Espanha, da Copa do Rei e da Supercopa europeia, classificado com a Argentina para o Mundial. Messi poderia cumprir um percurso mais notável?”

Vários prêmios, excelente desempenho, talento, classe, carreira profissional foram os elementos que convenceram todas as partes. Os jornalistas do júri internacional da *France Football* se renderam à Pulga. Os elogios chegaram do Japão e da Islândia, de Gana à Nova Zelândia, do Cazaquistão à Inglaterra.

Às sete da noite de segunda-feira, 30 de novembro, os organizadores da *France Football* batem na porta da casa em Castelldefels para anunciar a boa-nova. Uma grande notícia que Leo esperava com impaciência e desejo ao lado de Antonella – sua namorada –, seu irmão Rodrigo e seus sobrinhos. Quando o diretor conta o sucesso da votação, sorri timidamente, como sempre, mas seus olhos têm um brilho particular. A novidade chega depois de uma semana fantástica para Leo e o Barça. Terça-feira, 24 de novembro, na quinta rodada da Liga dos Campeões, os *blaugranas*, com Piqué e Pedro, “obtiveram contra a Inter de José Mourinho um triunfo angelical em uma partida endemoniada”, como escreve *El País*. A passagem às oitavas de final que parecia difícil agora está ao alcance dos homens de Guardiola. Messi, que sofreu uma lesão muscular em San Mamés contra o Athletic de Bilbao na última rodada da Liga, não pôde estar em campo, mas no domingo 29 de novembro é titular no clássico. Leo não quer perder nem um minuto da partida contra o Real Madrid de Cristiano Ronaldo. É a quarta vez que os dois craques se encontram. O português, que esteve fora da competição por mais de cinquenta dias, mostra estar em excelente forma durante os 66 minutos que permanece em campo. Lidera o ataque do Real, mas fracassa na oportunidade mais clara dos merengues. Para no pé de Valdés e, pela quarta vez, não consegue marcar contra o Barça. Lionel, na primeira etapa, aparece muito pouco. Não cria jogadas, não decide. Atua na ligação ou de falso atacante sem a malícia habitual. Mas, no segundo tempo, depois que Ibra, com uma esquerda violenta, abre a vantagem para os *blaugranas* e Sergio Busquets recebe o cartão vermelho, a Pulga mostra sua melhor versão. Recebe bolas, abre para o lado, encara os defensores, faz um carnaval na frente de ataque, inventa duas ou três jogadas incríveis. Contribui muito para o time no momento em que ele mais precisa. Aos 88 minutos, tem em suas chuteiras a bola

do 2 a 0. Alves, do lado direito, manda para a área, Lionel arremata à queima-roupa. São Casillas defende um chute que era meio gol. Teria sido muito bom marcar seu oitavo gol contra o goleiro do Real (o último foi de pênalti no amistoso Espanha x Argentina de 14 de novembro), mas “o paredão Casillas evitou. O importante é que o Barça ganhou”, diz na saída, e a quem pergunta sobre a Bola de Ouro responde: “Esta tarde a Bola de Ouro vai para Víctor Valdés. Ele nos salvou”. É verdade, mas Lionel ganhou sua partida com a Bola de Ouro 2008. O jogo foi um cenário perfeito para a entrega do prêmio. Na segunda-feira, em Castelldefels, há motivos de sobra para festejar. Leo, com uma camiseta verde e branca, a família e os convidados da *France Football*, brindam com uma taça de vinho pelo rapaz que não podia crescer e que agora entra no panteão do futebol mundial. Depois há tempo para as conversas e para olhar a capa e as 43 páginas que a revista francesa dedica ao “jovem Rei do Futebol”.

A manhã é um dia de primeiras páginas, de uma coletiva de imprensa concorrida e de entrevistas.

É o tempo da reflexão, das sensações à flor da pele e das dedicatórias.

“Não posso mentir. Intuí que este ano podia chegar, mas me surpreendeu o resultado da votação”, diz Messi na sala de imprensa do Camp Nou.

“É uma honra este prêmio, é muito lindo, é algo especial, mas não estava obcecado por ganhá-lo. Sabia que, se fosse para acontecer, aconteceria. Se não, continuaria trabalhando da mesma maneira de sempre”, explica. Perguntam como se sente ao ser o primeiro argentino a ganhar este troféu. “Para mim é um orgulho, tirando o de Diego [Maradona] que, com as regras atuais, teria vencido mais de uma vez e o de Di Stéfano e Sívori que foram eleitos, mas com outra nacionalidade.” (É importante lembrar que só desde 1995 a Bola de Ouro foi aberta a qualquer jogador que estivesse em um clube europeu, sem olhar sua origem. Alfredo Di Stéfano, nascido em Buenos Aires, conseguiu em 1957 e 1959 com nacionalidade espanhola, e Omar Sívori, Bola de Ouro 1961, nascido em San Nicolás, conquistou-a como italiano.)

E, já que Leo é tão argentino quanto do Barça, não se esquece do valor do troféu para sua “casa”. “Ser o primeiro jogador formado na Masía que recebe o prêmio é dar uma mão ao projeto do Barça, é muito importante para o clube e para as pessoas que trabalham no futebol de base.” Seus agradecimentos e sua dedicatória vão, como sempre, para sua família e seus companheiros de time: “Sem eles não teria chegado aqui”, afirma, taxativo. Acrescenta que, se pudesse votar, teria votado em qualquer um de seus companheiros: “Xavi e Iniesta também mereciam este prêmio”. Uma lembrança especial vai para Pep Guardiola: “O técnico”, diz Lionel, “teve muito a ver com isto. Eu o conhecia, mas nunca havia tido contato com ele antes. Acho que é uma pessoa muito inteligente, que sabe muito de futebol, e sabe transmitir isso da melhor maneira. É um treinador que olha muito a parte humana e por isso é muito querido por todos os seus jogadores. Os títulos que ganhamos com ele foram fundamentais para este troféu”.

“Leo venceu com justiça porque é um jogador de outro nível. Tem os recursos possíveis. Todos”, elogia o treinador do Barça. “É resistente, rápido, goleador, também de cabeça [vamos ver quem discorda disso depois do gol na final da Champions League], entende o jogo, domina todos os atributos, mas a diferença de Leo está em sua cabeça, em sua alma competitiva.”

A data de sua consagração como melhor jogador de 2009 é 6 de dezembro às onze da manhã: em Paris, sobre o palco do canal *Téléfoot*. É ali que Denis Chaumier entregará a Bola de Ouro. Mas, antes, há uma partida no estádio de Riazor contra o Deportivo de La Coruña. Dois gols e uma série de jogadas

espetaculares: a Pulga celebra assim seu prêmio. “Messi, Messi, Messi”, gritam os espectadores do velho estádio galego. À meia-noite, com uma vitória de 3 a 1 fora de casa, Lionel entra no vestiário para uma ducha rápida. Um voo fretado o espera para levá-lo ao aeroporto Le Bourget. O avião aterrissa às 3h15 na capital francesa. Um carro o leva ao hotel George V no 8o *arrondissement*. São quatro da manhã, mas Lionel não dorme. Com Rodrigo, Matías e María Sol, seus irmãos, passa o resto da noite

escutando música (Don Omar e Dj. Flex), vendo tevê e conversando. Às nove e meia começa o *Tour de Force* parisiense. Travessia da cidade com uma parada na frente da Torre Eiffel, terno, gravata e maquiagem, antes de entrar no estúdio, uma saudação a Lilian Thuram, ex-companheiro do Barça, e depois se instala na frente das câmeras para os aplausos, os discursos e o troféu. Sessão de fotos com a família, os amigos, o presidente Joan Laporta e o pessoal do Barça, da *France Football*, da TF1. O carro oficial volta a cruzar Paris na direção Boulogne-Billancourt, até a sede da TF1. Antes da refeição no salão Luís XIII do hotel George V e da volta para casa... falta a última coletiva de imprensa. E aqui Leo, sentado em uma banqueta, confessa que estava um pouquinho impaciente para recebê-la, para tocar na Bola de Ouro. Porque seis dias são muito longos. E confessa, surpreendendo o auditório, “talvez possa voltar a ganhá-la, seria grandioso poder conseguir mais alguma”.

Bem, o rapaz tem grande autoconfiança, mas isto já veremos. Por enquanto, o Barça tem outros desafios pela frente. O primeiro: garantir a classificação para as oitavas de final da Champions. Haverá uma partida muito difícil para os comandados de Guardiola em Kiev. Abaixo de zero graus e com Shevchenko e companhia ainda convencidos de que vão ganhar. É verdade que os *blaugranas* têm dois resultados a favor: podem perder por um gol e também empatar, dependendo do que acontecer no Giuseppe Meazza de Milão, onde jogam no mesmo horário Inter e Rubin Kazan. Mas o objetivo é se classificar em primeiro do grupo para evitar as potências inglesas: Chelsea, Manchester United e Arsenal. “Proibido especular”, declara Guardiola, que exige que seus jogadores respeitem as características da equipe e só procurem a vitória. Não será fácil porque no estádio Valeri Lobanovsky, aos dois minutos, o Dínamo, graças a um erro da defesa catalã, pula à frente no marcador. Tudo se complica da pior maneira: os atuais campeões estão a um só gol de ficarem fora. Mas o Barça não se desorganiza, tira a bola dos ucranianos, vai para cima, sem parar, até conseguir primeiro o empate (Xavi) e depois a virada. Para garantir: Leo com um golaço de falta. Bateram muito em Messi. Pouco depois, ele teve

a chance de empatar, mas não soube aproveitar o presente de Shovkovsky e no mano a mano arrematou fraco. Aos 86 minutos, uma cobrança de falta pela direta. A Pulga pega a bola: execução magistral, uma esquerda cravada na rede. Pena que, quatro minutos depois, Almeida entre por trás: é a nona falta cometida contra ele, que cai machucado.

“Outro em sua situação poderia viver da Bola de Ouro”, comenta depois da partida Pep Guardiola, “mas Leo tem uma alma competitiva incomparável, uma ambição tal que fica bravo e na dificuldade quer outro gol, diz ‘vou te pegar’. Vai para dentro.”

O boletim médico diz que Messi sofreu um entorse de grau um no tornozelo direito. Não poderá jogar o clássico contra o Espanyol e não tem assegurada sua participação nas semifinais do Mundial de Clubes em Abu Dhabi. Sábado, 12 de dezembro no Camp Nou: Leo não joga, mas entra em campo para oferecer aos 84.554 espectadores a Bola de Ouro. Celia, sua mãe, entrega a ele.

Um momento muito emocionante e uma enorme ovação antes da longa viagem até Abu Dhabi, onde na quarta, dia 16, o Barça enfrentará pelas semifinais o Atlante mexicano, que bateu o Auckland City neozelandês por 3-0.

As fotos e as reportagens da mídia transmitidas dos Emirados Árabes mostram um Messi na praia, de calção azul e tornozelo direito enfaixado, enquanto treina para conseguir se recuperar. Leo e todo o Barça estão levando a competição muito a sério, concentradíssimos no treino anterior ao duelo com o Atlante. Os Potros de Ferro. Os prognósticos são todos a favor dos catalães, muito acima do campeão da CONCACAF, mas os *culés* não esquecem as duas finais perdidas em 1992 e 2006. Devem levar a competição a sério desde o início. Essa é a ideia, mas as coisas não saem como o esperado. No estádio Zayed Sports City, aos cinco minutos, o Barcelona perde por 1 a 0. Aos 35, Sergio Busquets empata. No entanto, o Barça não pode com o Atlante. Os mexicanos se defendem bem e aproveitam as poucas oportunidades, enquanto os *blaugranas* erram e não se encontram na partida. Não resta outro remédio: chamar Messi. O argentino, no banco, não ia jogar caso

não fosse necessário. Mas como o Barça está perdendo, Guardiola decide usá-lo aos 53 minutos.

“Soube que Messi ia entrar pelos gritos das pessoas. Sabia que sua presença podia desequilibrar a partida”, contará depois José Cruz, o técnico do Atlante, “mas não esperava que fosse tão rápido.”

Um minuto, só um minuto, é do que Leo precisa para resolver o confronto. O argentino se desmarca em uma diagonal, Ibra o vê, dá meia-volta e oferece uma preciosa e precisa bola em profundidade. Do resto a Pulga se encarrega: perfeito o controle e o drible no goleiro do Atlante e, claro, preciso no chute. A bola entra chorando. Foi seu primeiro toque, é a virada; a resistência dos mexicanos acaba; o Barça liga o motor; Pedro marca o terceiro e passa a ser o único jogador que marcou nas seis competições em jogo; o onze *blaugrana* pode se dedicar a agradar o público com toques de calcanhar. Pura categoria. As chances de gol aparecem uma atrás da outra e Messi se permite o luxo de errar outro mano a mano com Vilar, o goleiro argentino que conhece bem da seleção azul e branca. Não importa. Messi, outra vez, foi o gênio da lâmpada.

José Cruz explica assim: “Sem Messi, o Barcelona é a melhor equipe do mundo; quando joga Leo é de outra galáxia”.

Não há nada mais a acrescentar.

Resta só a final no sábado de 19 de dezembro. Resta só o Estudiantes de la Plata. O time argentino que na outra semifinal eliminou os coreanos de Pohang Steelers por 2 a 1. O time da “Brujita”, Juan Sebastián Verón, o careca que fora o “tutor” de Leo na Copa América 2007, o rodado jogador que se tornou a alma da equipe e sonha repetir a façanha de seu pai, Juan Ramón “la Bruja” Verón. Em 1968, em Old Trafford, o atacante do Estudiantes ajudou sua equipe a conquistar a Copa Intercontinental derrotando o Manchester United.

E a realização do sonho dura 89 minutos. Quase uma partida, quase um milagre. Os argentinos encontram o gol e a vantagem no final do primeiro tempo (aos 37), com uma cabeçada limpa de Boselli, que aproveita o buraco entre Puyol e Abidal para arrematar

o cruzamento de Díaz. Para o Barça é o pior dos cenários possíveis: um gol contra, nenhum chute, um cartão amarelo na conta de Messi e, sobretudo, uma equipe perdida que não encontra espaços no meio campo, nem para dar o último passe. Todos os espaços estão fechados pelo trio da defesa. Messi não aparece, Henry é inexistente, Ibrahimović luta sem conseguir nada. O Estudantes, ao contrário, sabe perfeitamente o que fazer: mata a partida, cede a bola e a iniciativa aos barcelonistas e se fecha atrás como um paredão, não concedendo a menor brecha aos rivais, utilizando todos os recursos (uma falta, um drible, um chute para fora, uma substituição, uma ou outra falta) para deixar passar o tempo, para chegar aos 90 minutos, para ganhar pela segunda vez a taça tão desejada. O Barça não se rende, mostra todo o seu caráter, toda a sua determinação, tenta várias vezes até que, a um minuto do final, Xavi joga a bola para a área, Piqué toca para Pedro, que com uma testada manda para a rede. É o empate. É a prorrogação. E é a vitória. Os argentinos sabem disso. Seus rostos dizem tudo. Não conseguem resistir mais, não conseguem resistir ao garoto Messi que, como se fosse uma pelada num campinho, marca com o peito, com o coração, com o escudo. Antecipa-se a seu amigo Juan Sebastián Verón e aos 5 minutos do segundo tempo da prorrogação, apara o cruzamento de Dani Alves, assim, com um movimento que ninguém esperava.

Por que faz com o peito em vez de arrematar com a cabeça? “Tentei garantir. Vi o goleiro no contrapé”, explicará Leo no dia seguinte em uma entrevista a *El País*. “Achei que bastava colocá-la suave no canto que ele vinha fechando. Por sorte, deu certo.”

Simple como sempre, e como sempre a Pulga olha para o céu, dedica o gol a sua avó Celia e ao Senhor por tudo o que ganhou. Depois é só festa no grupo azul-grená e lágrimas, as de Pep Guardiola; desta vez, a emoção tomou conta dele. Leo é o primeiro a abraçá-lo, a agradecer, mas não esquece os adversários. Vai cumprimentar um por um dos jogadores do Estudantes, “porque jogaram muito bem, porque são argentinos, porque estavam muito tristes”.

A terceira vez é a que vale. Depois das derrotas de 1992 e 2006, o Barça conquista um troféu que nunca tinha ganhado em seus 110 anos de história. E é coroado rei do mundo. Além disso, nunca nenhuma equipe conseguiu seis títulos em um ano.

“Até agora acho que não percebemos o que conseguimos”, confessa Messi a *El Periódico*. “É muito difícil que outra equipe possa repetir isso e, com o passar do tempo, ainda valorizaremos mais essa façanha.”

O Barça chegou ao topo do mundo e Leo sobe outra vez ao topo, na segunda, 21 de dezembro, em uma Zurique sob a neve.

Poucos minutos depois das nove da noite, Michel Platini, o presidente da UEFA, acompanhado do presidente da FIFA, Joseph Blatter, sobe ao palco. Antes de abrir o envelope dourado, uma última olhada nos candidatos ao prêmio. Desfilam os vídeos e os rostos de Cristiano Ronaldo, Andrés Iniesta, Kaká, Messi e Xavi.

Fala Platini, que diz estar muito orgulhoso de que todos os premiados joguem em equipes europeias. Chega o momento mais importante, o anúncio: “*The FIFA World Player 2009 is Lionel Messi*”.

A terceira é a que vale. Outra vez. Depois do segundo lugar em 2007 e 2008, Leo é o número 1. Levanta de sua cadeira, abotoa o terno Ermenegildo Zegna, ajusta a gravata azul e sobe ao palco. Michel Platini entrega o prêmio e o convida a falar.

“Boa noite, antes de mais nada queria agradecer aos companheiros que votaram. É para mim uma grande honra receber este prêmio, porque foi dado por companheiros de outras equipes, de outras seleções e isso é muito lindo. Quero agradecer e dividir com meus companheiros [e as câmeras vão procurar Iniesta na plateia] e isto significa terminar da melhor maneira um ano magnífico para o Barcelona, para meus colegas e para mim. Muito obrigado.”

Leo fala com voz trêmula e sorri como nunca. Ganhou e, outra vez, por goleada: 1.073 pontos, o triplo de votos de Cristiano Ronaldo, segundo colocado com 352, seguido por Xavi (196), Kaká (190) e Iniesta (134). Os treinadores e os capitães de 147 países outorgaram uma vitória esmagadora.

“Isto não tem preço, isto não tem preço”, proclama Jorge Messi, acompanhado de Celia, de Matías, Rodrigo e María Sol. “Que ganhasse um prêmio, que a equipe ganhasse um título podia ser previsível. Mas que ganhasse tudo ao mesmo tempo era impensável”, diz o pai da Pulga. E, emocionado, explica: “É o final perfeito para um ano perfeito, mais felicidade é impossível”.

O planeta Terra se rende aos pés de Messi, é a manchete dos jornais no dia seguinte, mas falta a Leo ainda conquistar o coração de um país, o seu, a Argentina. Porque Leo “tem raiva de que com a seleção ainda não seja um Gardel”. Porque também se, a duras penas, conquistou a classificação para o Mundial da África do Sul, a Pulga nunca brilhou com a azul e branca. “Por que com a camiseta do Barcelona se transforma e não faz o mesmo com a azul e branca?” Sim, é verdade, na Argentina o acusam de falta de amor pela pátria, “como se seu baixo rendimento fosse causado por uma falta de motivação e não pela dificuldade de um jogador que, com a azul e branca, tem mais possibilidades de ganhar a loteria do que de receber um passe decente. Maradona impôs um modelo messiânico”, escreve David Gistau em *El Mundo*, “no qual Messi não se encaixa, porque é filho de outro tempo e além disso saiu da Argentina muito cedo e não se incrustou em determinadas idolatrias populares.” Não se dão conta de que o problema não está nele, mas na seleção. É visto como um estrangeiro. Escrevem: “Messi não é argentino” porque deu tudo pelo Barça, deu tudo na Europa e, além disso, arruinou o sonho do Estudantes que tinha atrás de si todo um país. Sim, Messi tem um problema com os argentinos, ou melhor, os argentinos têm um problema com Messi. Leo (ou Lio, como o chamam em seu país) sabe disso e fica com raiva quando dizem que não sente amor pela azul e branca. E não há nada que o tire mais do sério do que quando dizem que não é argentino. “O que sabem dos meus sentimentos!”, exclama. Mas o problema pode ser resolvido. No Mundial.

Um mar de lágrimas

3 de julho de 2010

Oitenta e nove minutos. A Alemanha ataca. Miroslav Klose conclui um contragolpe e marca o 4 a 0. Aqui, ainda no campo rival, Messi volta caminhando. Chega à linha central, permanece uns segundos com os braços na cintura, se agacha e apoia as mãos nos joelhos. Sente vontade de chorar. Diante do número 10 argentino, cabisbaixo, olhar perdido, incrédulo e sem energia, passa Klose, exultante.

Ao apito final de Ravshan Irmatov, Lionel desmorona. Nem “la Brujita” Verón, nem Fernando Signorini, o preparador físico da azul e branca, nem Diego Armando Maradona, que o abraça e beija, podem consolá-lo. Será o próprio Pelusa, balbuciando, que contará na coletiva de imprensa sobre o choro desconsolado de Leo: “Quem me disser que ele não sente amor pela camiseta é um estúpido”.

“Foi muito duro ver no vestiário o estado desesperado de Messi. Alguns”, explica Signorini, “poderiam pensar que não deveria ser assim por ter muitas coisas de sua vida resolvidas; por isso resgato rapazes como ele, que ganham milhões de dólares e estavam chorando no vestiário, que foi um mar de lágrimas, demonstrando o sentimento que tinham dentro.”

Acaba assim, com lágrimas de frustração, de impotência, de dor, o Mundial de Messi. Vai embora da África do Sul vazio, sem ter marcado um único gol, sem ter sido o que todos os argentinos esperavam dele – o Maradona de 1986 (o do Mundial do México) – e sem a consagração com o time azul e branco. Vai embora de “seu” Mundial sem ter sido ele mesmo: Messi, a Bola de Ouro; Messi, o jogador que deslumbra no FC Barcelona. É só mais uma das estrelas caídas, como Wayne Rooney, Cristiano Ronaldo, Kaká

ou Franck Ribéry. Um final triste para uma história que tinha começado de outra maneira. Vamos ver...

Quarenta e sete gols como 47 sóis são o resultado de Lionel na temporada 2009-2010. É o Chuteira de Ouro, uma honra reservada ao maior goleador europeu. Ninguém marcou tanto quanto ele. Os atacantes das ligas espanhola, inglesa, alemã ou italiana ficam muito longe: Gonzalo Higuaín, 27; Didier Drogba, 29; Robben, 23; Antonio Di Natale, 29. Na Liga, Messi jogou como nunca, mais do que nunca, e marcou mais gols do que nunca desde que estreou seis temporadas antes na equipe principal. É o goleador, conseguiu marcar duas vezes em nove partidas e fazer três gols em quatro jogos (*hat tricks*) e, com 34 gols, igualou o número que alcançou Ronaldo no FC Barcelona na temporada 1996-1997. E bateu também o recorde em *Can* [casa] Barça: é o jogador mais jovem na história do clube catalão a anotar cem gols na Liga e superou os registros de atacantes como Rivaldo, Romário e Eto'o. Trinta e quatro gols que contribuem para a conquista da Liga. O Barça ganha na última rodada com uma atuação solene: 4 a 0 contra o Valladolid, com gols de Messi. Renova o título de campeão depois de um duelo até o último suspiro com o Real Madrid de Cristiano Ronaldo. Os azul-grenás somam 99 dos 114 pontos possíveis, um recorde histórico na Liga. Disputaram um campeonato vibrante, marcando 98 gols e levando somente 24. Tanto no Camp Nou como no Santiago Bernabéu, derrotaram os merengues de Florentino Pérez. E Lionel superou Cristiano Ronaldo, Bola de Ouro em 2008, o craque mais caro da história do futebol e a estrela do *Florenteam*. O garoto de Rosário evoluiu, conseguiu sua quarta Liga em seis temporadas mas, sobretudo, mostrou uma grande maturidade e uma paz interior como pessoa e jogador. “Não quer mais fazer a jogada do século em cada bola. Toca mais e passa melhor”, explicava Tito Vilanova, o então braço direito de Pep Guardiola. “Cresceu no jogo coletivo. É mais perigoso e é mais complicado pará-lo.”

Para Lionel, foi uma temporada espetacular, embora com duas quedas estrepitosas. A primeira, em 13 de janeiro de 2010, no estádio Ramón Sánchez Pizjuán. O Barça joga de forma magistral,

melhor impossível, cria milhares de chances de gol, mas o goleiro Andrés Palop para tudo. Só uma vez conseguem mandar para a rede. E o Sevilla, graças ao resultado da ida (2 a 1 em pleno Camp Nou), elimina os azul-grenás da Copa do Rei. É o primeiro título que escapa do Barça desde a chegada de Guardiola ao banco. Messi está destroçado. São inúteis as palavras de ânimo dos companheiros e de seu amigo argentino Gaby Milito. “Outro teria dito: ‘Bom, sou campeão do mundo. Ainda tenho a Liga!’. Ele, não. Era o mais chateado de todos”, revelou Guardiola.

A segunda queda, em 28 de abril de 2010, foi no Camp Nou. A Inter, de José Mourinho, depois de uma excelente atuação defensiva e uma partida perfeita na ida em Milão, elimina o Barça da Champions League. O atual campeão europeu fica nas semifinais e não irá jogar a final sonhada no Bernabéu. A superação que todos os torcedores *culés* queriam não dá em nada. Termina aos 84 minutos no gol de Gerard Piqué que não basta, no entanto, para reverter o marcador de San Siro (3 a 1); não basta para o bilhete de ida para Madri. A Inter, com onze e até com dez jogadores (depois da expulsão de Motta), anula e impede o jogo do Barça. Messi, que havia enfiado quatro gols no Arsenal de Arsène Wenger, não consegue marcar nenhum gol em uma equipe treinada por Mourinho (Chelsea e Inter). Sua atuação não é excepcional, mas Guardiola o defende: “Não há nada que se possa atacar. Como eles fechavam com seis jogadores, sempre tinham dois a mais, independente de irmos pelo meio ou pelas laterais”. O treinador blinda seus jogadores: “Não devem pedir perdão por nada depois da partida que jogaram. Estou muito orgulhoso de todos eles”. Sua mensagem aos barcelonistas é clara: lamenta não poder levá-los a Madri e promete tentar de novo no ano que vem e, por enquanto, assegura: “Nos recuperaremos e nos levantaremos”. E assim acontece: em 16 de maio toda a Ciudad Condal canta: “*Alirón, alirón, el Barça campeón!*” Nas comemorações do título, Lionel sobe no ônibus e grita: “Força, Argentina, puta que o pariu!” A torcida azul-grená aplaude feliz. Quer que ele se dê bem com a seleção azul e branca. E toda a Argentina quer o mesmo.

“Todos temos o sonho de levantar a Copa do Mundo. Não porque me faça crescer como jogador, mas porque não deve existir nada mais lindo do que isso. Fui embora chorando do Mundial 2006 por aquela derrota contra a Alemanha. Talvez saia chorando da África do Sul, mas que seja de alegria”, declara Lionel ao chegar à concentração da azul e branca em Ezeiza, Buenos Aires. E acrescenta: “É totalmente diferente jogar no Barcelona e na seleção, por falta de tempo para trabalhar e treinar. Isto não quer dizer que os convocados sejam piores, nem que sejam os melhores do mundo, mas não temos tempo para trabalhar, tudo é muito rápido: dois dias e partida. Quando estivermos todos juntos, em grupo e com tempo, as coisas vão mudar. Chegamos bem ao torneio, calados, não como favoritos, e isso é bom porque podemos causar uma surpresa muito grande”.

A Pulga, desta vez, monopoliza todos os olhares e toda a atenção dos meios de comunicação e dos torcedores de todo o mundo. Até Fidel Castro, o líder cubano que não aparecia em público há quatro anos por causa de uma grave doença, se rende à genialidade de Lionel. Em um artigo intitulado “Nos umbrais da tragédia”, dedicado a denunciar as manobras imperialistas dos Estados Unidos, escreve sobre o atacante argentino: “Aparece como um raio e com as pernas ou a cabeça dispara a bola a uma velocidade insólita”. Na Argentina, Lionel ganha pontos na eterna comparação com Maradona, mesmo que o coração de seus compatriotas ainda bata por Diego. Para Messi, sair de uma vez por todas da sombra de Pelusa quer dizer explodir junto com a Argentina e levantar aquela taça sonhada desde 1986. Maradona-Messi, Messi-Maradona: a relação depois de muitas idas e vindas, depois de tantas reflexões sobre o complexo de Édipo, parece ter encontrado certa estabilidade. Lionel, desde a chegada de Diego ao banco da azul e branca, jogou onze partidas e marcou somente três gols. Viveu seu pior momento em 14 de outubro de 2009, quando foi acusado de não comemorar o gol de Mario Bolatti diante do Uruguai, que deu à Argentina a classificação para a África do Sul. Celia, sua mãe, precisa intervir para defender seu filho: “Fica muito chateado quando falam mal dele. Por que estão sempre contra ele?”

Sofre muito e demora para se recuperar”. É verdade: Lionel está mal, entra em crise – como sabem muito bem seus companheiros do FC Barcelona –, e não encontra o respaldo de Maradona. Cansado, liga para o treinador a fim de informar que não quer mais jogar com a azul e branca. Diego entende que a situação é muito difícil e viaja para Barcelona. Ali, os dois falam abertamente pela primeira vez: o técnico diz para não se preocupar e que as coisas vão mudar e, nesse momento, se transforma a relação entre Leo e Diego. O Dez começa a mimar seu discípulo e, antes do último amistoso pré-mundial, disputado contra o Canadá em terras argentinas, o técnico da seleção declara: “Eu não posso saber o que as pessoas pensam de Lio. Posso dizer o que eu penso de Messi. E acho que é o melhor do mundo. E é argentino. Já disse aos rapazes: ‘Se a bola passar pelo Lio, vamos ter muito mais possibilidades’. Tenho que enfiar na cabeça deles que são uma equipe. E que temos Messi para que possa ser o mesmo jogador do Barça. Messi sabe que os companheiros esperam que seja a cereja do bolo. Ele tem que ser líder da bola. Nós não precisamos dele para que faça um monólogo na concentração, mas no campo. Quando se joga futebol e a bola não passa por Messi, passa por mim, que não posso me mover... então estamos equivocados”. Pelusa lhe dá carinho, aposta nele, confia nele, mas ao mesmo tempo o desafia, colocando como exemplo sua própria história. “Messi”, diz Maradona, “tem muito mais respaldo do que eu tive antes do Mundial do México de 1986, mas é preciso jogar as partidas. No México, fui me encontrando, fui me tornando dono da bola e da equipe. Cresci e meus companheiros me seguiram. Agora expliquei o mesmo a Lio para que faça isso na África do Sul e ele entendeu. Eu tenho conversado muito com ele e tento garantir que esteja bem.” Aos líderes do grupo, no começo da concentração, disse: “Façam com que se sinta o melhor”. E para preservá-lo colocou-o no quarto com Juan Sebastián “la Brujita” Verón, que já fora mentor de Lionel na Copa América 2007. Os dois se dão bem. “Eu fico de olho neles”, confessa Maradona em uma entrevista ao *Clarín*. “La Brujita é um intelectual do futebol, sabe muito mais que Lio, mas começam a discutir e o moleque responde: ‘ha, ha, ha!’”. É

lindo estar no meio desta conversa.” Em uma palavra, vê Lionel tranquilo, contente e com muita vontade de jogar e ganhar. E chega a hora da estreia contra a Nigéria. Na coletiva de imprensa do dia anterior, Maradona dá de presente a seguinte manchete: “A Argentina continua sendo um Rolls-Royce, mas agora dirigido por Messi”. E, como se fosse pouco, deseja que tenha um protagonismo magnífico e que seja o melhor de todos os tempos.

Lionel, no Ellis Park de Johannesburgo, sábado, 12 de junho, responde à altura tantos elogios. É o melhor da Argentina. Aquele que dá brilho ao jogo da azul e branca, que compreende as necessidades da equipe, o mais participativo e ativo do ataque argentino, o que joga em todas: ligação, assistente, ponta, finalizador. É quem oferece mais passes ao gol (desperdiçados por Tévez e Higuaín), o que mais vibra, o que mais arremata a gol: oito vezes. Três fora e quatro entre as traves, mas Vincent Enyeama, o goleiro nigeriano do Lille Osc, impede o gol com autênticos milagres. Tanto que será eleito por sua façanha como melhor jogador da partida. E declara: “Tenho que agradecer a Deus e a Messi este troféu, porque as defesas que fiz são obras de Deus. Acredito em Deus e, por mais que tenha estudado os gols de Messi na Liga Espanhola, sem a ajuda Dele não teria feito nada. Em segundo lugar, devo dizer que, se não tivesse enfrentado o melhor jogador do mundo, não teria recebido este reconhecimento”.

No final da partida, ganha graças a uma testada de Gabriel Heinze, Maradona abraça Lionel, levanta-o em seus braços, puxa-o contra seu peito, contra seu terno com gravata digno de um filme de Quentin Tarantino e o beija com veemência. Pelusa é o único treinador na história do Mundial que beija seus jogadores depois das partidas e depois de cada substituição, mas os dois beijos em Messi são um tributo, um reconhecimento ao homem que fez tudo pela equipe. “Messi hoje esteve perto da bola. E com a bola Lio se diverte e, enquanto ele estiver se divertindo, todos nos divertimos juntos”, comentará Diego depois, comendo uma maçã na coletiva de imprensa. Pelusa não é o único a elogiar a exibição da Pulga. As mídias argentina e espanhola são unânimes: Lionel jogou outra partida, muito acima da própria Argentina; liderou a equipe em uma

vitória que devia ter sido mais ampla. O novo papel de ligação atrás dos atacantes que Maradona encontrou para o garoto de Rosário é aprovado e o aproxima mais do modelo ideal (o de Diego jogador). Nenhum comentarista esquece os problemas na defesa, no meio do campo, nem as mudanças do treinador que, na última parte do jogo, atrapalham a atuação, mas tudo passa a um segundo plano graças à vitória final e a Messi. No dia seguinte, a Argentina se levanta contente. E, em 13 de junho, Lionel entra junto com Gonzalo Higuaín na sala de imprensa do quartel-general argentino em Pretória com a tranquilidade de sempre. “Foi uma boa partida. Houve muita liberdade de movimento e estava muito bem rodeado pelos companheiros. Aí tenho mais contato com a bola. Jogo um pouquinho mais atrás do que estou acostumado e gosto disso, porque também tenho, depois, a possibilidade de chegar ao gol.” Os jornalistas perguntam sobre uma possível “Messidependência” do grupo argentino e ele responde assim: “Esta equipe não depende de mim; ao contrário, eu é que dependo que os jogadores de meio me tragam a bola”. Como sempre, nenhum ar de estrela, “sou mais um deste grupo”, diz e está claro que, nesta seleção, Lionel se sente confortável, está feliz. “Me senti tão confortável como no Barcelona”, confirma e acrescenta, “estava seguro de que sem a pressão da classificação jogaríamos melhor. Contra a Nigéria eu me diverti muito.” Sim, as coisas mudaram e o passado pode ser deixado para trás, como explica no canal TyC Sports: “Na seleção não era eu mesmo, não era o mesmo que no Barcelona e todos notavam. Mas sempre tive o respaldo de Diego e consegui mudar tudo isso graças à confiança de meus companheiros. Apaguei tudo das eliminatórias e sabia que começava do zero no Mundial. Tinha que aproveitar isso. Aqui vou mostrar quem sou e tenho que continuar por este caminho. Adoraria que no meu país gostassem de mim como gostam no Barcelona. Tenho que continuar demonstrando, mas graças a Deus comecei bem”. Tanto que, depois da estreia de todas as seleções, o barcelonista é confirmado como o destaque da rodada. Ninguém tinha atuado melhor que a Pulga. E seu show continua. Contra a Coreia do Sul, atua como maestro, homem de ligação e atacante. Maradona o coloca bem na frente de

Mascherano, o carregador de piano do meio do campo e atrás do batalhão de ataque: Maxi, Tévez, Higuaín e Di María. A Pulga organiza o jogo, dá saída à bola, cobra as faltas e os escanteios, distribui presentes aos atacantes. Em cada um dos quatro gols da Argentina, Messi tem o protagonismo. Cobra a falta que Park Chu-Young manda para dentro do próprio gol; cruza para o primeiro gol de “Pipita” Higuaín; inventa um zigue-zague entre os defensores coreanos, arremata, o goleiro Jung desvia com o pé, outra tentativa raspa a trave e Pipita marca seu segundo. E, para terminar, levanta a bola, dá um passe perfeito para Kun Agüero que deixa Higuaín marcar o seu terceiro gol, que o coloca à frente dos goleadores do torneio. A Argentina passa de seleção condenada ao ridículo a uma contundente favorita. Messi – como escreve *El País* – é “também Xavi”. Falta seu gol, mas todos estão convencidos de que chegará, ou melhor, de que qualquer dia vai abrir a porteira. O primeiro a ter certeza é Maradona. Espera que contra a Grécia, dia 22 de junho, em Polokwane, repita o gol que ele mesmo marcou nos helênicos nos Estados Unidos 1994, em sua última partida como jogador da azul e branca antes de ser banido do Mundial por doping. Diego, que tem quase assegurada a classificação às oitavas de final, coloca o time cheio de suplentes, mas Leo está nele porque “ter um jogador de seu porte e deixá-lo fora”, diz o treinador, “seria um pecado... um pecado não entregá-lo à equipe, aos torcedores, a nós mesmos”. O Pelusa reservou uma grande surpresa a seu número 10, anunciada no dia anterior no quarto. Messi ficou emocionado. Pela primeira vez usará a braçadeira de capitão. No estádio Peter Mokaba, em Polokwane, em uma partida dura e prejudicada pelo frio, a Argentina vence por 2 a 0, elimina a Grécia e vai para as oitavas de final com três vitórias. O capitão sofre a marcação individual de Sokratis Papastathopoulos. O número 19 cola em Messi, do primeiro ao último minuto. E quando Lionel se livra de seu marcador com um drible encontra outras três camisetas brancas ao seu redor. Maradona, no banco, sofre ao ver as faltas cometidas contra seu pupilo; sofre ao vê-lo tão neutralizado. Só depois do gol de Demichelis, Lionel, com a partida já solta, encontra espaços e mostra sua melhor versão. Deixa dois rivais no caminho e manda

um chute de canhota que explode na trave e, aos 88 minutos arranca pela direita, faz uma tabela com Di María e arremata no cantinho, Tzorvas defende e Martín Palermo, a velha lenda, aproveita para liquidar a partida, para felicidade de Maradona.

Dia 24 de junho, Lionel faz 23 anos e declara: “Se estou assim, é por tudo que Diego me falou”. “Eu agradeço a ele”, responde Maradona, “mas Lio está neste nível porque ele quer. Está feliz. Está aproveitando. Pede para jogar. Para todo mundo que dizia que Messi não cantava o hino, que o viam triste... Quem gosta de perder? E nós estávamos perdendo nas Eliminatórias. Agora tudo mudou e deixar Messi feliz é um orgulho para todos. Inclusive para os companheiros.” E outra vez o elogio: “Aqui, neste Mundial, não há ninguém que seja 30% do Lio. Ninguém está no nível dele”.

Oitavas de final. Argentina x México, 27 de junho, estádio Soccer City, em Johannesburgo. Messi perde a aposta com Maradona. Não marca nenhum gol: “Tenho que enfiar dois na Alemanha ou nada”, brinca no final da partida o 10 da seleção. A Argentina ganha dos homens de Javier Aguirre por 3 a 1, merecido, na experiência, depois de Tévez abrir o marcador impedido. “Pensei que iam anulá-lo porque estavam olhando para a televisão do alto, mas por sorte não anularam e foi gol”, comenta o rosariense, que foi o autor do passe por cima que “o Apache” cabeceou para a rede. Não é uma partida fácil para Lionel. Fica claro que está incomodado. É obrigado a voltar ao círculo central para poder entrar mais no jogo. A azul e branco não funciona no meio do campo e a Pulga precisa se encarregar de tudo, jogando muito longe da zona onde pode fazer mais estrago. Recomeça o debate sobre a posição do número 10, os homens do meio de campo e o sistema tático de Maradona. “A seleção já está nas quartas de final do Mundial, mas seu melhor jogador tem dificuldades para brilhar como na estreia. Está jogando onde mais causa problemas? Tem a companhia adequada?”, pergunta o *Clarín*, jornal que invoca uma mudança de nomes na meia-cancha para liberar Messi, a fim de que não arranque muito longe do gol, porque não se pode prescindir do melhor jogador do mundo.

Agora é a vez da Alemanha. A “*Mannschaft*” passou por cima da Inglaterra de Fabio Capello; é uma máquina que propõe, com Joachim Löw, um futebol renovado, divertido e peculiar graças a jogadores técnicos como Müller, Özil, Kédhira e Cross. É uma seleção que traz boas e más lembranças à Argentina. O 3 a 2 da final do Mundial do México de 86, as lágrimas de Maradona depois de cair derrotado na final da Copa na Itália em 90, e a eliminação nas quartas, depois das cobranças de pênalti, na Alemanha em 2006. Desta vez serão só más lembranças. A Alemanha dilacera as esperanças argentinas, ganha com toda a clareza porque demonstra que é uma equipe. É o triunfo coletivo liderado por Schweinsteiger diante das individualidades de uma seleção azul e branca que só contribui com vontade, estímulo e desordem tática. A aposta tática de Maradona, que alguém definira como revolucionária, fracassa, e também fracassa, na partida mais importante, Messi. Demora quinze minutos para tocar na bola. Tenta organizar as jogadas e ao mesmo tempo concluí-las, mas, tirando alguns dribles isolados que não levam a nada, algum lampejo de bola parada e dois disparos tortos ao gol, há muito pouco que lembrar, salvo o fato de que Schweinsteiger e os alemães, para pará-lo, não cometeram nenhuma falta. Longe do gol, Lionel soma até doze bolas perdidas e nenhuma roubada. Fica desesperado porque seus companheiros não o servem nas poucas oportunidades em que os alemães dão espaço. Acaba em terra de ninguém. Afundado.

Seu balanço no Mundial é triste. Disputou cinco partidas, chutou a gol mais do que qualquer outro: trinta vezes (doze acertaram o gol e duas bateram na trave), mas não teve sorte. E isto não é o mais importante. Depois da grande estreia contra a Nigéria, sua estrela foi se apagando pouco a pouco e, contra a Alemanha, foi só um a mais, quando todos esperavam que fosse o salvador, capaz de fazer tudo. De quem é a culpa do desastre? Dele, pois não soube responder e jogar uma partida inesquecível, mas também da posição de ligação em que Maradona o escalou, distanciando-o da área, além, no geral, do esquema: um 4-1-5 muito atrevido, mas

inútil contra os alemães. Joga-se a culpa na falta de um meio de campo que pusesse Lionel nas melhores condições para jogar.

No dia seguinte, a imprensa argentina estampa: “A seleção foi embora humilhada do Mundial. A pior queda desde 74” (*Clarín*); “Alemanha deixa a Argentina nua” (*La Nación*); “Messi sem gols nem glória” (*Olé*); “O choro de Messi. O choro da Argentina” (*Perfil*).

Sim, Lionel, depois da partida, não fala. Não diz, como Maradona, “este foi o golpe mais duro da minha vida. É um soco no estômago”; deixa só suas lágrimas. E algum dia depois, deixa umas poucas linhas em Tencet, um blog traduzido ao mandarim: “Sinto-me realmente mal, quero voltar para casa. Não fomos bem na partida, não correspondemos às expectativas de muita gente e temos que recomeçar do zero”. Quando Andrés Iniesta, seu companheiro do Barça, marca o gol que dá a primeira Copa do Mundo para a Espanha na final contra a Holanda, Lionel já está muito longe da África do Sul. Os *paparazzi* tiram fotos suas, junto à namorada, nas praias do Rio de Janeiro. Bem no país que celebrará em 2014 o próximo Mundial. Lionel chegará com 26 anos, a mesma idade com que Maradona se coroou rei em 1986. Quem sabe... se ele também será coroadado.

Surpresa

10 de janeiro de 2011

O rosto de Pep Guardiola é todo um poema. Seus gestos valem mais que mil palavras para ilustrar o momento, a emoção, a surpresa ou, quem sabe, talvez a decepção de um homem ou de um país inteiro. O treinador do Barcelona é o encarregado de abrir o envelope com o nome do ganhador, ainda que a *France Football* preferisse Johan Cruyff e a FIFA optasse por David Beckham. Pausado, anuncia: “*Ladies and gentlemen*”, deixa de lado o protocolo e começa a falar em catalão, “*el guanyador de la FIFA Pilota d’Or es...*”, e continua em espanhol, “*el ganador del Balón de Oro*” e em inglês proclama: “*The winner is...*”. As câmeras focam nos três candidatos, três jogadores dele: Andrés Iniesta, Lionel Messi e Xavi Hernández. Uma tripla indicação inédita na história azul-grená. Todo um reconhecimento a um estilo de jogo e a uma escola de futebol. Algo que não se via desde finais dos anos 80, quando o Milan de Arrigo Sacchi conseguiu essa façanha duas vezes consecutivas. Em 1988, com Marco Van Basten, Ruud Gullit e Frank Rijkaard, e no ano seguinte, sempre com Van Basten como Bola de Ouro, agora acompanhado por Franco Baresi e por Rijkaard de novo nos outros dois degraus do pódio.

Guardiola rasga o envelope e tira o cartão, mas ao avesso. O nome do vitorioso está voltado para o público. Um momento de confusão até que encontra o lado correto e anuncia: “Lionel Messi”.

Dias antes, às perguntas dos jornalistas sobre os rumores que apontavam Andrés Iniesta como ganhador, Pep Guardiola respondia: “Acho que Leo é o melhor”. Sobre o palco do Palácio de Congressos de Zurique (Suíça), fica atônito. Não esperava. Nem Messi esperava. Perplexo e incrédulo, o garoto de Rosário se

levanta da plateia, abotoa o terno de seu smoking Dolce & Gabbana, ajusta a gravata borboleta, mostra a língua como Michael Jordan depois de uma linda cesta e sobe ao palco. Pep aperta sua mão, entrega o troféu com um tapinha nas costas e o leva até Joseph Blatter, o presidente da FIFA. Enquanto isso, as câmeras procuram, na plateia, Celia e Jorge, os pais de Lionel, de mãos dadas, e Sandro Rossel, presidente do FC Barcelona, sorridente. É o momento do discurso do vencedor.

“Boa noite e muitíssimo obrigado pelos aplausos”, diz Leo apoiado no púlpito. “A verdade é que... Não esperava levar dessa vez. Já era uma felicidade estar aqui com meus companheiros e ganhar é ainda melhor. É um dia muito especial para mim, quero compartilhá-lo e agradecer a meus companheiros, já que, sem eles, eu não estaria aqui. Quero compartilhar com todas as pessoas queridas, que são as que sempre me apoiaram e sempre estão a meu lado. E quero compartilhá-lo com os barcelonistas e os argentinos.” Contra todas as apostas que apontavam Andrés Iniesta e Xavi Hernández como favoritos, Messi levou a Bola de Ouro da FIFA 2010. O troféu que premia os desempenhos individuais durante o último ano, os títulos conquistados, a influência sobre o jogo da equipe e o *fair play*, une, pela primeira vez, o troféu que a revista *France Football* criou em 1956 e o FIFA World Player, que o órgão máximo do futebol inaugurou em 1991. Por isso, este ano, os que votaram em Lionel foram os jornalistas de todo o mundo, mais os treinadores e capitães de 208 equipes nacionais. O argentino obteve 853 pontos (22,65% dos votos), frente aos 677 (17,36%) de Iniesta e aos 637 (16,48%) de Xavi. Aos 23 anos, Messi é o jogador mais jovem a conseguir a segunda Bola de Ouro (Alfredo Di Stéfano tinha 33 quando, em 1959, foi eleito pela segunda vez; Michel Platini, 29; Johan Cruyff andava pelos 26, como Ronaldo Nazário em 2002, quando foi coroado depois do Mundial do Japão/Coreia do Sul; e Marco Van Basten alcançou seu segundo troféu com 25 primaveras).

“Messi merece. É o melhor, não há como questionar. Estou muito contente. Estar aqui é um prêmio”, comenta depois da cerimônia um Iniesta bastante abatido por ter estado tão perto do

prêmio sem, no final, obtê-lo. “Podia ser qualquer um. De verdade, nenhum dos três sabia quem ia ganhar, mas quando Leo o recebeu, tive uma sensação de justiça futebolística, porque é o melhor jogador do mundo, o que faz a diferença em cada partida. Não muda nada porque não ganhei. Os prêmios individuais são injustos no futebol porque é um esporte coletivo; mas, por exemplo, Raúl, Casillas ou Puyol também não ganharam embora merecessem. E, no final, o prêmio fica em casa outra vez, no Barça, na Masía”, diz Xavi, Bola de Bronze.

Realmente nenhum dos três sabia quem ia ganhar? A julgar pelo comportamento de Lionel, parece ser verdade. O garoto de Rosário passa tranquilamente as horas que antecedem à cerimônia de gala. Está mais relaxado do que em 2009, quando foi ao mesmo lugar para receber o Prêmio FIFA World Player. No Hotel Hyatt participa da festa do Barcelona como mais um. Não percebe as insinuações de quem já conhece o resultado da votação. Está convencido de que, se a Espanha ganhou o Mundial, um jogador da Fúria receberá a Bola de Ouro: “Dá na mesma se for Xavi ou Iniesta. Os dois merecem”, comenta. Não, ao contrário de José Mourinho, o treinador do Real Madrid, que sabia com antecedência que havia ganhado o título de melhor treinador, disputando com o treinador espanhol Vicente del Bosque e com Pep Guardiola, Messi não tem nem ideia de que vai ganhar sua segunda Bola de Ouro. Acha que, por seu discreto papel no Mundial, está descartado. Por isso, quando entra pela primeira vez no palco do Palácio de Congressos como integrante da seleção Onze Ideal 2010 (Casillas, Puyol, Piqué, Lucio, Maicon, Iniesta, Xavi, Sneijder, Cristiano Ronaldo, Villa e Messi), parece estar à vontade, sem o nervosismo que sentiu em outras ocasiões. Só quando Guardiola, às 20h05, anuncia seu nome, Leo se dá conta de que o inesperado se tornou realidade. Que Papai Noel trouxe o presente que mais queria, mas que não havia ousado pedir em sua carta. E quase sente vergonha de ter o prêmio entre as mãos. Assim, diante dos microfones e das câmeras, pede desculpas a seus companheiros de equipe e de indicação. E no voo fretado, de volta a Barcelona, já sem a gravata borboleta e o smoking, só de camisa, de seu assento levanta a taça de vinho:

“Quero brindar”, diz, “por Xavi e Iniesta; embora eu tenha ficado com o prêmio, eles mereciam tanto ou mais do que eu. Então, um brinde a eles”.

Surpresas à parte, parece que o troféu a Messi não gera nenhum problema entre os candidatos derrotados e o premiado. José Mourinho, por exemplo, explica: “Para mim, Messi, Iniesta e Xavi são jogadores de outro mundo. E, quando um jogador de outro mundo como Messi ganha, é preciso respeitar. Obviamente, eu gostaria que Sneijder tivesse vencido pelo que fez no ano passado, Cristiano Ronaldo porque é meu jogador atual ou Diego Milito, mas tenho que respeitar quem foi escolhido”.

Vicente del Bosque, que todos davam como favorito para o título de melhor treinador, responde aos jornalistas: “Aqui ninguém perdeu. Era muito difícil escolher os melhores e eu acho que tanto Mourinho quanto Leo Messi merecem”.

Não tem a mesma opinião Iker Casillas, o capitão do Real Madrid e da seleção espanhola: “Eu, se tiver que me basear nos critérios para dar a Bola de Ouro... a Copa do Mundo sempre pesou muito neste tipo de premiação, exceto no ano em que ganha a Espanha. O mínimo que se pode dizer é que não tivemos sorte. Todos os espanhóis sentiram uma pequena decepção. Eu gostaria que Andrés ou Xavi tivessem sido eleitos, mas vamos continuar lutando para que nos deem o troféu algum dia.” (Vale a pena lembrar que na história da Bola de Ouro só um jogador espanhol, Luis Suárez, obteve o prêmio, em 1960).

No dia seguinte, a polêmica não termina.

“A Espanha está brava. O ouro foi para Messi e a decepção para a Espanha” é a manchete do *As*. E, em seu editorial, o jornal madrilenho aponta que “o prenúncio de que a seleção que ganha o Mundial arrebatava os prêmios da FIFA no inverno seguinte não se cumpriu, bem no ano em que parecia certo que um jogador espanhol ganharia”. E acrescenta: “Messi, sem eles [Xavi e Iniesta], é bastante menos Messi”.

“Dois gigantes [Messi e Mourinho] e um antiespanhol”, mostra em sua capa o *Marca*. “Blatter dá um tapa na cara do futebol espanhol pela segunda vez em um mês: nos tirou o Mundial 2018

em dezembro e agora deixa Xavi, Iniesta e Del Bosque sem prêmios”. Em seu site, o *Marca* lança uma pesquisa: É justo que Messi tenha levado a Bola de Ouro? Em menos de doze horas são registrados 80 mil votos: 68,2% não concordam com a decisão da *France Football* e da FIFA.

Mas não são só os internautas e a imprensa esportiva madrilenha que está decepcionada e ataca a FIFA; também o jornal *El País*, em um artigo assinado por José Samano, reflete sobre o peso nas urnas da Espanha: “Entre tantos atalhos possíveis para decifrar a Bola de Ouro, a África do Sul 2010 teria sido o melhor termômetro. Não só porque se trata da melhor vitrine do futebol, mas porque acaba sendo sintomático com os três finalistas de ontem. Messi triunfou ao lado de Xavi e Iniesta, não sem eles na África; os dois espanhóis ganharam a Copa sem o argentino. Eles, tanto Xavi quanto Iniesta, não só simbolizam – como Messi – um ideário que embelezou este esporte, como também representam a seleção que conquistou, de forma consecutiva, os dois últimos grandes títulos. Mas acaba sendo curioso comprovar que, desde que, em 1995, o prêmio se abriu a jogadores não europeus, em ano de Mundial sempre havia sido eleito um campeão: Zidane (1998), Ronaldo Fenômeno (2002), Cannavaro (2006). Talvez seja necessário se perguntar por que a Espanha perde todas as votações esportivas globais: os Jogos Olímpicos de 2016, o Mundial de 2018, a Bola de Ouro 2010... Um merecido prêmio para Messi, uma imerecida indiferença para o futebol espanhol, um dia inesquecível para o Barça”.

Se em Madri prevalece a decepção e as críticas “nacionalistas”, na Itália e na França se discutem os critérios de atribuição do prêmio. E quase ninguém está de acordo com a escolha de Leo. “Messi? Nãoooo!” é a manchete de *La Gazzetta dello Sport*, resumindo o sentimento generalizado da imprensa italiana. Para o jornal “rosa”, que havia anunciado como vencedor Andrés Iniesta, a segunda vitória consecutiva da Pulga é “incrível” e “injusta”, porque não premia “de nenhuma forma” o melhor jogador do mundo de 2010. *La Stampa*, jornal de Turim, escreve: “O futebol perdeu o norte”, já que “nas competições que contam, Messi não

ganhou nada”. Os 47 gols de Messi na temporada anterior, que ajudaram o Barça a conquistar sua segunda Liga consecutiva e a Supercopa da Espanha contra o Sevilla contam pouco, como também conta pouco o brilhante começo de temporada do argentino (28 gols em 26 partidas). O que se avalia é o Mundial e a Champions League. Mais que julgar as qualidades de Leo, a mídia discute a nova fórmula FIFA. Já em 26 de outubro, quando se revelou a lista dos 23 indicados, surgiram as primeiras críticas: Como podiam não estar entre os escolhidos Diego Milito, jogador decisivo para a Inter de Milão na conquista da Liga Italiana e da Champions? Ou, ao contrário, como podia ser incluído Asamoah Gyan (Rennes e Sunderland), só por seus três gols com Gana no Mundial? Em 5 de dezembro, quando se anuncia a *short list* (os três que disputarão o título), as polêmicas são ainda mais duras. Os italianos, por exemplo, não entendem porque Sneijder, o holandês da Inter, triplice ganhador (Liga, Champions, Copa da Itália) e finalista do Mundial com cinco gols na competição, fica de fora. (Mais tarde, ficaria-se sabendo que pelo voto dos jornalistas teria sido Sneijder o escolhido e Messi teria conseguido só o quarto lugar.) Em todo caso, ninguém espera que o argentino suba no degrau mais alto; todos acham que Iniesta, o autor do gol que deu o primeiro título mundial à Espanha, ficará com o prêmio. “Não é um escândalo, mas no ano do Mundial”, afirma Michel Platini, presidente da UEFA, “deveria ser dado a um de seus protagonistas. Como a Paolo Rossi em 1982” (ano em que a Itália faturou o Mundial da Espanha).

Não pensam como ele em Barcelona. O *Mundo Deportivo* sentencia: “O número um indiscutível não precisa do Mundial para ganhar”. “Ouro para Messi, glória para o Barça” é a manchete do *Sport*, frisando que, acima das individualidades, só há um vencedor, o Barça. A única opinião discordante é a de *Don Balón*, que em seu editorial escreve: “Poucas dúvidas há de que Messi seja o número um, mas em 2010 Xavi, com o consentimento de Iniesta, deveria ter sido, por merecimento, o escolhido para a glória”.

Na Argentina, desta vez, não há discussão; todos os jornais elogiam Leo de forma unânime: “Messi, outra vez o maior”, afirma

em suas páginas o *Clarín*; “O mundo se rende a Messi”, *La Nación*; “Messi de ouro puro”, *Página 12*; “O segredo de seus ouros”, dá em sua capa o diário esportivo *Olé*, brincando com o título do filme dirigido por Juan José Campanella e protagonizado por Ricardo Darín.

“Se houvesse três bolas, teriam dado aos três, mas há só uma e ele levou a melhor, não importa quem tenha ficado bravo. Xavi dá uma aula quando joga, mas os gols quem faz é Messi. Iniesta fez o gol da final do Mundial, tudo bem. É um jogador fantástico, estupendo, genial. Eu gostaria de tê-lo na minha equipe. Mas, dos três, escolho Messi sempre”, afirma Diego Armando Maradona de Mar del Plata. E, a quem lhe pergunta pela “raiva” dos espanhóis por conta do triunfo de Messi, Pelusa responde: “Embora eles tenham sido os campeões do mundo, nós temos o melhor jogador do mundo”.

Que Leo seja o melhor também repete Guardiola quando, no dia seguinte à premiação, responde às críticas sobre a eleição final da FIFA e ao sentimento de muitos de que o garoto de Rosário arrebatou o título ao futebol espanhol. “Como assim Messi roubou?! Messi nos dá. Permite que nos sentemos todo fim de semana para admirar o futebol. Faz a Liga melhor e mais respeitada. Xavi e Iniesta podiam ter sido eleitos? Claro que sim, mas ganhou Leo porque mais de quatrocentas pessoas votaram nele. Se as pessoas pensam que não é justo é porque têm outra preferência. Senhores”, proclama o treinador do Barcelona, “isto é uma arte em que as pessoas se sentam para ver uma partida de futebol e dizem ‘gosto desta partida e desta e desta’ e no final do ano fecham os olhos e enxergam um cara que jogou muito bem e votam nele. E não é preciso discutir mais nada. A Espanha é campeã do mundo e está mais do que bem representada com seis jogadores entre a seleção dos onze melhores de todo o ano e de todo o mundo. Maior prêmio para o futebol espanhol que este não sei qual poderia ser!”

Apesar destes dois grandes advogados de defesa, Messi tem que dar a cara *urbi et orbi* para afirmar que não “roubou nada” e também tem méritos para levar o troféu. Faz isso em uma coletiva de imprensa e depois em uma longa entrevista à *France Football*, a

qual recebe em sua casa logo depois da consagração na Suíça. Não presta atenção aos que não acham justa sua indicação. “Dá na mesma para mim”, diz, “tenho o respeito e o reconhecimento de meus companheiros e meus amigos. Todos os meus colegas ficaram contentes por mim, e isso é o importante. O futebol espanhol deveria se alegrar porque é campeão do mundo e da Europa e tem a melhor Liga do mundo.” Falando de seus companheiros, explica: “Entre nós, não há inveja. Formamos um vestiário unido. Somos mais do que profissionais, somos amigos. Nós sabemos a relação que temos, sabemos como nos relacionamos, não temos que dar explicações a ninguém. Vai continuar tudo igual, e isto é a única coisa que precisamos saber.” E acrescenta que Xavi e Iniesta são os melhores jogadores do mundo em sua posição. Lamenta não ter pensado em abraçá-los assim que escutou que o prêmio era seu, mas explica que teve um ataque de pânico e que suas pernas tremiam. Como se sente com o novo troféu? “Estou feliz e muito orgulhoso. Duas Bolas de Ouro na minha idade é algo muito forte. Melhor dizendo, inesperado.”

Quarta-feira, 12 de janeiro de 2011, Camp Nou, cerimônia antes do jogo de ida das quartas de final da Copa do Rei contra o Betis. Uma Bola de Ouro gigante com balões dourados ocupa o círculo central do gramado. Em campo, Leo, Xavi e Iniesta escutam pelo sistema de som as mensagens de seus respectivos pais. Carles Puyol, o capitão azul-grená, se aproxima e entrega ao número 10 do Barça o troféu. Messi ergue a Bola de Ouro, cumprimenta o público e posa para os fotógrafos enquanto a equipe e a comissão técnica batem palmas. A torcida começa a aplaudir. Aos 85 minutos, o grito “Messi! Messi! Messi!” é ainda mais forte. A Pulga festejou o prêmio da sua maneira. Com três gols na partida.

Simply the best

28 de maio de 2011

O que se pode dizer? O que se pode acrescentar sobre Leo depois da final de Wembley? O fato é que Messi é *simply the best*, simplesmente o melhor. É unânime. Tanto que os jornais ingleses e argentinos são da mesma opinião, utilizam a mesma palavra: o rei. “Deus salve o rei”, é a manchete do *Olé* de Buenos Aires, brincando com *God Save the Queen*. Já o londrino *Times* proclama: “*King Messi reigns*”. É verdade que em 2009, em Roma, já o tinham coroado rei da Europa e que um torcedor, em Valência, em frente ao rei Juan Carlos, atrevera-se a conceder o título à Pulga. Mas na catedral londrina a Pulga lidera uma exibição de futebol alegre, inteligente e deliciosa, de tão alto nível, que leva o público britânico a sair do estádio convencido de ter visto um *beautiful game*. Uma partida para se contar um dia aos netos. Uma performance premiada, no campo, com o título de *Man of the Match* e que esgota todos os adjetivos da imprensa, tão eficiente que *The Guardian* a compara com a atuação de Nándor Hidegkuti quando marcou no templo do futebol britânico um *hat trick* na vitória de 6 a 3 da Hungria frente à Inglaterra dona da casa, em uma tarde de outono de 1953. Messi joga mais do que nunca para a equipe. Procura espaços, aparece entre as linhas para criar superioridade numérica e abrir a defesa do Manchester United. E mostra todo o seu repertório: dribles, enfiadas que desconcertam o adversário, assistências e chutes a gol. Desfila no meio da defesa dos *reds*, é o pior pesadelo de Vidic e de Evra. “Realmente, em momento algum conseguimos controlar Messi, era algo que sabíamos de antemão. Não conseguimos fechar o centro do campo bem o suficiente para

impedi-lo”, afirmará Sir Alex Ferguson, o técnico dos “diabos vermelhos” na coletiva de imprensa depois da partida.

Como todo o Barça nos primeiros nove minutos, a Pulga parece perdida na metade do campo, capaz de perder a bola para Park até três vezes consecutivas, mas na quarta ele consegue driblar e o Barça começa a construir sua partida histórica. Fiel a seu estilo, com qualidade, movimento e uma enorme demonstração de classe, destroça o Manchester United. Raramente se viu algo parecido em uma final da Champions League. “Nunca tinham me dado um banho como este”, sentenciará Ferguson.

Lionel se une a Xavi e Iniesta, e este triângulo mágico se torna dono e senhor da bola, negando-a aos *reds* e oferecendo ao público um exemplo de criatividade, precisão e velocidade.

Wayne Rooney, com um chute espetacular à direita de Víctor Valdés, iguala o gol de Pedrito e devolve o direito de sonhar aos torcedores britânicos. Mas é só uma ilusão que não diminui o que apresentaram os *blaugranas* na primeira etapa e o quanto podem ainda fazer. Só precisam voltar a começar com o eterno *tiki-taka*. Só precisam resolver o duelo de uma vez por todas. E, para fazer isso, ninguém melhor do que Messi. Volta a se aproximar dos dois magos do meio de campo. Xavi para Iniesta, Iniesta passa a Leo. Um passe que parece inofensivo. Mais um dos 812 (726 certos, 86 errados) que contabilizará o Barça no final da partida. Leo está a trinta metros do gol. Três toques e, antes que a defesa do Manchester perceba o perigo, ele se move para o centro e fica a vinte metros. Corta Evra, que sai atrás dele, e bate. Seco, potente. Uma canhotaça de fora da área. Edwin van der Sar, quarenta anos, na última partida de uma longa e gloriosa carreira profissional, no dia de sua despedida, vê a bola tarde demais. O goleiro holandês não tem tempo de reagir. Estica-se o máximo que pode, mas a bola quica na sua frente e termina na rede. “Tive o espaço, o goleiro se adiantou um pouco e por sorte entrou”, dirá depois o próprio Messi. Não é o gol mais bonito que marcou, mas comemora como nunca. É o gol que coloca o Barça de novo na frente quando mais precisava. Acaba com as esperanças dos diabos vermelhos (pouco antes que

David Villa, em um chute colocado na gaveta, fechasse o espetáculo com o terceiro gol).

Leo grita como um louco, chuta um microfone que encontra no caminho para a bandeira de escanteio, chuta a placa de publicidade com raiva e, se os companheiros não o agarrassem e abraçassem, teria ido festejar diretamente com os torcedores *blaugranas* nas arquibancadas. Com este tento, a Pulga marca seu gol número 53 (31 na Liga, 12 na Champions, 7 na Copa do Rei e 3 na Supercopa da Espanha) em uma temporada em que disputou 54 partidas. Empata em gols com Cristiano Ronaldo, que com quarenta é o goleador da Liga, um título que não parece importante para a Pulga. Mais do que troféus individuais, ele prefere as taças. Em todo caso, na Champions League, Messi é quem manda: com 12 gols iguala o recorde de Ruud van Nistelrooy. O atacante holandês conseguiu este feito com a camiseta do Manchester United na temporada 2002-2003. É proclamado, pelo terceiro ano consecutivo, o artilheiro do principal torneio europeu, algo que já alcançara em 2008-2009 com nove gols e no ano passado, apesar de não chegar à final, quando também foi o máximo goleador com oito gols. É algo que só tinham conseguido o alemão Gerd “Torpedo” Müller e o francês Jean-Pierre Papin. Em 59 partidas que disputou na Champions, Leo marcou 39 gols. Um número incrível. E isso não é tudo. Finalmente acaba com uma maldição: nunca nas oito partidas que jogara em terras inglesas havia conseguido comemorar um gol. Desta vez consegue. “Gaby Milito me disse que eu ia acabar com a maldição de não marcar gols na Inglaterra nesta partida e por sorte aconteceu”, explicará depois a Pulga, que com 23 anos já somou três Ligas dos Campeões da Europa, além de outros catorze títulos. Estatísticas e troféus à parte, a coisa mais importante que merece ser destacada é que Messi, nos grandes momentos, está sempre presente, sempre aparece, sempre é decisivo e sempre oferece o melhor de seu repertório. Escutemos o que diz Pep Guardiola quando, depois da final, perguntam o que acha do argentino: “É o melhor jogador que vi e que vou ver. Poderíamos competir em muito alto nível, mas sem ele não daríamos o salto de qualidade. Temos muita capacidade de trabalho e já demonstramos isso, temos o

talento e temos Messi. É um jogador único e exclusivo. Espero que não fique entediado, que sejamos capazes de deixá-lo à vontade, que o clube forneça os jogadores adequados para estar ao seu lado e que continue com uma vida pessoal equilibrada porque, quando acontece isso, Leo não falha”. Não, Messi não falhou e não ficou entediado nem um só minuto durante toda a temporada 2010-2011. Um ano marcado pelo eterno duelo com o Real Madrid e com Cristiano Ronaldo. Cinco clássicos, quatro em menos de um mês, onde aconteceu um pouco de tudo.

A primeira disputa da série começa em uma segunda-feira, 29 de novembro de 2010. Uma data estranha para um Barça x Real Madrid, mas o domingo na Catalunha seria de eleições para a Generalitat e era melhor não acrescentar combustível à política. As chamadas para o confronto falam do clássico mais equilibrado dos últimos anos, anunciam a hora da troca de poder entre Barcelona e Real Madrid. Por quê? Porque – dizem – Cristiano é melhor do que Messi, porque Özil é um gênio, porque Di María e Benzema são dois grandes atacantes. Porque Mourinho não é nem Manuel Pellegrini, nem Bernd Schuster, nem Juande Ramos, muito menos Fabio Capello. O português é o homem que, exatos seis meses antes, dirigindo a Inter, foi capaz de neutralizar o jogo coletivo dos azul-grenás negando a Guardiola & Company uma final da Champions no Bernabéu. É o homem que o presidente merengue escolheu como antídoto contra a mágica dos catalães. Um treinador que, do ponto mais alto da Liga (sua equipe está invicta e tem um ponto de vantagem sobre o Barça, 32 contra 31), questiona a trajetória barcelonista e aponta árbitros e treinadores adversários como responsáveis pela hegemonia azul-grená. Clássico marketing pessoal do “*Special One*”, bravata que custará muito caro para ele. No Camp Nou, no fim de uma noite fria e chuvosa, os gols feitos somam cinco e poderiam ter sido seis, sete, oito, sem que ninguém gritasse escandalizado. Deram um baile nos merengues; Cristiano Ronaldo – tirando uma falta cobrada de quarenta metros que beija a trave de Víctor Valdés, um empurrão em Guardiola por uma lateral que criou uma discussão generalizada e um diálogo entre gritos com o técnico português – desapareceu do mapa. Vai embora da Ciudad

Condal sem marcar um único gol em sua sexta partida contra o Barça. Messi também não marcou, interrompendo um saldo positivo de dez partidas seguidas, mas foi generoso e com precisão cirúrgica permitiu que David Villa fizesse dois gols. Messi irritou Carvalho, Lass, Pepe e Sergio Ramos que, depois de uma falta inútil contra o argentino aos 92 minutos (com posterior tumulto com Puyol e Xavi), recebeu o cartão vermelho. Ramos perdeu a cabeça, nada anormal nesta partida nervosa em que os merengues compreendem que o Projeto Mourinho ainda se encontra em construção, que a banda ainda não afinou os instrumentos e não sabe deter o futebol de seu eterno adversário. Curiosidade: uma equipe de Mourinho nunca tinha perdido de 5 a 0. Na sala de imprensa, o técnico lusitano assume, por sua vez, a derrota com tranquilidade. “É uma derrota muito fácil de digerir”, diz, “não é uma derrota dessas na qual o time merece ganhar e perdeu ou na qual se mandam muitas bolas na trave. Aqui uma equipe jogou no limite e a outra jogou muito mal. Quando se perde como hoje não temos direito a chorar, é preciso trabalhar. Gostaria de poder jogar amanhã.” Mas, para novo enfrentamento com o Barça, “*The Special One*” terá que esperar até 16 de abril de 2011, primeiro ato da maratona de clássicos.

Desde 29 de novembro, o *Pep Team* não deixou a ponta da Liga. Superou com dezesseis vitórias seguidas o recorde de triunfos consecutivos do Real Madrid na temporada 1960-1961 (a equipe, para nos entender, de Puskás, Di Stéfano, Gento e Santamaría) e comanda o campeonato com oito pontos de vantagem sobre o segundo, a equipe merengue. Quatro dias antes, ganhando do Shakhtar Donetsk (1 a 0 fora de casa pela partida de volta, 5 a 0 em casa pela de ida), o Barça se classificou para as semifinais da Champions League, na qual, como ditou em março o sorteio de Nyon (Suíça), encontrará o Real Madrid. Os merengues, por sua vez, superaram nas oitavas sua pedra no sapato, o Lyon, e nas quartas de final se livraram, com facilidade, do Tottenham (4 a 0 na ida, 1 a 0 na volta como visitantes, em Londres). Em uma palavra, overdose do clássico espanhol ou final antecipada em 27 de abril e 3 de maio. E a isto é preciso acrescentar a final da Copa do Rei em 20 de abril.

Começamos com a 32ª rodada da Liga, a última chance para a equipe de Mourinho disputar o título com os catalães. Oito pontos é muita distância, mas, quem sabe... uma vitória dos merengues poderia abrir uma brecha na moral adversária e influenciar o resto das partidas. É verdade que em 3 de abril, contra o Sporting de Gijón, o Real Madrid teve um revés inesperado e Mourinho sofreu sua primeira derrota em casa, em campeonatos nacionais, em seus nove anos de carreira como técnico, mas o clássico é outra história. Mou o prepara como uma *mise-en-scène*. Na véspera do clássico se apresenta na sala de imprensa de Valdebebas e não abre a boca; deixa que Aitor Karanka, seu auxiliar, fale. Os jornalistas vão embora em sinal de protesto. Ao silêncio do treinador do Real, Guardiola responde com um elogio ao jogo do adversário: “Nunca vi uma equipe como este Real. Em quatro ou cinco segundos vão de Casillas até o gol adversário. Estão melhores do que no primeiro encontro, mais potentes, chutam mais, agriem mais e nesta segunda fase estão há mais tempo jogando juntos”. E acrescenta: “Mourinho tem uma grande virtude. Sabe jogar de formas muito diferentes. Devemos estar muito atentos porque isso condiciona sua forma de atacar e de se defender”. O português esquentou o clima e será, indiscutivelmente, o grande protagonista dos clássicos fora do jogo. Messi será no campo. O pequeno número 10 chega ao duelo com números incríveis: marcou 48 gols em uma só temporada. Bate o recorde que conseguiu Ronaldo Nazário na temporada 1996-1997. E se distancia de Cristiano Ronaldo, seu adversário direto ao título de goleador, por treze gols, mas sua contribuição à equipe é ainda maior. “Messi”, afirma Víctor Valdés, “nos dá muito mais que gols. Por tudo que auxilia a equipe na defesa e no ataque. Seu trabalho é muito positivo para todos.” Joga cada vez melhor, encaixa cada vez mais com seus companheiros, participa cada vez mais da ação e sabe escolher a hora certa para acelerar e descansar no decorrer da partida.

“Transformou em habitual o extraordinário”, sentencia Guardiola. Mas, contra uma equipe treinada por Mourinho, Messi nunca tinha conseguido marcar. Ele quebra o tabu em sua nona partida contra Mou. De pênalti, aos 52 minutos. Raúl Albiol derruba

David Villa quando este ia para o gol, recebe o cartão vermelho e, da marca penal, a Pulga não falha. Como não falha aos 82 minutos seu rival Cristiano Ronaldo. Também de pênalti, iguala o resultado e, em sua sétima partida, marca pela primeira vez contra os *blaugranas*. O placar final fica em 1 a 1, em uma partida pobre de futebol e feia. O Real, temendo outra goleada, propôs uma compactação defensiva tentando reduzir os espaços do adversário em uma disputa por todo o campo. Um *catenaccio* no melhor estilo italiano. Ganhar? De bola parada ou no contra-ataque. O Barça, com vantagem no marcador e com um homem a mais, se perdeu e não soube administrar a partida. Um empate que deixa o Barça a um palmo de seu 21o título da Liga e dá confiança ao Real para enfrentar o que vem pela frente. Tanta confiança que os torcedores do Santiago Bernabéu festejam o empate como se fosse uma vitória. Uma partida dura que deixa um rastro de polêmicas. A primeira vem de Mourinho, que na sala de imprensa acusa o árbitro e sugere uma trama de poderes ocultos que penalizam suas equipes, seja o Chelsea, a Inter ou o Real... nada muda. “Estou cansado de acabar todas as minhas partidas contra o Barça com dez. Foi uma partida muito equilibrada enquanto jogaram onze contra onze. Depois, como acontece muitas vezes, onze contra dez, é praticamente missão impossível contra uma equipe que, com a posse da bola, é a melhor do mundo. Mais uma vez, observo uma diferença de critério dos árbitros totalmente incrível.”

Além de Mou, há outra polêmica indiscutível e desta vez é Leo Messi o protagonista quando, quase no final da partida, manda um chute forte contra a plateia. A bola saía pela lateral e, em vez de deixá-la, Messi dá um chutão acertando alguns torcedores. O árbitro não o adverte, o público o repreende, Pepe o encara perguntando “enlouqueceu?” e os torcedores ficam incrédulos e pasmos pela jogada. O que aconteceu com o menino de Rosário? Uma pessoa que raramente perde as estribeiras dentro do campo. Por que um gesto tão feio? O responsável não dá explicações, nem pede perdão. São os companheiros que o defendem. Falam da irritação no campo, da impotência de Leo contra a marcação de Pepe,

lamentam que o defensor madridista tivesse cometido cinco faltas contra o número 10 sem receber nenhum cartão.

Em 20 de abril, em Valência, já estamos na final da Copa do Rei. No estádio de Mestalla uma partida dividida em três partes: na primeira, um Real soberbo, na segunda, um Barça tranquilo, na prorrogação Cristiano Ronaldo e Mourinho ganham. O número 7 português pula sobre Adriano e cabeceia um cruzamento complicado de Di María, da esquerda do ataque branco. É o gol da vitória, o gol que dá, depois de dezoito anos, a Copa do Rei para o Real Madrid. E Messi? “Desesperado, tentou em todas posições do ataque, sem nenhum sucesso. Seus zigue-zagues acabavam invariavelmente entre os madridistas. A Pulga conduzia muito porque sua equipe tocou menos que nunca na bola na primeira etapa. Depois do intervalo, tudo mudou e seu passe em profundidade a Pedrito foi excelente, apesar de o assistente anular o gol por impedimento.” Assim é como *El País* avalia seu lançamento. Uma aprovação muito justa para Leo e a primeira derrota do Barça de Guardiola em uma final.

Sete dias depois, chega o primeiro ato das semifinais da Champions League. E na sala de imprensa do Bernabéu, no dia anterior, Pep Guardiola fica enfurecido. Mourinho havia dado outro recadinho sobre a arbitragem da partida de Mestalla e sobre a escolha do árbitro para a semifinal. Pep explode. Como nunca antes. “Como o sr. Mourinho se referiu a mim de maneira informal, me chamou de Pep, eu vou chamá-lo de José”, diz para começar. E continua: “Amanhã, às 20h45, jogamos uma partida. Ele já ganhou durante todo o ano fora do campo. Dou de presente a ele sua Champions particular. Que a leve para casa. Nós vamos jogar, vamos ganhar ou perder. Normalmente, ele ganha porque sua trajetória o avaliza. Nós, com vitórias menores que provocam admiração, já nos contentamos. Nesta sala, ele é a porra do chefe, a porra do senhor. É quem mais sabe no mundo. Eu não quero competir nem um instante.”

No dia seguinte no campo, a porra do chefe, a porra do senhor é Lionel Messi. Na sala de imprensa, outra vez, Mou. Duas jogadas, dois gols do argentino que abatem um Real Madrid conservador e

enchiqueirado em sua área. Em uma palavra, os merengues combatem o jogo barcelonista e não propõem o seu. Tanto que depois de quinze minutos Cristiano Ronaldo faz gestos desesperados para que seus companheiros saiam da toca, para que o acompanhem, para que façam a bola chegar até ele. É ele quem, no final da primeira etapa, cria a ocasião mais perigosa do Real. Inventa um chute de longe que deixa Valdés em dificuldades, tanto quanto o rebote de Özil, mas é a única coisa boa que se viu até o momento. Messi, do outro lado, trabalha mais como um meio-campista; longe da região em que pode causar estragos, se diverte com dribles que não levam a lugar algum. A história muda depois dos 60 minutos, quando Pepe entra com toda a vontade na perna direita de Dani Alves. Vermelho direto: pode-se discutir, mas o juiz alemão Wolfgang Stark não hesita. Como não hesita dois minutos depois, ao expulsar José Mourinho de seu banco. Expulso por exagerar. O Barcelona joga com um a mais e Leo se coloca na área adversária. Aos 77 minutos, como uma vespa enlouquecida, chega ao limite da área entre camisetas brancas e tenta o chute da entrada; travado, a jogada continua, Xavi recupera a bola, que passa a Afellay, que avança pelo lado direito. Parte o cruzamento do holandês para a pequena área. O mais rápido, quem se adianta à defesa, é Messi. Com a ponta do pé mete a bola para dentro. Um a zero em pleno Bernabéu. Passam dez minutos e a Pulga concede o bis. Desta vez sublime: parte do círculo central, toca para Sergio Busquets, que devolve a bola; então arranca ziguezagueando, deixa Sergio Ramos para trás, escapa de Albiol, muda de direção, entra na área, com um jogo de cintura escapa de Marcelo e define bonito na frente de Casillas.

Ponto final. A porra do dono da partida é ele. Mourinho outra vez se supera na arte da provocação. “O Real está eliminado da final da Champions”, diz, “iremos ao Camp Nou com todo o orgulho, com todo o respeito por nosso meio, que é o futebol, que algumas vezes me dá um pouco de nojo. Me dá nojo viver neste meio, mas é nosso meio. Iremos sem Pepe, que não fez nada, e sem Ramos, que não fez nada, e sem o treinador, que não pode se sentar no banco... com um resultado que é praticamente impossível de

reverter. E se por acaso fizermos um gol lá e abrirmos um pouquinho a eliminatória, com certeza nos matam outra vez. Minha pergunta é: por quê? Por que não deixam que as outras equipes joguem contra eles? Não entendo! Se digo ao árbitro e à UEFA o que penso sobre o que aconteceu, minha carreira acaba agora mesmo. Não sei se é porque a Unicef os patrocina ou porque são mais simpáticos, ou porque Villar [o presidente da Federação Espanhola de Futebol e vice-presidente da UEFA] tem muita influência na UEFA. O fato é que eles têm uma coisa muito difícil de conseguir, que é o poder. Por que Pepe foi expulso? Por que não marcaram os quatro pênaltis a favor do Chelsea? Por que expulsaram Van Persie? Por que expulsaram Motta? De onde vem este poder? O poder deles deveria ser futebolístico. Isso eles têm. Deveriam ganhar por causa disso. Deve ter um sabor diferente ganhar como eles ganham. É preciso ser uma má pessoa para saborear isto. Guardiola é um treinador fantástico, mas ganhou uma Champions que eu teria vergonha de ganhar. Porque a ganhou com o escândalo de Stamford Bridge. E, se este ano ganhar a segunda, seria com o escândalo de Bernabéu.”

Mou deu seu show. Vai custar caro. A Comissão Disciplinar da UEFA, em 6 de maio, vai impor uma multa de 50 mil euros e decidirá suspendê-lo por cinco rodadas. Uma já cumprida em 3 de maio, na volta das semifinais da Champions no Camp Nou. Mourinho não está nem presente no Camp Nou, vê a partida pela televisão do hotel. E vê como sua equipe, mais atrevida, mais ambiciosa do que nas outras três partidas, coloca o Barça em xeque e impede, nos primeiros quinze minutos, que saia de sua metade do campo. Pouco a pouco, os azul-grenás começam a fazer o jogo de sempre e Messi se apresenta em frente a um Casillas que, em cinco minutos, com três intervenções milagrosas, evita o gol e salva a pátria. Não, Messi desta vez não marca, mas percorre oito quilômetros, se mete como mais um na pressão, provoca uma advertência a Carvalho, um cartão amarelo para Xabi Alonso, Marcelo e também Adebayor. Recebe doze faltas e termina moído. Com ou sem o gol, foi determinante em uma partida que acaba empatada em 1 a 1 e abre ao Barça as portas de Wembley. Enquanto os azul-grenás festejam

o final de um mês exaustivo os merengues se queixam das ajudas da arbitragem, de uma trama oculta que mais uma vez beneficiou os rivais. Reclamam do gol anulado de Gonzalo Higuaín por uma suposta falta na origem de Cristiano Ronaldo. Todos, de Karanka a Casillas, parecem ter aprendido de cor a lição de Mourinho. Tanto que Cristiano solta: “Esta é uma Missão Impossível 4. O Barça tem uma grande equipe, mas tem algo por trás. Não quero ver um complô, mas é difícil não sentir que ele exista”. Messi, enquanto isso, se deixa levar pelo ambiente do Camp Nou e, quando parece que a emoção está a ponto de vencê-lo, recebe o abraço de Pep Guardiola, que aperta o menino mágico entre os braços.

Em 11 de maio acontece outra festa. No estádio Ciudad de Valencia, com um empate (1 a 1) contra o Levante, o FC Barcelona conquista seu terceiro Campeonato Espanhol consecutivo. “Foi um ano muito duro no qual trabalhamos muito contra um grande rival como é o Real. Passamos por situações muito difíceis e soubemos seguir em frente”, comenta Lionel. Porém, na festa do Camp Nou, na sexta, quando lhe dão o microfone, ele grita: “É uma felicidade festejar outra Liga, mas minhas palavras vou guardar para o dia 29, quando voltarmos de Londres. Então, vou falar”. E mantém a promessa com um dia de antecedência. Fala em Wembley com a bola nos pés. Grita quando Carles Puyol, com um gesto de tirar o chapéu, oferece a Abidal a braçadeira de capitão para que o jogador de Lyon pudesse levantar a taça. Uma homenagem ao homem que conseguiu vencer um câncer de fígado. Foi diagnosticado em março, operado e voltou para jogar no templo do futebol. Messi ri abraçando a Taça e indica com os dedos o número 3, três são seus troféus europeus. E fala explicando a todos que esta foi uma partida que vai ficar na lembrança. “Hoje fomos muito superiores e merecemos ganhar. O que este time faz é incrível. Acho que hoje em dia não temos consciência total do que estamos atingindo. Queremos continuar ganhando. Agora estamos de férias. Bom... não, eu vou para a Copa América.”

Um sonho frustrado

16 de julho de 2011

Goleiro para a direita, bola à esquerda. O número 10 da Argentina não perdoa. É o primeiro dos pênaltis: teve que esperar a autorização do árbitro antes de chutar, mas os longos minutos na frente de Muslera, o goleiro uruguaio que tenta distraí-lo, não conseguiram desconcentrá-lo. Quem erra é o “Apache” Tévez, o jogador do povo. Muslera defende seu disparo, o terceiro da loteria. E o Uruguai elimina a Argentina, em seu próprio campo, na que devia ter sido “sua” Copa. Sessenta e um anos depois do Maracanazo, na Copa do Mundo contra o Brasil, a seleção celeste repete a façanha na Copa América, sempre em território inimigo. É a vitória de uma equipe madura, sólida, bem organizada, com uma ideia clara e simples do futebol, que, em 24 de julho, no estádio Monumental em Buenos Aires, levará, contra o Paraguai, o título.

Como no Mundial de 2006, os pênaltis mandam Leo Messi para casa. Naquela ocasião foi a Alemanha; em Santa Fé, nas quartas de final, contra os *charrúas*, a Pulga, com genialidade, fez um cruzamento perfeito na cabeça de Gonzalo Higuaín, que anotou para empatar o gol precoce de Pérez. Na primeira etapa, Messi jogou bem; na segunda e na prorrogação, sua atuação foi intermitente, seu esforço, até o limite de sua vontade e de sua capacidade. Sim, marcou o pênalti que lhe correspondia, mas, como no Mundial de 2010, nas quatro partidas, não fez um único gol. E já vão dezesseis jogos oficiais sem seu grito. Esteve perto, muito perto, mas não conseguiu. Como não conseguiu fazer diferença. Capitão da seleção, desde que Javier Mascherano foi expulso, Leo é o primeiro a consolar, ainda na grama, Carlitos Tévez, assumindo a liderança recebida com a braçadeira. Depois, na privacidade do

vestiário de Colón, de novo as lágrimas. Para o rosariense, seus companheiros e um país inteiro é, como diz “el Jefecito” Mascherano, “a mesma dor de sempre”. Outro “fracasso nacional”, como na manchete do jornal esportivo *Olé*.

A Argentina não ganha um título internacional com a seleção principal desde Equador 1993, quando ganhou do México na final da Copa América com Alfio “Coco” Basile como treinador e Óscar Ruggeri como capitão. A Pulga tinha então só cinco anos.

Desta vez, tudo parecia diferente. Parecia que a história não se repetiria, parecia que a azul e branco, liderada pelo melhor jogador do mundo, podia voltar a triunfar em sua casa. Existia redenção para o futebol argentino depois da comoção geral causada pela queda à segunda divisão do River Plate pela primeira vez em 110 anos de história e pelo subsequente vandalismo de seus torcedores no Monumental. Desta vez, as coisas pareciam diferentes porque a Pulga tinha muita vontade de vencer em sua terra, porque se sentia tranquilo na seleção. Com Sergio “Checho” Batista ganhara o ouro olímpico em Pequim e, desde que ele estava comandando a seleção principal, Leo marcou quatro gols em sete partidas, ao passo que com Diego Maradona tinha totalizado só três em dezesseis jogos. E isso não é tudo: parece que por fim jornais, canais de televisão e sites não estão contra ele, embora não hesitem nem um segundo em divulgar suas supostas farras no apartamento de Puerto Madero. Parece que desta vez está afinado com a torcida. Tudo começou em setembro de 2010 quando, no Monumental, Messi liderou a vitória contra a Espanha, a atual seleção campeã do mundo, e a torcida pela primeira vez gritou seu nome. A relação se consolidou definitivamente, ou pelo menos parecia, durante o último amistoso preparatório antes da Copa América, contra a Albânia. “Sempre fui muito criticado com a seleção. Acabo de ganhar tudo com o Barcelona e o mundo me reconhece, mas me faltava a Argentina. Outro dia, senti isso contra a Albânia. Esperemos que tudo acabe bem”, diz Lionel.

Pena que a história não começa nem acaba bem... Na sexta-feira, 1o de julho, a anfitriã inaugura a 34a edição da Copa América e estreia, em La Plata, contra a Bolívia. Uma estreia que termina

com um empate (1 a 1, com gol quase ao final de Agüero) que, aos argentinos e a Messi, tem sabor de derrota. “Não era o que esperávamos, tínhamos que ganhar, mas daqui a pouco há outra partida e não é preciso ficar desesperado. Agora é preciso continuar crescendo e melhorando, é preciso ganhar os dois jogos que restam, mais do que nunca”, ressalta Lionel. Acrescenta: “Tentamos de tudo, mas algumas coisas não deram certo. Foi uma partida estranha”. Escolhem Leo como o melhor jogador da partida, mas isso não é suficiente para ele. Recebe o troféu de mau humor e cara amarrada. “Está bravo, não gosta de perder”, diz quem o conhece bem.

Desta vez a imprensa joga a culpa em Checho Batista e em toda a equipe, que mostrou um nível muito baixo. Uma Argentina com “sabor de nada”, “que fez tudo ao contrário”, “um plantel ainda muito verde”, escrevem. Mas não falta uma ou outra alfinetada contra a Pulga. “Leo se perdeu entre tanta perna. Não foi um líder”, escreve o *Olé*, “e esteve longe, muito longe do que pode dar.” *La Nación* acrescenta mais lenha: “Leo andou por todos os lados e por nenhum”. E, sobre sua participação no jogo coletivo, sentencia: “Nunca esteve à vontade e só contribuiu com lampejos. Messi ficou preso na irregularidade”. Único herói dessa estreia não sonhada foi Kun Agüero, atualmente jogador do Manchester City, capaz, aos 76 minutos, de endireitar aquela situação.

Contra a Colômbia, na quarta-feira, dia 6 de julho, em Santa Fé, a Argentina tem que ganhar de qualquer jeito. Mas não passa do empate sem gols e é preciso dizer que não é um mau resultado no geral. A Argentina não joga nada e as melhores chances de gol são dos colombianos, que não conseguem acreditar no que veem: uma azul e branca descerebrada e patética. A tática do Checho não funciona. Sua ideia de fazer os rapazes jogarem como o Barcelona de Pep Guardiola parece, por enquanto, uma ilusão. Meio de campo muito povoado, a bola não corre, os laterais não sobem, o ataque não vê a bola, e a defesa mostra buracos por todos os lados. Tanto que Romero precisa salvar a pátria muitas vezes. E Messi? Sem notícias dele. Na primeira etapa toca na bola três vezes, porque não há ninguém para entregá-la e o técnico disse para não voltar para

buscar jogo. Em sua conta só um delicioso passe a Lavezzi, na frente de Martínez, o goleiro colombiano. Mas o atacante do Napoli desperdiça. Na segunda etapa, mais do mesmo com... uma pequena melhora quando Leo consegue se aproximar de Gago e Agüero sem que disso resulte algo brilhante. Uma impotência que gera indignação entre as quatro linhas e na torcida.

Messi, no campo, discute em duas ocasiões com Nicolás Burdisso. O defensor da Roma dá um puxão de orelha no rosariense por não ter marcado o volante da Colômbia e ele explode. Uma discussão que continua em um vestiário triste onde também Mascherano e Tévez, em voz alta, procuram explicações para a fraca partida da seleção. Na torcida, o público de Santa Fé não aguenta mais. Os gritos da torcida aludem às mães dos jogadores, invocam Maradona como salvador da pátria. E no final da partida se despedem da seleção com uma monumental vaia, mais insultos de todos os tipos. E em sintonia com o público... a imprensa. A paciência acabou e o período de testes que haviam concedido a Batista também. Uma “equipe de dar dó”, “sem rumo”, são as expressões mais amigáveis. E ninguém se esquece do melhor jogador do mundo: falam do desempenho de Messi com sua seleção como se fosse o médico e o monstro, o bom que joga no Camp Nou e o mau que joga com a Argentina. Também volta a teoria de sua “dependência do Barcelona”. Vamos ler o que escreve o *Clarín*: “A Pulga foi outro dos grandes responsáveis pela péssima noite argentina. Mas por que recai sobre ele parte da decepção? Porque não só o técnico confere ao jogador a responsabilidade de ser o dono de uma equipe que não responde a seu comando, como também seus companheiros jogam a responsabilidade sobre ele. E, acima de tudo, as coisas não acontecem porque não encontra seu Iniesta ou seu Xavi para se parecer ao Barcelona”.

Não são horas fáceis para o dono da Bola de Ouro 2010. Convive com a crítica de seu país e com os ataques de seus detratores habituais. É acusado de não cantar o hino nacional aos quatro ventos, dizem que não grita, que não reage como teria feito Maradona, que não sabe levar a equipe nas costas e há um louco que quer esquartejá-lo... Em sua defesa sai, na *Radio 10*, Jorge, o

pai: “Diego é incomparável e tem um caráter diferente do de Leo. Meu filho está trilhando seu caminho e, além disso, não sei o que significa carregar a equipe nos ombros. É insultar ou gritar a todos os companheiros? Leo não é assim, mas é forte, embora muitos não saibam disso”. Jorge Messi está convencido de que há inveja, de que a imprensa joga lenha na fogueira e cria situações que ninguém esperava. E, falando de Leo, explica que “está muito mal. É a primeira vez que o vaim, é algo que não esperava. Isto é muito duro”.

Diego Armando Maradona vive o momento mais triste de sua vida. Sua mãe está no hospital lutando entre a vida e a morte, mas ele também quer defender o número 10 da seleção. “Quando vou à clínica ver minha mãe, não posso acreditar em todos estes babacas que ficam falando pela rádio e tentando destruí-lo. Quando a gente menos esperar, Lio vai dar tudo de si, sem nenhum problema. Digo isso porque o conheço. Porque joga sempre, porque ama a camiseta argentina. Temos o melhor do mundo, um rapaz excepcional...” E pede paciência ao jogador do Barcelona: “Quero dizer a ele que fique tranquilo. Que eu antes do Mundial de 86 joguei partidas ruins, era um desastre, era criticado por 80% dos jornalistas. E depois do Mundial não havia um que não viesse me pedir entrevista. Sei como funciona. É preciso manter a calma. E falar diretamente com o treinador e dizer: ‘Escuta, coloque alguém que me acompanhe, com quem eu possa tocar, que possamos levar perigo ao rival’”.

Entre ataques e defesas chega a hora da partida decisiva. Em Córdoba, segunda-feira, 11 de julho, a Argentina joga tudo contra a Costa Rica. Os espectadores do estádio Mario Alberto Kempes abraçam a causa. Deixam de lado as críticas e se voltam para a azul e branca e para Messi em especial. Tratam-no como ídolo, gritam seu nome do início ao fim e mandam mensagens de apoio: “Messi, acreditamos em você”, “Lio, obrigado por tantas coisas e perdão por tão pouco”, dizem duas faixas penduradas na grade do campo. Lionel, bem no dia em que fazia quatro anos de seu gol de cobertura contra o México na Copa América da Venezuela 2007, devolve o afeto jogando, dá uma bela partida como presente,

oferece uma de suas melhores atuações com a seleção. Sozinho devora os adversários e leva a Argentina às quartas de final com um contundente 3 a 0 (dois gols de Kun Agüero, o segundo depois de uma assistência de Messi, e outro de Di María, também com um passe de Leo). A Pulga faz o que todos pediam, assume a responsabilidade, no momento mais complicado, pega a bola e oferece passes incríveis para os atacantes e se transforma no líder que todos queriam. Com jogadas de talento cala a boca dos críticos. No dia seguinte, o *Olé* comenta assim sua participação: “Só há um Messi e é este. O que coloca mil bolas no gol, o que quando arranca pela direita parece incontrolável, o que se apresenta para receber um passe, o que joga e faz jogar, o que aparece melhor quando a equipe se mostra, o que é ovacionado como se Mario Kempes ficasse na Plaza Catalunya”. As mudanças de Batista ajudaram bastante o número 10 da Argentina, mantendo o goleiro, a defesa e Mascherano no meio de campo, mas com uma equipe com Gago, Di María, Higuaín e Kun, um time mais ao gosto de Messi. E a torcida também aprovou. Tanto que depois da partida, na coletiva de imprensa, ele pede o microfone e se lança, coisa rara, em um monólogo de vinte segundos: “Quero agradecer às pessoas de Córdoba pela forma como nos trataram, em especial a mim”, diz o rosariense. “Me fazia falta este carinho pela forma como vínhamos. Começamos mal, mas agora começa outra competição e nós mais do que nunca queremos o melhor para a Argentina”, fala Messi, mas não só para agradecer. Na coletiva de imprensa antes do clássico do Río de la Plata tira os espinhos que levava cravado há vários dias. Ninguém gosta de ser xingado.

Parece que acabou o desencontro de Messi com a Argentina. Parece que, no final, a Pulga encontrou o que procurava e o que tem no Barça: carinho e apoio. Mas é uma ilusão que dura somente cinco dias. No clássico do Río de la Plata tudo se quebra em mil pedaços. Não, desta vez ninguém coloca a culpa da eliminação em Messi. Leo não sai do fracasso da seleção com olhares céticos, comentários maldosos sobre sua atitude em campo. Todos acreditam que a culpa é da equipe e do técnico, e há alguém que também fala da decadência do futebol argentino. Mas isso não

serve de consolo para Leo; é outro sonho que fica pelo caminho, outra decepção. A única coisa que leva para Rosário, onde vai passar alguns dias com a família, é o carinho das pessoas. No estádio dedicado ao “Matador” Kempes, os torcedores uruguaios gritam “Messi é espanhol, espanhol” e o público de Santa Fé responde com uma faixa que diz tudo: “Messi, obrigado por ser argentino”. Sim, as pessoas gostam e confiam nele para o futuro. “Messi + seleção + torcedores = Mundial 2014”, mostra um cartaz. Fórmula com a qual Lio, há muito tempo, também sonha.

Ás de copas

14, 17, 26 de agosto de 2011

Oito dias antes, ele foi visto em um iate que navegava pelas águas de Formentera, ilha espanhola parte das Ilhas Baleares.

Passeava pela coberta com a barba longa de lobo de mar e a pele avermelhada pelo sol. Foi fotografado em cima de um jet ski em grande velocidade. Férias em companhia da namorada Antonella Rocuzzo e de Dani Alves.

Oito dias depois, em 14 de agosto, já se encontra no campo do Santiago Bernabéu para disputar a partida de ida da Supercopa da Espanha contra o Real Madrid. Nada de pré-temporada, nenhum amistoso nem turnê internacional... Para Leo bastam cinco dias de trabalho intensivo para se apresentar em forma. É preciso dizer que durante o verão, depois da derrota da Copa América, não se deixou abater. Seu preparador físico Juanjo Brau, que o acompanhou em terras sul-americanas, tentou resolver os problemas de cansaço e de lesões e mantê-lo em forma. O número 10 recuperou seu vigor muscular e velocidade, eliminando o enorme desgaste da temporada anterior: 55 partidas jogadas. Leo está preparado e como sempre tem vontade de jogar e ganhar. Pena que em Chamartín acontece algo que nos últimos cinco anos não se havia visto em um clássico: o Real controla a bola, ou se preferirem dizer de outra maneira, tem a posse da bola por muito mais tempo que o Barcelona.

O *Pep Team*, sem Puyol, Xavi, Busquets e Piqué, quatro jogadores fundamentais para fazer circular a bola, tem problemas. Valdés opera um autêntico milagre na cabeça de Benzema. No entanto, não pode fazer nada contra uma incursão pelo lado direito do francês, que escapa de Abidal e cruza para Özil. Toque de

esquerda e gol. E o Barça cai em seguida. A defesa catalã está sob pressão. E ocorre algo estranho: Iniesta e Guardiola pedem lançamentos longos para sair com a bola, antes que intervenha a desatada dupla composta por Özil e Benzema.

Nos primeiros trinta minutos, Messi acha só um passe em profundidade para David Villa. Às costas de Sergio Ramos, perfeito, só que o árbitro apita o impedimento. Aos 35 minutos, o argentino volta a tentar... Uma bela abertura do meio para a esquerda, de novo para Villa. Diante dele está Ramos, que dribla uma vez e, quando o defensor merengue volta à carga, manda um chute perfeito e inesperado para as redes... Casillas não chega.

Um empate que atíça o público e desperta Leo. Dez minutos mais tarde ataca de novo. Aproveita a desorganização momentânea dos rivais. Uma falta sem importância que Messi toca para Thiago. Entra em cena Alexis Sánchez, o novo contratado que inventa um passe a meia altura para o número 10. O garoto de Rosário domina.

Khedira se lança em seu encaço, sem pensar que Carvalho e Pepe podiam fechar facilmente seu caminho. Messi divide com o colosso alemão, mas fica de pé e leva a bola. Pepe escorrega tentando mudar de direção. Assim, a Pulga se encontra sozinho na frente de Casillas e em seguida faz o gol. Dois a um e virada. Os merengues, com Xabi Alonso, conseguem o empate, mas Mourinho e os torcedores do Real não estão satisfeitos: jogaram melhor, mas não receberam nenhum prêmio. A culpa é, de novo, de um homem pequeno que mede 1,69m. No Camp Nou, quarta-feira, 17 de agosto, se decidirá quem vai levar o primeiro troféu da temporada. E de novo o Real não poderá com Messi. Pouco importa que a nau de Mou navegue a toda velocidade no campo adversário; a Pulga volta a fazer uma das suas. Desta vez Messi dá uma de Xavi. Calcula com precisão o passe e serve com perfeição uma bola de ouro a Andrés Iniesta. O herói do Mundial Sul-Africano se encontra cara a cara com seu companheiro de seleção Casillas e o supera sem discussão alguma.

De fazer o Real avançar se encarrega Cristiano Ronaldo, desesperado por chamar atenção em terra hostil. Só seis minutos depois e, frente ao gol rival, desvia para a rede um disparo de Pepe.

Empate. Segundos depois, um dos seus tiros explode no travessão. Neste momento, o Real domina a partida, mas não consegue levar vantagem, não consegue mostrar seu potencial futebolístico nem transformar em gols as jogadas. Por outro lado, diante da falta de um bom jogo coletivo, surgem os solistas de sempre, em particular Messi. Servido na pequena área por um calcanhar genial de Piqué, não tem problemas para abrir um buraco nem para escapar à perseguição de Cristiano nem para deixar Casillas no chão. E quando todos já pensam que a partida irá para a prorrogação (Benzema empatou) será de novo Leo que mudará os prognósticos, marcando o 3 a 2 e oferecendo a Supercopa da Espanha a Guardiola, que já supera Johan Cruyff como treinador do Barça com onze títulos.

Messi consegue isso com o auxílio do ex-capitão do Arsenal, Cesc Fàbregas, que estreia com a camiseta do Barça, e de Adriano. Quando faltam três minutos para o final, Cesc abre para Leo que toca para Adriano do lado direito... cruzamento e do nada aparece o duende argentino para finalizar.

Uma partida que termina em confusão: Marcelo recebe um cartão vermelho por falta feia em Cesc. Özil e Villa trocam socos e Mourinho mete o dedo no olho de Tito Vilanova, o auxiliar de Guardiola. Embora na coletiva de imprensa o português alegue não saber de nada.

Mônaco, Montecarlo, 25 de agosto. Lionel Messi ganha outro prêmio importante, criado pela UEFA e destinado ao melhor jogador europeu. A Pulga ganha por 38 votos, contra 11 de Xavi Hernández e 3 de Cristiano Ronaldo. Agradecendo a quem votou nele, Leo diz: “Guardo estes prêmios em minha casa, mas tenho ainda espaço para colocar mais alguns”.

Dito e feito, no dia seguinte pode acrescentar a esse o da Supercopa da Europa. Como não tinha marcado nas duas finais disputadas, Messi compensa marcando contra o Porto português. Aproveita um presente de Guarín. O colombiano, distraído, tenta dar um passe para trás sem perceber que no meio está o número 10 do Barça. Um presente do céu para a Pulga: só precisa driblar Helton, o goleiro do time português. Marca contra os “Dragões”, a equipe

contra a qual estreou com os azul-grenás, dia 16 de novembro de 2003. Messi marca seu gol número 184 e dá a assistência para o 2 a 0 de Cesc. Uma cumplicidade nascida anos antes, quando os dois estavam na Masía sob as ordens de Tito Vilanova.

Com a Supercopa, Leo acumula um total de dezessete títulos (cinco Ligas, três Champions, cinco Supercopas da Espanha, uma Copa do Rei, um Mundial de Clubes e duas Supercopas da Europa).

E, como Messi só quer ganhar e ganhar, com certeza na vitrine de Castelldefels haverá lugar para outros troféus. Como a Bola de Ouro 2011.

Hat trick

9 de janeiro de 2012

Nenhuma surpresa. Nenhuma contestação quando Ronaldo Nazário, recuperado em tempo recorde da dengue, abre o envelope com o nome do vencedor da Bola de Ouro 2011. Desta vez tudo acontece como já estava previsto. Lionel Messi conquista o troféu de melhor jogador do mundo pelo terceiro ano consecutivo, igualando-se assim a Michel Platini (que ganhou em 1983, 1984 e 1985), Johan Cruyff (1971, 1972, 1974) e Marco Van Basten (1988, 1989 e 1992). Entra no hall das lendas. Consegue um *hat trick* especial que ninguém com 24 anos conseguira até hoje. Quando escuta seu nome, a Pulga abraça Xavi Hernández, sentado a seu lado no Palácio de Congressos de Zurique (Suíça), e sobe ao palco. Desta vez com uma gravata preta, terno e colete de veludo vermelho, como sempre de Dolce & Gabbana, mas caminha muito mais solto do que em 2011, quando foi tomado pela emoção. Cumprimenta Joseph Blatter e abraça Ronaldo, que conheceu no verão graças a Dani Alves. Aperta a mão de Platini, o presidente da UEFA, que lhe entrega a Bola de Ouro, e se aproxima de Ruud Gullit e da jornalista Kay Murray, mestres de cerimônia da noite.

Desta vez, Messi não tem que improvisar seu discurso como aconteceu no ano anterior, quando não se esperava que fosse eleito o número um. Não escreveu nada, mas sim pensou no que ia dizer. Desta vez não precisa se agarrar ao púlpito para que não percebessem que as pernas tremiam. Desta vez, depois de ter agradecido às pessoas que votaram nele, aos companheiros do Barça e da seleção argentina, não se esquece do número 6 azul-grená. “Muito especialmente”, diz, “quero dividir esta Bola de Ouro com meu amigo Xavi. É a quarta vez que estamos juntos nesta

festa. Você também merece. É um prazer estar ao seu lado aqui e no campo.”

“Não esperava. Somos muito amigos. É uma grande pessoa”, diz Xavi, “mas ele tem dificuldades para expressar seus sentimentos. Estou muito agradecido. Foi um detalhe importante. O que Leo fez vale mais que qualquer prêmio.” Segurando o pesado troféu, Lionel, depois da cerimônia comenta: “Nunca sonhei em faturar uma única Bola de Ouro e já tenho três... Pufff! É incrível e um prazer embora eu não tivesse conseguido nada disso sem os magníficos companheiros que tenho. Por isso, dividi com Xavi. Espero que possamos repetir isso muitos anos mais, mesmo sendo complicado. O mais importante é continuar no mesmo nível.”

Ao seu lado passa Neymar, com o moicano bem penteado. O então craque do Santos e futuro companheiro foi premiado por seu espetacular gol contra o Flamengo. Olha para Leo, encantado. O que tinha que dizer sobre ele e o Barça já dissera em Yokohama em 18 de dezembro, depois da final do Mundial de Clubes (Santos 0 x 4 Barcelona). “Hoje nos ensinaram o que é jogar futebol”, admitiu. Enquanto Ganso, o meio-campista santista, acrescentava: “Vi os dois melhores jogadores do mundo: Messi e Xavi. Não se pode jogar quando não se domina a bola, e tirá-la destes dois é impossível”. Messi com dois gols, Xavi com um e todo o Barça tinham deslumbrado no Japão, causando a admiração generalizada e recebendo elogios tanto de adversários quanto de críticos. Algo que se repete em Zurique. Sir Alex Ferguson recebeu o prêmio da FIFA por sua contribuição ao mundo do futebol durante 25 anos à frente do Manchester United. E não economiza elogios quando fala de Messi. “Os grandes jogadores podem jogar em qualquer geração. Lionel Messi poderia jogar na década 50, Alfredo Di Stéfano poderia jogar hoje, da mesma forma que Diego Maradona, Cruyff e Pelé”, diz. “Messi entra nessa categoria”, acrescenta. E falando com Pep Guardiola, que foi eleito melhor técnico do ano, o escocês admite: “O Barcelona é, de longe, o melhor e eu vivi isso na pele. Não tenho por que não reconhecer que outros são melhores. Isso não é um crime nem um sinal de fraqueza”.

Os que não estão presentes no Kongresshaus de Zurique são José Mourinho e Cristiano Ronaldo. O Real Madrid joga no dia seguinte na Copa do Rei contra o Málaga. Mourinho fica em terceiro lugar, com 12,43%, atrás de Guardiola e de Ferguson, na votação para melhor treinador de 2011. Cristiano Ronaldo, com 21,6% de votos, ficou na frente de Xavi, terceiro com 9,23%, mas precisa se render a Messi, que leva a Bola de Ouro com 47,88% dos votos. O número 7 do Real reaparece entre os três melhores depois de um ano de ausência. Um mérito por seus quarenta gols na Liga, que valeram a Chuteira de Ouro europeia, e pelo gol que permitiu ao Madrid se impor ao Barça na final da Copa do Rei. Entretanto, o português não consegue ganhar da Pulga. Leo, com o Mundial de clubes, soma cinco títulos entre os principais. E confirma ser o número 1 também no clássico disputado em 10 de dezembro. Não marca em sua nona visita ao Santiago Bernabéu, mas termina com um sorriso de orelha a orelha. O Barça ganha dos merengues em seu campo por 3 a 1, quando todos davam como favorita a equipe da casa, treinada por Mou. E ele outra vez dá uma aula de futebol enquanto Cristiano não acerta uma. Tanto que, depois da partida, José Mourinho, explicando as causas da derrota, se refere ao número 7: “Em todas as partidas há detalhes que fazem a diferença. Com o 1 a 0 tivemos uma chance para fazer o 2 a 0 e, em circunstâncias normais, teríamos marcado, porque Cristiano é um jogador fantástico e faz gols”. Em circunstâncias normais, Cristiano é uma máquina de gol, mas contra Messi e o Barça, fica pequeno. Alguns comentaristas argentinos propõem que se deite no divã de um psicanalista para resolver seus problemas com a Pulga. A história, em todo caso, não termina aqui. O duelo continuará. Mas por enquanto é Leo quem, protegido por sua namorada, Antonella, seu pai, sua mãe e os companheiros do Barça, aproveita a festa. E tem o futuro pela frente, tal como sustenta Michel Platini: “Messi é um *killer* de coração, tem uma mentalidade forte e por isso consegue tantas coisas. É jovem, é preciso aguardar o desenrolar de sua carreira para poder saber com certeza até onde chegou. Não sei se me superará, mas tem muitos anos de futebol pela frente e continuará ganhando muitas coisas”. Dois dias depois, em uma

entrevista à *France Football*, Leo responde a Platini: “Eu, um *killer*? Me parece um pouco agressivo. Prefiro falar de força da mente, porque é preciso trabalhar para manter o nível. Cada dia é mais duro, a concorrência é cada dia mais difícil. Não sou uma máquina, quando tenho pequenos defeitos, devo trabalhar para tentar resolvê-los”. E sobre seu futuro, diz: “Estou disposto a abrir mão da Bola de Ouro durante os próximos dois anos para ser campeão do mundo. Ganhar a Bola de Ouro em 2014 seria o máximo. Isso significaria que a Argentina foi campeã do mundo. Seria o fim do fim”.

Recorde

7 de janeiro de 2013

“**N**ão acho que este tenha sido meu melhor ano.” Sim, é difícil acreditar, mas é verdade. Leo Messi afirma isso na segunda-feira, 7 de janeiro de 2013, durante uma coletiva de imprensa antes da concessão do prêmio Bola de Ouro, em Zurique. Não, não está satisfeito com seu 2012. Por quê? “Porque houve outros anos melhores, nos quais conseguimos muito mais coisas”, explica o argentino, vestido com um terno cinza ao lado da Bola de Ouro e em frente a muitos jornalistas. Certo, o Barcelona na temporada 2011-2012 ganhou só a Copa do Rei, um prêmio de consolação para os azul-grenás. Os títulos que contam foram para Madri (Liga e Supercopa da Espanha para o Real), para Londres (a Champions League para o Chelsea) e para São Paulo (Mundial de Clubes para o Corinthians). Mas o 2012 da Pulga foi um ano de autêntica loucura, cheio de satisfações, de felicidade e de recorde.

Um ano que começou, em 9 de janeiro, uma segunda-feira fria e úmida em Zurique, onde recebeu sua terceira Bola de Ouro e continuou na Liga com cinco gols contra o Betis e o Málaga. E é preciso acrescentar os dois marcados em 4 de janeiro contra o Osasuna na Copa do Rei. Em fevereiro, a conta sobe para dez tentos. Quatro no Valencia no domingo, 19. O Barça ganha no Camp Nou por 5 a 1. E, quando perguntam ao garoto de Rosário, ele responde como sempre: “O importante não são meus gols, mas a equipe. Hoje jogamos bem e é isso que importa e me deixa feliz”.

Dezesseis dias depois, Messi faz ainda melhor. Oitavas de final da Champions League. O adversário é o Bayern Leverkusen. Na Alemanha, o resultado foi de 3 a 1 para o *Pep Team*. A volta se apresenta como uma partida fácil. Mas já se sabe que não importa

para a Pulga se são partidas fáceis ou difíceis, jogos amistosos ou oficiais, resolvidos ou por resolver, que se jogue no domingo ou na quarta-feira, com frio ou com calor, que sejam adversários complicados ou simples, em casa ou fora. Messi sempre coloca a mesma intensidade, a mesma vontade de ganhar e de marcar, de brilhar e de colocar brilho no espetáculo futebolístico. E é assim contra os alemães na quarta-feira, 7 de março de 2012. Aos 26 minutos, passe longo de Xavi, Messi domina e da esquerda arremata. Por cima do goleiro do Bayern, que fica parado. É o primeiro.

Aos 43 minutos, combinação com Iniesta, que serve o argentino à direita da grande área. Acelera, vai pelo meio, deixa para trás cinco defensores e, depois de quatro toques, encontra o espaço para mandar o tiro cruzado à direita de Leno. E é o segundo.

Aos 50 minutos, recebe de Cesc, controla com a esquerda, resiste à marcação de Schwaab, define com sua perna ruim: a direita. Uma bola perfeita e cruel para o goleiro. O terceiro.

Aos 55 minutos, pega uma bola que Leno deixou escapar e não tem piedade. De esquerda manda lá onde o goleiro alemão não consegue chegar. O quarto.

Aos 84 minutos, Seydou Keita oferece a bola e Leo acerta com a esquerda, mandando o tiro à direita do goleiro. Impossível alcançar. Quinto da série Messi. Uma autêntica façanha. Sim, porque o último jogador que marcou cinco gols na principal competição europeia foi o dinamarquês Søren Lerby, na temporada 1979-1980, jogando pelo Ajax contra o Omonia de Nicosia. No formato Champions, ninguém tinha conseguido.

“É de outra categoria”, diz desolado Robin Dutt, treinador do Leverkusen. E Wayne Rooney no Twitter escreve: “É o melhor de todos os tempos”. Javier Mascherano, um dos amigos de Messi no Barça e na seleção da Argentina, em uma entrevista a *Rac1* comenta: “Leo, futebolisticamente falando, é um assassino. Entra no campo para colecionar vítimas. É sua grande virtude. Gosta de jogar futebol e não importa quem aparecer pela sua frente. Compete contra si mesmo. Chegou a esse nível. Parece mais um jogador de golfe do que um de futebol, porque a cada dia quer diminuir seu

handicap. Messi conseguiu dominar o jogo; enquanto para o resto dos jogadores é o jogo que os domina”.

Março para a Pulga é o mês mais frutífero de 2012. Fecha sua conta pessoal com treze gols. Além do Bayern Leverkusen, marca contra Racing Santander, Sevilla, Mallorca e Athletic Bilbao. Em 20 de março, contra o Granada, 29ª rodada da Liga, consegue outro *hat trick* que vale o segundo recorde do ano. Com 234 gols marcados em 315 partidas, se consagra o maior goleador na história do Barcelona. Supera César Rodríguez, atacante central dos anos 1940 e 1950 que, em catorze temporadas e em 348 partidas com a camiseta *blaugrana*, fez 232 gols. E a chutes a gol chegamos a abril, o mês mais triste em um ano de fábula.

No Camp Nou, dia 21, às oito da noite, jogam Barcelona e Real Madrid. Pela primeira vez, desde a Liga 2008-2009, os merengues chegam ao final da temporada como líderes da classificação, à frente dos *blaugranas*. Têm quatro pontos de vantagem sobre o *Pep Team* (85 contra 81), suficientes para resolver o campeonato no campo do rival e colocar um ponto final ao ciclo de uma equipe incrível que ganhou as últimas três Ligas. O Barça joga sua última chance na luta para ser campeão. É o clássico número 184 e é o mais equilibrado: 86 vitórias para o Barça, 86 para o Real, 12 empates. Protagonistas absolutos, como não podia deixar de ser, Leo Messi e Cristiano Ronaldo. Tanto que, em seu editorial, o *Sport* escreve: “A Liga não é coisa de duas equipes, é coisa de dois jogadores”. O porquê pode ser facilmente explicado: Messi e Cristiano Ronaldo sustentam os dois grandes clubes com seus gols. Nas 32 partidas da Liga, cada um marcou 41 gols. A Pulga chega ao encontro com cinco *hat tricks*, um pôquer (4 gols em uma única partida) e seis dobradinhas no campeonato. O português conseguiu sete *hat tricks* e cinco dobradinhas. “Nunca se viu nada igual. Nunca”, conclui o *Sport*, “a Liga espanhola tinha visto dois fenômenos desta categoria.” Dois fenômenos que em uma noite disputam a Liga, o prêmio de artilheiro, a Chuteira de Ouro e a Bola de Ouro. E desta vez ganha Cristiano Ronaldo. É decisivo. Marca o 2 a 1 final. Um gol que chega aos 72 minutos, pouco depois do empate de Alexis. É letal porque corta no ato a reação adversária

e manda um nocaute nos *blaugranas*. Mezut Özil recebe de Di María na frente do círculo central e lança a bola em profundidade para Cristiano. O número 7 deixa Mascherano para trás e aparece na frente de Víctor Valdés. Joga a bola para a direita e supera o goleiro azul-grená em sua saída. Um golaço com o qual Cristiano comemora como fez, em seus dias, Raúl: “Calma, calma que aqui estou eu” diz no campo, consciente do que significa o gol. Cristiano voltou a marcar no Camp Nou, voltou a ser chave, acabando com três anos de seca do Real e, como escrevem os jornais de Madri, destronou Messi. Sim, o argentino desta vez está irreconhecível. Em um clássico em que, em seu estádio, sempre foi protagonista desde a primeira vez, não aparece. É a sombra de si mesmo. Tinha marcado nas dez últimas rodadas da Liga e contra o Real não faz nada. Em todo o primeiro tempo sequer dá um chute a gol. Algo extremamente incomum para ele. Com meia hora de jogo dá um grande passe a Xavi e, aos 23 minutos do segundo tempo, uma de suas corridas que termina com o gol de Alexis. Nada mais. Não pisa na área, não arremata, não dribla, não faz tabelas, não procura a pressão. Parece incomodado. A tática de Mou o desativou. Em uma palavra, uma partida para esquecer. Pep Guardiola, na coletiva de imprensa, depois da derrota, parabeniza o Real Madrid pelo triunfo e por ter ficado com a Liga. “Nós tentamos até o final, mas não foi possível.”

O Barça está a sete pontos do Real Madrid. A Liga está perdida. Resta a Champions. Três dias depois, terça-feira, dia 24, o Chelsea chega ao Camp Nou. Na partida de ida, em Stamford Bridge, um gol de Drogba quebrou o jogo do Barcelona. Os azul-grenás não souberam reagir no marcador. Agora devem se superar. Como sempre todos esperam por Messi, que em sete jogos nunca marcou contra os *blues*. A maldição precisa terminar aqui, em casa, para que o Barça possa se classificar para a final de Munique. Seria a terceira vez em quatro temporadas. Quando, aos 43 minutos, Andrés Iniesta marca o segundo gol graças a um passe de Messi, tudo parece acabado. Os *blaugranas*, com um 2 a 0 e com um a mais depois da justa expulsão de John Terry, estão classificados. O trabalho está feito, superaram o revés da partida de ida. Mas a

passagem de sonho a pesadelo é curta. Dois minutos depois, perto do intervalo, Lampard inventa um lançamento preciso para a corrida de Ramires, que deixa Busquets e Puyol para trás, e toca a bola na saída de Valdés. A história se repete. Como na ida, o Chelsea só precisa de uma chance para gritar gol. No segundo tempo, Drogba prende, na área, o pé de Cesc. O árbitro marca o pênalti. Petr Cech abre seus longos braços para cobrir toda a meta. Da marca penal, é Leo Messi o encarregado de cobrar. Está com o rosto sério. Sabe que pode ser decisivo. Sabe que não está no melhor momento, sabe que no primeiro tempo perdeu uma disputa com o goleiro checo. Sabe que nunca conseguiu superar este goleiro. Bate. O número 1 adversário se joga para sua esquerda. Mas a Pulga pega muito em cima, tanto que a bola vai direto no travessão. A Pulga falhou no momento-chave. Errou o terceiro pênalti da temporada dos 13 que cobrou e o oitavo desde que chegou à equipe principal, dos 34 que bateu. Ele desanima, levando todo o Barça junto. A sorte lhe reserva uma segunda oportunidade aos 83 minutos. Leo se aproxima e tenta de fora da área. Um tiro potente muito bem dirigido ao ângulo à esquerda do goleiro. Mas Cech alcança. Toca na bola com a ponta dos dedos e a trave o ajuda. Não, esta noite a sorte não está do lado deles. A cena final deste filme é dada por Fernando Torres. El Niño, em uma disputa com Valdés, aos 91 minutos, marca o 2 a 2. De nada serve ao Barcelona ter 81% da posse da bola, de nada servem os 47 disparos contra Cech somados nas duas partidas. O Chelsea, com quatro chutes à meta de Valdés, marcou três gols e com um *catenaccio* à la inglesa vai para a final. Leo Messi esconde o rosto sob a camiseta. Sem dúvida foi sua pior noite dos últimos tempos. Pouco importa que, pelo quarto ano consecutivo, Leo seja o maior goleador da Champions, igualando o recorde que estabeleceu Gerd Müller nos anos 70. Pouco importa que seja, com 56 gols, o segundo principal artilheiro da Champions, só atrás de Raúl (71 gols). Ou que tenha igualado os 14 gols do recorde que José Altafini estabeleceu na temporada 1966-1967. O Barça está eliminado e não poderá defender seu título em Munique. “Está destruído como todos no vestiário, mas não podemos repreendê-lo por nada, não?”, diz Cesc. “Estamos aqui

graças a ele e mais do que nunca quero agradecer tudo que nos dá. Não tenho dúvidas de que passará um tempo chateado”, comenta Guardiola, “mas isso é o bonito do esporte. Às vezes choramos e às vezes é nossa vez de rir.”

Acabou a Champions e no domingo, 13 de maio, acaba a Liga. O Real Madrid de Mou e Cristiano cantou o grito de vitória em Bilbao, duas rodadas antes do final. Na tabela somam 100 pontos, 9 a mais que o Barça, que terminou com 91. Leo Messi, que no sábado, 12 de maio, na partida antecipada contra o Real Betis, não marcou, totaliza 50 gols. É o artilheiro do campeonato à frente de Cristiano Ronaldo, com 46 gols, e Falcao García, do Atlético de Madrid, com 24. O recorde histórico que estabeleceu o português na temporada 2010-2011 (40 gols) foi pulverizado. Muitos gols que não ajudaram o Barça a conseguir nenhum título de expressão. O único que os *culés* conquistam é a Copa do Rei. Chega o 25 de maio no estádio Vicente Calderón, em Madri, em frente a 55 mil espectadores. O Athletic de Bilbao, a equipe de Marcelo Bielsa, que na Europa ao longo de toda a temporada deslumbrou oferecendo, contra Manchester United, Schalke 04 e Sporting de Lisboa, autênticos shows, parece estar com a cabeça ainda em Bucareste. Ali onde, em 9 de maio, perdeu para o Atlético de Madrid a final da Copa da UEFA. Um 3 a 0 duro e cruel que se repete no Calderón. Aos dois minutos de jogo, Pedro aproveita um rebote para marcar o primeiro. Aos 20 minutos, Messi coloca sua assinatura na partida e, cinco minutos depois, Pedro, de novo, coloca o ponto final.

Leo fecha a temporada 2011-2012 com 74 gols (50 na Liga, 3 na Copa do Rei, 14 na Champions, 3 na Supercopa da Espanha, 1 na Supercopa da Europa e 3 no Mundial de Clubes). Pep fecha suas quatro temporadas como treinador do Barça com o troféu número 14. O técnico mais vencedor na história do clube anunciara que abandonaria seu posto em 27 de abril, dois dias depois da derrota na Champions. Tito Vilanova, seu auxiliar, o substituiria a partir de 30 de junho. “Me desgastei, me esgotei e preciso recuperar as forças”, diz o técnico natural de Santpedor em uma lotadíssima coletiva de imprensa ao explicar os motivos de seu adeus. Na frente, na plateia, os capitães Puyol, Xavi, Iniesta, Valdés, assim

como Cesc, Piqué, Busquets e Pedro. Leo não está na sala. Mas na primeira hora da tarde, quando já começam a se levantar suspeitas de todos os tipos, a Pulga se justifica no Facebook: “Quero agradecer de todo o coração a Pep por tudo que fez por mim profissional e pessoalmente. Devido ao meu estado emotivo preferi não estar presente na coletiva de imprensa de Pep. Quis ficar longe da mídia sobretudo porque sei que eles iriam procurar os rostos de pena dos jogadores e isto é algo que decidi não demonstrar”. A Pulga não quer mostrar suas lágrimas em público. Mas de manhã, no treinamento anterior à coletiva de imprensa, Leo se afunda em um abraço com Pep, que acaba de anunciar à equipe sua decisão de não renovar com o Barça. Um abraço que se repete depois da final da Copa do Rei, quando os *blaugranas* brindam o último troféu com o treinador. Pep Guardiola vai para Nova York para desfrutar, com sua família, de um ano sabático. Leo também voa para a América, onde a azul e branca o espera. Em 9 de junho, quando no Velho Continente ocorre a Eurocopa na Polônia e na Ucrânia, no MetLife Stadium, em East Rutherford (Nova Jersey), joga-se uma partida amistosa que nunca será um amistoso: Brasil x Argentina. A Pulga dá um show: dois gols no primeiro tempo, mais a assinatura na vitória final por 4 a 3. Impressionante o último gol: 45 metros de corrida e um arremate potente de esquerda que entra no ângulo superior direito do gol defendido por Rafael. Um golaço, o número 26 com a camiseta da seleção. Leo Messi já é o quarto maior goleador da Argentina, atrás de Batistuta (56), Crespo (35) e Maradona (34). Em 16 de outubro de 2012, contra o Chile, partida válida pelas Eliminatórias do Mundial 2014, marca seu gol número 12 em nove jogos com a azul-celeste. Iguala o recorde de Gabriel Batistuta, estabelecido em 1998, em um ano brilhante, e soma um total de 31 gols. Não há dúvidas de que com a chegada de Alejandro Sabella ao banco da seleção, o ex-treinador do Estudiantes de La Plata, que assumiu a equipe em 2011, depois da Copa América, as coisas para a Pulga vão de vento em popa. Leo usa a braçadeira de capitão, desfruta de uma grande liberdade de movimentação e, na frente, pode contar com um ataque de luxo: Di María, Agüero, Higuaín. Em uma palavra, demonstra seu valor

também para seu país. Finalmente é profeta em sua pátria. E está contente: “a seleção argentina mudou. Atingimos os resultados que queríamos, não perdemos e, além disso, jogamos bem. Estamos”, diz a Pulga, “com uma boa dinâmica e temos que continuar crescendo.”

Brasil x Argentina é o último compromisso antes das férias. Sol, praias e mar na Riviera Maya do México, em Miami e em Ibiza. Um descanso interrompido só por amistosos com seus amigos contra Estrellas de México e contra o Resto do Mundo. Em agosto volta ao trabalho e volta ao clássico: Real Madrid x Barcelona, Supercopa da Espanha. Em 23 de agosto, a ida no Camp Nou termina com 3 a 2 a favor dos azul-grenás. Cristiano Ronaldo abre o marcador com uma cabeçada. Respondem Pedro, Messi de pênalti e Xavi. Aos 85 minutos, quando o 3 a 1 parece o resultado final, um impressionante erro de Víctor Valdés permite a Di María descontar, o que deixa aberta a disputa. Tudo se decide em 29 de agosto, na volta, em Bernabéu. Aos 9 minutos, o Real já marcou o primeiro. Um passe longo de Pepe, Mascherano não chega e Higuaín liquida Valdés com um chute entre as pernas. O segundo chega dos pés de Cristiano Ronaldo. Outro erro defensivo do Barça, agora de Piqué, e outra vez Valdés vê desfilar a bola entre suas pernas. Messi, invisível até o momento, aparece antes do intervalo. Faz um gol de falta que inesperadamente reabre a partida. O Barça, que joga com um homem a menos por causa da expulsão de Adriano, não é o de sempre, parece mais frágil, duvida de seu jogo. Mas cria oportunidades. O Real sofre, mas se salva graças a Casillas e graças a um chute de Messi que passa muito perto. No fim, os merengues ganham o primeiro título da temporada. Passam-se pouco mais de quarenta dias e tudo recomeça. Outro clássico, desta vez pela Liga, no Camp Nou. Acontece cedo, mas já é crucial. A Liga está em jogo porque o Barça, nesta 7ª rodada, lidera a classificação com 8 pontos de vantagem sobre os merengues. *Special One* e os seus têm a imperiosa necessidade de diminuir distâncias. Uma derrota arruinaria o campeonato. Leo chega à partida com 10 gols em toda a temporada (6 na Liga, 2 na Champions e 2 na Supercopa), mas nos últimos três jogos não

marcou. Cristiano já está com 12, 8 deles nas últimas quatro partidas. Outro dado interessante, os 15 tentos da Pulga nos 21 clássicos que disputou. Está a três do recorde histórico de Di Stéfano. Com Tito Vilanova no banco, o argentino reforçou sua liderança, aumentou sua participação no jogo, melhorou sua leitura da partida, mostrando inteligência futebolística e capacidade de criar alternativas e novas jogadas com os companheiros. Aprendeu a se cuidar como ninguém, a dosar o esforço. E segundo comentam no vestiário está mais tranquilo, mais maduro, mais falante e mais líder. Continua com personalidade forte e demonstrou dando broncas em David Villa na partida contra o Granada por errar o chute e por não ter levantado a cabeça e cruzado a bola para o segundo pau. Mas agora sabe receber conselhos do clube tanto que até aparece na Barcelona TV para explicar seu desentendimento com Villa e para dizer que não é “um pequeno ditador” nem um fominha. A única coisa que o deixa bravo, como sempre, é perder. Não é o caso neste clássico de 7 de outubro de 2012. Messi, ao lado de Cristiano, protagoniza uma partida de bom futebol, apaixonante, de máxima intensidade, que não desaponta uma audiência de 400 milhões de telespectadores. Ambos, desta vez, são pontuais na frente do gol. O português vence Valdés aos 22 minutos com uma flechada bem perto da trave esquerda. O argentino responde aos 29. Pepe não consegue tirar um cruzamento de Pedro, a bola cai livre e o número 10 *blaugrana* não perdoa Casillas. No segundo tempo não é diferente. Xabi Alonso comete falta no limite da área sobre a Pulga, o árbitro prefere não expulsá-lo. Leo ajeita a bola. E de esquerda supera a barreira e crava a bola à esquerda do goleiro merengue. Passam-se cinco minutos e Cristiano Ronaldo silencia o Camp Nou. Passe de Özil, Cristiano se desmarca e define de primeira na saída de Valdés. “Messi e Cristiano Ronaldo demonstram com sua dobradinha de gols que são de outro planeta” é a manchete, no dia seguinte, do *Marca*. Um 2 a 2 que mantém a Liga viva.

Outubro termina para Messi com outro troféu individual para a estante de Castelldefels. No dia 29 recebe sua segunda Chuteira de Ouro como máximo goleador das Ligas europeias 2011-2012. Totalizou 100 pontos contra os 92 de Cristiano Ronaldo, segundo

colocado, e os 60 de Robin Van Persie, então atacante do Arsenal, em terceiro. Luis Suárez, Bola de Ouro 1960, entrega o prêmio na Antigua Fabrica Damm de Barcelona. Óscar Campillo, diretor do *Marca*, sobe ao palco, tira de uma caixa o “irmãozinho mais novo da Chuteira de Ouro”: um sapatinho e uma chupeta de ouro e oferece a Messi. É um presente para Thiago, o filho que Antonella e Leo esperam para os próximos dias.

São 17h14 de sexta-feira, 2 de novembro, quando no Hospital USP Dexeus, localizado nas imediações do Camp Nou, o pequeno Thiago nasce. María Sol, a irmã da Pulga, é a encarregada de dar a notícia ao mundo. Meia hora depois, em um tuíte, escreve: “Bem-vindo, Thiaguinhoooo!!”, Messi já é pai. Antonella Rocuzzo, acompanhada do jogador, ingressara na maternidade às nove da manhã. Uma suíte no sétimo andar completamente reservada à família Messi para a máxima intimidade e tranquilidade. Jorge, Celia, Matías, Rodrigo e María Sol tinham chegado às três e meia da tarde para acompanhar o casal. Leo fica ao lado de Antonella e assiste ao parto. Tudo transcorre com normalidade, o bebê e a mãe passam bem. Às 18h20, no Facebook, Leo escreve: “Hoje sou o homem mais feliz do mundo, nasceu meu filho, e obrigado meu Deus por este presente! Agradeço a minha família pelo apoio! Um abraço a todos!”.

Para dar apoio à sua mulher, cujo relacionamento já dura quatro anos, Leo faltou ao treinamento, mas no dia seguinte é titular na partida da Liga em casa contra o Celta. Uma partida que para o argentino tem uma motivação especial. Quer dedicar um gol a Thiago. Havia dito na fábrica Damm: “Farei algo especial quando marcar o primeiro, mas depois voltarei ao de sempre”. Mas, contra o Celta, por mais que tente o caminho do gol, fica na vontade. A chupeta que leva na meia esquerda permanece sem uso. “Tentamos ajudá-lo, como sempre, mas hoje de maneira especial; não deu”, lamentou Pedro. “Teria sido bonito para ele e para nós, mas terá uma nova oportunidade na quarta”, diz Iniesta. Na quarta, 7 de novembro, contra o Celtic de Glasgow, nos acréscimos, Leo marca o gol de honra do Barça e coloca o polegar na boca em homenagem a seu filho. Quando perguntam pela comemoração tão tímida,

responde: “O gol não servia para nada [O Barça foi derrotado dentro de casa por 2 x 1]. Restam muitas partidas para dedicar mais gols para ele”. Realmente. Contra o Mallorca, na Liga, no domingo, dia 11, ele tem chance e tempo para comemorar dois gols, a vitória como manda o figurino. E contra o Levante, no domingo, 25 de novembro, mostra uma munhequeira em que está escrito: “Te amo, Thiago”. Dá um beijo nela depois de cada gol que faz.

Em 5 de dezembro, quarta-feira: Benfica x Barcelona, última partida da fase de grupos da Champions League. Os *blaugranas*, primeiros do grupo G, já estão classificados às oitavas. É uma partida amistosa. A única coisa que está em jogo é o recorde de máximo goleador em um ano. Foi estabelecido por Gerd Müller em 1972 com 85 gols em todas as competições. Leo Messi está com 84. Pode ser seu dia. “Todo mundo fala do assunto, menos Messi”, explica Vilanova. O Barça pediu permissão à UEFA para parabenizar o argentino pelo painel eletrônico caso ele marque dois gols e supere o recorde. A UEFA nega, mas pede que o número 10 *blaugrana* dê entrevistas se alcançar os 86 tentos. Leo começa a partida no banco. Entra aos 12 minutos do segundo tempo para jogar meia hora e tentar superar a marca do atacante alemão. Algo que o técnico barcelonista nega, segundo ele já estava determinado que jogaria os últimos trinta minutos como parte do treinamento semanal. Aos 39 minutos, Leo, graças a um passe de Piqué, está sozinho na frente de Artur, o goleiro português. Tenta driblá-lo e não consegue, o goleiro acerta seu joelho. Messi finaliza a jogada, pegando na bola de rosca, e esta termina na mão de Artur. Cai no chão, leva a mão ao joelho, se contorce de dor e não se levanta. Sai de maca do gramado de um Camp Nou silencioso e angustiado. Todos estão preocupados. Companheiros, treinador, torcida. A última vez que Messi se machucou de forma grave foi em março de 2006 contra o Chelsea, quando rompeu o músculo bíceps da coxa direita. Uma lesão que o tirou de oito jogos, inclusive da final da Champions em Paris, contra o Arsenal. Existe o medo de que um incidente parecido se repita, mas as primeiras notícias são alentadoras. E o departamento médico do clube anuncia que o atacante sofreu uma contusão óssea no lado externo do joelho

esquerdo e adverte que só a evolução permitirá decidir quando estará em condições de voltar a jogar. Em uma palavra, tudo é só um grande susto. No dia seguinte, em uma coletiva de imprensa depois de um evento promocional da Turkish Airlines, Leo conta o que pensou naquele minuto. “Nesse momento, pensei no pior por causa da dor. Finalizei a jogada chutando porque pensei que seria a última bola em que ia tocar por muito tempo. Por sorte, foi só uma pancada.” Perguntam se no domingo estará em Sevilha contra o Betis. Não sabe, mas não parece muito preocupado com isso e com o fato de não alcançar o recorde de Müller: “Isso não é uma obsessão para mim, mas seria bonito porque há muitos anos que existe este recorde”.

Domingo, 9 de dezembro, Sevilha. Leo Messi joga, marca dois na vitória sobre o Betis e, com 86 gols em um ano, supera o recorde de Torpedo Müller. Não leva a bola. Não faz festa. Sai do campo como se não tivesse acontecido nada. E depois diz: “Obviamente é uma alegria, é um lindo recorde. Tentarei marcar mais alguns para deixá-lo um pouquinho mais difícil para os que vierem depois. Como muitas vezes disse, não é nada especial conseguir um recorde, é bonito pelo que significa, mas o mais importante é a vitória que permite aumentar as distâncias em relação às outras equipes”. E, a quem pergunta se estava nervoso antes da partida, responde assim: “Eram vocês que falavam do recorde, não era eu. Estava muito tranquilo, queria jogar depois do susto do outro dia. Por sorte, já quebrei o recorde, para que não se fale tanto disto e possamos nos concentrar no Córdoba, nosso próximo objetivo”. É tudo, o jogo continua.

Messi e Müller têm pouco em comum, tirando os gols. O alemão: 1,76m e 84 quilos, o argentino, 1,69m e 67 quilos. Leo, jogador total, Gerd, rei da área. O Torpedo, finalizador de um toque, Leo, jogador completo. Um jornal alemão, depois do recorde, procura Müller para promover um encontro com Messi. Mas o ex-matador do Bayern de Munique, que sofreu anos de depressão e alcoolismo, não está bem e recusa o convite. Porém, da Alemanha, declara: “Mantive o recorde por quarenta anos. Agora o melhor do mundo o quebrou. Compartilho a alegria com Leo Messi, é incrível,

um gigante do futebol e uma pessoa muito amável e reservada”. De Madri, a imprensa local diz e escreve que o recorde não é de Messi, é de Godfrey Chitalu. Um jogador nascido em 1947 em Luanshya, Rodésia do Norte, atual Zâmbia, e morto, tragicamente, em 27 de abril de 1993, em um acidente aéreo na costa atlântica do Gabão, que acabou com a vida de dezoito jogadores da seleção da Zâmbia, do presidente da federação e de três técnicos (entre eles Chitalu, o principal da seleção). Em 1972, no mesmo ano do recorde de Müller, Chitalu, com sua equipe, os Kabwe Warriors, entre a Liga, a Copa da Zâmbia, a Copa da África e as partidas jogadas com a seleção nacional, marcou 107 gols. A prova: uma foto do jogador africano que posa com a bola do recorde. A polêmica está armada, a federação da Zâmbia reivindica a marca para seu jogador. Do Brasil, o Flamengo afirma que Zico, em 1979, marcou 89 gols, e não falta quem diga que Pelé, em 1961, chegou a marcar 110. Da Argentina aparece o nome de Luis Artime, atacante argentino dos anos 60 e princípio dos 70, que brilhou com Independiente, River Plate e Nacional. Segundo Eduardo Gutierrez Cortina, especialista em estatísticas uruguaio, Artime em um só ano chegou a marcar 148 gols. Resultado das polêmicas: a FIFA não reconhece o recorde oficial nem para Chitalu, nem para Messi, nem para Zico, nem para Pelé, nem para Artime.

“Não importa... o recorde de Leo foi uma boa desculpa”, como escreve Santiago Solari, ex-jogador do River Plate, Atlético de Madrid, Real e Inter no *El País*, “para reviver velhas histórias e até para descobrir outras.” O certo é que a história do goleador Messi continua. Em 18 de dezembro, o FC Barcelona anuncia que chegou a um acordo para renovar o contrato de Messi. A Pulga, que tinha compromisso até 2016, renova até 2018, quando terá 31 anos. Seu salário, dizem, chegará aos 16 milhões de euros por ano.

Em 22 de dezembro de 2012, contra o Real Valladolid, Leo marca seu gol número 91 em 69 partidas: média de 1,32, a mais alta de todos os campeonatos do mundo. São 80 gols marcados com a canhoto, 8 com a perna direita e 3 de cabeça; desses, 14 de pênalti, 7 de falta. Marcou em todas as competições e com seus gols permitiu que o Barcelona somasse nada menos que 53 pontos.

Conseguiu superar ou igualar em um ano um recorde atrás do outro e ainda falta o mais importante.

Dia 7 de janeiro de 2013, Zurique. Leo Messi é o primeiro jogador da história do futebol a conseguir pela quarta vez a Bola de Ouro, prêmio que o reconhece como o melhor jogador do mundo. Supera as lendas Johan Cruyff, Marco van Basten e Michel Platini, que ganharam três vezes. O número 10 do Barcelona, com 41,6% dos votos, vence Cristiano Ronaldo (23,68%) e Iniesta (10,91%). Os 91 gols da Pulga pesaram mais do que o título da Liga e da Supercopa de Cristiano ou da Eurocopa conquistada por Andrés Iniesta com a seleção espanhola.

Faltam cinco minutos para as oito da noite quando Fabio Cannavaro, ganhador em 2006, abre o envelope. As câmeras focam os três finalistas. Cristiano Ronaldo, Iniesta e Messi, que desta vez chegou a Zurique acompanhado de seus irmãos e de seu pai. Antonella, seu filho Thiago, sua mãe, Celia, e sua irmã Marisol acompanham a festa pela televisão do sítio em Arroyo Seco, ao lado do Rio Paraná, em Rosário. Vestido com um nada discreto smoking preto com bolinhas brancas de Dolce & Gabbana que dará muito o que falar (a imprensa espanhola publicará a foto de Diego Armando Maradona, que no começo dos 90, em Sevilha, surpreendeu com um blazer e uma calça de bolinhas brancas), Leo espera o resultado. Um momento de suspense e o ex-capitão da Azzurra proclama: “Lion Messi”.

Andrés Iniesta se vira para cumprimentar e aplaudir seu companheiro enquanto Cristiano Ronaldo está incomodado. A Pulga se levanta e, entre aplausos, sobe ao palco, emocionado. Cannavaro entrega a Bola de Ouro; Joseph Blatter, presidente da FIFA o parabeniza. O número 10 coloca o troféu sobre o púlpito e começa o discurso. “Bom... Boa noite. A verdade... é que é incrível poder receber este prêmio outra vez. Poder conseguir o quarto e todos consecutivos é realmente impressionante. Quero dividir este prêmio e agradecer a meus companheiros do Barcelona e especialmente a Andrés. Para mim é um orgulho estar ao seu lado hoje e treinar e jogar todos os dias com você. Com meus companheiros da seleção argentina. Com as pessoas que votaram

em mim, tanto capitães quanto treinadores. Não sei... estou muito nervoso. Queria também agradecer a minha família, a meus amigos e, por fim, e muito especialmente, a minha mulher e a meu filho, que é o presente mais lindo que Deus me deu. Muito obrigado.”

A sala fica de pé para aplaudir o recordista. Depois de descer do palco, Leo diz: “Ainda não caiu a ficha. Estou muito feliz. Como disse, não saíam as palavras pela emoção e o nervosismo”. Admite que não sabia de nada: “Quando chegamos aqui, os três achávamos que íamos ganhar”. Confessa que votou em Iniesta, Xavi e Kun Agüero. “Podia ter votado em Cristiano Ronaldo, claro que sim, porque é um grande jogador, mas preferi votar em meus companheiros.” Em todo caso, concorda com o que Cristiano Ronaldo diz sobre a rivalidade. “Não competimos entre nós, isto é só futebol”, diz o português. “Tem razão, só tentamos fazer o melhor possível para que nossas equipes ganhem”, admite Leo. E continua agradecendo o prêmio e o divide com Tito Vilanova, o treinador que sofreu uma recaída de um tumor na glândula parótida da qual foi operado em novembro de 2011, e com Abidal, que superou um transplante de fígado. “Desejo que se recuperem o quanto antes. Foi um golpe duro e vê-los agora nos deixa muito felizes, é o maior prêmio que nos podem dar.” Messi fala de seu treinador e de seus companheiros enquanto treinadores e companheiros falam dele. Vicente del Bosque, o treinador da seleção espanhola, que, na mesma festa, foi eleito melhor treinador à frente de José Mourinho e Pep Guardiola, não tem nenhuma dúvida. “Messi é incrível e ponto final. Jogaria bem em qualquer lugar independente de quem estivesse a seu lado, é o dono da rua, o ‘que ganha todas’, como dizíamos antes. E eu”, acrescenta o técnico, “não sinto saudades do passado.” “Não há mais o que dizer, simplesmente aproveitar o futebol dele, esperar que se aposente em nossa equipe e que juntos possamos continuar ganhando muitos títulos para o Barcelona”, sustenta Piqué. “Se continuar assim”, prevê Iniesta, “ganhará também o do ano que vem.”

Messidependência

19 de maio de 2013

Chupeta na boca e o filho Thiago nos braços: é a fotografia de Messi no final da festa pela Liga. É domingo, 19 de maio de 2013, o Barça acaba de ganhar do Valladolid em uma partida sem importância e recebe a Taça da Liga 2012-13. O lugar já está meio vazio, pelo horário, pela chuva, pela televisão, porque já aconteceram muitas comemorações e um desfile na rua, na segunda-feira, 13 de maio, que reuniu mais de 500 mil torcedores no percurso por Barcelona. A 22a Liga *blaugrana* tem muito valor esportivo e simbólico. O Barça dominou o campeonato de cabo a rabo. Os *culés* são líderes desde 19 de agosto, na primeira rodada do campeonato, depois de golear a Real Sociedad por 5 a 1 (dois gols de Messi), e não abandonaram o primeiro lugar da classificação até serem proclamados matematicamente campeões faltando quatro rodadas para o final do torneio. Ninguém tinha conseguido se manter todo o campeonato no primeiro posto desde o próprio Barça da temporada 1984-1985 e o Real Madrid em 1987-1988. A equipe de Tito Vilanova não teve, em nenhum momento, rival. Desde o começo, o Real Madrid veio a reboque. Em 19 de setembro, na quarta rodada, graças à vitória contra o Getafe e à derrota em Sevilha dos merengues de Mourinho, o Barça já tem uma vantagem de oito pontos em relação aos madridistas. Uma diferença abismal frente a um Barça cheio de recordes: realiza o melhor desempenho da Liga com 13 vitórias e 1 empate em 14 rodadas; completa a melhor arrancada da competição da história: 18 vitórias e só um empate no Camp Nou, contra o Real; 55 de 57 pontos possíveis e, na última rodada, alcança os 100 pontos na classificação, igualando o recorde do Real na temporada 2011-2012. Frente à disparada do

Barça, José Mourinho, treinador do Real, dá a Liga por perdida já em dezembro. Não se equivoca porque, em 13 de janeiro de 2013, a desvantagem do Real Madrid, terceiro na tabela, é de 18 pontos, e a do Atlético de Madrid, segundo, é de 11 pontos. O Barça tem a Liga praticamente na mão. Mas bem em janeiro chega o momento mais difícil para os azul-grenás: no dia 19, a primeira derrota em San Sebastián contra a Real Sociedad. E Tito Vilanova vai para Nova York finalizar as sessões de rádio e quimioterapia contra seu câncer de garganta. Regressará ao banco *blaugrana* dia 2 de abril. Jordi Roura, seu assistente, se encarrega da equipe ou, como afirmam vários, o vestiário se autodirige. O segundo turno do campeonato traz tropeços frente à Real Sociedad, ao Valencia, Real Madrid, Celta e Athletic Bilbao. No final, serão 2 derrotas e 4 empates, 12 pontos perdidos e 37 gols tomados. Pouco importa, porque a gordura acumulada no primeiro turno garante ao Barça a liderança. Cantar o grito da vitória era somente questão de tempo. Será à meia-noite da quarta-feira, 11 de maio. No estádio de Cornellá, o Real Madrid empata com o Espanyol e entrega o título ao Barça. É a quarta Liga em cinco anos. Uma Liga com nomes e sobrenomes próprios: Tito Vilanova, Éric Abidal e, como não, Leo Messi. A intervenção de Tito foi decisiva. Seu dedo pôde ser notado, foi visível a diferença entre quando esteve no banco e quando teve que ir a Nova York. A vitória final foi também sua afirmação pessoal frente ao passado, à figura vencedora de Pep Guardiola e de um adversário tão incômodo quanto José Mourinho. Em 6 de abril de 2013, o Barça joga, em casa, contra o Mallorca. Quando faltam vinte minutos para o final, Éric Abidal entra em campo substituindo Gerard Piqué. Em 10 de abril de 2012, o defensor francês foi operado para ser submetido a um transplante de fígado devido a um tumor, 402 dias depois volta ao futebol, volta a jogar. Ganhou a partida mais importantes de sua vida. O Camp Nou o acolhe com uma ovação. Pena que, no final do campeonato, o clube decide não renovar seu contrato. Ele quer continuar jogando, os diretores só oferecem um cargo representativo. E chegamos a Leo Messi, que em 6 de fevereiro de 2013, assinou a renovação de seu contrato com o FC Barcelona até 30 de junho de 2018. A Pulga é um pai feliz

que, em março, no estádio Hernando Siles, na Bolívia, mostra sua tatuagem na batata da perna esquerda com as duas mãos e o nome de seu filho. E é um jogador feliz porque ganhou sua sexta Liga. Ninguém pode negar que sua contribuição não tenha sido decisiva. O número 10 marcou 46 gols em 32 partidas disputadas. Não chegou a superar seu recorde de gols da temporada 2011-2012 (50 gols) porque, lesionado, não pôde jogar as últimas três partidas do campeonato. Mas continuou colecionando uma infinidade de recordes. Em 27 de janeiro de 2013, Messi marca quatro gols contra o Osasuna e chega a 202 gols na Liga, tornando-se o jogador mais jovem a superar a barreira dos 200 gols. Telmo Zarra, dono do recorde desde 1951, quando anotou seu 200o gol com o Athletic Bilbao, tinha 29 anos e 352 dias. A Pulga é quatro anos mais jovem. O argentino será também o jogador mais jovem a alcançar, com a vitória na Liga, os 20 títulos com o Barça. Leo é o jogador que mais gols marcou no primeiro turno do Campeonato Espanhol (18). E com o gol no estádio de Balaídos contra o Celta de Vigo, no dia 30 de março de 2013, consegue fechar um turno completo marcando consecutivamente contra todas as equipes do campeonato. São 29 gols em 19 partidas seguidas. Números aos quais ninguém se havia aproximado em toda a história do campeonato espanhol. O recorde anterior era de Ronaldo Nazário, com 12 gols em 10 partidas com o Barça na temporada 1996/1997. “Um recorde surpreendente. Isso mostra como ele é grande”, comenta Roura depois da partida de Vigo. Leo, capitão pela primeira vez em um jogo oficial, minimiza como sempre: “Ao empatar não dou valor ao recorde”. “Não é meu objetivo quebrar recordes”, repete o azul-grená. No entanto, sua insaciável sede de gols não parece querer deixar recorde sem quebrar. Vai somando um atrás do outro: com 24 gols, bate o recorde de gols feitos em casa na história da Liga, um a mais do que conseguiu Cristiano Ronaldo na temporada 2011-2012. Supera o recorde de número de rodadas marcando em casa: 15 contra as 14 de Dani Güiza na temporada 2007/2008. Marca em 21 partidas consecutivas na Liga, recorde absoluto da história do futebol. Leo já superou o atacante polonês Teodor Peterek, que conseguiu marcar em 16 partidas consecutivas, entre os anos 1937 e 1938. E para

terminar iguala a conta com dois grandes: Alfredo Di Stéfano e Diego Armando Maradona. No dia 1o de abril, o 10 anota o gol de empate no Santiago Bernabéu e, com 18 gols, alcança Di Stéfano como máximo goleador dos clássicos entre Real Madrid e FC Barcelona. Em 5 de maio, contra o Betis, a Pulga marca seu gol número 345, igualando o número que Diego Armando Maradona marcou em toda a sua carreira. “Pelusa” marcou 345 gols em 679 partidas (311 com clubes em 588 partidas e 34 com a seleção argentina em 91 jogos). Leo marcou 345 gols em 457 partidas. Anotou 313 gols com o Barça em 378 encontros e 32 gols com a seleção argentina em 79 partidas.

Números incríveis. E já se comentam os próximos desafios, os poucos recordes que ainda é preciso bater. Mas vamos deixar de lado as conquistas pessoais e vamos ver a contribuição de Leo para a equipe. O argentino, com 60 gols na temporada (todas as competições incluídas), fez 40,5% dos gols do Barça. Uma estatística impressionante que marca a distância entre Messi e os demais atacantes. Nem Eto’o, nem Ronaldinho, nem Henry, nem Ibrahimović, tiveram um protagonismo parecido. Nem os colegas de Leo no ataque *blaugrana*: David Villa marcou no total 15 gols; Alexis Sánchez, 11; Cesc, 13; e Pedro, 10. Se a contribuição de seus companheiros de equipe diminuiu, a da Pulga aumentou progressiva e espetacularmente nos últimos anos: de uma porcentagem de gols de 24% na temporada 2008-2009 a 38,6% de 2011-2012, chegando a 40,5% na última. “Passamos da Barçadependência de Messi à Messidependência do Barça”, dizia a *El País* Evarist Murtra, amigo de Pep Guardiola, ex-diretor na época de Josep Lluís Núñez e Joan Laporta. Uma verdade, e não só pelos gols marcados. Se há algum tempo se dizia que o sucesso de Messi dependia em grande parte da contribuição de Xavi, de Iniesta, de Busquets, de Dani Alves e ele mesmo sempre repetia isso (“Minha sorte é ter caído neste Barça”), hoje o protagonismo absoluto do número 10 é claríssimo. Sua presença ou sua ausência em campo, sua boa ou má atuação, influenciam a partida, o resultado, os companheiros, os adversários e também a torcida. O exemplo mais chocante foi visto contra o Paris Saint-Germain, volta das quartas de final da Champions

League. Leo, no jogo de ida, no Parc des Princes, marca um gol como de costume e se machuca (bíceps femoral da perna direita), coisa que não acontecia há anos. No intervalo é substituído por Cesc. O Barça está ganhando por 1 a 0, mas na segunda etapa, com um Ibrahimović protagonista, a equipe de Carlo Ancelotti consegue o empate por 2 a 2. A volta parece muito complicada e a lesão de Messi (três semanas) coloca toda a nação azul-grená na expectativa. Na quarta-feira, 10 de abril, no Camp Nou, o argentino não é titular. Senta-se no banco e rói as unhas até que Vilanova o coloca em campo aos 62 minutos. O acordo era claro; se não fosse necessário, não entraria. A Pulga toca na bola treze vezes, dá dois bons passes, percorre 2.828 metros, acaba com o PSG, que até aquele momento vinha eliminando o Barça e abre a porta para a sexta semifinal consecutiva da Champions para os azul-grenás. No dia seguinte, a manchete de *El País* mostra: “Messi só precisa de uma perna”. E Ramón Besa escreve: “Há um jogador no mundo que só precisa entrar em campo para resolver a pior das partidas. Mesmo mancando é decisivo em rodadas tão exigentes como as da Champions. Já não restam dúvidas sobre a influência e o poder de Messi. O 10 eliminou o PSG e classificou o Barça, as duas coisas ao mesmo tempo, com uma jogada, um toque e um jogo de cintura, um passe e uma situação. Tudo ao redor dele é único, também sua atuação ontem, seletiva e dissuasiva. Imperiais durante uma hora, os franceses se renderam assim que viram Messi. Abatidos e desnorteados, desagrupados, os azul-grenás se sentiram invencíveis na meia hora com o 10”.

Exagero de um jornalista? Não, os companheiros da Pulga pensam o mesmo: “Com Leo, tudo mudou”, diz Iniesta. “É o número 1 e, só com sua presença, a partida virou do avesso”, acrescenta Pedro, o autor do gol; “Entrou Leo e se assustaram”, resume Piqué. “Ele tem este poder. Com sua presença muda o ânimo da partida”, conclui Dani Alves.

Não é a primeira nem será a última vez que o número 10 “muda o ânimo da partida”. Só é preciso lembrar, ainda na Champions, a mudança nas oitavas contra o AC Milan. Para o Barça e para Leo é um momento muito difícil. Em San Siro foi um fiasco

total. O time azul-grená foi absolutamente previsível e incapaz de superar a defesa dos *rossoneri*, sofrendo uma dura derrota (2 a 0). E Messi não pôde com Abbiati, o goleiro adversário. Parecia não estar na partida. Sete dias depois, 26 de fevereiro, um Real Madrid imperial, com um Cristiano Ronaldo à frente das ações, muito mais eficiente que a Pulga, destroça o Barça no Camp Nou (3 a 1) e o elimina da final da Copa do Rei. Outra vez Messi está ausente. Em 2 de março, a história se repete. Na Liga. Pela primeira vez desde a temporada 2007-2008, o Real Madrid ganha no Bernabéu dos *blaugranas* por 2 a 1. Leo marca o gol do empate parcial, alcança o recorde de Di Stéfano, mas o fato histórico passa a um segundo plano. O que está acontecendo com o Barça? O que está acontecendo com Leo? É o que se perguntam na Argentina e na Espanha. Marcelo Sottile, do jornal *Olé*, afirma que: “O Barcelona parece uma equipe deprimida. Hoje podemos ver mais de onze rostos que têm pouco ânimo, poucos momentos de lucidez individual, pouco recurso tático do banco, e até pouco condicionamento físico – produto das pernas ou da cabeça triste – para mudar o ritmo e superar as estratégias do Milan e do Real, que ganharam com justiça e muito futebol. Leo caiu por essas carências, por seu próprio blecaute, por não conseguir romper seu próprio molde, mas também por não ter um conjunto que o ajude a jogar. Hoje, sozinho, não consegue”. Fala-se de um Barcelona como alma penada no campo e de um Messi apagado, triste, bravo, isolado e completamente desconectado de uma equipe que já não é o que foi. Tanto que, como sempre nestes casos, já se começa a discutir o fim de um ciclo. O fim de uma equipe que conquistou, com a beleza de seu jogo, o mundo. Por isso, a partida de 12 de março contra o Milan, pela volta das oitavas de final da Liga dos Campeões, é anunciada como uma data fundamental para medir o estado de Leo e dos *blaugranas*. A palavra-chave é “superação”. “A esta geração ainda falta uma virada histórica e épica. Esta equipe nos últimos 4-5 anos não conseguiu, mas teremos que fazer. Vamos tentar, sabendo da dificuldade e com um 2 a 0 que foi o pior que se pode levar para casa”, diz Xavi Hernández, convencido de que no Camp Nou será outra história. Bom profeta em sua terra, o meio-campista do Barça.

Sim, porque desta vez chega a virada. Leo acorda e, com dois gols em trinta minutos, empata a conta. Villa e Jordi Alba concluem a façanha: 4 a 0 e sinal verde para as quartas de final. Não, desta vez não aconteceu o mesmo que contra a Inter de Mourinho na semifinal da Champions ou contra o Chelsea em 2012. Mérito do número 10 que a imprensa italiana define como extraordinário, monstruoso, de outro mundo. E compara seu primeiro gol no meio de cinco adversários ao de Maradona contra a Grécia no Mundial dos Estados Unidos de 1994. Um chute de esquerda contra o gol de Abbiati, que nem conseguiu reagir. Sem falar da imprensa catalã. O *Mundo Deportivo*, brincando com a escolha do novo papa Francisco, argentino de Buenos Aires, coloca a manchete: “*Habemus papam. Messi é o papa*”. Tudo parece voltar a seu lugar ou como escreve *La Repubblica*, “os extraterrestres do Barça regressaram”. Mas ninguém pode prever o azar daquele 2 de abril, quando Leo, em Paris, se machuca. Daquele momento em diante, para a Pulga e para o Barça, começa um calvário. O argentino não disputa dois jogos da Liga, mas demora 32 minutos e 47 segundos para nocautear o PSG. Os médicos do clube, depois dos exames do dia seguinte, asseguram que a lesão do bíceps femoral da perna direita não sofreu nenhuma variação. Assim, “continuará o cronograma de recuperação que o departamento médico estabeleceu”. Não jogará na Liga nem contra o Zaragoza, nem contra o Levante. “Espero chegar às semifinais”, confessa o argentino, para grande alívio da equipe e da torcida. Porque, nas semifinais, o Barça vai ter que enfrentar o mais difícil: o Bayern de Munique. Uma equipe muito segura, muito forte, com grandes qualidades individuais e coletivas. Bayern e Barcelona foram os protagonistas das últimas quatro edições da Champions. Duas finais, cada time com resultados opostos: o Barça ganhou as duas (2009 e 2011) e o Bayern perdeu as duas (2010 contra a Inter e 2012 contra o Chelsea). A última vez que alemães e catalães se enfrentaram (2009, nas quartas de final da Champions) não houve problemas: 4 a 0 no Camp Nou e 1 a 1 em Munique. Mas, desde aquele dia, muita água correu debaixo da ponte. E agora o Bayern, que atualmente é treinado por Pep Guardiola, é a equipe da moda na Europa. Evoluiu em seu jogo, tem

uma equipe poderosa, capaz de variar sua tática de acordo com o adversário, conta com figuras de primeiro nível como Robben, Ribéry, Mario Gómez ou Müller, e demonstrou na Bundesliga, com recorde de gols e de pontos, seu poder. Desta vez, parte como favorito para as semifinais, porque o Barça, fora de casa, contra o Milan e o PSG, revelou fragilidade defensiva, pouca agressividade, um jogo coletivo estéril, sem a habitual velocidade e alegria. Além disso, a equipe parece não estar em forma, parece ter perdido o brilho da primeira parte da temporada e tem sérias dúvidas sobre seus homens-chave. A maior, Messi. Todos estão na espera do argentino que já está há doze dias sem jogar. Ninguém sabe com exatidão como está. Na terça-feira, 23 de abril, na Allianz Arena, em Munique, Leo é titular de Tito Vilanova. Entra em campo, mas praticamente não joga. As estatísticas da partida dizem que chutou uma vez ao gol, que realizou 57 passes, tocou na bola 76 vezes em toda a partida: os piores números de toda a temporada. Tentou driblar 11 vezes, só conseguiu em duas ocasiões. E não são só as estatísticas que retratam a pior partida de Leo na Champions, é a sensação de qualquer amante do futebol que viu o confronto. O artilheiro das últimas quatro edições da Champions só vê o jogo. Nada mais. Messi não é Messi ou o Bayern não permite que seja. Passa por cima de todo o Barcelona: um 4 a 0, placar final, sem perdão. Um resultado que para os azul-grenás fecha as portas da final de Wembley e faz a torcida se lembrar de uma das piores derrotas da equipe: a final da Champions de 1994, em Atenas, contra o Milan. Perguntam a Dani Alves na saída sobre a Messidependência do Barça, e ele, bravo, responde: “É sempre a mesma coisa. Quando perdemos se fala disso. Não é questão de que Messi tenha jogado melhor ou pior, ou que seja mais ou menos decisivo. Perdemos todos. Leo é o melhor do mundo e, evidentemente, é decisivo para nós, mas isto não é novo. Sempre foi assim”. Também Jordi Roura sai em defesa do argentino: “Leo”, diz o porta-voz da comissão técnica, “fez um esforço muito grande para conseguir estar aqui, fez o que pôde.” Pouco ou nada, tanto que a polêmica continua no dia seguinte.

Leo estava em condições de jogar? Muitos se perguntam. Jorge, seu pai, diz que ele estava bem, que os exames médicos tinham saído bem. De acordo com os médicos, o número 10 podia jogar, mas foi evidente que não jogou como sabia. Restam a partida de volta e uma “virada”... desta vez impossível. Começam as discussões sobre uma equipe que precisa mudar, precisa se renovar para continuar no topo do futebol mundial. Leo se cuida com a esperança de conseguir realizar o impossível milagre. Reaparece um pouquinho no sábado, 27 de abril, contra o Athletic Bilbao na Catedral. Entra aos 59 minutos no lugar de Xavi e muda a partida. Faz um golaço e dá a Alexis a assistência para o segundo gol do Barça. Mas aos 90 minutos os Leones empatam e o grito de campeão precisa ser adiado. Em todo caso, parece que Messi se sentiu bem, que se reencontrou com sua melhor forma física. Em uma palavra, que pode estar no Camp Nou em 1o de maio, Dia do Trabalho, volta das semifinais da Liga dos Campeões contra o Bayern de Munique. E parece que o 10 está entusiasmado com a ideia de entrar em campo. Na rede social chinesa Weibo, escreve uma mensagem otimista: “Me preparando para a superação”. Dá como certa sua presença. Tanto que na véspera Piqué sentencia: “Que Messi jogue muito”. Se há uma possibilidade de superar um resultado tão ruim é com uma grande atuação do número 10. Uma hora antes da partida, o balde de água fria. Chega a notícia que deixa o Camp Nou emocionado, mexe com os companheiros e surpreende os adversários: Messi não vai jogar. Vai ficar no banco. “Foi um alívio saber que não ia jogar”, confessará Javi Martínez, meio de campo dos alemães. “Sem Messi é outra coisa. É fundamental para o Barça”, reconhecerá Jupp Heynckes, treinador dos bávaros. E sem Leo os azul-grenás levantam a bandeira branca, levam 3 a 0. Mas o que aconteceu com o argentino? “Da forma como estava, havia risco de que se machucasse. E ele, que não se sentia à vontade, achava que assim não poderia ajudar a equipe”, explica Tito Vilanova. “Ele me disse que não estava se sentindo bem depois da partida em Bilbao. Não se encontrava bem. Tentou, mas não estava pronto para jogar”, diz Alves. “Tito o colocou no banco” caso as coisas estivessem equilibradas e

“necessitássemos arriscar com ele, mas no final não havia nenhum sentido em arriscar depois do gol de Robben”, confessa Vilanova. A Champions tinha acabado nas semifinais com um total de 7 a 0 em duas partidas. Uma diferença abismal, histórica, inesperada até pouco tempo. Uma eliminação vergonhosa, diz a imprensa. Uma derrota que obriga o clube catalão a tomar decisões e discutir o futuro da equipe. Enquanto isso, é preciso resolver o quanto antes o assunto pendente da Liga. No dia 5 de maio, no Camp Nou, chega o Betis. Aos 54 minutos, o verde e branco ganha por 2 a 1. O Barça não consegue fazer um gol, dar a volta no marcador. O estádio fica mudo e a história parece que vai terminar mal. Até que Messi levanta a cabeça do banco e começa a se aquecer ao lado do campo. Naquele mesmo momento, muda completamente o ânimo da torcida, o estado emocional da equipe e o resultado. Villa empata, Messi enfia dois e fica bravo porque o goleiro adversário, na última jogada, impede o terceiro. Outra mostra prática da voracidade monumental do argentino e da Messidependência do Barça. Uma semana depois, 12 de maio, no Vicente Calderón, o Atlético de Madrid faz o corredor ao campeão da Liga. Leo volta a ser titular dezanove dias depois da última vez, em Munique, e, pouco depois de cumprida uma hora de partida, se retira de campo sem pedir ajuda médica, sem falar nada, deixando sua equipe com 10, as três substituições já realizadas e um placar em desvantagem. Vai diretamente aos vestiários. Só quando volta, já de moletom, é que troca duas palavras com o pessoal do banco.

“Leo se retirou porque sentia dores na zona lesionada há várias semanas”, esclarece Vilanova na sala de imprensa. “Voltou a se sentir estranho, amanhã serão feitos exames e veremos se vai ficar sem jogar dias ou semanas.” E diante de tantas perguntas sobre uma lesão um pouco misteriosa, que desde o dia 2 de abril só permitiu ao argentino jogar de forma irregular, explica: “Embora possa parecer difícil entender como administramos a lesão de Leo, não é fácil. O que acontece é que nunca chegou a se sentir totalmente bem e o colocamos em campo ou não, em função de como se encontrava. Antes da partida estava bem e veio treinando com normalidade durante a semana. Também não tinha dores

enquanto jogava até que voltou a senti-las. Já se sabe que as lesões musculares não avisam”. Os 67 minutos contra o Atlético de Madrid foram os últimos que Leo disputou na temporada 2012-2013. Dedicar-se à recuperação e aos compromissos publicitários. Na sexta, 31 de maio, bem no dia anterior à última partida da Liga entre Barça e Mallorca, voa para Buenos Aires. Precisa se unir à concentração da seleção azul e branca para as partidas classificatórias ao Mundial 2014. Antes, deu as boas-vindas à chegada de Neymar ao Barça. “Seria um acréscimo maravilhoso”, diz a Pulga em uma entrevista ao *Qatar Alkass*, quando ainda a contratação do jogador do Santos não estava finalizada. “É um jogador”, acrescenta, “que contribui com soluções individuais muito diferentes.” E já se discute se o brasileiro vai se encaixar com Messi, se os dois craques são compatíveis ou não, se dois galos em um galinheiro é muito, se um brasileiro e um argentino podem se dar bem, se Messi será o rei e Neymar o príncipe ou quantos gols fará a dupla que pode ser a mais letal do futebol.

Barcelona

Vinte e seis anos é muito pouco. O passado está virando a esquina, o futuro ainda está longe. É cedo para fazer um balanço e torna-se difícil olhar para os dias que virão. Mas sempre se pode tentar. Leo Messi está de acordo.

Sentado em uma escrivaninha de um salão no Camp Nou, quase parece um colegial que se dispõe a fazer a lição na aula. Um celular colocado sobre a mesa é sua única ajuda.

Começamos.

– *Os momentos mais duros que viveu.*

– A mudança de país da Argentina para a Espanha. Deixei minha cidade, meus amigos, minha gente. Os primeiros meses aqui foram muito difíceis. Houve momentos em que estávamos meu pai e eu em Barcelona e o resto da família em Rosário. Sofríamos. Sentia saudades de Matías, Rodrigo, minha irmã, minha mãe. Chorava sozinho, na minha casa, para que meu pai não me visse.

– *Os momentos mais felizes.*

– O nascimento do meu filho.

– *E profissionalmente?*

– Os títulos que ganhei com o Barcelona e com a seleção argentina.

– *E as Bolas de Ouro?*

– Receber uma Bola de Ouro já foi incrível, imagine quatro, e ainda por cima consecutivas. Os prêmios individuais alegram as pessoas que gostam de mim, compensam os sacrifícios que minha família fez. Mas os títulos deixam felizes uma cidade, uma nação, são muito mais importantes. É incrível, incomparável.

– *Mas agora você é o rei do mundo...*

– Não, não sou. Sou o mesmo de sempre e tenho a sorte de estar em uma grande equipe.

– *Imaginava que aconteceria tudo que passou nos últimos anos?*

– Nunca imaginei tudo isto. Nem nos melhores sonhos pensei que as coisas dariam tão certo.

– *Voltemos ao passado: qual é a primeira boa lembrança futebolística?*

– No começo, estava em Grandoli, jogávamos na Liga Afi contra o Amanecer. Diziam que eram os melhores, os campeões. Na torcida estava toda minha família. E eu marquei quatro gols, um muito bonito.

– *Por que você gosta tanto da bola?*

– Não sei. Comecei a gostar quanto era muito novo, como todos os meninos, e ainda me divirto muito jogando com ela. A bola, jogar futebol, para mim isso é o mais lindo que existe. E antes da chegada do meu filho era o mais importante. Mas continuo sentindo prazer com esse esporte.

– *Como adquiriu essa confiança com a bola, como aprendeu todos esses malabarismos que sabe fazer?*

– Estando todo o tempo com a bola. Quando era menino, ficava sozinho em uma esquina e ficava jogando. Mas não ensaio jogadas. Não invento dribles, nem nada. Jogo como sai. Não penso.

– *Quem foi determinante em seu amor pela bola?*

– Minha avó me levou ao campo a primeira vez. Era uma pessoa muito importante, muito especial para todos nós. Era muito boa. Lembro que os domingos em sua casa eram uma festa. Meu irmão Rodrigo e meu primo foram um exemplo. E também meu pai me apoiou muito.

– *Foi difícil chegar a ser o que você é hoje?*

– Todos os meninos querem ser jogadores de futebol, mas para conseguir é preciso trabalhar e fazer muitos sacrifícios. E é

preciso enfrentar etapas muito duras, como quando decidi ficar em Barcelona... Foi minha decisão. Ninguém me obrigou. Meus pais me perguntaram muitas vezes o que eu queria fazer. Eu queria ficar na Masía porque sabia que era minha oportunidade de ser jogador de futebol. Eu, quando era novo, era muito responsável.

– *Os problemas de crescimento, a baixa altura, como afetaram seu desenvolvimento?*

– Era um menino, não me dava realmente conta do que estava acontecendo comigo, além da injeção nas pernas todas as noites. Mas por ser menor, aprendi a controlar melhor a bola no chão, a ser mais ágil e mais rápido que os grandes para conservá-la no campo.

– *De que partidas de sua carreira guarda uma melhor lembrança?*

– Aquela contra o Chelsea na Liga dos Campeões em 2006, o clássico contra o Real Madrid no qual marquei três gols e, claro, a final do Mundial sub-20 e a semifinal em Pequim, contra o Brasil.

– *Os gols mais bonitos?*

– Se tivesse que escolher um gol, ficaria com o de Roma, com o de Wembley e com o gol contra o Estudiantes.

– *E o gol contra o Getafe?*

– Verdade, aquele também foi muito bonito.

– *O do Getafe é o mais bonito que marcou em sua carreira?*

– Sim, pode ser, mas tem uns outros quando era menino, tinha uns dez ou onze anos e jogava no Newell's, que se parecem muito com aquele. Temos em casa, gravado em vídeo.

– *Mais ou menos nessa idade, quando perguntavam qual era seu jogador preferido, você respondia: "Meu irmão Rodrigo e meu primo Maxi". Nunca teve um ídolo?*

– Não, nunca tive um jogador favorito, um ídolo. Quando fui ficando mais velho comecei a gostar do Aimar, admirava seu estilo

de jogo. Quando joguei contra ele no Valencia, no final pedi sua camiseta.

– *E Maradona?*

– É o maior.

– *Você o viu jogar em sua fase em Rosário com o Newell's?*

– Eu era muito pequeno, tinha seis anos. Fui a uma partida no dia em que Maradona estreou. Mas não me lembro.

– *É verdade que seu pai comprou uma fita de vídeo com as melhores jogadas de Maradona?*

– Vi muitas vezes os gols de Diego, mas não me lembro quem me deu o vídeo.

– *O que você acha quando todos o comparam com Maradona e afirmam que é o sucessor dele?*

– Me dá muita alegria, é um orgulho, é maravilhoso ser comparado com o maior. Mas não gosto das comparações, faço meu trabalho... Quando encerrada a carreira já se verá.

– *Que conselhos deu Maradona?*

– Me disse para continuar assim, para me divertir com o futebol e para me cuidar muito, porque é uma carreira curta e se alguém quiser crescer nela e realizar o máximo possível, deve estar sempre bem.

– *Todos, de Maradona a Perfumo, falam do seu jogo... como você o define? Embora esta seja uma pergunta que detesta, faça um esforço.*

– É complicado falar de si mesmo, melhor que os outros falem. O que posso dizer? Que gosto de estar atrás dos atacantes, criar chances, procurar o gol o máximo que puder.

– *Sua melhor qualidade?*

– Talvez a mudança de ritmo.

– *Outra pergunta chata: a tensão. Parece estranho que quase não sinta.*

– Quando entro em campo não me interessa a equipe rival, nem contra quem joga. Tento fazer as coisas bem, desfrutar e contribuir para minha equipe.

– *FC Barcelona.*

– Há treze anos que estou aqui. Me sinto feliz. Apostaram em mim quando eu tinha treze, queria chegar à equipe principal e consegui. Quero continuar ganhando muitos títulos com esta equipe. Mas não me esqueço nunca de que sou mais um, sem a ajuda de meus companheiros não posso fazer nada.

– *Seleção argentina.*

– Vestir a camiseta da seleção é algo grandioso. Embora viva a milhares de quilômetros, gostaria de estar em todas as convocações e dar muita alegria às pessoas.

– *Uma questão em aberto: gostaria de jogar na Argentina?*

– Gostaria de desfrutar jogando em um clube do meu país. Mas ainda falta muito...

Toca o celular.

Pausa.

Do lado de fora está um dia incrível. Céu aberto e uma temperatura quase de verão, embora o calendário lembre que ainda é inverno. O verde da grama resplandece. À beira do campo, os turistas dão uma parada na visita ao estádio para tirar uma foto perto das figuras de papelão de seus ídolos, em tamanho natural. Chega um casal de japoneses. Escolhem Messi e a mulher está muito feliz porque são da mesma altura, pode abraçá-lo. Aparece um grupo de estudantes que correm como loucos ao redor de seus personagens favoritos. As fotógrafas, que não são suficientes, confirmam que Messi é o mais requisitado.

Dentro, a ligação terminou. Podemos retomar a conversa.

– *A propósito, como lida com o fato de ser famoso?*

– Normal. Não penso nisso. Penso em continuar jogando, é o que mais gosto. Levo a mesma vida de sempre. O único problema é

que, se quero sair com a família em Rosário, não posso.

– *Não se cansa de que o parem na rua, que as pessoas peçam autógrafa, fotografias, beijos...?*

– Não. Há gente que passa horas me esperando para tirar uma foto comigo. É justo atendê-las.

– *É verdade, como dizem alguns que o conhecem bem, que a fama não subiu a sua cabeça?*

– É verdade. Tenho os pés no chão e não esqueço nunca de onde venho.

– *E o dinheiro, não mudou a vida?*

– Continua sendo a mesma de sempre. Não somos de ficar gastando dinheiro em coisas de luxo.

– *Gosta da publicidade?*

– Acho divertido, gosto de fazer.

– *Vamos mudar de assunto, vamos falar de seus primeiros professores.*

– Aprendi muito com Guillermo Hoyos [seu treinador no Juvenil B], foi muito importante para mim. Fez tudo para que eu pudesse subir de categoria.

– *E seus professores na vida?*

– Minha família, meu pai, meu irmão Rodrigo me aconselharam sempre e ajudaram em tudo que foi possível.

– *Como é a relação com seu pai?*

– Muito boa. Aqui passamos muito tempo juntos. Somos amigos, embora tenhamos nossas diferenças. Algumas vezes, ele fica nervoso por besteiras, começa a se sentir incomodado e eu fico com raiva...

– *Discutem sobre contratos e investimentos?*

– Ele sempre me consulta, mas administra tudo. Eu jogo futebol.

– *E sobre futebol, o que seu pai opina?*

– Desde que era pequeno, depois da partida, me diz “jogou bem ou mal”, mas no resto não se mete...

– *Do que mais gosta na vida além do futebol?*

– Estar com a minha família e meus amigos.

– *Tente se imaginar daqui a quinze ou vinte anos. Como se vê?*

– Vivendo em Rosário com a minha família... sempre ao lado da minha família.

– *A família é tudo para você.*

– Devo muito a meus pais e a meus irmãos. Se eles estiverem bem, eu também estarei.

– *Vamos fazer um teste: algumas das perguntas que La Capital fez quando tinha treze anos. Vejamos como mudou. Um livro.*

– O do Maradona (*Yo soy el Diego*), comecei mas nunca terminei. Não gosto muito de ler...

– *Há oito anos você falou a Bíblia. É religioso?*

– Não sou praticante, mas acredito em Deus.

– *É supersticioso?*

– Não.

– *Um disco.*

– A cúmbia estilo argentina, mas não sei dizer qual grupo.

– *Um filme.*

– *O filho da noiva* e *Nove rainhas*. Ricardo Darín é meu ator favorito. Minha avó se parecia muito com a protagonista de *O filho da noiva*, fazia coisas muito parecidas e também teve Alzheimer.

– *Uma meta.*

– Ganhar ainda mais títulos.

– *Você gosta muito de ganhar.*
– Quando ganha, a gente fica feliz, quando perde está sempre mal e passa o tempo pensando onde e como falhou.

– *Um sonho.*

– Ser campeão do mundo com a Argentina.

De novo o telefone: Jorge, o pai.

Estão esperando por ele em casa para jantar. Toda a família veio de Rosário: Celia, María Sol e os tios, Claudio e Marcela.

Calça de moletom e casaco branco com capuz, tênis, Leo Messi caminha pelos corredores do estádio até o elevador que leva ao estacionamento. Um último aceno e para casa, com sua família.

Que terão preparado de gostoso, hoje, Celia e a tia Marcela?

A carreira em números

Nome: Lionel Andrés Messi
Apelidos: Leo, Lio, La Pulga, Messias
Data de nascimento: 24 de junho de 1987
Lugar: Rosário, Santa Fé, Argentina
Nacionalidade: Argentina e Espanhola
Pais: Jorge e Celia
Irmãos: Rodrigo e Matías
Irmã: María Sol
Esposa: Antonella Rocuzzo
Filho: Thiago
Posição: atacante
Número: 10
Altura: 1,69m
Peso: 67 quilos

Equipes:

Grandoli (1992-1994)
Club Atlético Newell's Old Boys (1994-2000)
FC Barcelona (2001- atual)

FC Barcelona

Estreia com a equipe principal: 16/11/2003, amistoso contra o Porto

Estreia na Liga: 16/10/2004, contra o RCD Espanyol

Primeiro gol: 1/5/2005, contra o Albacete

Partidas disputadas (até 1o de junho de 2013):

Liga: 247 – Gols: 215

Copa do Rei: 38 – Gols: 24

Champions League: 79 – Gols: 59

Supercopa da Espanha: 9 – Gols: 10

Supercopa da Europa: 3 – Gols: 1

Mundial de Clubes: 4 – Gols: 4

Total

Partidas disputadas: 380 – Gols: 313

Seleção Argentina

Estreia com a seleção principal: 17/8/2005, contra a Hungria

Primeiro gol: 1/3/2006, contra a Croácia

Partidas disputadas: 79 – Gols: 32 (até 1o de junho de 2013)

Torneios jogados:

Mundial sub-20, 2005

Copa do Mundo, 2006, 2010

Copa América, 2007, 2011

Jogos Olímpicos de Pequim, 2008

Títulos com clubes:

FC Barcelona

2012-2013 Liga

2011-2012 Copa do Rei

2010-2011 Mundial de Clubes FIFA

2010-2011 Liga dos Campeões

2010-2011 Liga

2010-2011 Supercopa da Europa

2010-2011 Supercopa da Espanha

2009-2010 Mundial de Clubes FIFA

2009-2010 Supercopa da Europa

2009-2010 Supercopa da Espanha

2009-2010 Liga

2008-2009 Liga dos Campeões

2008-2009 Liga

2008-2009 Copa do Rei

2006-2007 Supercopa da Espanha

2005-2006 Liga dos Campeões

2005-2006 Liga

2005-2006 Supercopa da Espanha

2004-2005 Liga

Títulos com a Seleção Argentina

2008 Medalha de Ouro, Jogos Olímpicos de Pequim

2004-2005 Mundial sub-20

Títulos individuais

2012 Bola de Ouro

2012 Chuteira de Ouro

2011 Bola de Ouro

2010 Bola de Ouro

2010 Chuteira de Ouro

2009 FIFA World Player

2009 Bola de Ouro

2009 Onze d'Or

2008-2009 Troféu Alfredo Di Stéfano

2008-2009 Melhor jogador Liga dos Campeões

2008-2009 Melhor atacante Liga dos Campeões

2008-2009 LFP para melhor jogador da Liga

2008-2009 LFP para melhor atacante da Liga

2008 Bola de Prata

2008 2o no FIFA World Player

2007 Bola de Bronze

2007 2o no FIFA World Player

2007 Troféu Bravo

2007 Revelação da Copa América

2005 Bola de Ouro Mundial sub-20

2005 Chuteira de Ouro Mundial sub-20

2005 Golden Boy

FIFPro ao melhor jogador jovem do mundo 2005-2006, 2006-

2007



Messi, na primeira fila, o segundo da esquerda para a direita, com seu primeiro time, o Grandoli. Seu pai, Jorge Messi, está ao fundo, de jaqueta verde.
(Cortesia da família Messi)



No confronto Argentina x Holanda, Andre Ooijer tenta deter Messi durante jogo do grupo C na Copa do Mundo na Alemanha.
21/6/06, estádio Commerzbank-Arena, Frankfurt, Alemanha.
(Mike Hewitt/Getty Images)



Messi dribla quatro jogadores do Getafe antes de marcar gol histórico durante o jogo entre o FC Barcelona e o Getafe na Copa do Rei.
18/4/07, estádio Camp Nou, Barcelona, Espanha
(Bagu Blanco/Getty Images)



Messi deixa para trás o brasileiro Lucas durante a semifinal masculina dos Jogos Olímpicos entre Argentina e Brasil.
19/8/08, estádio Workers, Olimpíada de Pequim, China.
(Bob Thomas/Getty Images)



E comemora a medalha de ouro durante a premiação dos Jogos Olímpicos de Pequim.
23/8/08, Olimpíada de Pequim, China.
(Stu Forster/Getty Images)



O goleiro Edwin van der Sar e Rio Ferdinand apenas assistem ao gol de cabeça de Messi durante a final da Champions League.
27/5/09, estádio Olimpici, Roma, Itália.
(Filippo Monteforte/AFP/Getty Images)



Abrço de Maradona depois da derrota por 4 x 0 para a Alemanha nas quartas de final da Copa do Mundo na África.
3/7/10, estádio Green Point, Cidade do Cabo, África do Sul.
(Javier Soriano/AFP/Getty Images)



Messi comemora após fazer gol no amistoso contra o Brasil.
17/11/10, estádio Khalifa, Doha, Qatar.
(Mohammed Dabbous/ REUTERS)



Sem chances para o goleiro Iker Casillas, do Real Madrid, Messi deixa Cristiano Ronaldo para trás e marca durante a Supercopa da Espanha. 17/8/11, estádio Camp Nou, Barcelona, Espanha. (Gustau Nacarin/REUTERS)



Messi levanta a taça da Champions League após vitória contra o Manchester United.

28/5/11, estádio Wembley, Londres, Inglaterra.
(Darren Staples/ REUTERS)



Com seus quatro consecutivos troféus da Bola de Ouro da FIFA e segurando a adizero F50 Messi durante visita à galeria Adidas.

6/3/13, Barcelona, Espanha.
(David Ramos/Getty Images for Adidas)



Neymar e Messi, respectivamente com os filhos Davi Lucca e Thiago no colo, no jogo da Liga contra o Real Sociedad de Fútbol.
24/9/13, estádio Camp Nou, Barcelona, Espanha.
(David Ramos/Getty Images)

Bibliografía

Livros

Apo, Alejandro. *Y el fútbol contó un cuento*. Buenos Aires: Alfaguara, 2007.

Beha, Oliviero; Di Caro, Andrea. *Indagine sul calcio*. Milão: Bur, 2006.

Brera, Gianni. *Incontri e invettive*. Milão: Longanesi, 1974.

Finestres, Jordi; Luque, Xavier. *El caso Di Stéfano*, Barcelona: Península, 2006.

Fontanarrosa, Roberto. *Puro fútbol*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2000.

Frieros, Toni. *Leo Messi, el tesoro del Barça*. Barcelona: Edecasa, 2006.

Galdeano, Arnau. *Estimat Messi*. Barcelona: Empúries, 2007.

Galeano, Eduardo. *El fútbol a sol y sombra*. Madri: Siglo XXI de España Editores, 1995.

Grosso, Cristian. *Futbolistas con historia(s)*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2007.

Hugo, Víctor; Perfumo, Roberto. *Hablemos de fútbol*. Buenos Aires: Planeta, 2006.

Maradona, Diego Armando. *Yo soy el Diego*. Barcelona: Planeta, 2001.

Sebreli, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

Toro, Carlos. *Anécdotas del fútbol*. Madri: La Esfera de los Libros, 2004.

Valdano, Jorge. *El miedo escénico y otras hierbas*. Madri: Aguilar, 2002.

Vargas, Walter. *Fútbol Delivery*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2007.

Revistas

El Gráfico, Buenos Aires

Don Balón, Barcelona

Jornais

Espanha

El País

El Mundo

La Vanguardia

El Periódico de Catalunya

Marca

As

Sport

Mundo Deportivo

Argentina

La Nación

Clarín

Época

Olé

La Capital

Itália

Corriere della Sera

La Gazzetta dello Sport

La Repubblica

Corriere dello Sport

França

L'Équipe

France Football

Inglaterra

The Times

The Guardian

Anuários

Guía Marca de la Liga 2005 (Marca Revistas)

Guía Marca de la Liga 2006 (Marca Revistas)

Guía Marca de la Liga 2007 (Marca Revistas)

Guía Marca de la Liga 2009 (Grupo Unidad Editorial)

Guía Marca de la Liga 2010 (Grupo Unidad Editorial)

Guía Marca de la Liga 20e11 (Grupo Unidad Editorial)

TV

Canal+

TF1

TyC

Fox TV

Digital+

Sites

www.fifa.com

www.uefa.com

www.afa.com.ar

www.gloriosonewells.com.ar

www.nob.com.ar

www.rosariocentral.com

www.fcbarcelona.com

www.youtube.com

www.lionelmessi.org

www.liomessiwordpress.com

www.messiadictos.com

Agradecimentos

Obrigado a Leo Messi e a sua família: Jorge, Celia, Rodrigo, Marcela.

E, por ordem de aparição, obrigado a Laure Merle d'Aubigné, Bernat Puigtobella, Fèlix Riera, Montserrat Molons, Marta Selvas, Anna Soldevila, Alexandre Porcel, Marcela Martínez, Claudio Martínez, Julio Lagos, Diego Torres, Fernando Solanas, Asier del Horno, Pablo Zabaleta, Hugo Tocalli, Pancho Ferraro, Carlos Garaycochea, Carlos Bilardo, Manuel Giménez, Dolores García, Fernando Niembro, Claudio Codina, Mariano Bereznicki, Diego Schwarzstein, Cintia Arellano, Salvador Aparicio, Ernesto Vecchio, Adrián Coria, Horacio del Prado, Roberto Perfumo, Alfio Basile, Santiago Segurola, Cristina Cubero, José Miguel Terés, Gianluca Zambrotta, Álex García, Charly Rexach, Josep Maria Minguella, Horacio Gaggioli, Frank Rijkaard, Jorge Valdano, Ton Vilalta Seco, Albert Torrescasana, Ignacio Iraola, Analía Romano, Simon Flynn, Andrew Furlow, Najma Finlay, Nick Sidwell, Sheli Rodney.

Dedicado a Elvira, a Lorenzo, a Olmo, a Alda e a Tullio.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Messi: La historia del precoz ganador de tres Balones de Oro*

Capa: © www.blacksheep-uk.com.

Imagem: Lluís Gene/AFP/Getty Images

Tradução: Marcelo Barbão

Preparação: Gustavo de Azambuja Feix e Janine Mogendorff

Revisão: Marianne Scholze

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C136m

Caioli, Luca, 1958-

Messi: o garoto que virou lenda / Luca Caioli; tradução Marcelo Barbão. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

Tradução de: *Messi: La historia del precoz ganador de tres Balones de Oro*

ISBN 978.85.254.3098-4

1. Messi, Lionel Andrés, 1987-. 2. Jogadores de futebol - Argentina - Biografia. I. Título.

13-06774

CDD: 927.96334

CDU: 929.796.332

© Luca Caioli, 2008, 2012, 2013

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax:
51.3221.5380

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

- [1. Rosário](#)
- [2. Hospital Garibaldi - 24 de Junho de 1987](#)
- [3. O menor de todos - Uma tarde de verão em 1992](#)
- [4. O mesmo de sempre - Conversa com Cintia Arellano](#)
- [5. Vermelho e preto - 21 de março de 1994](#)
- [6. Era um Gardel - Conversa com Adrián Coria](#)
- [7. Baixa estatura - 21 de janeiro de 1997](#)
- [8. Multinacional numa cidadezinha - Conversa com Mariano Bereznicki](#)
- [9. Do outro lado do oceano - 17 de setembro de 2000](#)
- [10. Chicotada - Conversa com Fernando "Chiche" Niembro](#)
- [11. Licença provisória - 6 de março de 2001](#)
- [12. A máscara de Puyol - Conversa com Álex García](#)
- [13. Estreia - 16 de novembro de 2003](#)
- [14. Prata da casa - Conversa com Cristina Cubero](#)
- [15. Uma fita - 29 de junho de 2004](#)
- [16. A bola é seu brinquedo - Conversa com Francisco "Pancho" Ferraro](#)
- [17. Um amigo - Conversa com Pablo Zabaleta](#)
- [18. Novela - 3 de outubro de 2005](#)
- [19. Ar fresco - Conversa com Fernando Solanas](#)
- [20. O menino da partida - 22 de fevereiro de 2006](#)
- [21. Estética supersônica - Conversa com Santiago Seguro](#)
- [22. Difícil, muito difícil - Conversa com Asier del Horno](#)
- [23. Nem um minuto - 30 de junho de 2006](#)
- [24. Preconceito positivo - Conversa com Jorge Valdano](#)
- [25. "Il diavolo" - 10 de março de 2007](#)
- [26. "A bocca aperta" - Conversa com Gianluca Zambrotta](#)
- [27. Leo e Diego - 18 de abril de 2007](#)
- [28. Um caminho pela frente - Conversa com Frank Rijkaard](#)
- [29. É preciso provar - Conversa com Carlos Salvador Bilardo](#)
- [30. Decepção - 15 de julho de 2007](#)
- [31. O menino elétrico - Conversa com Alfio "El Coco" Basile](#)

- [32. Bronze e prata - 17 de dezembro de 2007](#)
 - [33. Pensamento corporal - Conversa com Roberto Perfumo, "El Mariscal"](#)
 - [34. A longa caminhada até o ouro - 22 de maio de 2008](#)
 - [35. O ano mais feliz - 27 de maio de 2009](#)
 - [36. A terceira é a que vale - 1, 19, 21 de dezembro de 2009](#)
 - [37. Um mar de lágrimas - 3 de julho de 2010](#)
 - [38. Surpresa - 10 de janeiro de 2011](#)
 - [39. Simply the best - 28 de maio de 2011](#)
 - [40. Um sonho frustrado - 16 de julho de 2011](#)
 - [41. Ás de copas - 14, 17, 26 de agosto de 2011](#)
 - [42. Hat trick - 9 de janeiro de 2012](#)
 - [43. Recorde - 7 de janeiro de 2013](#)
 - [44. Messidependência - 19 de maio de 2013](#)
 - [45. Barcelona](#)
- [A carreira em números](#)
- [Fotos](#)
- [Bibliografia](#)
- [Agradecimentos](#)